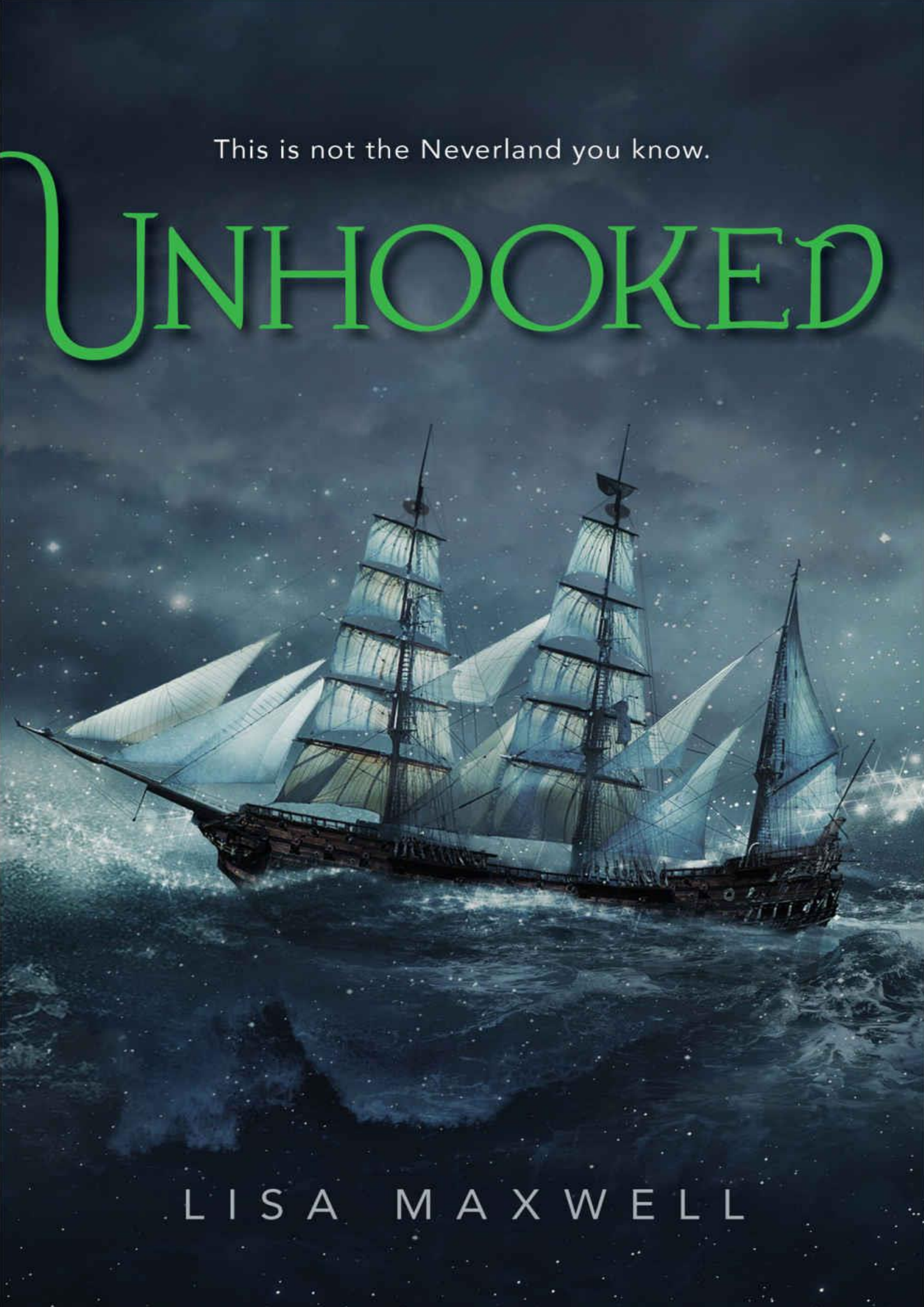
This is not the Neverland you know.

UNHOOKED



LISA MAXWELL

AVISOS

A PRESENTE TRADUÇÃO FOI EFETUADA DE MODO
A PROPORCIONAR AO LEITOR O ACESSO À OBRA,
INCENTIVANDO POSTERIORMENTE A AQUISIÇÃO.

O GRUPO NÃO TEM O OBJETIVO DE OBTER LUCROS, SEJA
DIRETA OU INDIRETAMENTE.

SELECIONAMOS LIVROS QUE ESTÃO SEM PREVISÃO
DE PUBLICAÇÃO NO BRASIL, ASSIM,
AFIM DE PRESERVAR DIREITOS AUTORAIS
E CONTRATUAIS DE AUTORES E EDITORAS,
O GRUPO PODERÁ RETIRAR SEM AVISO PRÉVIO E SUSPENDER
O ACESSO AOS LIVROS QUE SERÃO LANÇADOS POR EDITORAS.

PREZEM PELO GRUPO, NÃO DISTRIBUAM LIVROS
FEITOS POR NÓS EM BLOGS,
PÁGINAS DO FACEBOOK E GRUPOS ABERTOS.

NUNCA FALEM SOBRE LIVROS QUE FORAM FEITOS
POR NÓS PARA AUTORES (AS),
DIGAM QUE LERAM NO IDIOMA ORIGINAL.

PRESTIGIEM SEMPRE QUE PUDEREM OS AUTORES
COMPRANDO SEUS LIVROS,
AFINAL ELES DEPENDEM DISSO NÃO É MESMO?

SALEM WITCHES

TRADUÇÕES



SINOPSE

Desde que se lembra, Gwendolyn Allister nunca teve um lugar para chamar de lar. Sua mãe acredita que elas estão sendo caçadas por monstros brutais, e esses delírios as levaram para Londres, longe da vida que Gwen finalmente começou a construir para si mesma. A única graça salvadora de Gwen é que sua melhor amiga, Olivia, que está com ela no verão.

Mas logo após sua chegada, as meninas são sequestradas por criaturas sombrias e arrastadas para um mundo de bruxas marinhas comedoras de carne e fadas perigosas. E Gwen começa a perceber que talvez sua mãe não seja tão louca afinal...

Gwen descobre que esse novo mundo que ela habita se chama Terra do Nunca, mas não é nada como a Terra do Nunca de que você já ouviu falar nas histórias. Aqui, o bem e o mal perdem o significado e as memórias escorregam como água por entre os dedos. Enquanto Gwen se esforça para lembrar de onde veio e tenta encontrar um caminho de casa, ela deve escolher entre confiar no encantador herói dos contos de fadas que diz todas as coisas certas ou no cativante pirata que promete mantê-la segura.

Pega na batalha final entre o bem e o mal, com o tempo se esgotando e seus inimigos se aproximando, Gwen é forçada a finalmente enfrentar as verdades das quais ela se escondeu o tempo todo. Mas ela pode salvar Terra do Nunca sem se perder?

O que quer que as histórias possam dizer, nem todas as crianças crescem.

Algumas perdem a vida antes dos dentes de leite.

Algumas fogem.

Outras são levadas.

Muitas saltam de cabeça, tentadas por uma história de quem elas podem ser...

Para nunca encontrar aquela outra margem.



Era uma vez um menino não muito longe de ser homem. Ele cruzou o mar para se aventurar em Londres, pois queria encontrar seu irmão, que era o mais bravo dos soldados. Ele carregava consigo apenas uma mochila leve, pois tinha a intenção de voltar...

CAPÍTULO UM

A janela do táxi estava embaçada pela chuva que salpicava, Londres parece que estar vestida para um funeral. As ruas um borrão de um cinza monótono, e as calçadas estão cheias de passageiros correndo para casa sob guarda-chuvas escuros informais. Quando o carro se afasta da estrada principal, nos encontramos em um bairro de ruas vazias que brilham tenebrosamente na chuva, as casas silenciosas ainda esperando o retorno de seus donos.

O motorista faz mais uma curva antes de parar em uma esquina e olhar por cima do ombro para nós três no banco de trás. — Gloucester Road, 133. — Ele late enquanto confere o medidor.

Minha mãe não faz nenhum movimento para sair do táxi. Ela está sentada na minha frente, mordendo distraidamente o polegar. Seus olhos estão arregalados enquanto ela olha para fora da janela, mas não tenho certeza se ela está realmente vendo alguma coisa.

— Acho que chegamos — Digo gentilmente, e ela pisca para mim, como se estivesse assustada por me encontrar ali.

Minha melhor amiga, Olivia, levanta os olhos do telefone e espia pela janela do táxi para ver onde paramos. Suas sobrancelhas franzem enquanto ela olha para a chuva. — Tem certeza de que é isso, Gwen? — Ela pergunta, nem mesmo se preocupando em disfarçar sua decepção.

Não estou realmente surpresa que a casa não atenda às expectativas de Olivia. Ela cresceu em um tipo de lugar que só pode ser chamado de grande propriedade. Antes de minha mãe decidir nos mudar para Londres, nós

morávamos na casa do caseiro da família dela, enquanto minha mãe trabalhava em arte encomendada para os pais de Olivia - praticamente qualquer coisa seria uma decepção em comparação. Mas quando me inclino para ver o lugar que Olivia está olhando, meu estômago afunda.

O 133 da Gloucester Road se destaca das outras construções de tijolo e pedra que lotam a rua. Becos estreitos flanqueiam os dois lados de suas paredes de tijolos vermelhos, quase como se as outras casas não quisessem chegar muito perto. Sua linha de telhado pontiaguda se eleva pelo menos um andar acima de seus vizinhos de telhado plano, e suas chaminés apontam para o céu cinza. Uma sacada de ferro forjado no terceiro andar parece que mal está se segurando no tijolo coberto de hera, e uma das janelas do segundo andar foi fechada com tábuas.

— Tem certeza de que este é o endereço que você recebeu? — Eu pergunto a minha mãe, que agora também percebeu onde paramos.

— Eu... acho que sim. — Seu rosto denuncia apenas um pouco de incerteza, mas suas mãos tremem enquanto ela vasculha sua bolsa enorme. Parece que suas mãos sempre tremem, a menos que ela esteja segurando um pincel, especialmente recentemente.

Finalmente ela recupera um envelope gasto e tira o conteúdo. Um vinco profundo se forma entre suas sobrancelhas enquanto ela olha os papéis.

— Deixe-me ver, — eu digo, pegando os papéis amarrotados quando fica claro que ela está tendo problemas para encontrar as informações que deseja. O que é apenas outro sinal de como ela tem estado sobrecarregada e ansiosa recentemente - ela olhou aqueles papéis tantas vezes nos últimos dias que eles estão quase prestes a se rasgar.

Ignorando a maneira como ela está mexendo nervosamente na bainha do casaco, examino a escrita estreita para encontrar o endereço que foi

providenciado para nós por sua comissão mais recente. Então eu me inclino para frente e verifico com o motorista. Ele me dá uma confirmação rude antes de abrir a porta para começar a nos ajudar com as malas.

No assento ao meu lado, Olivia ficou muito quieta. Acho que ela de repente percebeu que sua decisão precipitada de se convidar para nos ajudar a nos mudar pode não sair do jeito que ela esperava.

— Acho que é isso —, digo, quebrando o silêncio que tomou conta do táxi. Devolvo o envelope para minha mãe.

Seus olhos encontram os meus enquanto ela pega os papéis, e sua boca pressiona no que pode ser o início de um sorriso. Sua expressão é tão expectante, e sei que ela está esperando que eu diga algo. Porque, normalmente, é aqui que eu colo meu próprio sorriso e faço o melhor possível. Desta vez, eu apenas fico olhando para ela.

Sua expressão vacila e ela desvia o olhar antes de mim. Sem outra palavra, ela sai do calor abafado do carro, puxando o capuz da jaqueta para se proteger da chuva.

Mas eu não a sigo. Não imediatamente.

Estou acostumada a acabar em todos os tipos de lugares estranhos - um parque de trailers em Sedona, uma cabana perto de uma praia na Costa Rica infestada por minúsculos lagartos (que, felizmente, comiam os insetos não tão minúsculos), um lindo quarto de um apartamento em Praga. Minha vida tem sido uma série de movimentos mal cronometrados desde que me lembro. Mas algo sobre este lugar me fez parar.

— Você sabe que meus pais a deixariam morar conosco em Westport — sussurra Olivia quando não saio do carro. — Temos espaço de sobra, e eles nunca estão por perto o suficiente para incomodá-las. Você não tem que se

mudar. Ou viver aqui. Quer dizer, é menos de um ano até você ter dezoito anos, e eu *sei* que poderíamos convencer sua mãe...

Eu balanço minha cabeça antes que ela possa dizer mais alguma coisa. Não é que sua oferta não seja tentadora. É *muito* tentadora. Na última semana, estive esperando que Olivia oferecesse exatamente isso, mas agora que ela está segurando um futuro diferente como uma tábua de salvação, não consigo me segurar. Vejo como os ombros leves de minha mãe são engolidos por sua jaqueta, como suas mãos se apertam nervosamente enquanto ela supervisiona o motorista que descarrega nossas malas, e sei que preciso ficar.

— Você realmente quer passar nosso último ano aqui? — Olivia pergunta, surpresa clara em sua expressão.

— Não. — Balanço a cabeça. *Claro que não.* Mas fui estúpida em pensar que nossa vida em Westport poderia durar. Pela primeira vez desde que me lembrava, quase me senti em casa em algum lugar. Com a amizade de Olivia como escudo, eu nunca tive que me provar como fiz em tantos outros lugares. Eu quase senti como se finalmente pertencesse àquilo.

Mas mesmo se eu pudesse convencer minha mãe a me deixar voltar com Olivia - o que é mais do que duvidoso - eu não posso simplesmente deixá-la.

— Ela não tem mais ninguém — Explico a Olivia pela milésima vez. E eu também não.

— Você não pode desistir de sua vida por ela, Gwen. — A voz de Olivia é gentil, como sempre é quando ela argumenta.

E eu entendo, mas... — Eu sei. Eu não vou — eu digo, tentando me convencer tanto quanto ela. — Mas eu preciso ter certeza de que ela está instalada aqui. Eu tenho que saber que ela está bem antes de eu sair.

Olivia me encara com aqueles olhos verdes que veem mais do que a maioria acredita. — Sua mãe pode nunca ficar bem — ela diz suavemente. — E a faculdade?

Eu não faço ideia. — Tenho um ano para descobrir isso — digo a ela, o que também venho tentando dizer a mim mesma. — Um ano para deixá-la pronta.

Olivia franze a testa, como se quisesse dizer algo mais, mas ela não o faz. Ela me conhece bem o suficiente para saber quando não empurrar.

Não há mais nada que eu possa dizer, então dou de ombros e saio do táxi. O ar está denso e a chuva parece fria contra minhas bochechas. Embora o motorista já tenha começado a levar nossas malas para a varanda da frente, minha mãe não se moveu para segui-lo. Ela está olhando para a fachada escura da casa, como se ela nem percebesse as pesadas gotas caindo do céu cinza.

— Por que você não vai esperar na varanda e eu ajudo com as malas? — Eu digo, cutucando-a suavemente na direção da casa. Seus olhos estão tensos de preocupação quando encontram os meus e, por um momento, acho que ela vai discutir. Mas ela não faz. Em vez disso, ela tira algumas notas de libra amassadas de sua bolsa e as oferece para mim antes de se arrastar em direção a casa.

Enquanto o motorista retorna após depositar a última carga de nossa bagagem, Olivia ainda não parece que vai sair do carro. Com o cartão de crédito do pai na carteira, ela poderia estar no aeroporto e em um voo de primeira classe de volta para sua própria vida antes mesmo de eu desfazer as malas. Nossa amizade inteira não poderia ser nada mais do que uma história sobre uma garota que eu conheci, e eu não a culparia de forma alguma. É o que as pessoas fazem, não é? Elas seguem em frente. Elas esquecem.

Mas, um segundo depois, Olivia me surpreende saindo do interior seco do carro. Ela puxa o capuz e me dá um sorriso travesso antes de correr para o

portão enferrujado. Mesmo com a chuva me encharcando, não posso deixar de rir.

Quando pago o motorista e estou pronta para segui-las pelos largos degraus até a arqueada varanda da frente, minha jaqueta está completamente encharcada e meu cabelo curto está grudado na minha cabeça. Mas com Olivia esperando, de alguma forma eu não sinto tanto frio.

— Pronta? — Minha mãe pergunta assim que o táxi desaparece na esquina. Suas mãos tremem ao lado do corpo, como se ela estivesse reconsiderando a possibilidade de seguir. Ou talvez ela esteja apenas esperando minha aprovação. Normalmente, estaríamos nisso juntas, mas desta vez não fui capaz de fingir. Desta vez eu não quero.

— Vai ficar tudo bem — minha mãe diz enquanto bate na porta pesada. Sua voz soa como se ela tivesse engolido algo amargo e forte que ainda não desceu por sua garganta. E eu não posso dizer para quem são essas palavras. — Estamos seguras. — Ela sussurra para si mesma.

Enquanto esperamos alguém responder, finjo que não a ouvi.

Minha mãe bate de novo, desta vez com mais força, mas parece que não tem ninguém em casa. Olivia me lança um olhar duvidoso enquanto estamos encolhidas na entrada, e ajusto minha mochila gasta no ombro e tento parecer confiante. Mas a verdade é que não tenho certeza do que minha mãe fará se ninguém atender. Ela não é exatamente boa com o inesperado.

Então, quando estou prestes a sugerir que chamemos outro táxi, um barulho vem de dentro, seguido pelo *clique* mecânico de fechaduras recuando. Depois que a terceira fechadura é liberada, a porta se abre para revelar um homem pequeno e enrugado com óculos tão grossos que fazem seus olhos turvos parecerem três vezes maiores do que os de qualquer pessoa. Eu mal tenho um metro e meio, e o homem não é mais alto do que

eu. Não posso deixar de pensar que, se os duendes fossem reais, ele quase poderia se passar por um.

— Sim? — Sua voz irrita minha pele enquanto ele nos olha. Eu só posso imaginar o que ele está vendo. Formamos um trio e tanto com os cabelos ruivos desgrenhados de minha mãe e as roupas ainda mais desgrenhadas e manchadas de tinta; A beleza clássica de Olivia; e eu, em minha glória exausta e amarrotada. Seus olhos pousam em mim por último, e seu nariz dá uma contração estranha. Seu olhar é um pouco intenso demais para ser confortável, e pela carranca em seu rosto, posso dizer que ele acha que algo está faltando em mim.

Eu olho para longe e resisto ao desejo de alisar minha jaqueta encharcada.

— Fizemos um acordo para alugarmos o seu apartamento. — Diz minha mãe, empurrando os papéis amassados em sua direção.

O homem a encara por um longo e estranho momento antes de finalmente tirá-los de sua mão estendida. Ele lê uma folha e depois a outra e, quando termina, olha para nós. Com outro olhar questionador para minha mãe, ele vira a cabeça em direção ao interior e desaparece dentro da casa.

Minha mãe o segue sem muita hesitação, mas Olivia agarra meu braço. — Você tem certeza disso?

Claro que não tenho certeza. Eu dou a ela um encolher de ombros indiferente. — Acho que devemos entrar. — Digo em vez disso, evitando seus olhos enquanto sigo minha mãe para dentro de casa.

Dentro do bar escurecido pela fumaça, o menino mal podia acreditar que o soldado sentado à sua frente era o irmão com bochechas de maçã que ele conhecera. Seu irmão sentado rígido e ereto, seus olhos como pedra mesmo enquanto sorria. — Não estou com medo — Assegurou o soldado ao menino. Nem estou com medo, o menino pensou consigo mesmo...

CAPÍTULO DOIS

Lá dentro, a luz só vem de um lustre que ainda fumega equipado com o que parecem ser óleo ou azeite. Minha mãe já está falando em voz baixa com o homem em forma de duende, então deixo minha mochila cair no chão e despejo minha jaqueta em cima dela enquanto dou uma olhada em volta. Não estou surpresa ao descobrir que o resto da casa está tão escuro quanto o céu lá fora.

Tudo sobre o lugar parece velho e desgastado. O ar tem o cheiro de mofo denso encontrado em sótãos fechados ou partes esquecidas de bibliotecas antigas. O que, na verdade, não é uma descrição ruim para o que estou vendo, porque para todos os lugares que olho as paredes estão cobertas com todo tipo de lixo. Espelhos ornamentados, placas decorativas de todas as formas e cores, retratos de aparência antiga de homens severos e mulheres sérias. Os tapetes estão desbotados e lisos pelo tempo, e a madeira perdeu todo o brilho que poderia ter antes.

Os sapatos de Olivia arrastam-se pelo corredor atrás de mim e, apesar de minhas dúvidas sobre a casa, relaxo um pouco. Ela não foi embora. Ainda não, pelo menos.

Mas ela vai, eu me lembro. Em duas semanas ela terá partido. E eu ainda estarei aqui. Pelo menos até minha mãe decidir que é hora de se mudar novamente.

— Este lugar é real? — Ela sussurra por cima do meu ombro.

— Infelizmente. — Eu digo.

Ela dá alguns passos para examinar uma das pinturas a óleo na parede. Sua superfície é quase invisível devido à combinação de idade, fuligem e poeira. Ela limpa a superfície e esfrega o dedo polegar e o indicador para limpar a sujeira.

— Poderia ser pior. — Eu ofereço, tentando manter minha voz leve, mas minha garganta está muito apertada até para fingir otimismo.

— Gwen... — Olivia começa, mas felizmente, a voz da minha mãe nos interrompe.

— Estamos prontos — minha mãe me diz, e eu percebo com algum alívio que sua voz, todo o seu comportamento, na verdade, mudou. Ela finalmente começou a assumir o aço usual com que cada um de nossos movimentos normalmente começa. Às vezes, essa determinação calma e focada dura meses antes de começar a quebrar. Pode durar mais se ela estiver trabalhando em um projeto ou em uma de suas encomendas, como em Westport, que durou mais de dois anos.

— Meus quartos estão lá atrás — o homenzinho está explicando enquanto sacode a cabeça em direção a um corredor atrás da grande escada central. — Se vocês precisarem de alguma coisa...

— Obrigada. — Minha mãe murmura, mas eu sei que ela nunca vai aceitar sua oferta. Assim que seus suprimentos chegarem, ela ficará para si mesma e sua arte, como sempre faz. Até que algo a desperte e ela decida que precisamos fugir.

— Venham, então. — Supondo que a seguiremos, o velho se vira para a escada e começa a subir. Quando chegamos ao segundo andar, ele puxa um grande molho de chaves mestras e usa uma para destrancar a primeira porta que encontramos. — Este é o apartamento.

A porta se abre e ele entra em um cômodo que cheira como se não fosse arejado há pelo menos uma década.

Com um bufo úmido, ele olha ao redor do apartamento escassamente mobiliado como se aprovasse o que vê. Não consigo imaginar por quê - o apartamento parece que foi habitado pela última vez há cerca de cinquenta anos. — O outro quarto é por aqui. — Diz ele. Sem se preocupar em ter certeza de que estamos seguindo, ele segue em direção ao apartamento escuro.

Nós o seguimos de volta por um corredor estreito iluminado pelo brilho estranho e fantasmagórico de lâmpadas a gás e subimos outra escada tão estreita que temos que subir em fila única. No topo, porém, encontramos um cômodo que é surpreendentemente arejado. Aqui, o teto segue a ponta afiada da linha do telhado e as janelas alinham-se na parede oposta, ajudando a tornar o espaço mais aberto. Mesmo com o céu nublado lá fora, este cômodo é de longe o lugar mais claro da casa.

Um estúdio, eu percebo. Porque minha mãe vai precisar da luz para trabalhar.

O andar inferior do apartamento foi decorado por alguém que tinha uma queda por verde-abacate, mas a decoração neste cômodo aparenta ser original, parece vitoriano e parece não ter sido tocado por nenhum inquilino anterior. As paredes são lavadas em um azul claro, e uma cama grande fica contra a parede dos fundos. Uma enorme lareira esculpida que agora abriga uma pequena unidade de aquecimento ocupa a maior parte da parede à direita.

Na parede oposta à lareira há um mural grande e intrincado. O tempo desbotou suas cores, então o design mal dá uma impressão de sua beleza anterior, mas mesmo assim, é impressionante. Figuras delgadas que parecem

ter sido fadas lindamente representadas dançam sob as árvores floridas enquanto orbes brilhantes como estrelas giram em torno delas.

—O *que* é *isso*? — Minha mãe pergunta. Já a ouvi soar menos horrorizada com os lagartos com quem vivíamos alguns anos atrás. Há uma nota estrangulada em sua voz, como se o pânico já estivesse envolvendo sua garganta, mesmo quando ela tenta fingir que está calma.

Não passou nem uma hora. Nossas caixas ainda nem subiram.

Ela se volta para o proprietário, seus olhos ferozes. — Isso é algum tipo de piada? Porque não é...

— É apenas uma pintura. — digo a ela suavemente, tocando seu ombro antes que ela possa terminar.

Ela recua, suas palavras esquecidas. Ela nunca quer que eu a toque quando ela está assim - eu já deveria saber disso. Ainda assim, sua rejeição dói.

— Este quarto costumava ser um berçário. — Posso sentir o velho espreitando muito perto de mim. — Claro, tem sido muito mais desde então, mas ninguém nunca teve coragem de se livrar do povo pequenino.

Minha mãe se volta para o mural. — Eu não posso ficar aqui — ela sussurra em uma voz áspera. Seu mal-estar parece uma coisa viva serpenteando pelo quarto, mas não entendo sua reação. O mural é lindo, charmoso até. — E eu não posso trabalhar aqui. Não com elas assistindo e...

— Mãe — eu digo suavemente, antes que ela possa se animar muito mais. — Está bem.

Ela se vira para mim, seus olhos arregalados e selvagens, e eu sinto Olivia enrijecer ao meu lado. Ela sabe que minha mãe pode ser excêntrica, mas consegui esconder a maior parte dela. Dois anos, e Olivia só viu as consequências. Ela estava lá quando eu aparecia exausta e no limite, e ela

nunca fazia as perguntas que eu sei que ela queria fazer quando ela me deixava passar a noite em sua casa.

— Você as vê, não é? — Minha mãe me pergunta em um sussurro estrangulado.

— Eu as vejo muito bem — asseguro a ela. — Todos nós as vemos. É uma pintura. É só isso.

Ela balança a cabeça, sua boca está apertada enquanto seus olhos se movem entre o mural e eu. — Não posso trabalhar aqui — ela diz novamente. — Não até que elas tenham ido. Eu não vou ficar aqui.

— Você não precisa. — Tento alcança-la novamente. — Podemos voltar para Westport. Não é tão tarde.

— Não. — Seus olhos estão duros e quase acusadores quando ela dá mais um passo para trás, se afastando de mim novamente. — *Temos* que estar aqui. Foi arranjado. Mas este quarto... — Ela não está mais olhando para mim. Ela só tem olhos para a parede e sei o que ela está pensando, ela precisa trabalhar. As suas pinturas podem nunca ser calmas ou fáceis, mas essas telas são a maneira como ela se mantém centrada. Ela precisa criar ou se perderá aos poucos em seus medos e delírios.

— Eu não posso. — Ela sussurra repetidamente enquanto balança a cabeça, e eu sei que se eu não parar com isso, as coisas vão ficar ruins, rápido.

— Vamos pegar um pouco de tinta para cobrir, então — eu digo, tentando acalmá-la. Eu olho para o velho em busca de segurança. Ele encolhe os ombros indiferentemente, o que é quase uma permissão para mim. — Olivia e eu vamos ficar aqui esta noite, ok? Amanhã podemos falar sobre pintá-lo ou ir para outro lugar.

Prendo minha respiração e espero enquanto minha mãe olha para o mural por um longo minuto instável. Parte de mim espera que ela não

concorde, que decida que este lugar está totalmente errado, mas então ela dá um pequeno aceno de cabeça.

— Podemos pintar sobre elas. — Ela finalmente olha para mim novamente, e eu a vejo voltando lentamente a si mesma. — Nós *precisamos* ficar aqui — diz ela, os olhos azul-acinzentados sério.

— Nós cuidaremos disso amanhã. Esta noite Olivia e eu vamos dormir aqui. Vai ficar tudo bem. Certo, Liv?

— Claro, Sra. Allister. Estaremos ótimas. — Disse Olivia, dando um passo à frente e dando um abraço rápido em minha mãe. Minha mãe não se afasta dela.

— Veja? Tudo resolvido. — Toco o ombro da minha mãe de novo, sentindo seus músculos tremerem enquanto ela se força a não se afastar de mim como se eu fosse um dos monstros que ela imagina. Eu puxo minha mão para trás e dou a ela o espaço que sei que ela precisa enquanto tento ignorar a solidão profunda que sinto em uma sala cheia de pessoas.

— Existe uma maneira de desligar essa coisa? — Olivia pergunta enquanto caminha para ter uma visão melhor de uma arandela antiga pendurada sobre a cama. A lâmpada é uma elegante torção de vidro que me lembra uma flor canelada. Enquanto ela o examina, a chama laranja-avermelhada lança um brilho estranho no rosto virado de Olivia. Como as lâmpadas do andar de baixo, está acesa, embora ainda haja bastante luz do dia.

— Não é seguro desligar... — o velho começa com um rosnado, mas então ele para, como se tivesse acabado de dizer algo que não deveria. — Coisas antigas e tudo. Nunca posso dizer o que aconteceria — ele termina, sua voz um pouco mais suave. — Além disso, é tradição mantê-la acesa.

— Deixe o abajur. — Minha mãe diz suavemente, sua voz ainda cheia de preocupação.

Eu olho para encontrá-la olhando para a parede das fadas novamente, uma mão ligeiramente estendida. Não sei dizer se ela está tentando pegá-las ou afastando-as.

— Presumo que está tudo em ordem, então? — o velho diz.

Quando minha mãe não responde, ele me olha.

— Sim — eu digo, tentando sorrir. — Obrigada.

— Certo. — O velho parece bastante satisfeito quando nos deixa sozinhas no quarto do sótão.

— Ele não está falando sério sobre a luz, está? — Olivia pergunta, suas sobrancelhas franzidas.

— Eu acho que ele estava. — Eu digo a ela. Porque não sei como devo explicar que sempre há *algo* em cada um dos lugares para onde nos mudamos. Fileiras de pedras esculpidas com runas protetoras. Linhas de sal ou pregos de ferro enterrados nos quatro cantos da propriedade. Cristais pendurados nas janelas ou, desta vez, luzes que devem permanecer sempre acesas.

— Acho que devemos começar a trazer as malas. — Digo, olhando para Olivia.

— Ele não vai pegá-las para nós? — Ela pergunta, e sua expressão confusa é quase o suficiente para melhorar meu humor.

Eu balanço minha cabeça. — Não deve demorar muito. O resto não estará aqui até amanhã de qualquer maneira.

— Certo — diz Olivia, lançando-me um olhar preocupado. Dou a ela um aceno sutil para que ela saiba que quero um segundo para falar com minha mãe antes de seguir. — Vou começar então — ela me diz, indo em direção às escadas.

Hesito, esperando para ver o que minha mãe fará. Mas ela só parece ter olhos para a parede das fadas. É como se eu nem estivesse lá.

— Nós ainda podemos voltar, você sabe — eu digo, dando um passo em direção a ela. — Nós poderíamos conseguir alguma ajuda para você. Tenho certeza de que a mãe de Olivia conhece alguém no hospital que poderia...

Minha mãe olha para mim, e o olhar em seu rosto faz as palavras morrerem na minha garganta. — Estamos seguras agora — ela sussurra. — Tudo vai ficar bem.

— Estávamos seguras em Westport — digo com mais amargura do que pretendo deixar escapar. — Eu estava feliz lá.

Minha mãe franze a testa, como se ela realmente não entendesse por que estou insistindo nisso. — Eu sei que você estava, mas... — Ela não termina seu pensamento, mas suas sobrancelhas se juntam. — Esta é a coisa certa a fazer — ela diz finalmente. — Você apenas terá que confiar em mim.

É aqui que devo dizer, *claro que confio em você.* Mas não posso. Talvez em algumas semanas, depois que a crueza de ser arrancada da vida que ousei construir para mim mesma tenha diminuído, mas ainda não. — Esta não será a última vez, será? — Eu pergunto em vez disso.

Minha mãe nunca disse que nenhum de nossos movimentos seria o último. Ela nunca fingia, e eu nunca perguntei, apenas esperava. Mas esse movimento é diferente. Este movimento não parece eu e minha mãe contra o mundo. Esse movimento parece eu e minha mãe uma contra a outra. Desta vez, preciso saber.

Ela me dá um sorriso meio vacilante e, naquele momento, entendo que Olivia estava certa. Se eu ficar com minha mãe, meu futuro está destinado a ser uma série de movimentos sem fim. Será uma vida sem um lar verdadeiro ou sem amizades duradouras. E se eu sair? Se, quando eu tiver dezoito anos e

legalmente livre para ir, eu for embora? Vou perder a única família que tenho. Porque minha mãe nunca vai parar de se mover. Não enquanto ela acreditar que há monstros nos perseguindo.

Quando começo a me virar, ela segura minha mão. – Gwen — ela diz, transformando meu nome em um apelo, como se ela entendesse para onde meus pensamentos foram. Ela solta minha mão por tempo suficiente para pegar uma pulseira de seu próprio pulso e colocá-la no meu. — Você está quase crescida, sabe — ela diz, afastando meu cabelo úmido do rosto. — É hora de você ter isso.

Eu puxo meu braço para longe dela e examino a pulseira. É uma que eu nunca vi sem - pedras cinza-azuladas quase da cor exata de seus olhos. Não são muito redondas, como as pérolas, mas são lisas e quase translúcidas. Quando eu era pequena, adorava correr os dedos sobre as pedras frias e bambas enquanto as contava.

— Você não precisa. — Digo, porque não tenho certeza se quero isso. Parece muito um suborno. *Aqui, fique com este pedaço de vidro e esqueça todas as coisas das quais estou te afastando. Todas as coisas que você está deixando para trás.*

— Pegue — ela insiste. — Seu pai me deu, e agora estou dando para você.

— Meu pai? — Eu olho para ela, surpresa. Ela nunca me disse isso sobre a pulseira.

— Ele queria que eu te mantivesse segura, Gwen. — Diz ela, que é a única explicação que ela já me deu para qualquer coisa no que diz respeito ao meu pai. No que diz respeito às explicações, isso deixou de ser suficiente há muito tempo.

— Se ele me quisesse segura, ele não deveria ter partido. — Eu atiro de volta.

O rosto da minha mãe se contrai em uma carranca e todo o seu corpo fica rígido. — Ele não queria ir embora — diz ela. — Ele fez isso para nos proteger. Para *te* proteger.

Claro. Porque sempre foi minha culpa que o amor de sua vida foi embora.

Começo a tirar a pulseira, mas ela me impede colocando a mão sobre a minha. — Não, é sua agora. Nunca a tire. Prometa-me.

Não um presente, então - uma algema. Outro fardo que devo carregar por ela. Eu franzo a testa, mas não discuto. Não há sentido nisso.

Olivia nos encontra focadas em um silêncio desconfortável quando ela retorna com uma de suas malas de mão e minha mochila. — Tudo certo? — Ela me olha esperando a resposta.

— Tudo bem — responde minha mãe. — Tudo ficará bem.

— Eu trouxe sua mochila — Liv me diz.

— Obrigada — eu digo a ela, feliz pela desculpa para me afastar da minha mãe. A pulseira parece muito mais pesada no meu pulso do que as pequenas pedras deveriam sentir ser.

— Acho que devo ajudar com o resto — diz minha mãe para ninguém em particular.

Quando minha mãe finalmente vai embora, Olivia olha para mim. Em sua expressão, posso ver as perguntas que ela quer fazer, mas, em vez disso, ela me entrega a mochila. — A chuva parou — ela me diz. — Quer dar uma caminhada?

Quando os outros saíram do pub e eram apenas os dois irmãos, o menino se inclinou para frente ansioso para saber mais. — Você mata muitos? — ele perguntou. Seu irmão sorriu, seu dente torto piscando na luz fraca. — Toneladas — disse o soldado. Talvez, se o menino estivesse prestando atenção, notaria que os olhos do irmão não estavam rindo. Talvez ele pudesse ter percebido que era como se eles não soubessem mais como sorrir...

CAPÍTULO TRÊS

Exatamente no momento em que fazíamos o nosso caminho para baixo nos degraus da frente, o ar da noite ainda está úmido, e uma leve névoa se estabeleceu sobre as ruas. Nenhuma de nós falou muito enquanto caminhamos alguns trechos na calçada em frente à casa.

Quando ela sentiu que estava pronta, Olivia olhou para mim. — O mapa que eu olhei dizia que há um parque não muito longe daqui — diz ela. — Quer dar uma olhada?

— Mostre o caminho — digo, feliz por ela não ter mencionado nada sobre o comportamento da minha mãe.

Ela me dá um aceno seguro e sai correndo.

Sigo sem dizer uma palavra e, com os primeiros passos, começo a sentir a tensão se esvaindo dos meus músculos. Na semana passada, desde que minha mãe anunciou que estávamos nos mudando, eu senti como se estivesse prendendo a respiração e esperando que algo ainda pior acontecesse. Mas quando meus sapatos se conectam com a calçada irregular em um ritmo constante e meus braços balançam ao meu lado, sinto que posso respirar novamente.

Justamente nas corridas foi como Olivia e eu nos conhecemos. Quando me mudei para Westport, nos víamos em nossas rotas diferentes e, de alguma forma, começamos a correr juntas e seguir a mesma rota. Por fim, começamos a conversar e descobrimos que tínhamos mais em comum do que correr. Seus pais podem ser ricos, mas não estão lá para ela mais do que minha mãe está para mim.

Nunca conversamos realmente enquanto corremos, no entanto. Ela corre com um foco que eu não tenho - um quilômetro a mais ou mais calorias queimadas - não tenho certeza do que a motiva. Mas eu corro porque quando estou me esforçando, quando estou preocupada apenas com o próximo quilômetro ou se posso voltar sem parar, não tenho que pensar em mais nada.

Em um ponto eu olho para ela, e ela me dá um sorriso quase presunçoso. Ela sabia que eu precisava disso e estava certa.

No momento em que estamos ambas sem fôlego e exaustas, o céu já escureceu e uma névoa úmida caiu sobre o parque. — Em que direção você acha que fica a casa? — Eu pergunto quando chegamos a um lugar onde alguns caminhos se cruzam.

Olivia considera as opções. — Eu não sei. Estou totalmente deslocada — ela diz, assim que ouvimos o estrondo suave de um trovão à distância. — Mas se não nos apressarmos, vamos ser apanhadas nisso. Vamos. — Ela passa o braço pelo meu e escolhemos uma direção.

Seus passos são rápidos e minhas pernas cansadas lutam para acompanhar seus passos largos. Não fomos muito longe quando ela para. — Acho que estou vendo alguém — diz ela. — Eu vou perguntar.

— Olivia, espere... — Começo a chamar, mas ela já saiu, correndo em direção à pessoa que pensa que viu.

Não há muito mais que eu possa fazer a não ser segui-la. Mas quando vejo quem ela encontrou, desacelero meus passos.

Com seu longo emaranhado de cabelo loiro-branco e as joias desordenadas em seus pulsos e dedos, a garota que Olivia encontrou me lembra uma cigana muito pálida. Ela está usando uma saia longa e uma blusa de gola alta de veludo roxo que parece estranha para junho, mesmo em um dia tão frio. E não consigo afastar a sensação de que há algo estranho nela. Talvez

sejam seus olhos, parece que ela está usando lentes de contato pretas brilhantes e profundas que lhe dão uma aparência quase estranha. Ou talvez seja porque a maneira como ela está olhando para Olivia parece muito intensa, me lembra a maneira como um animal faminto observaria seu jantar.

Eu mal consigo me segurar enquanto tropeço na conclusão desse pensamento. Isso é *exatamente* o tipo de coisa maluca que minha mãe pensaria. A garota é meio estranha, claro. Mas ela *realmente* não parece perigosa.

Respirando fundo, eu me forço a alcançar Olivia, mas quando estou a apenas alguns metros de distância, paro de novo. É uma coisa tão pequena, o piscar de olhos escuros quando a garota olha para mim, e então o brilho dos dentes quando ela sorri conscientemente. Certo.

Não é a falsidade óbvia em um sorriso que me impede de dar outro passo. Não, isso seria compreensível. Explicável. O que me faz congelar e fazer a pele da minha nuca formigar em advertência é que os dentes brancos e brilhantes aparecendo por trás dos lábios da garota parecem ter sido lixados em pontas irregulares.

Eu me forço a piscar para afastar a imagem. Eu *tenho* que estar vendo coisas. Deve ser um truque da luz ou do nevoeiro, porque não é possível para uma menina bonita ter um sorriso tão penetrante e perverso como o de um tubarão. Mas se estou começando a ver as coisas...

Abro os olhos e os dentes da garota estão mais uma vez escondidos atrás de seus lábios carnudos. Ela parece normal... no geral. Vestida estranhamente, mas normal. Devo ter imaginado.

Assim como sua mãe, uma vozinha dentro de mim sussurra.

Não, eu insisto, silenciando aquela voz. Eu *não* sou como minha mãe. Eu não *serei* como minha mãe. Eu buscarei ajuda. Eu ficarei melhor. E, além disso,

tudo isso é perfeitamente explicável. O que vi são apenas os efeitos de dormir pouco. Ou talvez eu esteja apenas tonta depois de uma boa corrida.

Mas não consigo evitar a sensação de que o ar de repente parece mais perigoso do que há alguns minutos. Real ou imaginária, sinto-me tão incomodada que não quero ficar perto da garota. Embora minhas pernas pareçam gelatinosas, quero dar meia-volta e correr, e quero continuar correndo até colocar alguns bons metros entre nós. A sensação é tão forte, tão certa que preciso de tudo para me forçar a dar os últimos passos até onde Olivia está parada, ainda conversando com a loira.

Mas Olivia não está agindo como se houvesse algo estranho na garota. Ela não está olhando para os dentes da garota ou se afastando daqueles olhos predadores. E ela não parece notar que o ar ao nosso redor parece repentinamente vivo com eletricidade perigosa.

Você está exagerando, digo a mim mesma. Não que isso ajude.

Não consigo fingir que está tudo bem. Eu quero me afastar da garota. Eu *preciso* ficar longe dela. Agora.

— Vamos, Liv — eu digo, puxando sua manga. — Nós precisamos ir.

Mesmo enquanto eu falo, posso sentir os olhos da loira em mim, afiados como agulhas cravando em minha pele.

Olivia se afasta. — Mas ela estava apenas me dizendo...

— Nós vamos descobrir por conta própria. — Eu digo, puxando Liv novamente. O formigamento em minha pele é de repente mais nítido, mais doloroso, e quando eu olho para cima, a garota loira está me encarando abertamente agora. Seus olhos são de um preto tão anormal que o pânico me atinge, e meu coração parece uma coisa alada presa em meu peito. É o suficiente para me estimular, e com outro puxão seguro, finalmente consigo que Olivia me siga em direção ao caminho principal.

— O que deu em você? — Olivia pergunta, puxando seu braço.

Agora que estou longe da loira, o pânico que senti na presença da garota diminuiu um pouco. — Eu não sei — eu digo honestamente, olhando para trás para ter certeza de que não fomos seguidas. — Eu apenas tive um pressentimento sobre ela. — Eu sei que é uma explicação bastante fraca.

— Um pressentimento? — Ela diz em dúvida.

— Eu não posso explicar isso. Eu só... — Eu hesito, sem saber como explicar o que senti sem soar como se tivesse enlouquecido completamente. Ainda não tenho certeza se o que vi ou senti foi real. Eu decido dar um pedido de desculpas em vez de uma explicação, mas antes que eu possa dizer as palavras, a sensação de perigo que senti perto da loira retorna.

De repente, o ar cheira a ozônio, aquele cheiro quase elétrico que sinaliza que uma tempestade está próxima. Mas não é chuva que estou sentindo. Há algo mais perigoso passando pelo ar ao meu redor, escovando seus dedos frios contra minha pele e despenteando o cabelo da minha nuca.

Então eu ouço algo.

Se eu já não estivesse no limite, poderia ter perdido o controle completamente. O som é fraco no início, como o farfalhar de folhas secas levantadas pelo vento. Mas não há vento. A névoa paira imperturbável no ar ao nosso redor, mesmo enquanto o som aumenta.

— Você ouviu isso? — Eu pergunto, em vez de dar a Olivia a explicação que ela esperava.

Embora ela pareça confusa com a mudança abrupta de assunto, ela não me questiona. Ela escuta por um momento antes de balançar a cabeça. — Eu não ouço nada. O que é?

Eu fico olhando para ela, desejando que ela ouça também. Como o som está tão alto agora, posso praticamente *senti-lo* vibrando contra a minha pele.

Mas está claro que Olivia não ouve nada. Assim como ela não viu os dentes da garota.

— Você está bem? — Ela se aproxima, me examinando com uma expressão preocupada. — Você parece ainda mais pálida do que o normal.

Eu engulo em seco. Ao meu redor, o som assumiu um tom metálico e ficou mais alto, como se o que quer que o estivesse fazendo nos cercasse. — Provavelmente foi apenas o vento — me forço a dizer, mas as palavras saem rígidas e uma oitava acima do que pretendo. — Podemos voltar para casa?

Ela inclina a cabeça e estreita os olhos para mim. — O que está acontecendo, Gwen?

— Nada — eu digo, tentando me recompor. — Foi um longo dia e fiquei um pouco assustada ou algo assim. — Tento rir, mas não consigo fazer nada além de uma tosse seca. Não posso rir com o perigo que ainda sinto enchendo o ar ao nosso redor, não com o zumbido constante do zumbido metálico ao meu redor. Eu respiro fundo e me forço a encontrar seus olhos. — Provavelmente é só o jet lag. Podemos ir?

Ela me estuda por mais um minuto, mas não força uma explicação. — Claro — Ela diz, me dando espaço. Porque ela sabe que direi quando estiver pronta, como sempre faço.

Exceto que desta vez eu sei que não vou.

O que eu poderia dizer? Que eu acho que posso estar começando a ver e ouvir coisas, assim como minha mãe? *De jeito nenhum.* Vou dormir um pouco e aproveitar as duas semanas que temos antes de Olivia voltar para sua vida em Westport. Se estou começando a perder a cabeça, Olivia nunca precisa saber.

Eu me forço a seguir Olivia por outro quarteirão e depois por outro, o som zumbindo em meus ouvidos enquanto caminho. Tudo que posso fazer é

continuar andando. Quando chegamos em casa, ela sobe as escadas de dois em dois, mas quando vou segui-la, o som fica completamente silencioso e meus passos vacilam.

Olivia se vira a tempo de me ver me segurando. Suas sobrancelhas se juntam. — Tem certeza de que está bem?

Não. — Estou apenas cansada — digo, mas posso dizer que Olivia não está acreditando. Durante toda a minha vida, vi pessoas olharem para minha mãe do jeito que Olivia está olhando para mim agora, como se ela não soubesse bem o que fazer comigo. — Estou bem — Minto, desviando o olhar.

Olivia não é estúpida, no entanto. Ela me lança um olhar penetrante antes de abrir a porta.

Enquanto a sigo pelos degraus tortos até a varanda, olho mais uma vez para as ruas escurecidas em busca de algum sinal de movimento, de alguma indicação do perigo que parecia tão real. Não há nada lá, mas isso não me faz sentir melhor de alguma forma.

Entrando no calor pesado da velha casa, tento deixar o pânico frio e todas as minhas preocupações estúpidas de fora, mas não funciona. A inquietação ainda se apega a mim como uma teia de aranha, pegajosa e grossa. Ela me segue para dentro e segue atrás de mim enquanto subo o lance de escadas até nosso apartamento. Conforme eu subo, a memória desse som faz arranhões em um canto escuro da minha mente, como se estivesse tentando desenterrar algo.

Tranco a porta do apartamento atrás de mim, uma segunda barreira contra a noite, mas isso também não é o suficiente para me ajudar a relaxar. Havia algo sobre aquele som, algo que arranhou meus nervos, deixando-os parecer crus e expostos.

Estou quase completando todo o caminho para o nosso quarto no sótão quando me ocorre. Não era apenas que o som parecia não natural ou imaginário. Era que parecia *familiar*.

O amanhecer despontou em um cinza familiar quando seu irmão, o soldado, colocou o menino de volta em um trem para casa. Com profundo pesar, o menino pensou que sua pequena aventura havia chegado ao fim. Mas enquanto esperava o trem partir, uma voz suave o assustou. Ele se virou para encontrar uma velha com uma capa escura pairando sobre ele, como uma velha dos contos de fadas antigos. Seus olhos eram afiados, sua expressão condenatória. — Um presente para um bravo soldado. — Ela disse, seu desprezo distorcendo sua voz enquanto ela exibia uma única pluma branca...

CAPÍTULO QUATRO

Olivia evitou falar comigo o resto da noite. Ela estava me dando espaço e esperando que eu estivesse pronta para falar, mas sei que ela também está irritada porque não contei a ela o que está me incomodando. Posso dizer pela maneira como ela passou o resto da noite com o novo telefone internacional chique que seus pais compraram para ela, entrando em contato com as pessoas em casa. Em Westport, quero dizer.

Não sei como acertar as coisas entre nós sem explicar mais do que gostaria. Só espero que seja mais fácil de consertar pela manhã.

Ela se vira diante de mim e morre para o mundo em questão de minutos. Mas, embora tenhamos viajado por mais de um dia inteiro, não consigo dormir. A noção de que o som que ouvi nas ruas poderia de alguma forma ser familiar tomou conta de mim. Por mais que tente, não consigo imaginar onde pudesse ter ouvido algo assim. E se eu realmente ouvi em algum lugar, duvido que poderia ter esquecido. Ainda assim, parece que a memória está lá, esperando.

Eu me forço a abandonar a ideia, porque sei que estou obcecada e não há nada de saudável nisso.

Depois de colocar meu pijama, eu verifico minha mãe e a encontro dormindo no sofá da sala de estar no andar de baixo. Apesar das rugas que começaram a se formar em seu rosto, ela ainda é linda. Sempre desejei ter seu cabelo de fogo e sua pele de porcelana fina, em vez do cabelo cor de trigo e pele opaca que meu pai ausente deve ter me dado.

Quando eu era pequena, achava que ela era a pessoa mais mágica e corajosa que conhecia. Tudo que eu queria era ser tão forte quanto ela. Não tenho certeza de quando a maneira como pensei sobre ela mudou. Talvez na época em que percebi que os monstros dos quais ela estava me protegendo não poderiam ser reais. Talvez quando comecei a crescer e ela não era mais o suficiente para ser meu mundo inteiro.

Soltei um suspiro. Há dias em que quase desejo poder voltar. Era mais fácil então, antes que eu percebesse que queria mais. Antes que eu entendesse que havia algo mais a desejar. Eu coloco um cobertor sobre seus ombros, e ela murmura em seu sono, mas não acorda.

De volta ao andar de cima, Olivia está roncando baixinho, seus braços e pernas todos abertos de um jeito desajeitado que ela nunca deixa o resto do mundo ver. Tenho que admitir, ainda estou um pouco surpresa por ela não ter fugido quando teve a chance. Parte de mim gostaria que ela tivesse, no entanto. Não vai ser fácil me despedir dela em duas semanas, e agora que ela está aqui, sempre vou pensar em como era Londres com ela.

As fadas do mural parecem concordar. O branco de seus olhos cintilam enquanto o brilho da lâmpada a gás pisca sobre elas, como se estivessem zombando do meu arrependimento com uma alegria implacável.

O que é, claro, uma coisa louca de se pensar. Eu não posso - não *vou* - *deixar* meus pensamentos seguirem esse caminho. Tenho que me concentrar no que é real - a chuva que começou novamente, batendo suavemente nas janelas. O vento assobiando passando pela casa.

Mesmo que pareça que algo está tentando entrar toda vez que o vento sacode as vidraças antigas.

Subo na cama, grata por Olivia ter insistido em trazer sua própria roupa de cama. Os lençóis cheiram como o sabão em pó de lavanda que a empregada

dos Peels usava em Westport. Se eu fechar meus olhos, quase posso imaginar que estou de volta lá. Se eu me permitir esquecer. Quase posso sentir que estou em casa. Mas a sensação não dura muito, e o sono não vem tão rápido quanto eu esperava.

Depois de um tempo, o quarto parece muito próximo e muito quente, então me levanto e tento abrir uma das janelas. Me toma algum esforço, mas finalmente consigo abrir. Lá fora, Londres está tranquila. Eu posso ouvir vagamente o som do tráfego ao longe sobre o tamborilar suave da chuva que começou novamente, mas o bairro em que estamos dorme pacificamente. A noite não parece tão ameaçadora agora.

Com um suspiro de pesar, volto para a cama, mas mesmo com o ar frio da noite entrando no quarto, não consigo dormir. O brilho da lâmpada idiota também não está ajudando em nada.

Tento dizer a mim mesma que as estranhas sombras projetadas nas paredes por seu brilho ornamentado não são nada com que me preocupar, mas quando me viro, meus olhos encontram a parede das fadas. As sombras parecem mais profundas, mais ameaçadoras enquanto mascaram os rostos sorridentes das fadas.

Minha mãe estava certa sobre uma coisa - aquele mural tem que ser removido.

Quanto mais eu remexo e viro, mais frustrada fico. E mais furiosos meus pensamentos ficam. Porque eu não estaria lidando com nada disso se minha mãe não acreditasse que estamos sendo perseguidas por monstros que ninguém mais pode ver.

E agora estou presa neste quarto idiota, com essas fadas idiotas, porque ela não consegue lidar com elas. Minha raiva balança escura e aguda dentro de mim.

Meus olhos vão para a lâmpada a gás. *O que poderia realmente acontecer?* Eu me pergunto.

Nada. A resposta vem tão rápido quanto meu pânico veio na rua. *Não vai doer nada.* Porque os medos da minha mãe são infundados. Porque os monstros não são reais. Suas superstições sempre foram exatamente isso. Nenhum de seus pequenos rituais realmente faz nada. Eles definitivamente não nos protegem.

E ela nem precisa saber. Posso acordar cedo e ligar a lâmpada antes que alguém perceba que toquei nela.

Uma estranha certeza se instala em mim. Este é um bom plano. Um plano *sensato*.

Eu fico em minha cama e examino a lâmpada. Há uma pequena roda na lateral, que eu acho que deve controlar o fluxo de gás. Talvez eu diminua um pouco o volume. Eu só preciso escurecer o quarto para não ter que lutar com as sombras e as malditas fadas dançando com seus olhos conhecedores.

Eu só quero dormir um pouco. Amanhã posso acordar revigorada e voltar ao que era antes. Esta noite não precisa ser nada mais do que um pontinho aleatório, um sonho ruim.

Mas a minúscula roda está quente quando a toco e, quando pulo com a mordida inesperada do calor, ela se move demais e a chama se apaga.

A pena ainda pesava no bolso do menino quando ele encontrou seu irmão na estação mais tarde naquele dia. —Não vou voltar — disse o menino, mostrando ao irmão os papéis recém-assinados e carimbados. Os outros soldados não questionaram a pequena mentira que ele contou sobre sua idade. Não, eles o tinham visto como um dos seus - tão corajoso e pronto. —Vou com você — disse ele ao irmão, e não conseguia parar de sentir alegria. Só quando as mãos do irmão começaram a tremer, o menino começou a pensar que algo estava errado...

CAPÍTULO CINCO

O som veio suave no começo. Começou como um raspar sussurrante que espalha folhas secas pela calçada dos meus sonhos. Mas então isso se transformou em um zumbido latejante até que finalmente me arrancou do meu sono duramente conquistado.

Quando abro os olhos, nosso quarto ainda está coberto pela noite. A única luz vem do brilho suave da cidade além das janelas manchadas e rachadas, mas há luz suficiente para eu ver que nada no quarto poderia estar fazendo aquele som.

Foi apenas um sonho, digo a mim mesma enquanto me aninho sob as cobertas e fecho os olhos contra o barulho. Se eu conseguir deslizar de volta para o calor do sono, talvez isso vá embora.

Estou quase adormecendo de novo quando ouço outra coisa - um farfalhar que quase soa como palavras em um idioma que não entendo. Este som está mais próximo, mais imediato do que o zumbido. Como se *estivesse* vindo de dentro do nosso quarto.

Meus olhos se abrem e eu percebo que de alguma forma o quarto ficou mais escuro. Nos cantos, as sombras parecem se juntar e rastejar como se estivessem vivas. Suas formas escuras sobem dos cantos e saem de debaixo da cama, envolvendo o quarto na escuridão. Em poucos momentos, toda a luz se foi e o quarto está tão escuro que não consigo ver nada. Mas o zumbido não parou. Ainda está zumbindo em meus ouvidos, inconfundível em seu aviso, como o vento ganhando velocidade ao passar por uma floresta antes de uma tempestade.

Eu cubro meus ouvidos para bloquear o som, mas a memória permanece, me provocando. Me tentando. O pensamento que eu tive antes surge novamente - o barulho é estranhamente familiar. Lentamente, tiro as mãos dos ouvidos e o som surge novamente, roçando algo dentro de mim. Isso dispara um fusível que queima lento em minha mente, que lança luz nos cantos escuros de minhas memórias.

Algo está esperando. Algo que eu esqueci.

E então, de repente, sou dominada por uma imagem tão surpreendentemente nítida que parece que o quarto caiu e eu me encontro em outro lugar...

Apenas um fino raio de luar penetrando por entre as árvores. À minha volta, a floresta cheirava a umidade, meio podre. E meu coração batendo forte no ritmo dos meus pés correndo. Escorregando no limo da vegetação rasteira da floresta, a cadência dos meus batimentos cardíacos também diminuindo.

Sento-me na cama, chocada com a intensidade das imagens. É como se eu estivesse lá de novo, naquela floresta, correndo de - ou talvez em direção - alguém. Ou alguma *coisa*? Mas eu não sei onde *lá* é. E não sei de onde vem essa imagem, porque não me lembro de ter morado em nenhum lugar tão frio ou tão úmido.

Uma noite fria. O cheiro de inverno no ar.

Fecho os olhos novamente e me forço a me concentrar no que é real - o toque suave dos lençóis de algodão, o cheiro reconfortante de lavanda, os roncos suaves de Olivia. Eu me concentro e me concentro e...

Uma mão larga e fria cobre minha boca antes que eu possa gritar, e o peso do corpo enorme de um intruso me pressiona contra o colchão. A aspereza de suas roupas úmidas arranham minha pele exposta.

Eu não estou imaginando isso.

Sei que *não poderia* ter imaginado isso, assim como sei com certeza infalível que enquanto eu viver - por mais curto que seja esse tempo - nunca esquecerei desse momento. Como se eu estivesse presa pela própria noite.

Eu me debato loucamente, tentando fugir, mas o intruso me segura facilmente e, em seguida, pressionando o rosto na curva do meu pescoço, ele inala - uma inspiração profunda - como um animal farejando sua presa. Quando ele exala, seu hálito quente e fétido rasteja contra minha pele.

Instintivamente, eu recuo, mas seu corpo me prende e seu cheiro me oprime - ele cheira como folhas velhas e úmidas, um odor terroso e um pouco azedo de decomposição. Como fome e desejo. Mas, por mais perto que ele esteja do meu rosto, não consigo distingui-lo. O quarto ficou tão escuro que não há luz suficiente para eu vê-lo.

Sem aviso, algo quente e úmido traça o comprimento do meu pescoço exposto com uma eficácia excruciante. Ele está me lambendo. Me *provando*. A bile sobe quente e ácida na minha garganta, e eu entendo que não vou conseguir sair dessa intocada. Não sei se vou conseguir sair mesmo.

Olivia choraminga por perto quando outra voz rouca na mesma língua desconhecida vem do outro lado do quarto - deve haver pelo menos dois deles. Mas a escuridão refrata o som, e seus gritos de pânico me cercam, provocando-me com meu próprio desamparo.

E eu *estou* indefesa. Mesmo enquanto luto para fugir, minhas pernas estão presas, e depois meus braços. Em apenas alguns segundos, estou amarrada. Esse hálito quente rasteja contra meu pescoço novamente, e eu recuo, tentando me afastar. Mas ele não me lambe desta vez. Com uma voz como um pergaminho rachado, ele solta um rosnado baixo.

Quando sua mão se afasta da minha boca, eu respiro para gritar por ajuda, mas ele solta outro rosnado estridente que me faz engolir meu grito. Eu não quero morrer. Ainda não.

O som áspero de outra sequência de palavras desconhecidas irrita minha pele enquanto ele diz algo para seu parceiro, e então ele me levanta tão facilmente quanto uma boneca de pano, jogando-me sobre seu antebraço largo e duro.

Quando o ar frio e úmido corre contra minhas pernas nuas, eu sei que ele está escalando para fora da janela e para a varanda instável, três andares acima. Um gemido gutural soa de algum lugar próximo. Mas não é Olivia, e não é o intruso fazendo aquele barulho. O som, desolado e derrotado, vem de *mim*.

Eu me forço a respirar, para me acalmar, mas em vez disso, inalo o cheiro de mofo dele, e meu medo aumenta novamente. Tenho que me forçar a me concentrar - preciso pensar. *Nunca* vou sair dessa viva se não conseguir pensar, mas por um longo e terrível momento, tudo o que posso fazer é respirar.

Lá fora, a noite não é tão escura quanto a escuridão que saturou o quarto. Quase consigo distinguir meu atacante. Ele é enorme, maior eu que imaginava, e está todo vestido de preto, mas ainda não consigo vê-lo direito. Há algo errado com ele, ou talvez ele tenha me drogado de alguma forma, porque não importa o quanto eu tente me concentrar nele, ele permanece confuso e indistinto.

Assim que saímos, a garoa constante de Londres começa a encharcar meu pijama, e não demora muito para que mais do que o medo me faça tremer. Mas me forço a ficar totalmente imóvel, a pensar. Planejar.

É preciso tudo o que tenho para não lutar tão cedo. Quero me contorcer, tentar fugir, mas sei que preciso esperar. Porque eu sei que se ele me deixar cair agora, vou cair três andares na calçada rachada e irregular abaixo.

Assim que ele descer, eu vou lutar.

Não. Assim que estivermos perto o suficiente do chão para que a queda não me mate, eu lutarei. Farei tudo o que puder para me libertar. Eu *não* vou deixar ele me levar.

O zumbido de repente começa de novo - o mesmo rangido baixo e metálico que ouvi antes nas ruas. O mesmo som que me acordou dos meus sonhos com memórias estranhas de um lugar que não me lembro de ter estado. Então o vento aumenta, fazendo minha pele ficar mais fria e meu cabelo chicotear meu rosto. E então, sem qualquer aviso, e antes que eu possa fazer qualquer outra coisa, meu atacante salta, e o ar corre ao meu redor enquanto caímos no chão.

É claro que seu irmão exigiu que o menino voltasse e contasse a verdade aos outros soldados - que ele ainda não era maior de idade. Ele deveria voltar para casa. Mas o menino recusou, pois tinha certeza de que seu irmão não era o único corajoso. Não o único capaz de uma grande aventura. Além disso, o desafio da pena ainda pesava em seu bolso.

Ele não seria visto como um covarde novamente...

CAPÍTULO SEIS

Eu fecho meus olhos enquanto nós despencamos, me preparando para o momento em que vamos chegar no chão. Mas esse momento nunca chega. De repente, um peso estranho me cerca, como se o ar estivesse pressionando para dentro, me apertando em um pedaço impossivelmente pequeno de carne quase morta. Até que a pressão fique tão forte que *quero* morrer. Mas ainda não.

Então, quase tão rapidamente quanto a pressão começou, ela desaparece, me deixando sem fôlego e tremendo com a força disso. Aos poucos, a escuridão diminui e, à medida que meus olhos se ajustam, percebo que essa não é a mesma escuridão anormal que inundou o quarto. Em vez disso, é simplesmente noite. Uma noite tão brilhante com estrelas que não consigo parar de ofegar com sua beleza inesperada.

Embora não estejamos mais caindo, o ar continua a passar em uma velocidade vertiginosa. Demoro um minuto para entender por quê - estou *voando*. Ou melhor, quem ou *o* que *quer* que tenha me pendurado em seus ombros está voando.

Minha cabeça parece confusa e a dor lateja atrás dos meus olhos, e ainda não tenho certeza do que aconteceu. Mas a mordida afiada dos dedos com pontas de garras me segurando firme me diz que não estou sonhando. E se posso sentir uma dor assim, sei que não estou morta.

Esse único pensamento borbulha, perigosamente esperançoso como uma promessa. Se não estou morta, ainda tenho uma chance.

Eu mal comecei a descobrir como usar essa chance, quando a luz começa a surgir no horizonte. Começa suave, um brilho mal ilumina a orla da noite, mas conforme cresce e o céu começa a clarear em um amanhecer, eu percebo que estou cercada por um enxame de seres escuros, todos como o intruso que me pegou. Eles são tão densos que não consigo ver o chão abaixo de nós e, embora tenham a forma de homens, é aí que as semelhanças terminam.

Cada um dos seres tem uma camada escura cobrindo seus membros musculosos. Alguns têm crinas selvagens de cabelo de ébano que chicoteiam como pequenos redemoinhos, e cada um tem um par de asas enormes que se movem como líquido contra o vento impetuoso. Eles parecem anjos negros ou, talvez, pesadelos ganhando vida.

Mas eles são pesadelos sem rosto. Onde deveriam estar olhos e narizes, não há nada além de um grande vazio negro em cada um de seus rostos. Eles não têm boca - pelo menos não que eu possa ver - mas posso sentir sua fome enquanto voam, determinados, em direção a algum destino desconhecido.

Um pensamento me atravessa: talvez eu esteja sonhando e não consiga acordar. Ou talvez eu tenha sido drogada, e isso é apenas uma alucinação horrível. Mas se não - se estou realmente vendo o que *acho* que estou vendo - eu estava errada. Eu *sempre* estive errada.

Todas aquelas vezes eu disse para a minha mãe que os monstros não eram reais. Todas aquelas vezes em que pensei que ela estava louca – todas as vezes em que a *tratei* como se ela fosse louca - por acreditar que algo estava atrás de nós. Por tentar me proteger. Eu estive errada.

O perigo *estava* lá fora.

Os monstros *são* reais.

Penso na janela que abri, na lâmpada que apaguei e sei que tudo isso é minha culpa.

Não sei por quanto tempo estamos voando quando o caos irrompe. Do nada, uma bola de fogo irrompe de baixo, e as criaturas escuras começam a correr em pânico desordenado. A próxima explosão chega tão perto que posso sentir o lampejo de calor na minha pele. Meu atacante desvia bruscamente para a esquerda para evitá-la, e meu coração dispara quando percebo o que está acontecendo - eles estão sob ataque.

Estamos sob ataque.

O bater das asas das criaturas antes rítmico se torna uma confusão de rajadas frenéticas e desiguais. As bolas de fogo continuam chegando rapidamente, quase sem pausa. Uma atinge uma criatura próxima. A bola de fogo rasga o peito largo e escuro e deixa um buraco que não fecha. A criatura solta um grito enferrujado e desumano de dor antes que suas asas se sacudam com uma convulsão e se dobrem, deixando o corpo pesado despencar sem graça para o que quer que esteja lá embaixo.

Mas mesmo com o caos ao nosso redor, a criatura que me possui nunca vacila. Ele - *isso* - aperta seu controle enquanto disparamos através do enxame confuso, habilmente manobrando em torno dos corpos que caem e do pânico que nos cerca.

Quanto mais longe ele voa, mais tênue se torna o enxame ao nosso redor. As enormes asas da criatura batem poderosamente e, por um momento, acho que podemos realmente conseguir. Por um momento, estou quase feliz que iremos escapar. Mas assim que vejo o azul do céu além da borda do enxame, meu atacante se sacode como um pião que saiu do curso. Um fedor forte e inebriante como o cheiro de folhas queimadas me oprime, e nós dois começamos a cair, despencando no céu, passando pelos outros corpos escuros para o que quer que esteja lá embaixo.

O monstro se agarra a mim no início, suas garras cravando em minha perna em um aperto desesperado, mas então a dor para. E termina.

E então estou caindo, caindo no azul brilhante do amanhecer. Estou sem peso. E por um momento acho *que também estou* voando. Por uma batida de coração, imagino o impossível.

Mas os corações mortais não foram feitos para voar e os corpos humanos foram feitos para se partir. Em uma respiração, estou caindo no meio da noite, e na próxima estou no brilho ofuscante do dia. E quando meu corpo estilhaça a superfície gelada da água abaixo com um estrondo de rachar a pele, derruba até a última gota de ar do meu peito.

A princípio, o menino não percebeu seu erro. No início, havia apenas a segurança do treinamento para o que estava por vir. Seu irmão já estava na frente, mas o menino encontrou na companhia de outros rapazes um novo tipo de conforto. Quando chovia, eles ficavam sentados em suas tendas, ouvindo o tamborilar das gotas e inventavam maldições tão diabólicas que o menino lutava para não ficar vermelho. Porque a inocência era uma fraqueza e ele se recusava a ser fraco...

CAPÍTULO SETE

—Ela está viva? — A voz é jovem, masculina, e apenas um prelúdio para o cutucão forte ao meu lado.

—Acho que sim. — Outra voz responde quando eu gemo de dor.

—Ei —, diz a primeira voz. *Cutucando. Cutucando.* —Acorde, você.

Meu cérebro parece impossivelmente espesso e meus braços impossivelmente pesados.

Não tenho certeza do que aconteceu comigo, mas antes mesmo de estar completamente consciente, sei que foi horrível e inacreditável.

Eles ainda estão falando sobre mim, cutucando minha pele macia, mas eu fico quieta e parada, meus olhos bem fechados e tento me lembrar do que aconteceu.

Tudo vem para mim lentamente. O terror naquele quarto escuro. O corte gelado da água. A tranquilidade de flutuar livremente enquanto observava o brilho do mundo recuar acima. Meu último suspiro ardente enquanto a água corria em meus pulmões.

Pela dor nas minhas costas e as cutucadas incessantes que continuam a atirar dores agudas pelo meu lado, eu sei que não estou morta. Minha perna grita com as feridas feitas pelas garras da criatura escura, e minha pele parece tão esticada e frágil como uma fruta madura demais. *Mas eu não estou morta.* E por um momento, isso é o suficiente.

Eu faço um balanço do que posso sem me mover ou avisar que estou acordada - ainda estou encharcada, então não fui retirada da água há muito

tempo. Meus braços foram liberados, mas algo pesado está cortando meu tornozelo, me puxando para baixo e me prendendo no lugar.

Não fui resgatada, então. Ainda sou uma prisioneira. Mas as vozes ao meu redor agora soam humanas, não como as vozes com sotaque e zumbido dos monstros que me pegaram. Ainda assim, não sei a quem essas vozes pertencem ou o que querem de mim.

—Deixe isso pra lá, Phin. Não sabemos se ela é perigosa, certo?

A cutucada para, mas eles ainda estão ali - quem quer que sejam - perto o suficiente para que eu possa sentir o cheiro de suor azedo em suas roupas. Não tenho certeza do que eles estão esperando, mas se eu me fingir de morta um pouco mais, talvez eles vão embora.

—Venha, então. — É a segunda voz novamente - masculina também, e um pouco mais velha que a primeira, mas também claramente humana. Seu áspero sotaque também não se parece em nada com as palavras guturais e acentuadas grunhidas pelos monstros. —É melhor dizermos ao capitão que ela está acordando.

Eu escuto seus passos se retirando e, instintivamente, eu alcanço as pedras frias em volta do meu pulso, dando um suspiro de alívio quando as encontro intactas. Estou vestindo pouca coisa - apenas meu pijama - mas pelo menos não perdi a pulseira da minha mãe. O fato de ainda tê-la me faz sentir melhor por algum motivo. Como se eu não estivesse tão sozinha.

Quando tenho certeza de que eles se foram, sento-me e observo tudo ao meu redor. Esfrego meus olhos inchados e com crostas de lágrimas, mas eles estão tão sensíveis que dói muito limpá-los. Quase consigo ver o quarto, de qualquer maneira. Não que haja muito para ver - é mais um armário do que qualquer outra coisa. O piso é de madeira, escurecido e liso pelo tempo, e a única luz vem de uma fenda estreita nas paredes inclinadas de madeira.

Há uma algema de metal pesada em volta do meu tornozelo, como eu suspeitava, e está presa por uma corrente a um anel no chão. Dou um bom puxão para ver se consigo soltá-la. Não tenho certeza de quando meus novos captores estarão de volta, e prefiro não estar amarrada quando eles chegarem aqui. Então, faço outro esforço para me libertar puxando com força a corrente, mas ela nem mesmo se move.

Só quando finalmente paro de lutar com a corrente é que noto algo que faz meu estômago embrulhar. O quarto está se *movendo*. Não percebi a princípio, mas agora o movimento - um balanço constante e suave - é inconfundível. Este não é um quarto qualquer, eu percebo. Estou em algum tipo de navio. O que significa que, mesmo que eu pudesse me livrar da corrente, não haveria para onde correr.

Recusando-me a acreditar nisso, começo a puxar a corrente em volta do meu tornozelo novamente, para tentar soltá-la de seu parafuso no chão. Eu não paro, nem quando meu tornozelo está dormente de dor ou quando meus dedos começam a doer com o esforço. Não paro até ouvir passos do lado de fora da porta.

Pouco antes da porta se abrir, derramando luz no espaço escuro, eu me viro e me enrolo em uma bola para proteger meu estômago sensível das cutucadas e das náuseas que tenho certeza que virão. Obrigando-me a respirar lenta e continuamente, obrigando-me a ignorar a forma como meu pulso troveja em meus ouvidos, espero. No início, nada acontece. Mas então, claro, passos pesados entram no quarto, parando um pouco além de mim.

—Venha agora —, diz uma nova voz. —Eu sei muito bem que você está acordada. — Essa voz também é masculina e humana, mas comparada às outras é mais baixa, mais velha. Também é tingida com a sugestão de um

sotaque que não consigo identificar. Talvez irlandês? Mas é um sotaque que parece ter sido suavizado por anos em outras terras.

—Pegue um pouco de água, Will. — A nova voz diz. O comando é suave, mas contém um fio de autoridade que até eu vacilo.

Depois de uma rajada de movimentos e passos rápidos, mãos ásperas me viraram desajeitadamente de costas e, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, água escorria pelo meu rosto. No segundo em que atinge minha boca e nariz, o terror do mar volta para mim em um lampejo repentino. Luto para respirar e fugir da umidade que ameaça me afogar de novo, mas meus músculos estão tão cansados que tudo o que posso fazer é tossir e cuspir, me debatendo tão inutilmente como um peixe no fundo de um barco.

—Cristo! Você vai afoga-la. —A voz mais nova se exalta.

A água acabou e mãos invisíveis me batem com força nas costas. O pânico toma conta de mim enquanto eu luto para me afastar novamente, mas as mãos seguram meus braços com firmeza.

—Certifique-se de que ela está bem, sim? — Ele me dá outro tapinha áspero e eu tusso o resto da água. —Eu não preciso que você a afogue novamente.

Tento me afastar quando sinto o toque de algo úmido em meus olhos inchados, mas braços firmes me seguram rápido. Gentilmente, muito mais suavemente do que eu esperava do aço naquela voz, alguém lava a crosta de água do mar e as lágrimas até que eu possa abrir meus olhos quase completamente.

—Aí está agora, — ele diz. —Venha tomar uma bebida. — A voz suavizou, mas suas palavras ainda são um comando. Quem quer que seja a quem a voz pertence, está claramente acostumado a dar ordens. E ter suas ordens obedecidas.

Levanto os olhos para recusar - a última coisa que quero é mais água - mas a rejeição morre na minha garganta.

Eles são apenas meninos.

Não tenho certeza do que estava esperando, mas o mais novo não pode ter muito mais que dez ou onze anos, há uma camiseta do Batman de aparência gasta aparecendo sob seu casaco grande demais. O outro dos dois meninos é mais velho, mais da minha idade. Seu cabelo castanho-avermelhado é curto e cortado irregularmente, e ele está usando jeans rasgados em ambos os joelhos e uma camisa escura de manga comprida que vai até os cotovelos. Abaixo de um ombro está uma fileira do que parecem ser alfinetes enferrujados, e seu pulso esquerdo está embrulhado em uma grossa pilha de pulseiras feitas de tiras de couro ou barbante. Ele está carrancudo para mim enquanto segura o balde de água, como se eu fosse a única que fez algo errado.

Presumo que o terceiro seja o líder. Ele não é tão alto quanto aquele de cabelo avermelhado segurando o balde, mas parece mais velho, talvez um ou dois anos mais velho do que eu, e a maneira como ele se comporta o faz parecer ainda mais maduro, ainda mais autoritário.

Ele tem um rosto comprido e magro com um nariz reto, e seu queixo pontudo tem a sombra de uma barba. Seu cabelo, um preto tão escuro e brilhante que é quase azul, é mais longo no topo e penteado para trás em um estilo antiquado. Parece que cairia preguiçosamente sobre sua testa se ele deixasse. De alguma forma, ele não parece o tipo que pensei que fosse pela voz.

Da tensão de seus olhos ao conjunto sombrio de sua boca, tudo nele me inspira respeito. Ainda assim, ele poderia quase ser bonito se uma cicatriz branca como o gelo não corresse um curso irregular ao longo de sua bochecha esquerda e na borda externa de seus lábios.

Seus olhos pretos fuliginosos se estreitam para mim e, por um instante, tenho uma memória desconexa daqueles olhos pairando sobre mim enquanto o brilho do dia me puxa de volta a este mundo. Mas se foi ele quem me salvou, ele definitivamente não parece pronto para me salvar agora. Não com a lâmina que ele aponta para mim. É mais longa do que uma adaga, mas não exatamente uma espada, e sua lâmina polida é triangular, em vez de plana. Não duvido que seja perversamente afiada.

Sem abaixar a lâmina, ele faz o outro garoto oferecer a água novamente. Desta vez, nem considero recusar. Pego a concha com as mãos trêmulas e bebo com cuidado. Não pretendo beber muito, mas quando o líquido atinge minha língua, fecho meus olhos e deixo o frescor descer pela minha garganta. Não posso acreditar como estou ressecada ou quão doce é a água. Ela acaba antes mesmo de eu estar perto de ficar satisfeita.

Franzindo a testa, eu devolvo a concha para ele. Ele gesticula para o garoto mais alto me oferecer outra concha. Depois, outra, até que o aperto desconfortável no estômago me obrigue a parar.

—Agora então, — ele diz, quando eu recuso outra bebida. —Vamos começar nos contando quem você é e por que veio para cá.

Eu não posso deixar de olhar, sua voz tem uma qualidade quase musical com a maneira como ele arredonda algumas de suas vogais. Em qualquer outro momento, em qualquer outro lugar, um sotaque como aquele teria feito meu estômago revirar de expectativa. Ainda assim, mesmo com o choque e o medo, meu rosto ficou quente.

Com seu rosto a apenas alguns centímetros do meu, posso sentir o cheiro picante de cravo em seu hálito e o cheiro do vento e da água salgada que paira sobre ele. Tão perto, eu percebo que seus olhos são na verdade de um castanho

escuro salpicado de ouro. Até agora, porém, nunca havia percebido que o ouro pudesse ser tão frio e inflexível quanto o aço.

Como se para enfatizar o quão perigoso ele é, ele pressiona a ponta afiada de sua lâmina estranha contra a parte inferior do meu queixo e me força a olhar para ele. Luto para não tremer, porque já posso sentir o corte e tenho medo que mesmo o menor movimento da minha parte corra sangue.

—Não tem muito para conversar, não é, moça? — Ele abaixa a lâmina, e eu desmorono enquanto tomo goles trêmulos do ar tão necessário.

—Por favor... — Odeio o gemido ofegante da minha voz trêmula, mas não consigo pará-la. Minha garganta ainda está muito áspera para fazer qualquer coisa além de sussurrar, e estou tão perto de ceder às lágrimas que dói. —Por favor —, digo a ele, —apenas não me machuque. Vou te dar o que você quiser. —

Suas sobrancelhas se erguem um pouco, e uma surpresa genuína — talvez até diversão - pisca em seu rosto enquanto ele inclina a cabeça. —E o que você acha que eu estaria querendo de você?

Depois de tudo que passei, posso imaginar uma série de coisas que ele pode querer de mim, algumas mais terríveis do que outras. A memória da umidade quente de uma língua traçando a linha do meu pescoço surge em minha mente, escura e gelada, e então estou tremendo de novo.

Ele franze a testa diante do meu tremor patético antes de se virar para os outros dois com um lampejo de violência que me deixa imóvel. —Ninguém pode usar uma grama do bom senso que o bom Deus nos deu? Dê à garota algo seco para vestir antes que ela morra. — Ele olha para mim mais uma vez. —Não tenho certeza se vou querer que ela morra ainda.

O garoto com a camisa do Batman parece completamente confuso por um momento, e naquele instante, ele finalmente parece o garotinho que é. —O que devemos pegar, capitão?

— O que seja, Phin —, diz ele com certa impaciência. —Dê a ela algo mais apropriado do que o pedaço de nada que ela está vestindo agora. — Aquele que chamaram de capitão me avalia mais uma vez, seus olhos frios calculistas. —Ela parece mais ou menos do mesmo tamanho que Wren. Pegue algumas roupas dele.

Nenhum deles se move.

—Andem! — Ele rebate, sua voz ainda suave, mas inconfundivelmente ameaçadora.

O garoto mais jovem pula então, mas o carrancudo envia ao Capitão um olhar questionador antes de ir buscar o que foi pedido.

Eu recuo quando o capitão levanta a mão.

—Calma, moça. — Ele diz suavemente, fazendo sua voz quase calmante quando ele coloca sua lâmina no chão ao lado dele e chega lentamente em minha direção. Tenho a estranha sensação de que ele já fez exatamente isso centenas de vezes.

Eu acalmo e espero, minha mandíbula tensa e dolorida pela minha tentativa de não mostrar o quão assustada estou. Ele ainda está me alcançando, lentamente, como se tivesse medo de me assustar. Encontro seus olhos e ergo meu queixo com uma coragem que realmente não sinto, mas ele ignora minha pretensa bravura e me toca tão suavemente que, a princípio, mal sinto o couro liso de sua mão enluvada em meu braço.

Ele examina um braço, levantando-o e manobrando as articulações, como se estivesse procurando ferimentos ou ossos quebrados. Satisfeito com o que encontra, ele se move para o meu outro braço e inicia o mesmo

processo. Quando ele chega ao meu ombro esquerdo, sua mão para sobre uma velha cicatriz que tenho. Ele pressiona suavemente em sua superfície elevada, mas eu estremeço da mesma forma com a pressão. Ele olha para cima para encontrar meus olhos mais uma vez, uma pergunta clara em seu rosto.

Eu sei o que ele está vendo, um pequeno vergão levantado do tamanho de uma moeda. A massa de pele feia e enrugada não ficou branca, como sua cicatriz. Ainda é um rosa raivoso que a faz parecer nova, embora a marca seja tão velha que não me lembro de tê-la recebido. É por isso que raramente uso camisas sem mangas, mesmo quando estou correndo.

—Vacina ,— eu sussurro, mas suas sobrancelhas franzem em confusão, então eu explico. —Minha mãe e eu viajamos muito. — Tento me afastar, mas ele segura meu braço com mais força, e a pergunta em sua expressão fica mais intensa. —Eu tive uma reação alérgica ou algo assim. Quando eu era pequena. — Eu posso sentir meu rosto esquentando novamente, e não posso mais encarar seu olhar sombrio.

Ele finalmente solta meu braço. —Todos nós temos nossas cicatrizes, moça. — Ele diz suavemente. Mas então sua expressão fica sombria e acho que talvez só imaginei as palavras.

Tento me afastar enquanto seus dedos enluvados traçam a pele ao redor da ferida em carne viva na minha coxa, a que foi deixada pelas criaturas, mas a corrente me mantém no lugar. Ele franze a testa enquanto examina a pele rasgada. Para minha surpresa, ele mergulha o pano no balde e gentilmente o toca na minha perna dolorida.

Eu sibilo com a dor inesperada, mas ele não me dá atenção. Ele continua enxaguando a ferida. Então ele pega sua lâmina. Acho que vejo sua boca se contorcer quando pulo, embora não tenha certeza se é por aborrecimento ou diversão.

—Ainda agora. — Ele murmura.

Mas ele não usa a lâmina em mim. Em vez disso, ele desata a camisa que está vestindo e corta uma tira de tecido da bainha inferior. Com movimentos tão hábeis que tenho certeza de que já fez isso antes, ele amarra a tira de linho branco em volta da minha perna, amarrando firmemente o ferimento. Ele examina seu trabalho por um ou dois segundos e então, para minha surpresa, ele destrava a corrente pesada do meu tornozelo e me liberta.

Eu o observo com cautela, tentando descobrir o que ele quer de mim. Tentando descobrir se eu realmente conseguiria chegar até a porta. Mas o capitão parece sentir minha intenção e, sem dizer uma palavra, ele se levanta e preguiçosamente se encosta no batente da porta. Seus olhos encontram os meus, suas sobrancelhas se erguem em um desafio silencioso, e eu sei que estou presa.

Quando os meninos voltam com as roupas, o Capitão agradece e eu percebo que o menino mais novo praticamente brilha sob sua aprovação. Então o capitão coloca as roupas na minha frente como uma oferta de paz.

Mas eu não as pego imediatamente. Por mais frio que eu sinta, não faço nada mais do que olhar para a pilha de tecido com cautela.

Pairando sobre mim, o rosto do capitão não revela nenhuma emoção enquanto ele empurra as roupas em minha direção com a ponta de sua bota polida. Não há mais nenhum traço da gentileza que ele acabou de me mostrar em sua expressão. —Seja rápida, sim? — O volume de sua voz não mudou, mas o aço está de volta. —Estou pensando que temos muito o que discutir e resta saber quanto tempo você ficará conosco.

Em pouco tempo, chegou o dia em que o treinamento do menino chegou ao fim. Enquanto ele estava com seus irmãos recém-descobertos, esperando para embarcar no trem que os levaria para a batalha, ele recebeu um pequeno pedaço de papel no qual estava escrito, No caso de minha morte...

Assim, ele descobriu rapidamente a diferença entre o sonho do faz de conta e o mesmo sonho tornado realidade...

CAPÍTULO OITO

As palavras do capitão pairam no ar por muito tempo após a porta se fechar atrás dele.

Não tenho certeza do que ele quis dizer, mas tenho a sensação de que ele não estava falando sobre me levar de volta para Londres. Não importa o quão gentil ele possa ter sido quando os outros garotos se foram, a corrente pesada, a lâmina ao seu lado e a porta trancada me dizem que não sou nenhuma convidada aqui.

De repente, a enormidade do que aconteceu desaba sobre mim. Meus olhos inchados queimam com as lágrimas que venho segurando, mas eu as limpo e me forço a parar. Então pego a primeira peça de roupa da pilha e esfrego o tecido macio entre os dedos enquanto considero minha situação. E minhas opções.

Eu respiro fundo algumas vezes antes de descartar a regata úmida que estou usando e substituí-la pela camisa macia. É uma velha camiseta que realmente deve ser vintage - está tão fina que é quase transparente. Felizmente, eles também me deram um suéter de tricô pesado, então eu o visto e abotoo até o queixo. As calças têm uma braguilha desajeitada abotoada e são um pouco compridas demais - tenho que enrolar para evitar que se arrastem - mas são quentes. Há também algumas meias grossas de lã e botas de amarrar feitas de couro macio.

Mal acabei de amarrar os cadarços das botas quando a porta da minha prisão se abre e o garoto chamado Will aparece. Eu corro de volta para o canto do quarto antes de perceber que ele trouxe outro garoto com ele, um garoto

grande e esguio com uma tatuagem escura serpenteando pelo pescoço e olhos frios e sem emoção.

— Estenda os braços — diz ele, apontando com a adaga. — Cruze-as na sua frente.

Quando não me movo imediatamente, ele demonstra cruzar os pulsos. Eu sei o que ele quer, mas não quero ser amarrada de novo, indefesa.

— Vá em frente agora — Will diz, claramente ficando impaciente. — Ou Sam aqui vai ter que te ajudar.

Eu olho para o outro garoto. Seus olhos se estreitam enquanto ele inclina a cabeça, esperando para ver o que vou fazer.

Se eu deixar que me amarrem, ficarei desamparada novamente. Não quero estar nessa posição, mas como estou prestes a recusar, Sam pega a corda de Will e segue em frente para dentro do quarto, seus olhos frios brilhando de expectativa.

Todo o ar parece sair do pequeno espaço. *Ele quer que eu resista.* Tenho a estranha sensação de que o garoto quer que eu lute para ter uma desculpa para me bater - para me matar? De repente, a perspectiva de ser amarrada de novo não parece tão ruim. Eu respiro e seguro meus braços, tentando não deixá-los tremer.

De alguma forma, não estou surpresa ao ver o lampejo de decepção na expressão do garoto.

Depois que Sam termina de me amarrar, ele sai. Will me estuda, uma carranca no rosto, mas ele não entra na sala. — Venha, então. O capitão está esperando — diz ele. — E nem pense em tentar nada, senão vou chamar de volta Sam.

Eu não quero aquele garoto de olhos frios em qualquer lugar perto de mim novamente, então eu passo cuidadosamente pela porta e permito que Will

me conduza por um corredor estreito e suba um pequeno lance de escadas. Minhas pernas estão bambas e, quando tropeço no último degrau, mal tenho tempo de me segurar com as mãos amarradas antes que meu queixo se choque contra o convés.

Will me ergue rudemente e me põe de pé, resmungando o tempo todo. Como se eu tivesse caído de propósito. Penso em dizer a ele que não teria caído tão facilmente se ele não tivesse me amarrado, mas conforme meus olhos se adaptam ao que resta da luz do dia, tudo que posso fazer é ficar de pé, atordoada, todas as palavras esquecidas.

Eu sabia que estava em algum tipo de embarcação, mas minha cela estava tão escura e apertada que eu não tinha a menor sensação de estar em um *navio*. É enorme. E é *lindo* - todo reluzente, madeira polida, com três mastros altos que se erguem acima de mim, seus braços abertos contra o azul claro do céu. As velas brancas estão amarradas com tanta força que nem mesmo tremulam com a brisa suave, mas, no ar suave da noite, uma bandeira escarlate tremula no mastro mais alto.

Então meu coração se contorce com outra visão mais devastadora - nada além de água nos cerca. Nenhuma terra quebra a linha de nível do horizonte. Nenhum outro navio está à vista. Estamos em segurança no mar, longe de qualquer meio de fuga.

Quanto tempo fiquei inconsciente? Eu me pergunto enquanto absorvo a água sem fim. Até onde fui levada?

— Vamos, então — Will late, estufando o peito um pouco enquanto me dá um empurrão não tão gentil para me mover. — A menos que você queira que eles ajudem você.

O navio ao meu redor não está vazio, eu percebo então. Os decks estão cheios de pessoas que ficaram estranhamente quietas e silenciosas, e cada uma delas está olhando para mim, armas nas mãos.

Não apenas pessoas. *Rapazes.*

Não há uma única pessoa à vista mais velha do que eu, e a maioria dos meninos no convés parece muito, *muito* mais jovem. Eles são apenas crianças, mas a maneira como estão me olhando, a maneira como estão se mantendo rígidos e prontos para alguma ameaça invisível, os faz parecer mais velhos. Mais perigosos.

Eu sigo Will sem discussão depois disso.

Enquanto cruzamos o convés principal, posso praticamente sentir os olhos cautelosos dos meninos seguindo nossa procissão. A maioria fica muito parada, mas alguns dos menores se mexem inquietos e ajustam o controle de suas armas quando nos aproximamos.

E *todos* eles têm armas. Alguns têm adagas embainhadas em fundas de couro presas às coxas, enquanto outros têm estilingues de aparência primitiva enfiadas nas calças. Alguns dos meninos mais velhos têm espadas compridas penduradas no cinto, como Will.

Cada um deles está me olhando com cautela, como se eu fosse a criatura mais fascinante - e possivelmente a mais perigosa - que eles já viram. O absurdo disso faz com que uma risada nervosa borbulhe em meu peito. Eu engulo, mas Will percebe.

— Problemas? — Will pergunta, parando apenas o tempo suficiente para me olhar com os olhos estreitos.

Quero mostrar a ele que não estou armada e não sou uma ameaça, mas apenas balanço a cabeça e mantenho os olhos baixos enquanto o deixo me guiar.

Com o navio inteiro ainda observando, Will me direciona por um pequeno lance de escadas até o convés elevado na parte traseira do navio e bate com força em uma pesada porta de madeira. Quando uma voz abafada vem, ele empurra a porta e, sem aviso, me empurra para dentro.

Enquanto o menino preenchia as linhas e culpava a sua mãe por todas as coisas que nunca teve a chance de acumular, ele se perguntou o que seu irmão teria sentido ao fazer o mesmo. Ele se perguntou se as mãos de seu irmão tremeriam enquanto as dele tremiam. Mas então ele jogou fora aqueles pensamentos sombrios e riu com os outros - pois eles ainda viam a morte como um horizonte impossível que, certamente, eles nunca alcançariam. Embora, se o fizessem, que final certo e adequado seria para rapazes corajosos como eles...

CAPÍTULO NOVE

Eu quase me pego quando tropeço pela porta e entro em uma grande cabine mal iluminada. A maior parte da luz vem de uma parede de janelas que fornece uma visão aparentemente infinita do pôr do sol sobre o mar circundante. Debaixo das janelas há uma cama grande que parece tão severa quanto o resto da cabine, com seus cobertores de lã monótonos, travesseiros planos e lençóis bem dobrados. Tudo no espaço é esparso, organizado e totalmente arrumado. Tudo é de utilidade.

No canto oposto, uma única lamparina acende, balançando suavemente com o movimento do navio. Seu brilho é apenas o suficiente para iluminar a forma escura do Capitão. Suas costas nuas estão voltadas para mim, mas o arqueamento e flexão de músculos magros mal são registrados. Não consigo ver nada além da pele áspera que cobre todo o ombro esquerdo e a maior parte das costas.

Todos nós temos nossas cicatrizes, ele me disse. Eu pensei ter entendido o que ele quis dizer quando olhei para a linha branca e gelada ao lado de seu rosto, mas suas costas estão mais do que simplesmente cicatrizadas. A pele lá está marcada com vergões raivosos que parecem que ele foi marcado com ferro queimando à queima-roupa ou borrifado com ácido. E seu braço...

— William, eu... — ele rosna enquanto olha para cima, com o rosto vermelho de frustração, mas suas palavras silenciam quando ele percebe que não sou a pessoa que ele esperava.

Agarrando sua camisa, ele rapidamente a joga sobre os ombros, mas não é rápido o suficiente para esconder contra o que está lutando. Não rápido o

suficiente para esconder o fato de que seu braço esquerdo termina logo acima do cotovelo em uma massa nodosa de tecido cicatricial. Onde seu braço deveria estar há uma prótese diferente de qualquer outra que eu tenha visto antes - um intrincado esqueleto de aço de uma mão presa ao que sobrou de seu braço por um arnês de couro.

E seu rosto...

No brilho fraco da lamparina, é mais do que raiva que vejo em sua expressão. Por menos de um batimento cardíaco, vejo algo vulnerável ali também. Algo como constrangimento ou culpa, mas mais espesso do que qualquer uma dessas coisas e mais severo. Algo, talvez, como vergonha.

— Me desculpe, eu... — Mas um pedido de desculpas não parece ser uma oferta suficiente para a emoção que acabei de testemunhar. — Eles me trouxeram... — Eu começo de novo, tentando transferir a culpa, mas isso é uma coisa errada a se dizer também. Quando sua expressão fica estrondosa, gaguejo outro pedido de desculpas meio formulado e me viro para fugir.

O capitão é mais rápido. Em duas ou três longas passadas, ele está do outro lado da cabine, seu braço falso estendendo-se além de mim para bater a porta antes que eu possa escapar, me fechando. O punho de sua camisa ainda está desabotoado e a manga cai para trás para revelar a prótese que forma seu pulso e mão. Está tão perto da minha bochecha que posso sentir o leve odor de metal. O punho de aço zumbe e clica como as engrenagens de um relógio enquanto o capitão ajusta sua postura e se inclina. Entendo implicitamente naquele momento que o braço não é uma fraqueza. É sólido e forte e, de alguma forma, tornou-se parte dele. Estou presa no lugar por aço e garoto, e não tenho certeza do que é mais perigoso.

— Saindo tão cedo, moça? — Ele sussurra em meu ouvido direito, cheio de confiança e de um charme masculino rude. O calor de sua respiração roça

em meu pescoço, e o cheiro dele me envolve tão completamente quanto seus braços. Tenho a sensação desagradável de que ele sabe exatamente o que sua proximidade está fazendo comigo. Que ele está completamente ciente de como meu coração traidor começou a galopar e minha pele ficou quente e fria ao mesmo tempo.

Estou muito nervosa e pega de surpresa pela minha reação a ele para resistir quando ele me vira suavemente, até que minhas costas estejam para a porta e seu rosto esteja a poucos centímetros do meu.

Ele é apenas um menino, digo a mim mesma. *Ele não é um monstro.*

Mas ele parece determinado a provar que estou errada.

— Ora, você acabou de chegar, moça — ele diz suavemente, seus lábios a centímetros dos meus. — E você se deu ao trabalho de interromper minha solidão.

Quando tento falar, a única coisa que sai é um som de susto.

Sua boca trai a mais ínfima curva de um sorriso diante da minha incapacidade de formar um pensamento coerente, e sei de imediato que meu desconforto não passa de uma piada para ele. Ele *não* sabe exatamente o efeito que ele está tendo em mim. Ele está usando minha reação a ele contra mim, e ele está achando divertido.

Desta vez, quando meu rosto fica quente, não é por causa de qualquer atração indesejada que eu possa sentir. Eu endireito meus ombros e mantenho meus olhos firmes e, ignorando as batidas estrondosas de meu coração, digo, tão clara e calmamente quanto posso: — Você ordenou que me trouxessem aqui. Não é como se eu tivesse muita escolha.

Sua boca severa se contorce e seus olhos brilham de admiração.

Ou talvez o esteja interpretando mal. Talvez seja impaciência.

Ele se afasta, então eu não sinto mais o calor de seu corpo. Mas ele não me dá espaço para escapar. — Isso é verdade, não é? — Ele recua um pouco mais então, então ele não está mais fechando a porta atrás de mim. — Minhas desculpas — ele diz, inclinando a cabeça em uma pequena reverência. Então ele olha para mim e depois de um momento fala. — Eu consideraria um grande favor se você não mencionasse o que viu para ninguém, certo?

— Eles não sabem? — É tão inesperado que a pergunta surge antes de eu pensar melhor em perguntar.

Ele levanta uma única sobrancelha escura em minha direção, como se questionasse minha impertinência. — Eles não querem nem saber — ele diz simplesmente. — Bem, Will sabe, mas eu confiaria nele com minha vida.

Eu me pergunto por que ele não confia nos outros, mas me lembro do olhar cauteloso nos olhos dos meninos e acho que talvez já saiba.

De qualquer forma, não sou estúpida o suficiente para perguntar. Já o forcei o suficiente.

Com um movimento quase elegante de sua mão de aço brilhante, ele gesticula em direção a um par de cadeiras em formato de barril, convidando-me a sentar. Hesito, porque quero manter o pouco terreno que consegui ganhar no último minuto. No final das contas, eu sei que estou presa. Não há para onde ir, exceto para onde ele me direcionou. Não que eu vá com facilidade - faço meu caminho o mais devagar que consigo.

Uma vez que ele está satisfeito que eu estou sentada e parada, ele se vira e, em uma incrível onda de movimento, abotoa sua camisa rapidamente, usando a mão de aço tão habilmente quanto a outra. Como toque final, ele coloca o par de luvas escuras que estava usando antes, escondendo o punho mecânico sob o couro flexível. Em questão de segundos, ele voltou a ser o garoto que conheci, o capitão formal.

Apoiando-se na ponta da mesa, ele pega uma pequena adaga com joias, examinando-a enquanto fala com uma casualidade que não esconde a ameaça. — Agora então, estou pensando que é hora de você me dizer quem você é e por que veio para cá.

Tudo o que posso fazer é vê-lo girar a adaga brilhante sem esforço entre os dedos da mão mecânica. Nem mesmo os computadores mais sofisticados podem fazer algo se mover com tanta fluidez e naturalidade quanto aquela mão se move.

Ele limpa a garganta e me lança um olhar penetrante.

— Gwen — Eu engasgo, respondendo a sua pergunta em uma onda de constrangimento. — Meu nome é Gwen.

Sua boca desce. — Isso seria abreviação de algo?

— Gwendolyn — eu digo, mas minha voz falha, então eu tento novamente. — Gwendolyn Allister.

Ele repete meu nome, arrastando as sílabas enquanto me estuda, e me forço a ignorar o calor vibrante que sinto em meu estômago enquanto sua voz faz meu nome soar quase musical. Em seguida, ele encolhe os ombros com desdém e todo o calor que estava ameaçando esfria tão rapidamente como se tivesse sido encharcado com um balde de gelo. — Suponho que seja bastante adequado para você, embora não responda à minha pergunta. *Quem* é você e *por* que veio?

— Eu te disse, sou apenas Gwen. Eu não sou ninguém. Não sei o que estou fazendo aqui. Eu nem sei onde é aqui.

Mas sua expressão nunca vacila enquanto ele dá dois passos ameaçadores em minha direção, a adaga brilhante ainda em sua mão. — Duvido muito que você seja ninguém, Gwendolyn, senão você não estaria aqui.

— Por favor... — Minha voz falha ao ver a adaga tão perto, e tenho que começar de novo. — Eu fui trazida por... — Mas não consigo me obrigar a dizer isso. Só de pensar nas criaturas, sinto que está acontecendo tudo de novo.

O capitão me olha com os olhos semicerrados. — Bem? — Ele pergunta com expectativa.

— Eles eram monstros. — Eu digo, odiando a forma como minha voz vacila.

Seu rosto não trai nenhuma emoção. — Grandes, escuros, criaturas com enormes asas negras, sim?

Eu aceno, recusando-me a desviar o olhar de seu olhar fixo. — Você me resgatou — Eu percebo, me lembrando mais claramente agora dos olhos escuros pairando sobre mim enquanto eu flutuava de volta para a luz. As mãos firmes que pressionaram a vida de volta em mim.

Ele ergue aquela sobrancelha irritante novamente e dá um pequeno aceno de cabeça em minha direção. — Por assim dizer, embora eu não estivesse me adiantando muito, moça.

— Mas ainda assim... Você me puxou da água — eu empurro, lembrando agora das mãos fortes que me agarraram das profundezas, os braços de aço que me içaram no ar.

— Sim. Os Escuros vieram voando sobre nós do oeste, como costumam fazer, mas quando atiramos sobre eles, foi você quem caiu do céu. Parecia o mínimo que eu podia fazer.

— Você os viu também — eu sussurro, alívio e pavor guerreando dentro de mim. — Eu não imaginei isso.

— Não, moça. Você não imaginou.

Algo muda em seus olhos e, de repente, ele fecha a distância entre nós e levanta a adaga. Eu me afasto para evitar o corte, mas a dor nunca vem. Em vez disso, com um deslize rápido de sua adaga, estou livre de minhas amarras.

Esfrego meus pulsos doloridos enquanto o capitão se acomoda na mesa à minha frente. Há uma diversão cautelosa em seus olhos. — Como os Escuros foram aqueles que trouxeram você, eu diria que você tem mais com que se preocupar do que eu, moça.

— Por favor.... — Mas nem tenho certeza do que estou pedindo. Uma explicação? Um aliado? Uma maneira de acordar desse pesadelo? — Eu preciso ir para casa. — Digo finalmente, decidindo sobre a única coisa que importa.

Do jeito que sua expressão fica sombria, eu sei antes que ele fale qual será sua resposta. — Se houvesse uma maneira de voltar de onde você veio, nenhum de nós estaria nesta bela bagunça, não é?

— Eu não sei — eu sussurro, enquanto o medo se instala em meu estômago.

— Não sabe? — Sua mão enluvada se estende para mim, e acho que ele vai tocar minha bochecha, mas ele para de repente. Em vez disso, ele agarra uma das minhas mãos e me puxa, não tão suavemente, para os meus pés. — Venha. — Não é um pedido, e não tenho escolha a não ser segui-lo para fora, para o ar frio da noite.

O sol já se pôs. Em todo o navio, o mar ficou azul-safira escuro no crepúsculo que escurece, e o céu ficou com o vermelho púrpura de um hematoma furioso.

— É melhor que você entenda isso agora — ele diz suavemente, deixando cair minha mão e gesticulando para o mar além. — Como você pode ver, moça, o lugar de onde você veio é muito, muito longe.

Eu me aproximo do baluarte, mais perto do Capitão. Ao longe, tão longe e tão pequeno que não percebi antes, um pedaço de terra pequeno demais para ser a Inglaterra perturba a linha do horizonte. Eu fico olhando para as ondas escuras, tentando avaliar a distância entre o navio e a ilha. Se eu pudesse chegar lá, talvez pudesse encontrar alguém para ajudar. Se eu pudesse chegar tão longe, talvez pudesse encontrar um caminho para casa.

— Se você está pensando em visitar — o capitão murmura perto do meu ouvido — eu desaconselho. A ilha é um lugar difícil de sobreviver, entende? Está mudando constantemente, e um viajante inconsciente pode se sentir completamente perdido. Ou se tornar um jantar para uma das feras que vagam por lá. — Ele me entrega uma luneta e gesticula para que eu a use.

Seu corpo coberto de couro é sólido e pesado em minhas mãos, e quando eu a levanto até o meu olho, a ilha entra em foco. À primeira vista, parece com qualquer ilha, embora sua topografia *seja* extrema para um lugar tão pequeno. A maior parte da costa nada mais é do que penhascos escarpados que se erguem do mar. Aqui e ali, tufos de vegetação agarram-se às escarpas como alpinistas temerários, mas a maior parte da face da rocha é dura e nua. Acima da costa rochosa, as colinas acentuadas e o terreno montanhoso alcançam o céu cada vez mais escuro, e a maior parte é coberta por um verde selvagem que fala dos perigos ocultos das selvas.

O que não pode estar certo. Sei que fiquei inconsciente por um tempo, mas não poderíamos estar longe o suficiente da Inglaterra para encontrar selvas. Ainda assim, lá estão elas, claras como o dia.

Então eu noto algo que faz meu estômago parecer que engoli uma bola de chumbo, a ilha está se movendo. Não está se movendo na água ou como um navio. Em vez disso, é a própria terra que está movendo diante dos meus olhos. O terreno montanhoso ondula na luz da noite, as rochas lentamente

mudando e se reorganizando a cada momento. Um pico diminui constantemente enquanto outro cresce.

O verde exuberante da selva também parece insuportavelmente vivo. Ele treme e se move com um movimento constante. As árvores se fundem na terra apenas para serem substituídas por diferentes tipos de vegetação conforme a selva se agita e se transforma em um novo emaranhado de mata excessivo. A ilha inteira muda continuamente, como uma grande fera adormecida respirando no horizonte.

— O que... — Meu cérebro não está nem perto de entender o que meus olhos estão vendo. Abaixo o vidro pesado e olho para o capitão. — Por favor, me diga que você vê isso. — Eu hesito. — A maneira como está se movendo, quero dizer.

Ele levanta as sobrancelhas interrogativamente. — E por que eu não veria o que está bem na minha frente?

Mas suas palavras não me fazem sentir melhor. — Coisas assim, elas não fazem... Não é possível — digo a ele.

— Talvez não no mundo de onde você foi tirada. Já neste, no entanto — ele encolhe os ombros que parece mais cansado do que descuidado — Eu vi mais do que a maioria gostaria, e descobri bem o suficiente que nada é impossível.

O desconforto desce pela minha espinha. Ele falou tão casualmente, que eu sei que não posso estar ouvindo direito. Respiro fundo, tentando me equilibrar para a pergunta que não posso acreditar que estou prestes a fazer.

— O que, exatamente, isso quer dizer? — Digo devagar.

— Achei que tinha falado com clareza suficiente. — Ele olha para mim, seus olhos escuros e ilegíveis. — Você já viu ou ouviu falar de muitas ilhas que se movem e dançam ao ritmo de seu próprio coração em seu mundo? — Ele dá

um passo mais perto e eu resisto à vontade de recuar. — Você já viu uma floresta subir e descer com sua própria vontade e desejo?

Eu engulo em seco e, incapaz de formar as palavras, balanço minha cabeça. Claro que não, porque essas coisas não existem. Elas *não podem* existir.

— E tendo visto tais maravilhas, é tão difícil acreditar que você não está mais no mundo humano? É tão impossível, depois do que você viu através daquele vidro, acreditar que se encontra em outro lugar inteiramente diferente? — Sua boca fica sombria mais uma vez. — Pode parecer na superfície como o mundo que você conhece, moça, mas não se deixe enganar. Embora o céu seja amplo, não há nada neste mundo a não ser o mar e isso — diz ele, apontando para a ilha. — E há perigos nessas praias que você não pode ter imaginado.

— Tem que haver algo mais — eu digo, pensando sobre o quão impossível o que ele está dizendo parece.

— Você pensaria que sim, não é? Mas tentei escapar sozinho. Eu naveguei neste navio por semanas a fio, até que minha tripulação estava quase morrendo de fome, e eu tinha certeza que todos nós morreríamos com o frio glacial que cobre o mar além. Depois de semanas navegando, o que você acha que apareceu no horizonte? — Ele aponta para a ilha novamente. — É como se este mundo inteiro estivesse centrado naquele pedaço de terra sem coração. Todas as direções levam até lá.

— Isso é impossível — eu digo, me perguntando o quão ruim de Capitão você tem que ser para navegar em círculos como aquele sem perceber.

— Talvez no mundo de onde você venha — ele me diz, e sua voz é tão áspera e cansada que quase acredito que ele está me dizendo a verdade.

— Mas mesmo que eu acredite em você, mesmo que aceite que estamos em outro mundo, não pode ser apenas o mar e aquela ilha — digo a ele. — Tem que haver uma saída.

— Existem limites entre o seu mundo e este, com certeza, mas não tenho ideia de onde eles estão escondidos. E não tenho poder para violá-los. — Seus olhos escuros estão sérios e fixos nos meus. — Pense em como você veio parar aqui, moça. Não foi um navio que trouxe você, foi?

— Os monstros — sussurro, lembrando-me da pressão estranha, do voo vertiginoso.

— Sim — ele diz sombriamente.

Eu agarro a grade com tanta força que meus dedos doem, e eu fecho meus olhos contra o mar e a ilha e uma verdade terrível demais para aceitar. — O que é este lugar? — Eu pergunto, minha voz tremendo. Quando ele não responde imediatamente, abro meus olhos novamente para encontrá-lo me observando. — Onde estou?

Ele me estuda por mais um momento e, quando finalmente fala, sua voz parece perturbada e muito, muito distante. — Esse pedaço de terra é conhecido agora por apenas um nome, moça. Você, sem dúvida, já ouviu falar — diz ele, seus olhos sérios voltando-se novamente para o mar, para o pequeno ponto de terra à distância. — No mundo de onde você veio, eles contam histórias sobre este lugar.

Sua voz está tão grave que quase tenho medo de perguntar, mas me forço a soltar a grade. — Eles contam?

— Sim, eles contam — Seus olhos escuros brilham quando ele se aproxima. — Deixe-me ser o primeiro a recebê-la na Terra do Nunca.

O navio balançou, furioso, no mar agitado, levando-os em direção às lendárias praias. O menino sabia que a morte era uma possibilidade ali, mas não pôde deixar de se sentir tentado. Pois aquela terra trazia a promessa de viver apenas para o momento presente - sem se preocupar com o passado ou futuro, por quem ele poderia ter sido ou por quem seria.

Lá, ele poderia se tornar qualquer coisa.



CAPÍTULO DEZ

Eu pulo para trás, meu coração trovejando em meus ouvidos, e espero que a curva zombeteira de sua boca comece a rir. Porque isso tem que ser uma piada. Imensamente sem graça e terrível... Mas a expressão do capitão permanece impassível, não brincalhona.

Uma risada nervosa borbulha na minha garganta, e não consigo impedir que escape. O capitão suspira então, uma exalação cansada de ar que me faz sufocar outra risada nervosa, completamente em pânico enquanto ele se afasta de mim.

— Eles nunca acreditam no início — diz ele. Enquanto ele me olha com aqueles olhos duros, o que resta da minha risada morre na minha garganta. — E o que você viu através do vidro? Isso não foi suficiente para convencê-la?

— Mesmo se eu acreditar que estamos em algum tipo de outro mundo mágico — eu digo — mesmo se eu aceitar isso, você espera que eu acredite que estou presa em algum tipo de conto de fadas?

Sua boca desce. — Eu nunca disse que isso era um conto de fadas, moça.

— Você disse que estamos na *Terra do Nunca*! — Dizer isso em voz alta só faz com que pareça mais ridículo. — Como na história? Como com Sininho e os meninos perdidos e Peter Pan?

O capitão se enrijece e, quando responde, sua voz se torna fria e perigosa. — Ele não costuma se chamar de Peter. Acha muito *humano* para o seu gosto.

Eu fico imóvel com a amargura em sua voz. Com o absurdo do que ele está dizendo. — Certo — eu digo. Porque o que mais há para

dizer? Esfregando meus olhos, tento afastar a dor de cabeça que começou a latejar. — Qual é o próximo? — Eu pergunto em dúvida. — Fadas?

— Bem — ele se vira e inclina o quadril no baluarte para que possa me encarar — elas têm sido uma grande parte da confusão em que você se encontra.

A sinceridade de seu tom me faz piscar. Ele não perdeu o ritmo. Ele está completamente delirando ou...

— Eu não acredito em fadas — eu digo com firmeza, sorrindo desafiadoramente enquanto me lembro da história. – Viu? Um deles a menos para eu me preocupar.

Ele balança a cabeça, mas o fantasma de um sorriso está brincando em seus lábios. — Se fosse tão fácil assim matar as bastardas, você não acha que eu teria cumprido a tarefa há muito tempo? — Ele fixa aqueles olhos escuros em mim e o sorriso desaparece. — Além disso, acho que seria difícil recusar o que seus próprios olhos viram.

— Eu já vi uma fada? — Eu não consigo me impedir de perguntar.

— Sim. Você conheceu os Escuros, não foi?

Minha mãe me contou todo tipo de coisas selvagens sobre os monstros que ela pensava que estavam nos perseguindo, mas nada do que ela disse poderia ter me preparado para as criaturas sombrias que me trouxeram de Londres. Ainda assim, quando toco a pulseira em meu pulso, penso nos pregos de ferro e nas runas pelas quais ela era tão obcecada, e me pergunto...

Hesito antes de falar novamente, e quando o faço, minhas palavras são lentas, cuidadosas: — Você espera que eu acredite que aquelas coisas que me pegaram são fadas?

— Eles não são exatamente coisas pequeninas, são? Mas, novamente, eles não são exatamente fadas no sentido que a maioria geralmente pensa delas.

— Sua boca desce pensativamente. — E eu não acho que elas gostariam de ser descritas como tal.

— Claro que não — murmuro entorpecida.

Suas sobrancelhas se unem e sua expressão quase se suaviza. — Eu entendo, moça. Afinal, eu cresci com todos os tipos de contos do povo pequenino, mas mesmo eles não me prepararam para o que encontrei neste mundo. Nada sobre este mundo ou as criaturas que o habitam é exatamente o que as histórias de nosso mundo nos fazem acreditar.

Tudo o que posso fazer é olhar para ele. Estamos realmente tendo essa conversa.

— Os Escuros que te trouxeram aqui, por exemplo — ele continua. — Minha mãe costumava me contar histórias horríveis dos *Slua,* as almas inquietas dos mortos impenitentes que voavam pela noite, sem céu ou inferno para chamar de casa, procurando crianças para levarem em sua jornada. Suponho que suas histórias tenham que vir de algum lugar, não é? Assim como as histórias do Sr. Barrie devem ter vindo de algum lugar também. — Ele faz uma pausa e novamente fico impressionada com o quão completamente sério ele parece. — Então, sim, os Escuros são Fadas, assim como todas as criaturas deste mundo são.

Eu respiro trêmula. — Então, o que você é? Algum tipo de Garoto Perdido? — Eu pergunto em dúvida. Ele é talvez um ou dois anos mais velho do que eu, mas já não há nada de infantil nele.

— Talvez, uma vez — ele responde sem um pingo de ironia. — Mas decidi que havia um papel mais adequado para mim. — Com um sorriso triste, ele levanta a mão enluvada.

Percebo então o que talvez devesse ter visto no minuto em que ele disse que estávamos em Terra do Nunca. O navio, o braço perdido - tudo faz um sentido doentio.

Eu dou um passo para trás. — Você é o Capitão Gancho? — Eu digo, minha voz vacilando.

Ele me dá um sorriso sombrio e perigoso enquanto algo igualmente sombrio e perigoso se curva na minha barriga. — O papel me cai bem, não? — O mecanismo sob sua luva tiquetaqueia suavemente quando ele abre e fecha o punho.

— Parece mais Luke Skywalker do que o Capitão Gancho para mim. — Digo, uma tentativa débil de desarmar o momento.

— Sim? — ele diz finalmente, e a palavra carrega consigo mais cansaço do que qualquer palavra deveria ser capaz de carregar. — Will disse isso quando soube disso também. Embora eu não tenha sido capaz de discernir seu significado, exatamente — ele me diz, sua expressão vacilando. E nesse momento o capitão *parece* demais com mais um menino perdido por aí.

Mas mal pisco e essa impressão desaparece. Onde quer que estejamos, o que quer que esteja acontecendo comigo, o capitão *acredita* em cada palavra que diz. Este não é um jogo para ele. Isso não é uma piada.

— Mas se você for o Gancho... — Eu hesito.

— Sim? — Ele volta sua atenção para mim completamente então, seu corpo tão rígido e alerta como o de um soldado. Seus olhos estão fixos nos meus, na expectativa. Zombando de mim novamente. — *Se* eu for o Gancho? — ele fala arrastado.

Já se passaram anos desde que vi o filme, mas até eu me lembro do Capitão Gancho, com seu casaco escarlate e seu bigode de vilão. E sua insistência em matar os meninos perdidos.

— Quase posso ouvir você pensando, Gwendolyn. — A mão mecânica do capitão se fecha em punho. — Fale agora, moça.

— Falar o quê? — Eu seguro. De repente, estou me sentindo muito desprotegida, ao lado dele sozinha ao luar, cercada por um navio cheio de meninos perigosos e o mar sem fim.

Ele me lança um olhar azedo. — Você sabe muito bem do que estou falando. Você está pensando na história, não é? Posso ver em seu rosto, claro como o mar em um dia calmo. — Ele se inclina um pouco para a frente, me desafiando. — Diga o que você quer dizer, para que possamos acabar com isso.

Eu prefiro não falar, mas ele não vai deixar isso passar. Eu lambo meus lábios e reúno toda a coragem que posso encontrar. — Se você for o Gancho... — Eu começo de novo.

— Sim? — Ele diz, zombando de mim mais uma vez. A diversão dança em seus olhos.

— Isso faria de você o cara mau — eu digo suavemente.

Ele não reage imediatamente, mas depois de um longo e silencioso momento, ele inclina a cabeça levemente no que pode ter sido um acordo. — Sim, faria.

Ele se afasta então, me dando espaço suficiente para que eu finalmente sinta que posso respirar novamente. — E há muitos que concordariam, Gwendolyn. Com o tempo, talvez você se inclua entre eles. — Ele se vira então para sinalizar para sua tripulação. — Embora alguns diriam que há muitos lados de uma história.

Dois meninos percebem seu chamado e começam a subir para o convés superior, onde estamos. Um é Will, o menino de cabelo castanho avermelhado que parece não gostar muito de mim. O outro é mais alto e parece tão zangado e severo. Seu rosto está marcado por uma tatuagem escura, uma linha preta

recortada que cruza a ponte de seu nariz, dividindo o rosto de cima para baixo. Outra tatuagem escura envolve seu bíceps nu.

Não tenho muito tempo e ainda não entendo o suficiente. Sem pensar no perigo, agarro o braço do capitão. Sob minha mão, as hastes duras que compõem seu antebraço parecem tão sólidas e inflexíveis quanto o metal que são. Quaisquer palavras que eu diria morrem na minha garganta.

— Sim? — O capitão me encara, seus lábios se curvando de irritação com a minha insolência, e algo sombrio, algo frio e perigoso, se move atrás de seus olhos. Naquele momento, não duvido dele. Naquele momento, acredito de todo o coração que ele é quem afirma ser. — Bem?

— Por que eu? — Eu sufoco. — Por que aquelas criaturas me trouxeram aqui? O que elas podem querer? — *E o que você quer comigo?* Tenho muito medo de perguntar.

— Eu não tenho a menor ideia, moça. — Ele diz enquanto tira minha mão.

Mas não irei parar ainda. Não até que eu faça a única pergunta que importa: — Você vai me matar?

Seus olhos estão sombreados, mas posso sentir seu olhar se movendo lentamente pelo meu corpo, observando o suéter muito grande, as dobras da calça muito grande, e depois subindo novamente antes que ele finalmente encontre meus olhos. — Não sou eu quem vai te matar, moça — ele diz suavemente. — Terra do Nunca fará isso muito bem por conta própria.

Ele recua abruptamente e se vira para o mar. Estou surpreendentemente ciente da perda. Sua atenção era como uma chama, me aquecendo, mesmo enquanto ameaçava queimar. Sua distância torna a noite muito mais fria, muito mais perigosamente vazia.

— Mas na história...

— Se eu fosse você — ele diz, voltando-se quase cruelmente, cortando minhas palavras — eu não depositaria minha confiança em histórias. Elas tendem a passar as mentiras como verdade e a esconder a verdade em suas mentiras.

Os dois meninos, William e aquele com o rosto tatuado, estão esperando a alguns metros de nós agora. Eles estão aqui por mim, mas não estou pronta para ser levada para baixo novamente.

— E Peter Pan — eu sussurro, uma centelha de esperança queimando em meu peito ao pensar em um possível herói. — Ele é uma mentira também?

O rosto do capitão fica tenso e sei que atingi um ponto nevrálgico. — Sim. Ele é a maior mentira de todas. — Ele se afasta de mim então, me dispensando com um aceno. — Aproveite sua estadia conosco, Gwendolyn. Enquanto dura.

— Mas...

O capitão não está mais ouvindo. Ele dá aos garotos que esperam um aceno conciso.

— Vamos, então — O garoto com as tatuagens diz, me pegando tão rudemente pelo braço que eu grito. Ele é mais atarracado do que Will, com cabelo que é a definição da cor castanha e olhos que parecem não me ver.

— Gentilmente, Devin — repreende o capitão. — Não há necessidade de ser duro.

Os ombros do menino grande caem com a reprimenda, mas ele não solta meu braço. Enquanto ele e Will me escoltam de volta para o convés principal e através da escada que leva abaixo, eu não encontro os olhos de nenhum dos meninos. Todos ficaram novamente em silêncio e parados para assistir nossa procissão.

A esta altura, o céu escureceu para um roxo machucado. A ilha está ficando mais difícil de distinguir. É visível apenas como um espaço vazio na faixa de estrelas de diamante espalhadas pela noite de veludo. Enquanto Devin me empurra em direção às escadas que levam ao convés inferior, eu dou uma última olhada para o céu aberto e noto as luas duplas pairando no alto.

Eu entendo então o quão longe eu estou e me pergunto se algum dia serei capaz de encontrar um caminho de volta.



Depois do mar, houve a marcha. E quando eles chegaram, finalmente, através de um labirinto de lama e pranchas instáveis, eles encontraram um terreno coberto de lama. O menino logo passou a odiar sua nova casa sob o solo - as trincheiras cavadas na terra como veias. Ele se perguntou onde seu irmão estava, se eles compartilhavam a mesma lama ou dormiam sob o mesmo céu. Mas ele ainda não estava com medo. Isso viria mais tarde, quando não houvesse nada que pudesse ser feito...



CAPÍTULO ONZE

Eles me conduzem para uma pequena cabine com uma cama estreita embutida na parede, mas não tenho qualquer intenção de dormir. Em vez disso, fico lá, ouvindo o navio, até tarde da noite. Em algum ponto, muito depois de os passos terem silenciado, um grito lamentoso rompe a quietude da noite. Sento-me, tentando descobrir de onde vem o som e o que pode estar causando isso, mas no final, não posso dizer se é um homem ou um monstro que solta aqueles gritos terríveis.

Eventualmente, a exaustão assume, e a próxima coisa que eu percebo é que estou acordando de um sono sem sonhos. No começo, estou completamente desorientada. O quarto não é familiar e, quando tento abrir a porta, ela está trancada. Pela fresta que serve de janela, mal posso ver o mar, e pelo ângulo da luz, posso dizer que já é de tarde.

Timidamente, faço um balanço da minha situação. Meu corpo ainda dói da provação que passei, mas meus olhos não estão tão inchados e minha dor de cabeça está quase no fim. A ferida na minha perna também parece melhor. Está vermelha e irritada, mas pelo menos está começando a sarar.

Ainda estou verificando o ferimento quando ouço um farfalhar no corredor. Curiosa, testo a maçaneta e descubro que a porta está destrancada. Eu a abro e encontro um menino com cabelo tão avermelhado quanto as sardas em suas bochechas.

Ele me entrega um prato de biscoitos protuberantes enquanto bloqueia a porta com seu corpo. — Desculpe, madame, mas você fica na cabine — ele proclama com uma timidez que não condiz com a responsabilidade de seu

posto. — Ordens do capitão — diz ele antes de fechar suavemente a porta na minha cara.

Acabei passando os próximos quatro dias presa naquela cabine enquanto um estranho desfile de meninos me trazia comida. A maioria dos meninos tendo as mesmas tatuagens escuras de Devin. Mas não posso dizer exatamente para que servem. Algum tipo de lealdade ao Capitão? Alguma marca de posição?

Todas as noites, fico acordada o máximo que posso, ouvindo os sons do navio adormecido, e todas as noites, muito depois de o navio ter silenciado, o mesmo grito de lamento quebra a quietude da noite.

Na quarta manhã, estou no meu limite. Os músculos das minhas pernas se contraem com a necessidade de me mover mais do que os quatro passos que compõem o comprimento do meu quarto. Então, quando o garoto de aparência macia e sardenta é quem me traz meu desjejum de biscoitos cheios de caroços, sei que é minha melhor chance de escapar.

— Café da manhã, madame. — Ele não encontra meus olhos enquanto espera que eu pegue o prato.

Hesito, querendo segurá-lo enquanto considero minhas opções. — Qual o seu nome?

Seus olhos se arregalam um pouco, como se eu o tivesse surpreendido ao falar. Lentamente, ele os levanta para encontrar os meus. Eles são olhos suaves. Olhos jovens. — Owen, madame — ele diz, empurrando o prato para mim novamente.

— Owen — eu digo, repetindo seu nome enquanto fico de pé. Ele se mexe nervosamente quando eu não aceito sua oferta imediatamente. — Onde estão seus pais, Owen? — Eu pergunto, finalmente chegando mais perto para pegar um biscoito do prato.

A confusão passa por seu rosto enquanto ele recua em direção à porta. — Eu tenho outras tarefas, madame. — Seus olhos fogem de mim enquanto ele fala. — É melhor eu voltar para elas — diz ele com um breve aceno de cabeça antes de sair da cabine. Mas ele está tão nervoso e assustado que não percebe a porta batendo no meu dedo do pé em vez de trancar com segurança.

Espero alguns minutos e, quando tenho certeza de que não há ninguém por perto, entro no corredor estreito. O navio range e zumbe com o ruído normal do dia e, quando sei que o caminho está livre, não hesito em subir o curto lance de escadas até o convés acima.

O sol está baixo no horizonte e, à minha volta, o navio fervilha de atividade. Ninguém parece notar que consegui escapar. Os poucos meninos que olham para mim desviam o olhar com a mesma rapidez, como se não se importassem. Ou talvez como se nem me reconhecessem.

— Bem, isso foi fácil o suficiente — digo para mim mesma, tentando não me preocupar que talvez fosse fácil *demais*. Vou pegar o que puder. Não que eu tenha ideia do que fazer a seguir, ainda estou em um navio. Ainda estou longe, no mar, e todos eles ainda estão armados.

Então talvez eu deva encontrar uma arma para mim.

Encontro um chapéu colocado em um barril e coloco o chapéu sobre meu cabelo curto. Tentando me misturar, vasculho o convés em busca de algum garoto descuidado o suficiente para não ter visto sua arma. Mas antes de encontrar uma, vislumbro a cabeça escura do capitão perto do centro do navio. Escondida atrás de uma das caixas, observo por um momento enquanto ele mostra a um dos marinheiros mais jovens como atacar alguém com uma adaga.

Ele parece tão à vontade ajudando a criança. Considerando o quão violenta é a lição, o rosto do Capitão está estranhamente relaxado, feliz

até. Quando o garotinho dá o bote corretamente e não consegue cair, o rosto do capitão se transforma em um sorriso largo e sincero. — Muito bem, Davey. — Ele ri enquanto bagunça o cabelo desgrenhado do garoto antes de mandá-lo praticar sozinho.

Mas antes que o próximo garoto possa dar a sua vez, um murmúrio abafado cai sobre o convés. Pensando que alguém me viu, eu me abaixo. Depois de um momento, porém, entendo que não fui eu que chamou a atenção deles. Ninguém está nem olhando na minha direção, porque todos os meninos se viraram para a parte de trás do navio. O convés se enche rapidamente com seus sussurros inquietos.

Quando me viro para olhar na direção em que a tripulação está olhando, vejo que uma garota com longos cabelos loiros está de pé tão majestosa quanto uma rainha no convés superior diretamente acima de mim. Suas calças creme ficam baixas em seus quadris e se ajustam a ela como uma segunda pele. Elas parecem feitas de couro mal curado e estão cobertas por costuras irregulares que cruzam suas coxas estreitas como uma teia de aranha. Ela também está vestindo um colete de pele desgrenhada tingido de cor de sangue. Não é a cor de sangue fresco e brilhante, mas o vermelho enferrujado do sangue que se tornou espesso e escuro.

Enquanto eu a estudo, percebo por que os meninos estão tão perturbados com sua presença: sob o colete, sua pele nua é um alabastro pálido e está coberta por uma trama de escamas opalescentes. As escamas parecem uma tatuagem intrincada, só que têm o brilho iridescente das asas de uma libélula. Ainda mais estranho, as escamas parecem estar mudando, movendo-se. As escamas individuais se fundem e se reformam em novas formas com um ritmo ondulante que faz com que a própria superfície de sua pele pareça

viva. Isso me lembra da ilha e da forma como as selvas estremeciam com a vida.

Uma coisa é terrivelmente clara: não há como a loira ser humana, e não posso deixar de me perguntar se ela também é Fada.

Mas há algo mais sobre ela... algo familiar.

Eu me abaixo novamente enquanto o capitão segue em direção à escada. — Inferno sangrento — ele murmura enquanto passa alguns centímetros do meu esconderijo, até onde a garota estranha espera por ele. Will está bem atrás dele.

— Fiona — ele a chama enquanto sobe os degraus. — O que sou eu para receber o prazer desta visita inesperada? — Ele não parece nada feliz em vê-la.

Eu olho para a loira. *Fiona.* O nome estranhamente combina com ela - bonito e exótico, assim como ela. *Não apenas linda,* eu acho enquanto minha pele arrepia em advertência. *Perigosa.*

Sua voz é baixa, mas o navio está tão silencioso que é fácil ouvir sua resposta. — Guarde seu charme para sua tripulação, Rowan. Venha. Devemos conversar. — Ela não espera que ele a siga até sua cabine.

O queixo do capitão fica tenso. Ele hesita apenas um momento antes de se virar e olhar o navio cheio de garotos quietos e silenciosos. — Continuem! — ele ruge, e os meninos voltam às atividades anteriores. Então ele segue Fiona através da porta pesada.

Silenciosamente, eu saio do meu esconderijo, me preparando para um ataque, mas nenhum dos meninos se incomoda comigo. Eu caminho o mais rápido que posso em direção à parte traseira do navio e subo correndo os degraus.

A porta do capitão não está completamente fechada e, quando me aproximo da abertura, posso ouvir vozes tensas vindo de dentro.

— Devo ter certeza absoluta. Se devo fazer o que você está sugerindo, preciso de provas — diz o capitão com sua voz suave e cadenciada.

— Você *não* quer acabar com ele, não é? — uma voz feminina que deve ser o zumbido de Fiona em resposta.

— Claro. Assim como você. Na verdade, acho que você pode querer um pouco mais, e é por isso que exigirei alguma garantia de que esta não é uma missão de idiota.

— Você já perdeu muito tempo, garoto — diz Fiona, sua voz como um ninho de vespas furiosas. — Se ele tirar a vida da garota, ele pode muito bem ser imbatível. Pense nisso enquanto hesita. — Eu ouço um chiado longo e ameaçador, e então um lampejo de luz vem de dentro, seguido rapidamente por um latido de surpresa de Will.

— Inferno sangrento — o capitão rosna. — Eu odeio quando ela faz isso.

— Esse piscar ou ser tão exigente? — Will pergunta.

— Ambos — o capitão diz simplesmente.

Depois de um momento de silêncio, Will fala novamente. — Você confia nela?

Há uma hesitação antes que o capitão fale. — Não. Mas não temos muita escolha. Eu vi seu braço, Will. Sei muito bem como você está tentando esconder a marca aí, e também sei que seu tempo está se esgotando rápido demais. Para muitos dos outros também.

— Mas se ela está errada... Se a gente atacar e não funcionar, ou se a menina não for o que pensamos, pode ser o nosso fim.

— Não vou discordar, mas se vamos hesitar e Fiona estiver certa, a morte pode ser o melhor que podemos esperar — diz o capitão.

Uma pausa momentânea se instala na conversa antes que Will fale novamente. — Sua mente está decidida, então?

Outro silêncio longo e tenso se segue, e não tenho certeza do que está acontecendo. Estou prestes a recuar quando a porta se abre de repente, surpreendendo-me o suficiente para que eu caia de volta no convés. Eu olho para cima para ver os dois parados acima de mim, parecendo tão rudes e irritados quanto os piratas que são.

— Quanto você acha que ela ouviu? — Will pergunta.

O rosto do capitão está impassível. — Ela deve ter ouvido o suficiente, tenho certeza. — Ele me imobiliza novamente com seu olhar penetrante. — Gwendolyn — ele diz agradavelmente. — Talvez você queira entrar comigo para um bate-papo?

É praticamente a última coisa que eu quero, mas ele já está me içando do chão com aquele punho de aço dele. — E, Will? — Ele grita por cima do ombro enquanto me empurra pela porta.

— Sim, capitão?

— Não devemos ser incomodados.

Quando a chamada foi passada como uma granada por suas linhas, o menino ficou com o resto, como um bom soldado faz. Eles se levantaram e se esperaram e, por fim, começaram a recitar versos para passar o tempo. Mas eles nunca terminaram, pois outro som os interrompeu e os paralisou...

CAPÍTULO DOZE

O capitão me arrasta para seus aposentos, e os sons do navio desaparecem quando ele bate a porta atrás de nós. — Minha mãe me ensinou que é rude escutar o que não fomos chamados para participar. Estou surpreso que a sua não lhe ensinou o mesmo. — diz ele, me puxando para o outro lado da cabine.

— Eu não quis...

— Claro que você quis — ele insiste enquanto me deposita em uma das cadeiras em forma de barril para enfatizar seu ponto. — Eu acho que depois de eu tirar sua bunda magricela do mar, você pelo menos me deve um pouco de honestidade.

Uma risada selvagem escapa do meu peito. Não tenho certeza se é porque ainda estou em choque por ter sido descoberta ou pelo absurdo do que o Capitão acabou de dizer, mas sua demanda fez soltar algo selvagem e temerário dentro de mim. — Honestidade? — Eu bufo, minha voz falhando com uma espécie de descrença histérica. — Você acha que devo *honestidade a* você?

A voz do capitão é baixa, quase agradável quando fala. — Eu não te alimentei e te protegi? Algum dos meus levantou a mão para machucar você? — Ele balança a cabeça. — Não. E isso é só por ordem minha. — Sua voz ficou mais sombria agora, e os aposentos antes espaçosos parecem subitamente menores, o ar subitamente dez graus mais quente. — Você ainda não está no meu navio? Você ainda não está *viva,* apesar de sua aparente incapacidade de autopreservação?

Acho que deveria estar intimidada. Eu provavelmente deveria estar me encolhendo na cadeira, implorando por minha vida, mas estou muito enlouquecida por estar trancada, sozinha por dias em uma cela minúscula, com nada além de meus pensamentos selvagens como companhia. Estou muito zangada para me sentir mais uma vez acuada e desamparada. — Eu sou a garota que você falava? — Eu pergunto em vez disso.

— O que? — A confusão ilumina seus olhos com a minha mudança inesperada de assunto. Seu rosto está tão perto do meu que posso ver o punhado de minúsculas sardas jogadas em seu nariz pontudo. Por um momento, ele parece quase vulnerável.

Eu engulo em seco e ignoro a vibração no meu estômago. Eu não vou me distrair. — Vocês estavam falando sobre uma garota — eu digo. — Você e Will, e... Espere. — Eu paro abruptamente e examino o quarto. A estranha loira nunca mais saiu. — Onde ela foi?

Sua boca se contrai enquanto ele se afasta de mim. A tensão que estalou momentos antes diminui com cada centímetro que ele coloca entre nós. — Fiona tem um jeito de entrar e sair quando você nem a espera nem a quer.

— Ela simplesmente desapareceu? — Eu pergunto, procurando no quarto por algum sinal dela.

— Ela *é* uma fada — ele fala arrastado. — Elas têm todos os tipos de truques à sua disposição.

Quando encontro a expressão confusa do capitão, sei que me distraí. Novamente. — A garota que você estava discutindo — eu digo, focando no que é realmente importante aqui. — Você estava falando sobre mim?

— Não é da sua conta, moça — ele diz sombriamente. — Mas o que eu gostaria muito de discutir é como você saiu de seus aposentos quando dei

instruções específicas para que permanecesse dentro deles. — Sua boca fica apertada e seus olhos se estreitam para mim.

Eu não respondo. Não tem sentido colocar Owen em problemas.

— Ah, então. Não quer conversar? Então eu acho que talvez já tenha passado da hora de você voltar para seus aposentos.

De jeito nenhum vou voltar para aquela cabine do tamanho de um caixão sem lutar, então me recosto na poltrona de veludo gasto e cruzo os braços. — Não, obrigada.

Ele pisca para mim, e eu não posso deixar de me perguntar se alguém já o desobedeceu tão descaradamente antes. Eu me preparo para o discurso que com certeza virá, mas de repente, ele está *rindo*. E não é o som zombeteiro e sarcástico que já ouvi dele antes. É uma risada real, cheia de surpresas inesperadas e divertidas.

Quando ele finalmente recupera o fôlego, ele enxuga os olhos e, em seguida, reorganiza o rosto com a expressão rígida e formal que eu esperava dele. — Você nunca deixa de me surpreender, moça, mas que coisinha que você é. Você realmente deveria ficar nos aposentos que eu te dei — ele diz, sua voz ficando mais séria. — Onde você estará segura.

— Como se você se importasse com o que acontece comigo. Você me trancou em um quarto e me deixou lá.

— Eu também arrisquei minha vida, e a vida de minha tripulação por sua vida, e por você quando a tirei do mar. Isso significa que você tem uma dívida comigo, e não sei se estou pronto para vê-la partir ou morrer até que nossa dívida seja paga. — Apoiando as mãos nos braços da cadeira em que estou sentada, ele me envolve com os braços. — Eu sei que você está tendo problemas para acreditar no que aconteceu com você, mas mesmo assim, você faria bem em ficar longe dos meninos, moça. Eles podem parecer crianças, mas

neste mundo, não há espaço para a inocência. Neste mundo, poucos são os que conseguem sequer começar a compreender o que significa a perda de uma vida. A maioria mataria você um dia e não se lembraria da sua existência no outro.

Eu engulo em seco. — Você é um deles?

Ele não responde de imediato. — Eu sei muito bem o que significa morrer, se é isso que você está perguntando.

Não é realmente o que queria escutar, mas uma batida urgente sacode a porta antes que eu possa pressioná-lo mais. O capitão ignora a princípio, mas quando os sons de batida ecoam novamente, suas sobrancelhas se juntam e ele se levanta, suas feições sombrias de irritação. Atravessando o quarto, ele abre a porta e encara o garoto do outro lado.

— John, pedi muito especificamente para não ser incomodado. — Suas palavras são calmas, mas trazem uma ameaça clara.

— Não há tempo, capitão. Ameaça a estibordo. — Os olhos do menino estão arregalados e dançam de medo e, se não me engano, de ansiedade. — Estamos sendo atacados.

O capitão pisca, assimilando a notícia em uma fração de segundo. — Então por que diabos você está parado aqui? Tire sua bunda daí e prepare-se!

Um sorriso brilhante, quase maníaco, divide o rosto do menino. — Sim, capitão. — E com uma saudação alegre, ele se foi.

— E você — ele me olha com um olhar furioso — Não tenho tempo de levá-la de volta à segurança de seus aposentos, então sente-se aqui e não faça nenhum barulho até eu voltar.

Ele se foi antes que eu pudesse responder, deixando-me desprotegida. Conforme o silêncio se instala na cabine, tento controlar minha respiração. Ele me deixou em paz e não tenho intenção de seguir suas ordens.

A princípio foi um som tão minúsculo que uma folha poderia ter caído sobre ele e sufocado. Mas à medida que se aproximava, o som se tornava mais distinto. E mais mortal. O menino procurou sua máscara...

CAPÍTULO TREZE

Eu não sei quem está atacando o navio, mas enquanto eles mantêm o capitão e seus meninos ocupados, eu não tomo muito cuidado. Mantendo um olho na porta para ter certeza de que ninguém mais está vindo, vou até a mesa. Eu sei que provavelmente é inútil. Muitas coisas estranhas e inexplicáveis aconteceram para eu realmente pensar que vou encontrar um rádio ou alguma outra pista sobre por que estou aqui, mas tenho que tentar. Tem que haver *algo*.

Estou puxando a primeira gaveta da escrivaninha, quando o navio estremece com tanta violência que tropeço no chão. Os papéis antes empilhados ordenadamente sobre a mesa esvoaçam ao meu redor, se acomodando como folhas espalhadas. Muitas das folhas contêm notas rabiscadas na mesma caligrafia estreita e inclinada, mas uma folha é o esboço de uma garota com rosto em forma de coração e nariz empinado e arrebitado.

Há algo familiar sobre ela, eu percebo, procurando em minhas memórias por algum indício de quem ela é. Por alguma razão, tenho a estranha sensação de que a *conheço*. Seus olhos em forma de corça olham para cima do chão, como se ela estivesse esperando lá o tempo todo que eu a encontrasse.

— Olivia — digo para mim mesma. A palavra parece estranha na minha língua no início, mas também confortável, como quem já disse uma centena de vezes antes. — Olivia — digo novamente, mais alto desta vez enquanto tento me lembrar de como eu conheço essa palavra e quem pode ser a garota nos desenhos.

Repito a palavra, o nome, eu percebo, uma e outra vez até que, por fim, a névoa da memória começa a se dissipar. Até que quase posso imaginá-a revirando os olhos enquanto me pega pelo braço e me puxa para seu grupo de amigos. A névoa em minha cabeça clareou um pouco mais, e eu a vejo melhor agora, me olhando com preocupação em uma rua escura de Londres.

Londres. É por isso que a loira no convés, Fiona, parecia tão familiar. Ela também esteve em Londres.

Não pode ser coincidência.

— Oh. — Minha respiração sai correndo de mim. Não pensei em Olivia desde a primeira vez que acordei neste navio e me distraí com as histórias do Capitão sobre Terra do Nunca.

Como isso é possível? Como pude ficar sentada naquela cabana solitária por dias e *nem uma vez* me perguntar se ela também foi sequestrada? Se ela estava em perigo ou se ainda estava viva?

O pânico se espalha pela minha pele quando eu percebo que não é apenas a memória de Olivia que está nebulosa, é tudo. Mal consigo imaginar minha vida antes, sinto que ela *pode* estar lá, enterrada em algum lugar no fundo da minha mente, mas não consigo me lembrar. Não consigo me lembrar da cor do meu antigo quarto ou dos corredores onde estudei. As poucas imagens que me vêm surgindo através da espessura do passado, turvas e indistintas, como bolhas chegando à superfície de um lago lamacento. E então as memórias afundam novamente, abaixo da superfície onde eu não posso alcançá-las.

Talvez eu tenha batido minha cabeça quando caí do céu, porque não importa o quanto eu tente, não consigo me lembrar muito do que veio antes dos Escuros. Mas quando meus dedos roçam as pedras frias em meu pulso, sua cor cinza-azulada me lembra de outra coisa....

Olhos. A cor das pedras me lembra o azul-acinzentado dos olhos sempre tempestuosos de minha mãe.

Eu fecho meus próprios olhos e tento trazer seu rosto em foco, mas não consigo lembrar suas feições ou qualquer outra coisa. Tudo o que consigo lembrar é a cor suave e turva de seus olhos e o halo vermelho brilhante de seus cabelos.

A compreensão me faz ficar fria. Se eu esquecer o mundo de onde vim, nunca mais voltarei. Eu afundo no chão e pego a folha de papel com o rosto de Olivia. Preciso sentir o papel sólido e real em minha mão. Não vou me deixar esquecer de novo.

Se ele tirar a vida da garota, ele será imbatível, Fiona disse.

Ela disse "ele", não "você", quando estava conversando com o capitão. Talvez eles não estivessem falando de mim, afinal. Talvez Olivia fosse a garota que eles estavam discutindo. O que significa que Olivia pode estar aqui, neste mundo também. E se *isso for* verdade, se ela é a garota de quem Fiona estava falando, provavelmente está em perigo.

— Onde você está agora? — Eu digo para a imagem enquanto o navio se move embaixo de mim novamente. Lutando para ficar de pé, agarro a mesa, mas mal estou de pé quando ouço um som que me faz ficar imóvel.

Um farfalhar familiar preenche o ar, crescendo continuamente enquanto seu zumbido metálico passa contra minha pele. Minha garganta fica apertada quando as sombras escuras nos cantos da cabine começam a vacilar e balançar. Eles deslizam das paredes, como se estivessem derretendo no chão, e então começam a se esgueirar, quase como uma cobra, em direção ao centro da sala, onde começam a se acumular e inchar.

Ignorando o gosto metálico do medo na minha língua, engulo meu pânico crescente e coloco o desenho no bolso enquanto corro para a porta.

Fora dos aposentos do capitão, sou assaltada pelas imagens e sons do caos da batalha. Dois longos barcos a remos pararam ao lado do navio e, deles, os meninos ainda estão subindo para o convés principal. No entanto, esses meninos são fáceis de distinguir dos do capitão, eles estão sujos e vestidos com uma variedade de roupas esfarrapadas e peles desgrenhadas que me lembram as de Fiona.

Os meninos, do capitão e esses novos, estão por *toda parte*, e cada um está lutando com uma habilidade cruel que me deixa sem fôlego. Não sei o que fazer exatamente. Minha mente dispara enquanto vejo o caos, e acho que se conseguir chegar a um daqueles barcos, posso tentar fugir.

Mas eu mal desço os degraus que levam ao convés principal quando dois meninos grandes me encurralam contra a amurada do navio. Seus rostos estão pintados com o que parece lama escura em flocos, então as únicas características que consigo distinguir são o branco de seus olhos planos e sem emoção. Um dos meninos está sem a metade inferior do braço. Não há sangue, no entanto. Parece que a pele onde termina o braço ficou preta e a metade inferior simplesmente quebrou.

Como ainda estou tentando entender o que estou vendo, não noto outro garoto vestido com peles esfarrapadas se movendo em minha direção. Em um instante, ele me prendeu com força contra seu corpo fedorento, e seu antebraço forte está pressionando meu pescoço para me segurar no lugar.

— Capitão! — A voz próxima é familiar, mas não consigo definir o nome do garoto de cabelos cor de areia a quem pertence. — Eles pegaram a garota!

Do outro lado do navio, vejo o Capitão. Ele é, talvez, o mais cruel de todos, com o rosto contorcido de raiva enquanto suas lâminas duplas cortam tudo, e quem quer que, esteja em seu caminho. Ele se vira para o chamado do menino e, quando vê o que aconteceu, ele para de repente.

— William, Wren, Arthur! — Ele mergulha de volta na luta, sua lâmina cortando profundamente o garoto que estava prestes a atacá-lo. O pequeno corpo estremece e então cai, sangrando sua vida no convés, mas o capitão apenas pisa nele. — Peguem ela!

Enquanto os meninos do capitão se voltam para os dois que me encurralam, eu me contorço e chuto o aperto de ferro do menino que está comigo, mas não consigo me livrar.

Os três meninos que o capitão enviou, Will e dois que não reconheço, circulam os dois atacantes. Seus pequenos dentes brancos estão à mostra e suas lâminas afiadas estão prontas para atacar. Em qualquer outra situação, três contra dois pode não ter sido uma luta justa, mas os dois meninos maiores lutam sujo.

Em um piscar de olhos, meus captores atacam os meninos do capitão. Suas lâminas cantam com a violência da batalha, e não demora muito para que eles batam em meus salvadores. Com uma estocada violenta, um de meus atacantes pinta um talho carmesim brilhante no peito do menor membro da tripulação do capitão.

A fita escarlate rasteja por sua camisa enquanto o menino desmorona no convés, com os olhos arregalados de choque. Mas o espanto do menino caído é mais do que apenas a dor de seu ferimento, é como se ele de repente tivesse entendido que sua esgrima *sempre* foi mais do que apenas um jogo de fingimento.

O outro garoto do capitão observa a mancha escura se espalhar sob o corpo de seu amigo enquanto Will continua a repelir meus agressores. Mas quando o menino caído fica imóvel, as feições do menino vivo endurecem, uma mudança sutil que estreita seus olhos e curva seus lábios em um sorriso de escárnio assassino. Com um grito ensurdecedor, ele se lança mais uma vez

para a luta para ajudar Will, sua ira focada menos em me libertar do que em destruir o garoto que matou seu amigo.

Seu ataque é tão brutalmente inesperado que sua pequena adaga facilmente encontra seu alvo. Com um golpe violento, ele força a lâmina profundamente na barriga de quem matou seu amigo. Então, com os olhos queimando de fúria, ele se vira para ajudar Will a acabar com meu outro captor.

Aquele que me pegou parece entender que seu amigo provavelmente não vencerá dois tripulantes do Capitão, e ele começa a se afastar da luta. Aos poucos, ele me arrasta pelo convés. Em direção aos barcos.

Eu luto violentamente para me afastar dele, puxando com toda a minha força sua manga coberta de sujeira e chutando suas pernas. Mas ele está pressionando o braço com tanta força contra minha garganta que mal consigo respirar. Minha visão já está começando a escurecer nas bordas e meus pulmões estão gritando por oxigênio.

Então, no momento me que eu acho que não consigo ficar consciente por mais um momento, o corpo do menino fica rígido. De repente, ele me libera de seu domínio.

Ofegante, caio de joelhos e, quando me viro para olhar para cima, vejo o que o fez me soltar: ele foi esfaqueado. A ponta de uma lâmina escura se projeta de sua barriga. Em torno dele, floresce sangue. Suas mãos trêmulas agarram a lâmina, como se ele estivesse tentando empurrá-la de volta, mas é tarde demais. Seu corpo dá um puxão violento quando outra pessoa puxa a lâmina, e o sangue jorra de sua boca quando seus joelhos cedem e ele cai no convés.

Atrás dele, o capitão está de pé, sua lâmina revestida com o sangue escuro do garoto. Seus olhos se fixaram mortalmente em mim.

— Levante-a daí. — A voz do capitão está rouca de exaustão e temperamento mal controlado.

A batalha já está morrendo enquanto braços magros, mas fortes, me levantam do convés. Mas não consigo tirar os olhos do corpo enrugado do menino aos meus pés. Nem importa se ele estava me machucando, ou que ele teria tentado me levar.... Eu nunca vi alguém morrer. E sua morte foi tão violenta que não consigo parar de tremer.

— Quantos perdemos? — A voz do capitão é brutalmente fria.

— Apenas quatro, incluindo Wren — Will diz, acenando com a cabeça em direção ao garotinho que morreu tentando me salvar. — O pequeno Davey está ferido, mas pode sobreviver.

Um garoto alto de pele escura com cabelos trançados como cobras se aproxima. Ele está sangrando de um corte acima do olho e parece quase em estado de choque ao observar a carnificina no convés ao seu redor. — De onde todos eles vieram? — Ele pergunta, sua mão trêmula enquanto ele limpa o sangue escorrendo em seus olhos.

— De onde você acha? — O capitão olha para o convés, sua expressão sombria. Seu cabelo se soltou e cai indolentemente sobre a testa. Eu estava errada, seu cabelo assim não suaviza sua aparência em nada. Na verdade, isso o faz parecer ainda mais perigoso. — Queimem seus barcos. Então lidaremos com aqueles que permanecerem.

— Mas por quê, capitão? — outro dos meninos perguntou. – Nunca fomos atacados assim antes, nem em plena luz do dia e nem no meio do mar.

Ele olha para Will e então para mim, aqueles olhos escuros dele tão frios e escuros quanto o mar à espera. — Essa é a questão, rapazes — ele diz enquanto coça o queixo distraidamente com a ponta da lâmina, mas pelo jeito que ele está focado em mim, temo que ele já tenha sua resposta.

Após o ataque, quando apenas uma luz cinza pálida se filtrava sobre a terra vazia, nada se moveu lá. Nada parecia respirar. O menino desejou que alguém o tivesse advertido do medo com gosto de gás mostarda - de lilases e raiz-forte...

CAPÍTULO QUATORZE

Nuvens pesadas cobriam os céus, e o ar estalou com um novo frio agora que estávamos navegando. A ilha, que antes não passava de um ponto no horizonte, desapareceu ao longe. Recebi roupas novas para substituir as que estavam salpicadas com o sangue do menino, mas não são tão quentes quanto o suéter pesado que eu estava usando antes, e não conseguia evitar tremer.

Ou talvez fosse mais do que frio que me deixou tremendo. Quando troquei de roupa, encontrei o desenho amarrotado de Olivia e me lembrei novamente de como facilmente a esqueci. Como ainda é fácil deixar a ideia dela, e a memória de quem eu era, escapar.

O capitão está parado perto de mim, observando o progresso de sua tripulação para limpar o sangue do convés e consertar o navio. Ele trocou sua roupa manchada de sangue por um casaco limpo de estilo militar com uma fileira dupla de bolsos grandes na frente. Deve ter desbotado para aquele verde acinzentado e monótono há muito tempo, pelo que parece. Seus cotovelos estão gastos e remendados, e a gola direita, que há muito perdeu o botão que antes a prendia no lugar, tomba indolentemente sobre seu ombro com o vento forte.

Tiro a folha de papel dobrada do bolso. — Esta é a garota de quem você estava falando com Fiona? — Eu pergunto, observando sua reação.

Ele enrijece quando olha para o desenho, mas então ele se vira para mim depois de um momento. — Você estava olhando meus pertences?

— Você me deixou sozinha em seus aposentos. O que você achou que eu ia fazer?

Sua boca fica apertada, mas ele não diz nada. Ele apenas fica olhando para mim com aquela expressão indecifrável dele.

— O nome dela é Olivia — digo a ele, concentrando-me na sensação da palavra na minha língua, na forma como soa antes de ser levada pela brisa. — Ela estava em Londres comigo, quando fui levada. O que você está fazendo com um desenho dela?

Ele coça distraidamente a nuca escura em sua mandíbula. — Essa Olivia — Ele pergunta, ignorando minha pergunta. — Você diz que ela é do seu mundo?

Eu confirmo.

— Você tem certeza disso... você se lembra?

Eu cerro meus punhos. — Eu não lembrei no começo. A imagem ajudou.

Suas sobrancelhas se juntam e seus olhos escuros me estudam por um longo momento antes de responder. — Estou surpreso que você tenha se lembrado, moça. A maioria dos meninos não se lembra de absolutamente nada do seu mundo, não importa quantas histórias eu conte a eles sobre isso. — Ele estreita os olhos para mim, mas estou me acostumando tanto com seus olhares meio ameaçadores que é bastante fácil ignorar este.

— Eles são todos do meu mundo?

A boca do capitão se aperta quando ele dá um aceno conciso e confirma meus temores. — Não que seja mais do que uma história para eles agora. Tudo o que eles são é o que se tornaram.

Penso em Owen e em como ele ficou confuso quando perguntei onde estavam seus pais, e me pergunto se é possível esquecer isso completamente. Eu poderia realmente me tornar como os meninos neste navio, todos pensando que Terra do Nunca, ou seja lá o que este mundo estranho possa ser, é o único lar que eu já conheci?

— Não vou esquecer Olivia de novo, não vou esquecer nada disso — digo, determinada. Mesmo enquanto luto para me agarrar aos fragmentos de memória que consegui agarrar.

— Como você logo descobrirá, Gwendolyn, tudo sobre este mundo inspira o esquecimento. Se você sobreviver por tempo suficiente, Terra do Nunca a tentará a abandonar a vida que você conhecia antes, para trair tudo que você acreditava que era.

— Foi isso que aconteceu com você? — Eu pergunto.

Mas sua expressão fica dura e ele se vira, descartando a pergunta e a mim de uma vez.

— Espera! E a garota... Olivia?

Ele se volta. — Então e ela?

— Você pode me ajudar a encontrá-la?

Ele balança a cabeça ligeiramente. — Receio que não, moça. Não vou arriscar mais meus rapazes. Estamos indo para o mar, além do alcance de mais ataques.

— Mas Fiona disse...

— O jogo mudou — diz ele simplesmente. — Pan nunca arriscou um ataque tão descarado antes. E se ele está com sua amiga, como Fiona acredita, ela já está perdida. — Suas palavras são tão diretas, tão absolutas, não tenho dúvidas de que são definitivas.

— Pan? — Eu pergunto, e não consigo parar de olhar para o que resta da carnificina da batalha. Manchas escuras ainda mancham o convés. Os meninos ainda gotejam sangue de feridas vazando ou espiam de olhos inchados. — Mas na história...

— Eu tentei te avisar que você não está em nenhuma história — ele retruca. Então ele me pega pelo braço e me conduz para longe da grade do convés superior, para longe dos olhos famintos dos meninos abaixo.

Eu me afasto dele. — Você me disse que estou em Terra do Nunca. Você disse que há fadas e agora está me dizendo que Peter Pan atacou seu navio. Isso soa muito parecido com a história para mim.

Seu temperamento é uma coisa viva, mas ele se mantém sob controle. — Tudo isso pode ser verdade, mas seja o que for que você possa saber da história do Sr. Barrie, é melhor esquecer, moça — ele diz, seus olhos tão afiados quanto sua voz. — Neste mundo, a história não pertence ao Sr. Barrie, mas a Pan. As histórias que você pode conhecer têm muito pouca relação com o que acontece aqui. Talvez o Sr. Barrie tivesse alguma forma de conhecer esta terra. Talvez este mundo seja de onde suas histórias vieram. Mas seja qual for o caso, as histórias em seu mundo não são nada comparadas com a verdade *deste*. Aqui, Pan usa a história para seus próprios propósitos.

— Como você fez. — Não posso deixar de pensar nos meninos que sangraram e morreram por ele hoje. Penso no menino que ele matou para me salvar. *Para me manter prisioneira,* eu percebo com um sobressalto.

Ele pisca para mim, como se não esperasse aquela resposta, mas sua expressão fica plana, ilegível. — Como você mesma disse, Gwendolyn, eu sou o vilão.

Antes que eu possa dizer qualquer outra coisa, o capitão se foi, seus passos largos o levaram pelo convés superior e escada abaixo em direção ao mastro principal do navio. Quando vou segui-lo, meus dois guardas me puxam de volta.

— Tragam os prisioneiros! — Grita o capitão.

Por todo o convés, os meninos se mexem, agitados, como se algo estivesse para começar. O capitão vira a gola puída do casaco contra o vento e observa alguns dos meninos mais velhos conduzindo o grupo de cativos para a frente no convés abaixo. Cada um dos prisioneiros tem as mãos amarradas nas costas. A maioria deles ostenta olhos enegrecidos e inchados ou narizes com crosta de sangue seco.

Eu não consigo superar o quão jovens eles parecem sob seus rostos machucados. Ou quão apavorados.

Não que eu os culpe. O rosto já severo do capitão parece de alguma forma ainda mais feroz quando ele os examina. Muitos dos olhos inchados o seguem enquanto ele atravessa o convés, observando cada movimento seu, como cães que foram chutados muitas vezes pelo dono.

— Vou lhes dar a mesma escolha que dou a qualquer pessoa que for trazida a bordo do meu navio — diz ele em voz alta o suficiente para que todos no navio o ouçam. Isso, entendo implicitamente, é uma exibição destinada à sua tripulação, bem como aos prisioneiros. — Vocês podem se juntar a nós e jurar sua lealdade, e eu juro pela minha vida e honra protegê-los como meus. — Ele faz uma pausa, olhando para cada um e deixando suas palavras se estabelecerem. — Ou vocês podem andar na prancha.

Andar na prancha? Ele não pode estar falando sério.

Mas ninguém mais parece achar engraçado o que ele está dizendo.

— Você aí. — O capitão aponta sua lâmina para um dos garotos mais velhos que está fazendo questão de não prestar atenção, um cara atarracado que é alto e largo o suficiente para jogar de linebacker no futebol americano. Ele é o maior e mais arrogante dos cativos e não parece perceber que deveria estar escondendo seu desdém. O garoto de pele escura com

tranças grossas empurra o garoto para frente até que ele fique na frente da linha.

— O que será, cara? — O capitão pergunta. — Você vai se juntar a nós?

O menino não hesita. — Cai fora — diz ele, dando ao capitão um movimento brusco de seu queixo. — Eu não vou me juntar a nada seu. Entendido. *Companheiro?*

O Capitão inclina a cabeça, examinando o menino como se ele não fosse melhor do que uma barata na despensa. O capitão se vira contra ele e, com um movimento tão rápido que o menino não poderia ter previsto, ele bate com o punho coberto pela luva no estômago do menino. O menino cai com força, seu gemido ecoando no vento enquanto ele se curva, incapaz de segurar o estômago com as mãos amarradas como estão.

Recuando, o capitão observa com desgosto mal disfarçado enquanto o menino se contorce no chão, tentando desesperadamente recuperar o fôlego. Quando está quase parado e sua respiração está mais difícil do que irregular, o menino tenta se ajoelhar. Mas enquanto ele luta, o capitão se agacha e levanta a cabeça do menino pelos cabelos. O menino tenta se desvencilhar, mas o aperto do capitão é muito forte.

— Vou perguntar mais uma vez, rapaz — ele diz, sua voz sendo carregada pelo vento. — Você vai se juntar a nós?

O menino encara o capitão, suas narinas dilatadas de raiva ou dor ou alguma combinação das duas coisas. Depois de um segundo, ele franze o rosto e, com algum esforço, lança uma gota de cuspe diretamente no rosto do capitão.

Os meninos no convés se mexem inquietos enquanto um murmúrio se espalha pela multidão, mas o capitão não reage. Ele deixa o menino cair no convés enquanto limpa a saliva da bochecha com um lenço do bolso.

— Entendo — diz o capitão, e não consigo parar o suspiro que escapa quando ele inesperadamente dá um chute violento no estômago do menino. Tomando tempo para dobrar o pedaço de tecido em um triângulo preciso, ele o coloca de volta no bolso enquanto o menino se contorce de dor a seus pés.

Com o lenço escondido, ele dá um leve aceno de cabeça. Will e o garoto com os dreads avançam e flanqueiam o prisioneiro. Juntos, eles colocam o garoto ainda gemendo de joelhos e jogam sua cabeça para trás, forçando-o a olhar para o capitão.

— Vamos tentar mais uma vez, vamos? — O capitão puxa sua longa lâmina triangular de sua bainha e passa a ponta dela ao longo da garganta do menino. — É como eu disse a você, rapaz. Você tem duas opções: pode se juntar a nós ou pode ir embora. — Seu tom é calmo, quase coloquial, enquanto ele aponta para o mar.

Alguns dos outros prisioneiros na fila choram, mas o capitão não lhes dá um olhar. O garoto desafiador afasta a cabeça dos dois que o seguram e encara o capitão com uma fúria fria. — E é como eu disse a você — ele zomba, — *cai fora.*

O capitão o estuda por um momento, com as costas rígidas e retas. — Sua escolha, rapaz. — Ele olha para os dois garotos que prendem o prisioneiro. — Gareth, Will, talvez vocês possam escoltar nosso convidado para fora do navio?

Os dois segurando o menino acenam com a cabeça, quase em uníssono, e começam a arrastar o prisioneiro para o baluarte do convés inferior. Enquanto puxam o garoto atarracado, o capitão olha para mim. Não consigo ler a emoção em suas feições. Eu não posso dizer se é o cansaço da batalha ou arrependimento pelo que ele acabou de fazer que o faz parecer tão

esgotado. Ele não se preocupa em observar o progresso dos meninos ou oferecer ajuda, no entanto. Em vez disso, ele sobe os degraus de volta para seu poleiro próximo a mim no convés superior.

O menino não vai com facilidade. A princípio, ele desaba no convés, tornando-se um peso morto, mas não funciona. Pouco a pouco, Will e Gareth o arrastam para o baluarte do navio. Quanto mais perto o menino chega, mais ele começa a entrar em pânico, suas pernas se sacudindo desesperadamente para encontrar um apoio para os pés, seu rosto ficando branco como as velas que voam acima de nós.

Eu entendo seu pânico. Eu sei muito bem o que é ser arrastada contra a sua vontade. Como é sentir o medo fechando sua garganta. E eu sei o quão fria, escura e mortal essa água pode ser.

— Capitão! — A voz do menino falha. Seus olhos estão selvagens de medo agora. — Capitão, por favor! Eu reconsiderei.

Solto um suspiro quando ouço suas palavras, aliviada por ele finalmente ter decidido se salvar. Mas o capitão não se move. Nenhum músculo de seu rosto mostra qualquer sinal de amolecimento.

— Por favor! — O menino está praticamente gritando agora, soluçando, e seus gritos ficam mais desesperados a cada centímetro que ele é puxado para mais perto da grade. Além, o mar está calmo. Esperando.

— Vá com Deus, rapaz. — Murmura o capitão, fazendo uma pequena saudação ao menino.

As pernas do garoto perdem o controle com as palavras, e uma mancha molhada se espalha na frente de suas calças, mas ainda assim Will e Gareth o arrastam para a amurada do navio.

— Não! — Estou me movendo antes de pensar melhor, me afastando dos dois meninos que deveriam estar me protegendo antes mesmo de saberem o que está acontecendo. — Você não pode fazer isso. — Pego o braço do capitão.

Ele se vira para mim, seus olhos se estreitam, viciosos. — Não posso?

Percebo meu erro instantaneamente. Claro que ele pode. Este é seu navio, seu mundo, e ele é o comandante dele. — Mas ele mudou de ideia — eu digo, ouvindo o quão fracas as palavras são.

— Ele mudou? — Os olhos escuros do capitão viajam até onde estou segurando seu braço. Ele não me solta, no entanto. — Eu me pergunto. Pessoas desesperadas tendem a dizer quase tudo agora, não é, moça?

— Por favor. Você pode dar a ele outra chance. Você pode mostrar misericórdia.

— Misericórdia — ele zomba, sua expressão estranhamente calma. — Foi misericórdia o que ele mostrou quando veio ao meu navio para matar a mim e aos meus rapazes? É dessa *misericórdia* que você fala? — Ele pergunta, balançando a cabeça como se já negasse as palavras. — Eu dei a ele sua chance. Dei a ele três, na verdade, e ele não quis. — Ele me sacode então. — Agora os outros vão.

— E se ele não sabe nadar?

— O que é que as suas histórias lhe contam? Algo sobre a morte ser uma grande aventura? — Afastando-se de mim, o capitão acena com a cabeça bruscamente, e os dois que o seguram jogam o menino no mar.

— Não! — Eu pulo em direção à grade, mas os braços do capitão estão em volta de mim antes que eu possa saltar. O calor de seu corpo me cerca e estou presa contra sua forma esguia. Ele pode não ser um gigante, mas também não é um menino suave. Cada centímetro dele está pressionado em cada

centímetro de mim, e cada centímetro dele é um músculo inflexível aprimorado por quem sabe quanto tempo no mar.

— O que você estava pensando em fazer, Gwendolyn? — Sua voz é suave, áspera no meu ouvido. Seu hálito quente contra meu pescoço. — Você acha que pode salvá-lo? Ele, muito maior do que a garota que você é.

Eu deveria lutar. Eu deveria me afastar dele e deixar claro o quão desagradável o considero. Mas eu não posso. Sua voz envolve meu cérebro, e o calor dele, a solidez de seu corpo contra o meu, de repente é muito real. Muito imediato para eu processar. Ele ri então, baixinho, como se soubesse o quão fraca eu sou, e o som disso ressoa em seu peito e em cada uma das minhas terminações nervosas.

E eu me odeio por ser tão fraca. Porque a verdade é que o capitão está certo, eu nunca teria sido capaz de puxar a forma volumosa do menino para um lugar seguro.

— Ele mudou de ideia. — Digo novamente, desejando que isso fosse o suficiente para poupar sua vida. Sabendo que não era.

— Ele fez sua escolha, moça. Muito antes de ele colocar os pés no meu navio.

Com um ruído estalado, o menino vem à superfície e quase fico inerte de alívio.

— Ah, parece que ele sabe nadar — canta o capitão em meu ouvido. — Não que isso vá ajudar. — Sua voz está tão vazia, tão desprovida de qualquer sentimento, que viro minha cabeça para olhar para ele. As feições de seu rosto estão endurecidas, sua mandíbula com sua barba escura está tensa, sua boca uma linha tão plana e inflexível quanto o horizonte. E seus olhos ainda estão fixos na água.

— O que você me... — Mas o som da água agitada chama minha atenção de volta para o mar e para o menino. À sua volta, o mar borbulha. — O que é isso?

— As irmãs. — Posso sentir os olhos do capitão em mim. — Bruxas do Mar — diz ele quando encontro seu olhar firme. — Elas são um pouco como sereias.

— Sereias? — Não sei dizer se ele está falando sério.

— Só um pouco — ele diz, mas sua atenção já está de volta à água.

Confusa, também encaro. O menino se foi, mas a água não para de agitar. Enquanto eu observo, a superfície fica com um tom rosa escuro e enferrujado.

— Em seu mundo, existem histórias de pessoas capturando sereias para os desejos que acreditam realizar. Mas neste mundo, as Irmãs não tratam bem aqueles que invadem sua casa. — O distanciamento usual do capitão se foi, sua voz tensa, e tenho a sensação de que ele não é tão indiferente quanto sua expressão dura sugere.

— Desejos — eu repito estupidamente.

— Sim. Os desejos do coração. Embora o desejo humano seja uma coisa tão fraca, Gwendolyn. — Seus lábios estão tão perto de mim agora, eu juro que posso sentir o calor deles contra meu pescoço.

— Assim é? — Eu sussurro, engolindo em seco, me forçando a ficar completamente imóvel.

— É — ele murmura, sua voz tão áspera quanto as ondas. — Oh, pode queimar e irritar, mas raramente devora uma pessoa. Não completamente. Neste mundo, porém, o desejo é um pouco mais perigoso. Neste mundo, moça, mais frequentemente tudo é assim — seus

lábios tocam meu pescoço então, suavemente, como uma oração — tudo consome, — ele sussurra contra minha pele.

Fecho os olhos, tentando bloquear suas palavras, o calor de seu corpo, o tempero dos cravos em seu hálito, mas não funciona. Ele está muito perto, *muito* para eu ignorar.

Mas então o momento acabou. O Capitão me ajusta em seus braços, deixando algum espaço entre nós enquanto dá uma pequena saudação às ondas. Quando olho na direção de sua saudação, sinto como se minhas pernas tivessem acabado de correr dezesseis quilômetros. Os torsos de três figuras com pele da cor de um cadáver inchado estão saindo da água rosada. O cabelo grudado em suas grandes cabeças me lembra algas emaranhadas. Com grandes olhos amarelos e fileiras de dentes em forma de adaga que brilham em bocas bem abertas, elas são talvez as coisas mais horríveis que já vi.

Elas vão embora tão rapidamente quanto apareceram, e quase posso me convencer de que não estiveram lá. Exceto pelos pedaços que não me permito identificar flutuando na água rosada.

Sem aviso, estou livre. Os braços do capitão se foram, e apenas o corte frio do vento do mar está lá para me encontrar quando tropeço de surpresa com sua ausência.

— Agora então — o Capitão diz, fazendo seu caminho mais uma vez para o topo da escada. Com as mãos nos quadris, sua silhueta é nítida contra o sol poente. Ele leva seu tempo olhando para os prisioneiros, que estão esperando, boquiabertos, lá embaixo. — Qual de vocês vai se juntar ao seu amigo? — ele grita, parando por um longo e desconfortável momento enquanto a implicação de suas palavras cai sobre o convés. Lá embaixo, os olhos dos meninos se arregalam de medo. — E qual de vocês vai se juntar a *mim*?

Os cativos entram em erupção, todos clamando para serem os primeiros a se alistarem como tripulantes do navio. Todos eles já gritando sua lealdade.

— Foi o que pensei — murmura o capitão, olhando para mim. Ele sorri então, um sorriso malicioso que de alguma forma transforma a severidade de seu rosto. Seu sorriso vacila um pouco, porém, quando eu não respondo da mesma maneira.

Ele começa a se virar, me dispensando novamente, e algo estala.

Memórias vêm à tona em minha mente. Os detalhes são indistintos, mas as emoções por trás delas são potentes. Toda a minha vida me senti assim, presa, sem poder. Mudei-me porque minha mãe disse que precisávamos, segurei nossas vidas quando ela estava desmoronando, porque a alternativa, contar a alguém, conseguir ajuda, significava arriscar tudo. Mas minha mãe está a um mundo de distância agora. Essa vida se foi. Mesmo agora, mal consigo trazer os detalhes disso, e não sinto que haja muito a perder.

— E quanto a mim? — Eu exijo, chamando sua atenção de volta. Não sei se é o corte do vento ou o que acabei de testemunhar, se foi a maneira como meu sangue zumbia com sua proximidade antes, ou o cálculo frio em seus olhos agora, mas não consigo parar de tremer.

Ele levanta a sobrancelha ligeiramente, zombando de mim. — E você, moça?

— Você precisa da minha lealdade também? Ou você vai me jogar para aqueles monstros?

Os olhos do capitão escurecem, seu rosto é uma máscara sem emoção. Ele me mede de onde está, a apenas alguns metros de distância, sua mão mecânica fechando-se em um punho enluvado. — Não, Gwendolyn — ele diz suavemente, sua voz rouca e cheia de uma desolação que faz meu corpo inteiro ficar quieto. — Não é a sua fidelidade que eu quero.

Durante semanas, o menino avançou ao longo dos dias, tentando entender o estranho mundo novo em que se encontrava. Há muito ele percebeu que não era a grande aventura que esperava. Ele não encontrou seu irmão. Em vez disso, ele encontrou um suprimento infinito de lama, piolhos e homens com olhos como lâminas velhas, afiados o suficiente para serem perigosos...

CAPÍTULO QUINZE

A voz do capitão ecoa em meus ouvidos enquanto luto contra Devin e outro garoto que ajuda a me agarrar. Eu chuto e me contorço, mas não adianta. Eles facilmente me vencem e, em questão de instantes, estou sendo carregada pelo convés e para dentro do navio. O capitão nunca olha para trás. O vento levanta seu cabelo, mas ele parece tão imóvel quanto uma estátua contra o céu escuro e o mar perigoso além.

Depois que os meninos me colocam no convés inferior, não posso impedi-los de amarrar minhas mãos atrás das costas ou de me jogarem sem cerimônia no chão da cabine.

— Ordens do capitão — Devin diz friamente, e então ele fecha a porta atrás de si com um violento estalo do trinco.

Sem janelas de verdade na cabine em forma de cela, o pequeno espaço é escuro e fechado. Eu luto para me levantar, o que não é uma tarefa fácil com minhas mãos amarradas com tanta força atrás de mim. Assim que estou de pé, tento abrir a porta. Está trancada de novo, mas jogo meu ombro contra ela e grito para alguém me deixar sair de qualquer maneira.

Ninguém vem. Ninguém responde. E depois de um tempo, meu lado dói e estou ofegante de frustração e medo. Porque não sei o que o capitão poderia querer de mim.

Sento-me na cama, tentando me ajustar, mas é impossível encontrar uma maneira confortável de sentar ou deitar com os braços amarrados como estão. Tudo o que posso fazer é esperar, meus ouvidos atentos e alertas ao som

de passos do lado de fora da porta. Para avisar que alguém está vindo atrás de mim.

Mas a espera é interminável e mesmo com a dor em meus braços, meus olhos eventualmente começam a ficar pesados. E o lento balanço de um navio rumo ao mar aberto me induz a um sono sem sonhos.

• • •

Acordo com uma dor aguda no braço. Ela lateja com cada batimento cardíaco, um pulso constante e penetrante que dói do ombro ao pulso. Minha cabine agora está completamente escura e minha cabeça está confusa de sono. O navio inteiro está silencioso, então sei que deve ser muito, muito tarde.

Tento me sentar, mas não consigo encontrar apoio suficiente no começo. São necessárias algumas tentativas de balançar para frente e para trás, mas finalmente consigo me colocar de pé. O que pode ter sido um erro, porque agora minha cabeça está girando.

O navio range ao tombar nas ondas agitadas do mar aberto, e estou tão grogue da minha soneca não intencional que quase perco o *baque* suave do lado de fora da minha porta. Não sinto falta do gemido um pouco mais alto que se segue, no entanto, ou o som de um corpo deslizando para o chão. Tentando me preparar para o que quer que esteja prestes a acontecer, eu recuo, longe de onde o perigo pode vir.

A porta se abre lentamente, e uma luz oscilante forte o suficiente para obscurecer minha visão precede seu portador. —Oi? — Eu aperto meus olhos, tentando descobrir quem acabou de entrar, mas o brilho estranho está cegando depois da noite escura como breu. —Capitão?

—Não, não fique com medo. — A voz é desconhecida, um tenor profundo e rico que me dá um arrepio na espinha quando vem até mim através da escuridão.

Quando a luz vem em minha direção, percebo que não é uma lâmpada. O brilho vem de pequenas orbes que pairam no ar, circulando ao redor do intruso como planetas minúsculos, sua luz oscilante lançando sombras em seu rosto. Com o rosto meio escondido na escuridão, não posso dizer se já o vi entre a tripulação do capitão.

— Venha, e seja rápida — ele sussurra enquanto corta minhas amarras. Quando ele me puxa para ficar de pé, ele segura meu pulso com delicadeza, mas tenho a nítida impressão de que não seria capaz de me desvencilhar se tentasse.

— Espere — eu digo enquanto tento me livrar de suas garras, mas não consigo. — Quem é você?

Ele pega uma das esferas brilhantes e a levanta perto de seu rosto enquanto me dá um sorriso maldosamente encantador. Seus olhos são pálidos, suas íris praticamente brilham com a luz do orbe que ele está segurando. Ele tem um nariz reto e uma boca larga e macia e um queixo forte e quadrado. Ainda não sei quem ele é, mas definitivamente não faz parte da tripulação do capitão. Eu teria notado ele.

Pela diversão que vejo brilhando em seus olhos, sei que ele sabe que estou admirando-o. E pelo sorriso brincando em seus lábios, posso dizer que ele gostou.

— Sou eu quem está aqui para te salvar, Gwendolyn — ele sussurra suavemente, sua voz quente e tentadora.

— Mas quem *é* você? E como você sabe meu nome?

Seus olhos se estreitam um pouco, denunciando sua irritação. Mas o sorriso suave e agradável brincando em seus lábios nunca vacila. — Eu sou Pan — ele me diz simplesmente, como se aquela palavra explicasse tudo.

Pan, aquele que atacou o navio. A razão de tantos meninos estarem mortos.

Instintivamente, luto com mais força para me soltar, mas é como se ele nem me sentisse.

— Estou aqui para levar você até Olivia — ele me diz.

— Olivia? — Eu paro de lutar contra seu aperto ao som do nome dela e, no momento em que o faço, ele se aproveita e me pega em seus braços.

— Eu não tinha ideia de que os Escuros tinham roubado duas do seu mundo — Pan interrompe. — Quando eu descobri, enviei alguns dos meus rapazes para resgatá-la do Capitão, mas eles falharam. — Sua mandíbula endurece e ele desvia o olhar, com o rosto sombreado.

— O ataque ao navio foi uma tentativa de resgate? — Eu pergunto, olhando através da escuridão enquanto tento ler a verdade em sua resposta.

— Lamento não ter tido sucesso, Gwendolyn. — Não consigo distinguir suas feições, mas sua voz está cheia de remorso. — Ela está esperando por você — ele sussurra. Seus olhos claros nunca deixam os meus, mas ele não se move. É como se ele estivesse me dando uma chance de decidir. — Você está pronta?

Mas eu não tinha certeza.

O capitão me disse que Pan era a maior mentira de todas. Mas isso não é exatamente algo que o Gancho *iria* dizer? E não é como se eu não tivesse visto com meus próprios olhos o que o próprio capitão é capaz de fazer. Eu o observei jogar um menino para os monstros na água. As Irmãs, ele as chamava. Tudo porque o garoto não havia jurado lealdade imediatamente. O

capitão recusou-se a mostrar qualquer misericórdia. Nem quando o menino implorou e implorou. Nem mesmo quando ele gritou como um porco assustado.

— Seu capitão vai levá-la até sua amiga? — Pan me pergunta.

Não. Ele já havia dito que não iria.

Uma coisa é certa, seja ele quem for, esse menino sabe sobre Olivia. A perspectiva de encontrá-la, de finalmente encontrar alguém que está totalmente do meu lado neste mundo de cabeça para baixo, é o suficiente para me fazer parar de lutar. É o suficiente para dar uma chance a esse personagem do Pan.

Quando meu queixo se inclina em um aceno básico, seus olhos brilham de satisfação. — Quieta agora. — Ele me diz enquanto nos leva para o corredor.

Ele se move pelo espaço apertado tão silenciosamente quanto a noite, puxando-me facilmente, mas ele não vai imediatamente para os degraus que levam ao convés principal. Em vez disso, ele para em uma escada curta que desce até a parte mais profunda do navio. — Tenho mais uma coisa a fazer — ele me diz, o branco de seus olhos brilhando na luz lançada pelas orbes que nos seguem.

Ele faz um gesto para que eu suba a escada primeiro. Meus braços ainda doem, mas consigo segurar as grades gastas enquanto me inclino para baixo, Pan seguindo atrás de mim. Ele diminuiu as pequenas luzes que flutuam ao seu redor, então elas são apenas sussurros fantasmagóricos de seu brilho anterior. Colocando um dedo nos lábios, ele pega minhas mãos e me puxa em direção a um brilho que vem de trás de uma pilha de grandes caixotes de madeira.

— Ele não vai durar muito mais tempo, capitão — Will diz, sua voz me assustando enquanto vagueia pela escuridão.

— Você acha que eu não sei disso? — o capitão responde.

À medida que nos aproximamos, vejo os dois recortados por uma lamparina pendurada no teto, o Capitão e Will. Eles estão inclinados sobre um pequeno corpo estendido em um estrado no chão. Reconheço o menino como aquele que o capitão estava ajudando antes: Davey. Por um momento, não tenho certeza se o menino está vivo, mas então ele solta um pequeno gemido difícil.

Will recua inquieto, a mandíbula tensa e a testa profundamente franzida. Mas não são os ferimentos do menino que deixam Will tão tenso. Na luz fraca da lamparina, eu não notei a figura grande e escura esperando nas sombras do porão. Mas agora que vejo, minha respiração fica presa na garganta.

Conforme o Escuro se aproxima do Capitão, o porão se enche com um zumbido metálico familiar. As asas da criatura se abrem pela metade e preenchem o espaço apertado, mas o Capitão não se move para atacar. Eles permanecem como se estivessem presos em uma trégua incômoda, cada um medindo o outro. Então, em um movimento tão rápido que eu mal vejo o borrão de escuridão enquanto ele se move, a criatura mergulha o punho no peito do menino.

O pequeno corpo flácido estremece violentamente em resposta.

Eu cambaleio para trás com o que estou vendo, e os braços de Pan me envolvem, me apoiando suavemente, mas também me prendendo firmemente no lugar. — Ajude-o — eu sussurro, minha voz embargada com o choque do que acabei de testemunhar.

— Shhh — Pan acalma, roçando seus lábios contra minhas têmporas. — É tarde demais agora. Se tivéssemos chegado alguns momentos antes... — Ele

para de falar, sua implicação é clara, se não fosse por minha hesitação anterior, poderíamos ter salvado o menino.

Eu vejo com horror quando a mão da criatura passa pelo pequeno corpo, como se o menino não fosse mais sólido que um fantasma. O menino convulsiona novamente, seu peito se erguendo do chão até que todo o seu corpo paira rigidamente no ar. Quando a criatura finalmente retira o punho, traz consigo um fio que brilha com uma luminescência sinistra.

O capitão não faz nada além de observar.

— O que é isso? — Eu sussurro, incapaz de manter o horror, a maravilha, fora da minha voz.

A voz de Pan está calma, clara, enquanto ele sussurra em meu ouvido. — Está tirando a vida do menino, Gwendolyn.

O Capitão fica imóvel enquanto o Escuro enrola o fino fio luminescente em torno de seu punho escuro antes de empurrá-lo para frente e oferecê-lo ao Capitão.

— A vida dele? — Eu sussurro, horrorizada.

— Bem, talvez não a vida dele, exatamente — Pan diz com uma carranca.

— Por favor, Will — o capitão pede, o desespero em sua voz é incomum. O capitão e Will estão olhando um para o outro através da escuridão do porão, a tensão fervendo entre eles. — Eu não vou perder você neste lugar.

— Não — Will diz baixinho, sua voz certa. — Você não vai. Não dessa forma, pelo menos.

O capitão franze a testa como se entendesse mais as palavras de Will do que eu. — Está feito. E isso lhe daria mais tempo — o capitão insiste. — Já, seu braço, você sabe o que está aí, é apenas o começo. Essa marca vai crescer, e quando isso acontecer, você morrerá.

Will esfrega distraidamente o pedaço de tecido escuro enrolado em seu antebraço. — Talvez, mas quantas vezes você me disse que existem coisas piores do que a morte, capitão?

Um silêncio incômodo se instala entre os dois. — O que você quer que eu faça, então? — A voz do capitão não passa de um sussurro áspero. — Devo deixar todos os rapazes morrerem?

O zumbido pulsante no ar aumenta, sinalizando a impaciência da criatura.

Will olha para ele com cautela antes de se virar para o Capitão e balançar a cabeça como se estivesse derrotado. — Faça o que for preciso — diz ele. Seus ombros caem como se a luta tivesse acabado e ele se afasta do Capitão e da criatura negra. Seus passos firmes ecoam pelo porão escuro enquanto ele sobe a escada para o convés acima.

O corpo rígido da criança ainda está pairando no ar. A boca do menino está aberta e seus olhos cegos ainda estão abertos em uma combinação de dor e terror. O Capitão nem parece ver o menino. Seus olhos estão focados no lugar onde Will desapareceu, em direção à escada escondida pela escuridão ao nosso redor, para o convés acima. O rosto do capitão está vazio, seus olhos firmes e, embora eu possa dizer que ele pode querer, ele não vai atrás de Will.

— Cuidado, Gwendolyn. Se você tiver alguma dúvida sobre as escolhas diante de você, observe do que seu capitão é capaz.

O Capitão já se voltou para o Escuro e está lentamente se ajoelhando, a cabeça baixa diante da criatura negra, os olhos no nível do corpo imóvel do menino. — Vá com Deus, Davey — o capitão sussurra enquanto faz o sinal da cruz. — E me perdoe pelo que devo fazer.

O Escuro empurra a mão para frente novamente, oferecendo o punho com o fio brilhante ao Capitão. Desta vez, o Capitão aceita o fio da vida do

menino nas mãos em concha. Por um momento, ele simplesmente o segura, o brilho iluminando os ângulos agudos de seu rosto, e não posso dizer se é repulsa ou apreciação que o faz parar. Em seguida, ele levanta as mãos e inala profundamente, seus lábios suaves em um O arredondado enquanto ele respira a luz do menino. A cada respiração, o corpo do menino convulsiona no ar com um gemido agonizante.

— Você vê, Gwendolyn — Pan sussurra enquanto eu vejo o horrível drama se desenrolar diante de mim. — Seu capitão se importa tão pouco com aqueles que o seguem, ele vai beber na vida do menino, e o menino vai morrer. — O menino solta outro gemido frágil e terrível. — Imagine, minha querida, o que ele faria com você.

Não é a sua fidelidade que eu quero, o capitão me disse. É isso que ele quis dizer? É isso que ele planejou para mim?

Não consigo desviar o olhar da cena diante de mim. O rosto do capitão é uma combinação de dor e alívio, arrependimento e deleite horrível. A cada luz que o capitão inala, os gemidos do garoto quebram a quietude da noite. A cada respiração, o pequeno corpo se contrai e se convulsiona, e a pele do menino começa a ficar de um cinza escuro e manchado. Linhas escuras irregulares que me lembram as tatuagens da tripulação serpenteiam pela pele do menino, até que todo o seu corpo está coberto por uma teia delas.

Finalmente, o pequeno corpo convulsiona silenciosamente com uma última contração horrível e fica mole, caindo de volta no estrado. E quando seu corpo atinge o chão, ele se estilhaça em centenas de pedaços irregulares que deslizam pelo chão do porão.

A curva de uma orelha cai perto dos meus pés, e deixo escapar um suspiro estrangulado.

O capitão fica perfeitamente imóvel com o som.

Pan tenta nos puxar para trás o suficiente para evitar sermos pegos, mas é tarde demais. Os olhos selvagens do Capitão já nos encontraram na escuridão, e quando ele vê quem é, e que eu não estou sozinha, seu rosto se contorce de fúria.

— Solte ela — ele rosna, sua lâmina levantada vacilante em direção a Pan. Seus olhos não estão tão afiados como de costume, quase como se ele estivesse tendo problemas para se concentrar.

— Eu não acho que ela queira ser solta. — Os braços de Pan ainda estão em volta de mim. — Devemos perguntar a ela? Você gostaria que eu te soltasse, Gwendolyn?

Eu ouço sua voz, mas soa tão distante. Minha visão escureceu nas bordas e parece que estou olhando para um túnel. Tudo o que posso ver é a pequena e frágil curva da orelha do menino caída no chão perto da ponta da minha bota.

— Estou te avisando. Deixe a garota — o Capitão rosna novamente, sua voz ainda menos humana desta vez enquanto rasga sua garganta.

— Ou o que? — Posso praticamente ouvir o sorriso zombeteiro na voz de Pan. — Você vai me matar? Você vai matá-la também? Talvez você beba da vida dela, assim como bebeu a vida do menino?

O capitão rosna, se lançando para frente, mas o que quer que ele tenha feito, tem um preço alto, suas pernas parecem estar muito instáveis para segurá-lo e ele tropeça. — Deixe. Ela. Ir.

— Eu não acho que vou — Pan diz calmamente enquanto começa a nos empurrar em direção à escada. — Eu não acho que poderia tolerar deixar uma garota tão inocente aqui com gente como você. Já prometi libertá-la, sabe.

— Gwendolyn. — Os olhos do capitão estão selvagens. Suas íris escuras quase parecem brilhar na escuridão do porão, como se a fúria o tivesse iluminado por dentro. — Não dê ouvidos às suas promessas — ele

murmura. — Não são nada além de mentiras. — Ele tenta cambalear na minha direção.

Mas tudo o que posso ver são os pedaços quebrados do que uma vez foi um menino espalhados pelo chão. — E você não mentiu para mim? — Eu sussurro. Mas então minha voz fica mais forte, mais segura. — Você me disse que os Escuros poderiam romper as fronteiras entre nossos mundos, mas nunca mencionou que está trabalhando com eles.

O capitão apenas me encara, sua mandíbula apertada e seus olhos escuros brilhando com alguma emoção não dita que não consigo identificar. Mas ele não nega.

— Depende de você, Gwendolyn — Pan persuade. O calor de seus braços parece real e estranhamente seguro. — Eu não forçarei você. Eu nunca trataria você como uma prisioneira.

A implicação é clara: que o capitão *tem* me tratado como uma prisioneira. Não que eu precise ser lembrada. Meus pulsos ainda doem com o tratamento de sua tripulação.

— Pense em Olivia — ele sussurra em meu ouvido. — Eu posso te levar até ela.

Olivia. O pensamento dela me sacode de qualquer hesitação. Não sei o quanto confio em Pan, mas duas vezes vi com meus próprios olhos do que o Capitão é capaz. Eu preciso encontrar Olivia. Se tivermos alguma chance de voltar para casa, será porque estamos juntas, e Pan está me oferecendo isso.

Eu encontro os olhos do capitão e vejo que a fúria não diminuiu. – Vamos — digo a Pan.

Com uma risada exultante, Pan me pega de novo e sai correndo.

O Capitão tenta avançar para nós, mas ainda está muito instável em seus pés. Pan, por outro lado, se move rapidamente, habilmente através do navio

escuro, guiado por seus orbes estranhos. No instante em que estamos acima do convés, ele salta e estamos no ar.

— Você fez a escolha certa, minha querida — Pan diz, sua voz suave e doce como mel.

Mas não posso ter certeza de que sim. Nem tenho certeza se existe uma escolha certa neste mundo estranho e perigoso. Eu fecho meus olhos, não querendo ver a água escura ou o navio recuando abaixo de mim, e, conforme subimos mais alto no céu, a corrida implacável do ar ecoa minha própria sensação de pavor.

O menino passou a odiar tudo isso, mas odiava a escuridão acima de tudo, pois à noite não conseguia ver a morte chegando. Naquela noite, como tantas outras, não haveria sono. Quando eles o chamaram, ele usava seu medo como um casaco esfarrapado...

CAPÍTULO DEZESSEIS

A noite passa, escura e densa como a tinta enquanto Pan voa. Eu me forço a me concentrar nas estrelas cintilantes acima de nós, porque não quero pensar sobre a curva delicada da orelha quebrada de um menino. E não ouso olhar para baixo.

O corpo de Pan é meu único calor contra o ar frio, seus braços são a única coisa entre me salvar ou cair para a minha morte. Mas sua expressão sombria é tão segura, tão determinada, que *quase* consigo afrouxar o aperto que tenho em seu pescoço.

Seu rosto está mascarado com sombras, mas um sorriso aparece em seus lábios enquanto voamos. Não sei dizer se é pela satisfação de superar o Capitão ou pelo prazer do voo em si, mas parece um sorriso secreto. Não acho que seja para mim. Ainda assim, quanto mais voamos, mais me sinto atraída por ele. Cada vez mais eu me vejo querendo que ele olhe para mim.

Talvez seja porque ele cheira à noite, selvagem e livre como o vento chicoteando meu cabelo, mas leva todo o meu foco para não me permitir inclinar para ele. Seu perfume é frio, distante e vazio como um dia de inverno, mas isso não o torna menos atraente. Eu quero inspirá-lo, e é só quando ele ri sombriamente que eu percebo que estou fazendo exatamente isso.

Então, antes que minhas bochechas pudessem ficar quentes de vergonha, antes que eu pudesse registrar o quão estranho é que eu esteja tão fisgada por ele, estamos caindo. Ou acho que estamos mergulhando, mas quando você está despencando para a terra sem controle na queda, a sensação é quase a

mesma. Nós quebramos as nuvens, a umidade fria delas molhando meu rosto e cabelo, agarrando-se aos meus braços nus.

Ainda estamos sobre o mar infinito, mas a superfície da água agora é lisa como vidro polido. Ela brilha na luz suave da manhã. As nuvens e o céu resplandecem em um âmbar rosado agora e, ao longe, um raio de sol está começando a aparecer na linha do horizonte.

A vista desta altura é tão vasta, a sensação do ar passando pela minha pele tão estimulante, uma sensação avassaladora de liberdade percorre meu corpo enquanto Pan desliza sem esforço sobre a água. É como quando corro, quando me esforço o suficiente para acalmar as preocupações e as inseguranças até que só posso sentir. Só que esse sentimento é muito maior, muito mais intenso. Muito mais tentador.

O Capitão e seu navio não estão em lugar nenhum, mas a ilha está lá diante de nós, erguendo-se do mar como um punho furioso.

Pan se inclina contra o vento e segue em direção àquelas praias estranhas. Estamos perto o suficiente agora que não preciso de uma luneta para ver a coroa de pedras dentadas que protegem a ilha. Suas superfícies escuras emergem bruscamente da água, como uma criatura há muito submersa tentando agarrar o céu com seus dedos escarpados. Não é à toa que o Capitão fica tão longe no mar, as águas ao redor da ilha seriam mortais para um navio tão grande quanto o dele.

Mas navegar por esses perigos é fácil para Pan, que desliza facilmente em torno dos picos que se erguem de forma desigual na água abaixo. Não posso deixar de pensar que ele está se exibindo um pouco com a facilidade com que navega pelo desafio da ilha. Ele segue a linha da costa até onde o mar corta uma praia rochosa e depois segue a água mais longe, através de uma passagem estreita que leva ao interior da ilha.

Agora tenho certeza de que não tinha imaginado o que vi pela luneta do navio do Capitão. De perto, fica claro que a ilha está se movendo como se estivesse viva. Os cantos agudos das rochas cor-de-rosa se achatam em planos suaves à medida que ela continua a se mover e se transformar.

Mas, por mais surreal que tudo pareça, a beleza da ilha assombra, as alturas impressionantes dos penhascos rosa atravessados por veios prateados de cristal cintilante, o verde de joias do crescimento da selva aderindo à terra rochosa. As flores pontuando o verde exuberante com rajadas de cores brilhantes são todas mais vibrantes, mais deslumbrantes do que qualquer coisa que eu já vi.

Os escarpados penhascos do litoral logo dão lugar a topos de morros cobertos por um espesso tapete de vegetação impenetrável. Em todos os lugares abaixo de nós, a selva estremece e pulsa com vida. As folhas largas e brilhantes das plantas ondulam à luz da manhã, suas flores enormes abrindo e fechando como bocas famintas. Mas tão inconfundível quanto a beleza aqui há também uma sensação de perigo tão densa que se move no ar.

Ajustando seu curso, Pan mergulha na própria selva. Ele desliza sem esforço ao longo da copa das árvores e então desce sob seus galhos, continuando ao longo do chão da selva. Os galhos mudam e se movem, criando um caminho pela selva, como se a ilha o estivesse recebendo de volta. Voamos sem parar, até que parece que nunca haverá nada mais do que este verde ao meu redor, vivo e ameaçador. Eventualmente, porém, as árvores à frente começam a diminuir e eu ouço o som da água correndo.

Pan ri do meu suspiro quando entramos em uma ampla clareira ancorada por uma cachoeira imponente. Ele me toca e me abaixa suavemente em minhas pernas instáveis, mas ele não me solta.

Em vez disso, ele se inclina para perto, como se quisesse me contar um segredo. — Bem-vinda a Terra do Nunca, Gwendolyn.

Há quanto tempo o capitão me deu essas mesmas palavras, não como um presente que Pan oferece, mas como um aviso? Parece muito mais tempo do que alguns dias. E com minhas memórias da época anterior tão nebulosas, é difícil imaginar que eu tivesse uma vida antes do meu cativeiro no navio do Capitão ou antes de ser trazida a este mundo.

Respiro fundo para me equilibrar e aproveito a oportunidade para olhar ao redor. Estamos no centro de um vale amplo e plano. Em uma extremidade, através de um lago liso e claro, a água brilha na luz da manhã enquanto cai em cascata de uma elevação íngreme de rocha cor de rosa. E ancorando essa rocha está uma cachoeira imponente. As quedas me lembram as camadas desmoronadas de um bolo de casamento e cada passo levanta nuvens de névoa que brilham na luz suave. É como observar um prisma vivo, os arco-íris dentro da névoa mudando e dançando sobre as muitas camadas.

O Capitão tentou explicar que não estávamos mais no mundo humano. Depois de tudo o que vi em seu navio, depois de tudo o que vivi, passei a acreditar nele, mas agora, estando aqui neste lugar no coração da ilha, meu coração entende a verdade. — Esta realmente é Terra do Nunca — eu digo com uma espécie de admiração estrangulada. E se esta é Terra do Nunca, quanto mais poderia ser verdade?

Pan me pega pela mão e me leva para frente, mais perto da borda da superfície espelhada do lago. — Bem-vinda ao lar, Gwendolyn, minha querida.

Lar.

Um sentimento de alegria percorre meu corpo e, por um momento, não posso deixar de aceitar a exatidão absoluta de suas palavras. Uma saudade brota dentro de mim tão surpreendente, tão completa que me choca.

Porque este lugar *não é* minha casa. E não posso deixar Terra do Nunca se tornar meu lar. Mas há algo na terra ao meu redor que me atrai. Me chama de uma forma que não me lembro de ter sentido antes.

Cobrindo minha reação o melhor que posso, puxo suavemente minha mão de seu aperto e toco as pedras em meu pulso, me forçando a lembrar da minha vida anterior. Mas as memórias que vêm à tona são nebulosas e indistintas. E não são fáceis ou reconfortantes.

Não consigo imaginar nenhum dos lugares em que morei, mas *posso* me lembrar da sensação avassaladora de nunca realmente pertencer, de estar sempre insegura e fora do lugar. De saber que cada movimento que fazíamos era apenas uma parada, uma pausa que me permitia descansar apenas o tempo suficiente para quase ficar confortável antes de ser desenraizada novamente. Mas não me lembro de nenhuma dessas paradas que me pareça realmente um lar.

Mesmo com a escuridão da minha memória, eu sei que nunca tive um lugar que realmente parecesse meu. Mas quando abro meus olhos novamente e aprecio a beleza ao meu redor, as palavras de boas-vindas de Pan ecoando em minha cabeça, há uma parte traidora de mim que se pergunta se esta *poderia* ser a casa que estou procurando. Com toda essa beleza ao meu redor e o pulso quase reconfortante da ilha sob meus pés, uma voz bem no fundo de mim sussurra: *Seria realmente tão ruim?*

Afasto-me de Pan, perturbada com a facilidade com que quase me permito desistir. O Capitão havia me avisado sobre isso, ele me disse que a Terra do Nunca tentaria me atrair. Eu não tinha entendido... Na verdade não acreditei. Mas talvez agora eu esteja começando a entender e acreditar.

Não *posso* esquecer quem sou e para onde preciso voltar. Não vou me deixar levar por este mundo novamente.

— Gwendolyn? — Pan pergunta, sua voz cheia de preocupação. Quando não respondo, ele levanta meu queixo suavemente. — Você está bem?

Eu dou um leve aceno de cabeça. — Estou bem — digo a ele, finalmente me forçando a encontrar seus olhos.

Segura com os pés no chão e com o sol da manhã finalmente iluminando o mundo, eu olho para ele pela primeira vez. Ele certamente não se parece com nenhum Peter Pan que eu já imaginei. Ele não é criança, para começar. Ele é mais alto que o Capitão, mas parece ter a mesma idade. Pan também é talvez alguns anos mais velho do que eu. Embora o mais leve traço de barba por fazer contorne sua mandíbula, seu rosto não tem a qualidade desgastada e exausta que agora percebo ser a característica nítida do Capitão.

Seu cabelo loiro-branco está em pé em uma desordem engenhosa que dá a impressão de que ele está constantemente voando, como se o próprio vento não pudesse manter seus dedos gananciosos longe daqueles cachos rebeldes. Assim como eu suspeitei no navio, ele é lindo. Mas eu vejo agora que ele tem um toque de escuridão nele, uma sugestão de perigo que tanto te adverte quanto te faz querer se aproximar, para aprender seus segredos.

Ele está usando a mesma calça apertada e costurada irregular de Fiona e um colete de gola alta que expõe os músculos bem definidos de seus braços e peito nus. A pele pálida sobre sua clavícula e ao redor de cada bíceps e pulso é adornada com tatuagens vermelho-sangue que me lembram de algo.

Leva um segundo para a memória borbulhar, turva e indistinta como todas as outras, e então eu percebo onde já vi marcas como as tatuagens de Pan antes, elas são semelhantes às pedras rúnicas que minha mãe sempre fez e coletou.

Esse reconhecimento me ajuda a lembrar dela com um pouco mais de clareza, toda vez que nos mudávamos, ela pegava sua coleção de pequenos

seixos lisos e alinhava nossos novos parapeitos com eles. Em cada novo lugar que íamos, ela encontrava outra pedra e cuidadosamente entalhava um símbolo torto em sua superfície. Ela embrulhava cada pedra cuidadosamente e as mantinha com ela até que ela pudesse colocá-las na próxima janela. Minha mãe sempre disse que as runas que ela usava eram antigos símbolos celtas para proteção.

Estendo a mão sem pensar e toco uma das marcas vermelhas que adornam a pele abaixo da clavícula de Pan. As linhas vermelhas não são suaves como uma tatuagem deveria ser. Elas são criadas, muito ligeiramente. Não são apenas tatuagens, eu percebo. São cicatrizes. Alguém *gravou* esses símbolos em sua pele.

O calor de sua pele sob a ponta dos meus dedos me traz de volta a mim mesma e, envergonhada, puxo minha mão como se tivesse sido queimada. Minhas bochechas estão quentes com a consciência de como foi estranhamente atrevido tocá-lo assim, mas mesmo em meu constrangimento, algo me faz querer estender a mão novamente, algo me puxa em direção a ele.

Eu aperto minhas mãos em punhos ao meu lado em vez disso. — O que são? — Eu pergunto.

— Elas foram um presente da minha mãe — ele responde com um pequeno sorriso.

— Sua *mãe* fez isso com você? — Digo, horrorizada.

— Ela fez isso *por* mim, Gwendolyn. — Ele diz.

Seu rosto ainda está sereno, até agradável, quando ele pega minha mão e a leva ao peito novamente, cobrindo a minha com a sua. Sob a ponta dos meus dedos e as bordas elevadas das linhas esculpidas, seu batimento cardíaco é lento e constante. Seus olhos, com suas íris azuis glaciais cercadas pela meia-noite, nunca deixam os meus.

— Neste mundo, o poder requer sacrifício, Gwendolyn. A Rainha sacrificou parte de seu poder para conceder esses presentes a mim. Aceitei a dor e, em troca, recebi o poder que eles me deram. Alguns permitem que eu me liberte da terra, que eu voe, como você viu. Outros me dão o poder de falar com a ilha e obrigá-la a obedecer — diz ele, apontando para uma marca diferente.

Então ele pega minha mão, puxando-a para longe das marcas em seu peito, e a leva aos lábios. Ainda segurando meu olhar, ele beija a parte inferior do meu pulso suavemente antes de soltá-lo.

Eu esfrego distraidamente o pedaço de pele que queima onde seus lábios roçaram. Quando ele sorri novamente, minha pele praticamente vibra com o calor onde seus lábios me tocaram. Mas há uma memória me puxando, mesmo através da agradável névoa de sua atenção. Há algo que devo fazer...

Olivia, uma pequena voz sussurra, me lembrando.

Não consigo desviar o olhar. — Onde está Olivia? — Murmuro, as palavras grossas e indesejáveis na minha boca.

Acho que vejo impaciência passar por sua expressão, mas passou tão rápido que me pergunto se eu imaginei. — Ela provavelmente ainda está dormindo. Pensei em mostrar a você minha parte favorita da ilha, em vez de perturbá-la tão cedo.

O que eu quero é ver Olivia, mas ele parece tão esperançoso, quase tímido e infantil, que não consigo desapontá-lo. — É lindo — eu digo a ele honestamente.

— Venha. — Ele gesticula para que eu me sente na beira da água antes que ele se abaixe no chão, suas longas pernas revestidas de couro estendidas confortavelmente.

A clareira está vazia e silenciosa, exceto pelo barulho suave da água das cachoeiras. Ninguém sabe onde estou. *Eu* nem sei onde estou. Hesitante, sento-me, mantendo distância entre mim e o lindo menino que me trouxe a este lugar.

Em noites como aquela, o menino entendia que a chave para não morrer era lembrar que estava vivo. Pois o mundo ao seu redor era estranho e muitas vezes parecia que ele estava sonhando, embora totalmente desperto. Então ele quase não confiou em seus olhos quando se virou e viu seu irmão, cinza e pálido como uma aparição, na luz fraca da noite...

CAPÍTULO DEZESSETE

— Então, as histórias são verdadeiras — digo, observando a dança das águas. Talvez os contos não fossem exatamente precisos, mas... — Terra do Nunca é real — Eu olho para ele. — E você também.

Ele sorri então, um sorriso perversamente encantador que faz meu coração disparar no peito. — Parece que sim, não é? — Ele murmura, sua voz suave, persuasiva, e novamente me sinto atraída por ele com uma urgência que não entendo.

— É verdade — concordo, mas também me lembro do que o Capitão me contou sobre as histórias e as mentiras que elas muitas vezes escondem.

Embora esteja claro agora que as histórias do Capitão continham mentiras próprias.

— O que o Capitão fez com aquele garoto no navio? — Eu pergunto a Pan.

Pan parece ignorar minha pergunta enquanto deixa as pontas dos dedos percorrerem a água, fazendo pequenos redemoinhos ondularem pela superfície vítrea. Pequenos peixes coloridos nadam para investigar. Parecem joias brilhando logo abaixo da superfície. Um dos peixes mais corajosos se imobiliza e então, lançando-se para a frente, se agarra ao dedo de Pan com uma violência inesperada. Ele nem mesmo recua. Ele simplesmente levanta a mão da água, o peixe ainda pendurado na ponta do dedo.

— Cada um de nós pertence a algum lugar, Gwendolyn — Pan finalmente diz, examinando o peixe. — Esta criatura pertencia à água... — As escamas do peixe são de um azul safira brilhante e púrpura surpreendente,

muito vibrantes e brilhantes para pertencer aos mares do meu próprio mundo. Mas, enquanto eu observo, as cores desaparecem e pequenas linhas pretas começam a serpentear pela superfície de seu corpo. As linhas me lembram das rachaduras que apareceram em Davey quando o Capitão bebeu de sua vida.

— Mas quando uma criatura se aventura além da segurança de seu próprio mundo, muitas vezes ela não consegue sobreviver. — Pan sacode o corpo do peixe com a ponta do dedo e ele cai no chão, onde se desintegra com o impacto em cacos quebradiços que parecem pedaços de vidro quebrado. Sangue escuro começa a jorrar do dedo de Pan, mas ele o ignora. — Seu Capitão não pertence a este mundo, Gwendolyn, e então ele depende dos Escuros para dar mais vida.

Olho para o sangue começando a pingar do dedo de Pan e penso em como a vida do garoto foi drenada dele quando o Capitão inalou o fio brilhante, e tenho a sensação de que entendo mais do que gostaria.

— Sabe, minha querida, as crianças se dão bem aqui em Terra do Nunca. Este mundo é um lugar feito para os desejos selvagens e indisciplinados de inocência. Mas seu Capitão não é mais uma criança e certamente não é inocente. Sem o que ele tira daqueles meninos, seu corpo se tornaria tão frágil quanto o desta pobre criatura. — Com um movimento hábil do pulso, ele joga os cacos do peixe de volta na água. Os outros peixes imediatamente se agitam, entrando e saindo para limpar os restos mortais de seu amigo. — Como todos os corpos humanos se tornam aqui com o tempo.

As tatuagens. No navio, todos os meninos mais velhos tinham linhas escuras como cicatrizes que eu pensei que poderiam ser algum sinal de lealdade ou posição, mas vejo agora que não eram. O que aconteceu com aquele peixe está acontecendo com todos eles.

— *Todos os* humanos? — Eu pergunto, minha voz vacilando. Não sou mais criança do que a maioria dos meninos tatuados - não, rachados - da tripulação do Capitão. Nem o Capitão.

— Bem... talvez não *todos* — Pan admite. — Como você viu no porão do navio, seu Capitão encontrou uma maneira de evitar um fim tão infeliz. Quando ele aceita o que os Escuros oferecem, ele toma para si a inocência e juventude de sua vítima. Quanto mais jovem a criança, mais poder ela contém, mais tempo se compra para ele. — Seus olhos frios perfuram os meus enquanto sua expressão fica fria e perigosa. Um momento antes, o vale parecia um lugar pacífico e acolhedor, mas agora há uma tensão perigosa irradiando de Pan.

— Mas nunca será o suficiente para ele. Este mundo *nunca* será um lugar ao qual ele pertence. — As feições de Pan se suavizam e sua boca se curva em um sorriso lento e satisfeito. — Não como eu pertenço — diz ele, passando a mão sobre a cobertura de grama macia entre nós. Pequenas flores brancas aparecem ao seu toque. — E não como você poderia pertencer, Gwendolyn. — Seus olhos frios encontram os meus, mas ele não fala por um longo e desconfortável momento.

— Eu? — Eu digo com uma risada surpresa. Mas uma pequena parte de mim ainda se pergunta sobre a atração que sinto pela ilha, por Pan. — Esta não é minha casa. Eu não *quero* ficar aqui — eu me forço a dizer. E é apenas parcialmente uma mentira.

— Mas poderia ser — ele diz simplesmente enquanto passa a ponta do dedo ao longo da minha perna, desenhando uma linha de seu sangue do meu joelho até quase meu tornozelo. Não consigo desviar o olhar da mancha escura de seu sangue nas minhas calças e não posso deixar de pensar que ele basicamente me marcou. *Mas para que?* A vozinha dentro de mim pergunta.

Então, como se compartilhasse o melhor tipo de segredo, ele inclina a cabeça em direção à minha de maneira conspiratória. — Neste mundo, você pode fazer qualquer coisa. *Tornar-se* qualquer coisa. — O céu está completamente iluminado agora, e o rosa do nascer do sol quase se derreteu no azul brilhante do dia. Um azul que não pode competir com o brilho de seus olhos. — Eu posso te mostrar, te proteger. Assim como minha mãe me ensinou.

— Então você não é um o povo das Fadas? — Eu pergunto, surpresa. Até este momento eu não tinha certeza.

— Não, mas a Rainha deste mundo foi a única mãe que eu já conheci, e por causa dos dons de minha mãe, eu sou tão próximo das Fadas quanto qualquer mortal jamais foi. — Ele arranca uma das minúsculas flores e, enquanto a segura, as pétalas mudam de vermelho para rosa e depois para azul. — Para alguns, Terra do Nunca pode ser o paraíso. Eu posso te dar isso, Gwendolyn.

Ao alcançar a flor para aceitá-la, uma parte de mim também deseja aceitar a promessa de suas palavras. Minhas memórias ainda estão muito nebulosas, mas o único sentimento que não consigo afastar, o sentimento que vem claro e seguro, é como minha vida sempre esteve fora de controle. Mesmo enquanto eu segurava tudo junto, cada movimento que fazíamos era escolha da minha mãe. Cada vez que eu tinha que recomeçar, era porque *ela* decidia.

O que significaria escolher para mim a beleza e as maravilhas deste lugar?

— Você poderia pertencer à este paraíso, Gwendolyn — Pan tenta, me oferecendo a flor. — Você poderia pertencer a mim.

Suas palavras acariciam algo dentro de mim, algo que quer e dói e não consegue se lembrar de ter ficado satisfeito antes. Não tenho certeza do que pretendo aceitar quando estendo a mão para pegar a flor dele. Mas não consigo

me importar. Eu só quero algo, *qualquer coisa*, que pareça certo, real e verdadeiro.

Mas assim que o caule da flor minúscula está entre as pontas dos meus dedos, pequenas linhas pretas começam a rastejar ao longo da superfície das pétalas. Com um suspiro, deixo a flor cair no chão, murcha e cinza na esmeralda brilhante da grama. Ao ver aquilo, o desejo intenso que surgiu tão repentinamente e tão fortemente desmorona e desaparece.

Não tenho certeza se Pan percebeu as emoções que acabaram de passar por mim. Ele não parece perceber, porque um momento depois ele pega minha mão e gentilmente a coloca com a palma para baixo no gramado macio. Em seguida, ele a cobre com o amplo calor de sua própria mão, pressionando minha palma com tanta firmeza no solo que posso sentir a ponta incômoda de um seixo, a umidade da terra. Sob meus dedos está o latejar constante e suave de uma ilha sempre mudando.

— Ouça Terra do Nunca, Gwendolyn. Você pode sentir isso chamando por você? — Sua voz é suave e urgente, persuadindo-me novamente a acreditar que o que ele está dizendo pode ser verdade.

Eu quero puxar minha mão e esfregar o calor de sua pele na minha, mas não posso. Porque seria mentira. O chão pulsa abaixo de mim, como um batimento cardíaco. E tem mais, algo quente crescendo sob minhas palmas. Algo reconfortante e acolhedor.

— Você não precisa ter medo, minha querida. Você só precisa pedir o que mais deseja e ver se Terra do Nunca encontra favor em você — ele me diz, baixo e doce. — Você só precisa pedir, para ver se Terra do Nunca responde. — Os olhos de Pan estão claros e brilhantes agora, esperançosos quando encontram os meus. — Vá em frente — ele insiste. — Experimente.

Eu engulo em seco, sem saber se a conexão que sinto com a terra é segura, ou mesmo real. Não tenho certeza se posso confiar em suas palavras. Mas ele está olhando para mim com tanto ardor, e não consigo desapontá-lo. Eu fecho meus olhos e faço o que ele pede.

Eu quero ir para casa, acho que é isso que devo pensar.

E quando você voltar lá? A pequena voz sussurra. *O que então?*

Eu quero ter uma vida normal, um lar normal. Quero encontrar um lugar onde me encaixar sem fingir ser algo que não sou. Foi isso que fez Westport parecer como estar em casa, eu me lembro então. Eu tinha alguém lá que não me olhava como uma estranha, que não fazia perguntas que me obrigassem a mentir. Eu tinha Olivia.

O chão sob minhas mãos fica quente, queimando minhas palmas enquanto uma dor sobe pelos meus braços. Abro os olhos e afasto as mãos, raspando-as no chão apenas para me livrar de Pan e do calor desconfortável.

Ele está me observando com uma intensidade que é quase desconfortável. Uma intensidade que me faz pensar que ele sabe o que acabou de acontecer. De repente, percebo o quão facilmente fui levada por suas palavras. Quão completamente eu caí sob a atração mágica de seu apelo. E estou abalada com isso.

Eu olho para longe, porque seu olhar é muito firme e expectante para que eu aguente por mais tempo. Eu me concentro na flor quebrada e me obrigo a fazer a única pergunta que importa. — Você vai me levar até Olivia agora?

Ele me considera por mais um momento, e por um segundo eu acho que ele sabe tudo, o quão perto eu cheguei de aceitar, o quanto parte de mim ainda quer. Mas ele sorri, agradável como sempre, e acho que talvez eu estivesse errada.

— Claro — ele diz, levantando-se e me oferecendo a mão.

Um minuto depois, estamos no alto novamente, voando sobre o topo das árvores, as cachoeiras passando por baixo de nós enquanto avançamos para dentro da ilha. Voamos para cima, em direção ao centro escarpado das montanhas, até chegar a um lugar onde não há selva. Ele pousa em uma clareira onde existe apenas a superfície lisa de um penhasco e a rocha estéril sob nossos pés. Atrás de nós, um abismo enorme no solo nos separa do resto da ilha.

— Onde estamos? — Eu envolvo meus braços em volta de mim. O ar não está mais frio aqui, mas a paisagem desolada envia um arrepio através de mim do mesmo jeito.

— Casa — ele diz simplesmente, um sorriso brincando em seus lábios. — É aqui que eu moro. Onde eu mantenho meus meninos.

— Aqui? — Eu pergunto, olhando ao redor. Não há nada aqui a não ser a face dura da rocha erguendo-se de um lado de nós, e o rasgo na terra do outro. Meu estômago afunda. — Onde está Olivia?

— Lá dentro — ele diz, gesticulando grandiosamente para o penhasco íngreme.

Não sei do que ele está falando, não há porta, portal ou fenda na rocha que pudesse ser a entrada de uma caverna. — Não há nada aqui.

— Não há? — Ele pergunta ironicamente.

Olho novamente para a pedra e, quando estou prestes a dizer a ele: *Não, não há*, a terra sob meus pés começa a tremer. Eu agarro o braço de Pan quando toda a parede de rocha começa a se mover. Com um rangido estrondoso, o penhasco se desloca para trás lentamente, reorganizando-se e revelando a silhueta de pináculos e torres dentadas.

Quando a terra finalmente fica em silêncio, estou parada na sombra de uma estrutura enorme. Um castelo. Ou talvez uma fortaleza fosse uma

descrição melhor, porque é muito grande, muito violenta para ser algo tão romântico quanto um castelo. Ela se eleva pelo menos seis andares acima de nós, escavada na rocha vermelho-dourada do penhasco que a originou.

Suas paredes são de rocha sólida e suas janelas são fendas estreitas no alto. A única abertura é um túnel profundo e escuro que leva direto para a própria montanha. Mesmo sem o abismo que a separa do resto da ilha, mesmo sem os penhascos íngremes que a cercam com segurança por todos os lados, este não é o tipo de lugar que alguém poderia atacar facilmente.

Os olhos de Pan estão dançando, sua boca se contorcendo em diversão enquanto ele olha para o aperto que eu tenho em seu bíceps. — Pronta, minha querida?

Tento me afastar, mas ele me impede colocando sua mão sobre a minha e colocando meu braço com mais segurança contra seu corpo. Ele sorri então, um tipo de sorriso verdadeiramente deslumbrante, e o olhar em seus olhos é o suficiente para fazer minhas bochechas corarem com calor.

Eu olho para longe, desconfortável. Há algo na maneira como ele olha para mim que me faz pensar que ele vê algo em mim que ninguém mais viu. Como se eu fosse algo completo, forte e *importante*. Ser encarada assim, ser *vista,* é algo completamente novo e absolutamente inebriante.

E eu não confio nem um pouco.

Mas eu fiz minha escolha. Diante de nós, a fortaleza imponente espera. O Capitão e seu navio parecem muito distantes. Londres parece ainda mais distante. Com o calor do corpo de Pan próximo ao meu, o cheiro dele, selvagem e livre como uma noite de inverno, me cercando, e a promessa de encontrar minha amiga, eu dou uma última olhada no céu aberto acima e continuo.

O menino tinha cada vez mais certeza de que nunca mais veria seu irmão novamente, então não hesitou em abraçá-lo com força quando percebeu que não havia nenhuma aparição diante dele. Seu irmão sorriu, mostrando o dente torto em seu sorriso desgastado. – Ofereci-me para vir para a frente –, disse ele ao menino. – Não podia deixar você se divertindo. – Mas o menino sabia, pela preocupação que escurecia os olhos do irmão, que não era nada disso...

CAPÍTULO DEZOITO

A entrada da fortaleza é iluminada pelas mesmas bolhas fosforescentes flutuantes que Pan tinha consigo no navio. Elas pairam ao nosso redor, nos guiando através do túnel escuro à medida que avançamos mais profundamente na montanha. Estendo a mão para tocar uma que se aproxima do meu rosto, mas Pan puxa minha mão antes que meus dedos possam tocá-la.

— Luzes de fada — ele me diz. — Nunca se sabe como vão reagir.

Do outro lado do túnel, posso distinguir o som de vozes. À medida que a luz se aproxima, os sons aumentam e as esferas brilhantes descolam, deixando-nos. Quando chegamos ao fim, o túnel se abre em um grande salão com um teto que se eleva em andares acima. Dois garotos de aparência taciturna chamam a atenção, as lâminas em punho, mas quando veem Pan, eles correm para seus postos contra a parede e desviam os olhos.

O Grande Salão da fortaleza é um playground maluco. Para onde quer que eu olhe, há crianças, a maioria muito mais jovem do que as do navio do Capitão. Um grupo de meninos quase me atropela enquanto persegue um ainda menor. Eles estão todos gritando todos os tipos de maldições inventivas e brandindo espadas que parecem afiadas demais para serem seguras para qualquer jogo. Outros meninos, que não poderiam ter mais de nove ou dez anos, vadiam nas bordas do grande espaço, fumando charutos magros e cheirosos em grossas pilhas de peles.

— De onde todas elas vieram? — Eu me pergunto, impressionada com o número delas.

— Os Escuros as roubam do seu mundo — Pan me diz. — Eu as trago aqui e lhes dou uma casa — diz ele, abrindo os braços.

Fileiras de tochas alinhadas nas paredes lançam sua luz bruxuleante sobre a cena diante de mim. Elas dão a todo o espaço uma qualidade de outro mundo. Mas mesmo com o teto alto, o ar na fortaleza é úmido e rançoso.

— Isso tudo pertencia à minha mãe. — Ele dá um passo para o caos. — Quando eu era pequeno, a Rainha e seu povo enchiam esses corredores de luz e alegria, e cada dia era uma aventura. Agora, essas paredes oferecem a mim e aos meus meninos proteção: dos Escuros, dos piratas, muitas vezes das outras criaturas desta terra.

— Onde está a Rainha agora? — Eu pergunto, me movendo para mais perto de Pan para evitar ser atropelada por um garoto que corre atrás de um amigo.

— Os Escuros se levantaram e a derrubaram há algum tempo — ele diz, sua voz sombria e sua mandíbula apertada. Espero que ele diga mais, mas ele não diz. — Venha. Vou te levar para Olivia.

Pan não parece notar a desordem ao nosso redor enquanto me conduz pelo corredor, ainda segurando minha mão firmemente em seu braço. Ele habilmente evita as pilhas de armas quebradas e um menino inconsciente enquanto caminhamos para a parede oposta. Sem aviso, ele me pega em seus braços novamente, e então estamos subindo no ar em direção a uma porta quase três andares acima que eu não tinha notado antes. Ele dá uma batida rápida antes de empurrá-la e me colocar delicadamente dentro.

Este espaço é mais claro do que o Grande Salão abaixo, e o ar é mais fresco e cheira avassaladoramente às centenas de flores que caem dos vasos e pela superfície do cômodo, flores extremamente coloridas, algumas do tamanho da minha cabeça, outras menores que o tamanho do meu dedo

mínimo, todas agrupados em buquês brilhantes e amarrados em longas guirlandas.

Eu pensei que estávamos dentro de uma montanha, mas há uma janela na parede de trás, coberta com sedas de cores vivas que sussurram com a brisa. Com os tecidos drapeados e as peles macias que cobrem o chão em uma colcha de retalhos de cores, todo o quarto me lembra a tenda de um sultão. No centro do espaço está uma cama de dossel esculpida ricamente e coberta com cortinas brancas de seda. E no centro da cama, meio obscurecido pelo tecido diáfano, está uma figura familiar.

— Olivia — eu sussurro, com medo de me mover. Tenho a sensação repentina de que se disser o nome dela muito alto, o feitiço será quebrado e tudo isso vai desaparecer como um sonho.

Mas não desaparece. Ela é real.

No segundo que vejo Olivia, viva e inteira, quase posso acreditar que posso encontrar um caminho de volta para o nosso mundo, porque não tenho que encontrá-lo mais sozinha. Eu não tenho que ficar sozinha neste lugar estranho. A única pessoa que chegou mais perto de me compreender está aqui, e encontraremos o caminho de volta juntos.

Olivia não me vê a princípio, sua atenção está focada em amarrar flores parecidas com margaridas em uma longa guirlanda que já está caindo sobre o dossel da cama e no meio do chão. Eu nunca a vi fazer algo tão astuto antes, e ela parece absolutamente absurda fazendo isso agora.

— Olivia, querida — Pan diz suavemente atrás de mim. — Eu trouxe Gwendolyn para você.

As mãos de Olivia param quando ela ouve a voz de Pan, e quando ela o vê parado na porta, seu rosto se suaviza e seus olhos brilham de alegria. Não há medo em sua expressão, nenhuma preocupação.

Então ela me vê parada ao lado dele e sua expressão fica sombria. — Gwendolyn? — Ela pergunta, sua voz tão insegura quanto o olhar em seu rosto. Posso dizer que ela não me reconhece.

Se eu não estivesse procurando por ela, se não tivesse visto o desenho nos aposentos do capitão, acho que também não a teria reconhecido. Ela está usando um vestido macio e esvoaçante de um rosa pálido, algo que Olivia nunca vestiria normalmente. Seus longos cabelos loiros caem em suas ondas habituais ao redor de seu rosto, mas seus olhos não estão certos. Seu verde claro é muito vítreo, muito distante.

É o que este lugar faz com as pessoas, lembro a mim mesma enquanto tento sorrir, mas meu rosto está rígido de medo.

Pan entra no quarto, em direção à cama grande. — Olivia, querida — diz ele novamente, sua voz suave e calmante. — Você se lembra de Gwendolyn, não é? Você me disse que ela era sua melhor amiga. Você me pediu para encontrá-la para você. E eu a encontrei.

As sobrancelhas de Olivia se juntam, como se ela não tivesse certeza de que se lembra de alguma vez ter pedido uma coisa dessas. Mas suas feições suavizam quando Pan oferece a ela sua mão. Ela se levanta lentamente e permite que ele a puxe para mim.

— Venha, Gwendolyn — diz ele, sem tirar os olhos de Olivia.

— Liv? — Eu afasto meu cabelo do rosto, hesitante enquanto dou um passo em direção aos dois.

— Venha, Olivia, cumprimente sua amiga adequadamente.

Olivia lança outro olhar questionador para Pan. Quando ele inclina a cabeça em um aceno mínimo, ela finalmente solta sua mão e dá um passo em minha direção, seus braços abertos em saudação. O gesto é formal, rígido e muito diferente da garota que conheci, que não pensaria nada em enlaçar o

braço no meu. A memória disso surge em minha mente, clara e distinta. Mas antes que eu possa segurá-la com força, a imagem começa a desaparecer novamente.

Dou um passo em direção a ela, mas seu corpo fica tenso com a minha abordagem, seus braços caindo para os lados. Não tenho certeza do que devo fazer ou dizer. Não tenho certeza de como conseguir *minha* Olivia de volta. — Os Escuros te machucaram? — Eu pergunto finalmente, olhando para ela em busca de algum sinal de lesão.

— Os Escuros? — A confusão brilha em seus olhos.

— Os monstros que nos levaram de Londres — digo a ela suavemente, tentando lembrá-la. Mesmo com tantas das minhas memórias permanecendo fora de alcance, o horror de ser tirada da minha cama nunca desapareceu completamente.

— Londres? — Ela diz a palavra como se fosse engraçada em sua boca, e então ela olha para Pan em busca de orientação. Ele tem a mesma expressão quase agradável no rosto que teve durante toda a manhã, mas seus olhos são afiados e perspicazes.

— Você se lembra do que conversamos, minha querida — Pan diz gentilmente.

Olivia fecha os olhos. — Lembro-me de acordar — diz ela com voz rígida. — E eu me lembro de Pan. Ele cuida de mim. — Quando seus olhos se abrem e olham para ele, eles se suavizam com admiração e uma emoção que parece perigosamente próxima do amor. — Ele protege a todos nós.

— Olivia... — eu começo a dizer, mas Pan me interrompe.

— Eu não tinha ideia que os Escuros tinham roubado duas do seu mundo. Assim que Olivia confirmou que tinha uma amiga, descobri que o Capitão tinha você. Enviei alguns dos meus rapazes para resgatá-la, mas como

eu disse, eles falharam. — Sua mandíbula endurece e ele desvia o olhar, seus olhos sombreados. — Lamento que eles não tenham tido mais sucesso, Gwendolyn — Pan me diz, a imagem da contrição.

— Nada disso importa agora — Olivia diz a ele em um sussurro ofegante antes de se virar para mim. — Estamos seguras aqui, com Pan. Você pode esquecer o resto. Tudo isso — ela franze o nariz em desgosto. — Foi desagradável. — Então ela dá a Pan um sorriso deslumbrante antes de se acomodar de volta na cama para trabalhar em sua corrente de margaridas novamente. A determinação em seu rosto é tão completamente Olivia e, ao mesmo tempo, completamente errada.

— Não — digo a ela, aproximando-me da cama lentamente. — Não podemos ficar aqui, Liv. — Ajoelho-me no chão ao lado dela e toco seu braço para impedi-la de amarrar outra flor. — Temos que encontrar um caminho de volta — digo a ela. — Eu preciso que você se lembre para que possa me ajudar a descobrir isso.

— De volta? — Ela fica muito quieta sob minha mão, sua expressão tensa.

— Esta não é a nossa casa — digo, afastando o desconforto que sinto sob o olhar atento demais de Pan. — Este não é o nosso mundo.

Mas ela não está me ouvindo. Sua atenção está em um ponto logo além de mim, em Pan, e, me ignorando completamente, ela dá a ele um sorriso lento e privado.

Eu ignoro o ciúme que se torce desconfortavelmente dentro de mim quando Pan sorri de volta.

Então Pan olha para mim. E nesse momento, talvez por um segundo, eu pensei...

Eu nem sei o que pensei. Claro que Olivia iria querer Pan. Com suas roupas escuras e as runas escarlate decorando sua pele clara, ele parece um príncipe elfo, e é claro que ele gostaria *dela*. Ela seria a princesa fada perfeita.

Nada disso importa, no entanto. Como o Capitão disse, este não é um conto de fadas. Não podemos ficar.

Pego suas mãos e não as solto, mesmo quando a sinto tentar se afastar.

Olivia olha para Pan e tenho a sensação de que ela não sabe o que fazer.

— Você *tem* que se lembrar, Olivia — eu digo, apertando suas mãos e falhando miseravelmente em manter a urgência fora da minha voz. — Pense no que nossos pais devem estar passando agora — digo a ela. A essa altura, todos saberiam que partimos. Haveria grupos de busca? Nossos rostos estariam no noticiário noturno? — Pense em como eles devem estar assustados.

— Meus pais... — Ela diz a segunda palavra lentamente, prolongando — a, e o reconhecimento começa a iluminar seus olhos. Então seu rosto cai. — Meus pais provavelmente estão ocupados demais para perceber que eu fui embora. — Ela olha para mim, tristeza e raiva claras em seu rosto. Então ela me vê, *realmente* me vê, e o vidro em seus olhos se ergue como uma névoa.

— Gwen — ela diz, e agora é a *minha* Olivia quem está falando. — Você está bem? — ela pergunta. Ela está tocando meu rosto, apertando minha mão. Sua expressão é urgente, como se ela tivesse acordado de repente e acabado de perceber onde estamos.

Ela desliza da cama e se joga em mim. Seus longos braços me envolvem e, por um momento, fico impressionada com seu abraço. Por um momento, sinto que tudo ficará bem. — Oh meu Deus. Achei que nunca mais veria você — diz ela, se afastando e me olhando.

— Eu sei — digo a ela. — Eu também. Mas estou aqui. Então, vamos descobrir isso.

— Veja que lindo. Afinal, um final feliz. — Diz Pan.

Eu me viro para ele, o alívio mal caindo sobre mim. Estou mais determinada agora do que nunca de que precisamos sair deste mundo e voltar para o nosso. — Você pode nos ajudar a voltar? — Pergunto-lhe. Tem que haver uma maneira.

Ele franze a testa. — Apenas as Fadas podem realmente cruzar as fronteiras entre nossos mundos — ele me diz, arrependido por obscurecer sua expressão. — Mas farei o que puder. E até então, você estará segura sob minha proteção.

— Obrigada! — Olivia salta da cama com sua habitual explosão de energia para abraçar Pan. Mas ela demora mais do que um abraço amigável normalmente exige e se afasta lentamente, com relutância. Pan dá um beijo cortês na mão dela e, quando ele a solta, os olhos dela estão vidrados novamente.

Meu estômago afunda enquanto ela sorri sonhadoramente para Pan antes de voltar para a cama e suas pilhas de flores.

— Olivia? — Eu pergunto baixinho. Mas ela não responde.

— Vou deixá-las sozinhas, então — Pan diz com uma pequena reverência, e com um salto acrobático da soleira da porta, ele nos deixa sozinhas na opulência florida do quarto.

Olivia já está focada atentamente em sua cadeia de margaridas. Por um momento ela esteve lá, mas foi apenas por um momento. Eu a observo trabalhar, e quando eu entendo que minha Olivia não está mais lá, eu ando até a porta e olho para o declive íngreme do Salão Principal abaixo.

— Como vamos descer daqui? — Eu pergunto, observando enquanto os meninos correm e gritam e fazem todos os tipos de coisas violentas uns com os outros.

— Por que nós iríamos querer descer? — Ela pergunta sonhadora enquanto se acomoda na cama macia novamente.

— Por *que não* iríamos?

— Bem, há os meninos, por exemplo. Faz muito tempo que eles não têm mãe e não são muito bem comportados. — Sua voz é oca e estranhamente formal, e ela nunca tira os olhos das flores em sua mão.

Enquanto eu observo, um garoto que não pode ter mais de oito anos tenta espetar outro garoto com uma espada longa e afiada. Lembro-me do que o Capitão me contou sobre o quão perigoso *seus* meninos podem ser, e de repente estou quase bem por não ter uma escada.

— Liv? — Eu pergunto, fechando a porta contra o barulho que vem de baixo. Nosso quarto florido fica em silêncio.

— Sim, Gwendolyn? — Ela pergunta, dizendo meu nome rigidamente. Ela não se incomoda em erguer os olhos.

Eu me sento na cama ao lado dela e a observo trabalhar por um momento. As flores que ela está enfiando têm pétalas aveludadas e hastes com espinhos. Elas são exatamente como tudo que eu encontrei até agora neste mundo estranho: lindas e exuberantes com um fio inexplicável de perigo. O polegar de sua mão esquerda está sangrando por causa da picada de um espinho, mas Olivia nem parece notar. Ela continua fazendo sua corrente, manchando as pétalas brancas com manchas vermelhas.

— Você sabe que temos que encontrar uma maneira de sair daqui, não é? — Estou inquieta com a rapidez com que seus olhos ficaram vidrados de novo,

e não consigo esconder o medo em minha voz. — Precisamos encontrar um caminho de volta. — *Antes que não possamos nos lembrar que precisamos voltar.*

Ela morde o lábio, e suas sobrancelhas franzem em concentração, como se ela estivesse lutando consigo mesma pela resposta. Mas ela nunca olha para cima. Ela nunca para de tecer o caule de uma flor em outra.

— Não é tão ruim aqui. Pan é maravilhoso. Este mundo é mágico. Eu vi *essas* coisas incríveis. — Seus olhos ainda estão suaves e desfocados com aquele brilho vítreo perturbador.

Eu a observo por mais um minuto ou dois, mas quando fica claro que não vamos mais conversar, vou até a janela solitária e puxo o tecido sedoso que está sobre ela. A vista que encontro confirma que não há saída deste quarto, exceto por Pan. Lá fora, a montanha da qual faz parte a fortaleza desce abruptamente. Abaixo de nós está a água, uma espécie de enseada com uma passagem estreita para o mar aberto além. Não há sinal do navio do Capitão. Não há sinal de nada nessas águas paradas, exceto o mar à espera.

Quando o comandante pediu voluntários, não sobrou nenhum jovem ou inocente o suficiente entre eles para se apresentar a princípio. Seu irmão olhou para ele com os olhos apertados, ordenando ao menino que ficasse quieto. Mas o menino não era mais uma criança. Ele deu um passo à frente e lançou um olhar desafiador para o irmão. A expressão de seu irmão era sombria quando ele deu um passo à frente também...

CAPÍTULO DEZENOVE

— Gwendolyn — A voz vem até mim através da névoa do sono, distante e familiar. Minha bochecha roça a seda fria do travesseiro, um perfume floral suave me lembra de lavanda, e por um segundo, acho que estou de volta a Londres. —Gwendolyn — a voz diz com mais urgência, e desta vez eu registro quem é. E onde estou.

Agarrando o cobertor em volta de mim, eu me sento com um sobressalto. — O que? — Eu pergunto, afastando meu cabelo do rosto. A luz do quarto é forte o suficiente para que eu saiba que dormi muito tempo depois da manhã. — O que é?

— Depressa, Gwendolyn — Pan diz, seu rosto a centímetros do meu. — Nós devemos ir.

— Ir? — Eu esfrego meus olhos. Não vejo Pan desde ontem. É quase um choque vê-lo novamente agora, perceber que minha memória de como ele é impressionante não era uma mentira. Mas é ainda mais chocante encontrá-lo pairando sobre mim quando estou sozinha na cama e mal acordada.

Estou sozinha.

— Onde está Olivia? — Eu pergunto. Ela estava aqui quando eu finalmente adormeci, muito depois dela.

— Seu Capitão está com ela — ele diz, seus olhos claros trovejantes.

— O Capitão? — Eu pergunto enquanto jogo as cobertas. Ainda estou usando a roupa que consegui montar ontem com uma seleção de roupas que estavam espalhadas pelo quarto de Olivia, um par de calças de couro

costuradas irregularmente e uma túnica que fiz rasgando a barra de um vestido azul fino.

— Um grupo de caça saiu mais cedo, Olivia foi com eles. Percebo agora que não deveria ter permitido, mas ela ficou bastante angustiada depois de seu tempo juntas ontem e... — Sua voz some quando ele me lança um olhar que é em parte pergunta, em parte acusação.

Meu estômago afunda. Passei a maior parte do dia ontem tentando desesperadamente convencê-la de que precisávamos encontrar um caminho de volta para nosso próprio mundo. No início, ela simplesmente rejeitou o que eu disse a ela, o pouco que eu conseguia lembrar de nossas vidas antes, mas quando a noite chegou, ela se fechou completamente.

— Você estava bastante exausta de sua provação e ainda dormindo — Pan continua. — Então eu pensei que poderia acalmá-la se afastar um pouco, talvez encontrar algumas flores novas sozinha. Alguns momentos atrás, um dos meus meninos voltou sozinho. Ele disse que eles foram atacados. — Sua mandíbula aperta. — Eu deveria estar preparado para algum tipo de retaliação.

Não perdemos tempo. Depois de amarrar as botas pesadas que peguei no navio, Pan me pega e, desta vez, nem hesito em envolver meus braços com força em volta do pescoço dele. Com um salto, ele mergulha em direção ao chão do Salão Principal, parando a tempo de navegar sobre o caos abaixo. Enquanto caminhamos em direção à entrada, alguns orbes brilhantes se juntam a nós e o seguem ao lado dele.

Assim que atravessamos o túnel e saímos da trincheira profunda que separa a fortaleza de Pan do resto da ilha, ele vira e navega sobre as águas cristalinas da enseada que vislumbrei da minha janela, em direção à paisagem rochosa do outro lado da ilha.

O solo que passa abaixo de nós é acidentado e seco. Por ser completamente desprovido de qualquer vegetação, o movimento interminável da ilha é mais visível e errático. Mais violento. O terreno acidentado se ondula, sua superfície rochosa rachando e voltando como ondas quebrando na costa.

Os olhos de Pan estão focados no horizonte e na névoa densa e sombria que se eleva à distância como uma parede.

— O que *é* isso?

— É para onde estamos indo, um lugar chamado Fim — Pan diz sombriamente. — Uma vez, os Escuros foram banidos de lá pela Rainha. Embora eles tenham escapado há muito tempo, aquela parte de Terra do Nunca, nunca se recuperou completamente. Normalmente não permito que meus meninos vão tão longe, é impossível saber os perigos que aguardam.

Conforme nos aproximamos, posso ver um pequeno grupo de pessoas acenando freneticamente na borda da névoa. Suas silhuetas mal são visíveis contra a névoa cinza. Pan acelera, descendo para onde o grupo de meninos espera, ensanguentado e espancado.

— Eles a pegaram, milorde — um dos meninos maiores diz a Pan enquanto me coloca no chão. A fala do menino é arrastada por um lábio inchado. — Nós tentamos persegui-los e pará-los, tentamos, mas não adiantou.

— Há quanto tempo? — Pan pergunta, sem se preocupar em se preocupar com os ferimentos dos meninos.

— Não muito — diz o menino, estremecendo quando um grito estridente ecoa de dentro da névoa.

— Olivia — eu digo, reconhecendo sua voz.

— Eles ainda devem estar perto. — Pan acena para os meninos. — Vamos lá.

Mas nenhum dos meninos se move. O garoto mais alto balança a cabeça, seu lábio inchado tremendo. — Eu não vou lá — ele diz, seus olhos arregalados.

Pan dá um passo ameaçador em sua direção. O menino não pode ter mais de doze anos, e Pan é muito mais largo e mais alto do que uma cabeça. O menino lança os olhos para o chão, mas sua cabeça ainda balança levemente enquanto ele nervosamente recusa a ordem.

— Eu acho que devo ter entendido mal — Pan diz agradavelmente demais para combinar com a rigidez em sua expressão.

— P-por favor, milorde. N-não aí — o garoto gagueja. — Você sabe que os Escuros assombram essa terra.

Pan saca uma adaga escura do cinto e a levanta até o pescoço do menino, levantando seu queixo com a ponta. O menino não olha Pan nos olhos, no entanto. — Deixe-me ser simples: você pode se arriscar lá, ou pode se resolver comigo. Você entendeu?

A poucos metros de distância, a névoa cinza gira e aumenta, avançando mais perto. O dia está fresco, mas uma gota de suor escorre pela têmpora do menino enquanto ele engole em seco e respira trêmulo. Finalmente, ele acena com a cabeça, inseguro.

— Vá em frente, então — Pan direciona, a adaga ainda em sua mão.

Os meninos levantam suas armas, mantendo-as prontas enquanto caminham hesitantemente pela cortina de névoa. Por um momento, ainda podemos vê-los, mas então eles desaparecem completamente.

Ele estende a mão para mim. — Fique perto de mim, Gwendolyn.

— Eu? — Eu mudo de volta novamente, para longe da névoa e de Pan.

— Claro. Não posso correr o risco de que seja uma armadilha. Mesmo agora, o Capitão pode estar esperando para partir com você assim que eu for embora. Não vou deixar você aqui a céu aberto, desprotegida.

— Mas... — A névoa parece uma coisa viva. Já engoliu os meninos de Pan. Não estou com pressa para que me engula.

Outro grito lamentoso que soa muito como Olivia vem das profundezas da névoa antes que eu possa encontrar as palavras para recusar.

— Venha — ele diz, agarrando meu pulso antes que eu possa impedi-lo. A mão de Pan é como uma algema enquanto ele me puxa através da cortina de névoa e, um momento depois, estamos dentro.

Atrás de mim, posso apenas ver a luz um pouco mais forte do dia, mas essa névoa não é como a que paira sobre Londres. Não há nada de natural no ar seco e escuro que nos cerca. Não há calor aqui. Nenhuma umidade espessa para explicar a escuridão ao nosso redor. É como entrar em um vácuo, uma nuvem de nada. Como se tivéssemos deixado Terra do Nunca para trás.

Mesmo com os orbes para nos guiar, não consigo ver mais do que trinta centímetros de meu rosto quando estamos dentro da nuvem. Até Pan, segurando meu pulso como está, parece embaçado e indistinto. Mas a névoa não é silenciosa. Os sons ecoam na névoa cinza, refletindo uns nos outros e se multiplicando. Todos nós chamamos Olivia, e logo estamos rodeados por uma centena de iterações de nossas próprias vozes, todas gritando o mesmo nome.

Pan me puxa enquanto uma das esferas brilhantes o leva para a escuridão. O terreno é irregular, cheio de pedras e escombros, e sob as solas grossas das minhas botas sinto o estalar de coisas quebradiças que não quero identificar. A certa altura, tropecei em algo que parece ter o formato de um sapato. Mas penso no que os meninos disseram sobre as pessoas não voltarem do Fim e não olho muito de perto.

Pan me pega quando tropeço em algo maior. — Precisamos nos mover mais rápido — ele me diz. — Olivia estará em um grande perigo se não a encontrarmos antes que ela encontre o fim da ilha.

— O fim da... — Penso nos declives acentuados que formam a costa e grito mais freneticamente. Mas apenas o som da minha própria voz volta para mim, provocando-me com o nome dela repetidamente.

Finalmente, depois do que pareceu minutos ou horas, não consigo mais dizer, Pan se vira para mim. — Sinto muito, Gwendolyn, mas...

— Pan! — A voz de Olivia ecoa de quatro direções ao mesmo tempo.

Pan fica quieto, ouvindo seu nome repetir na névoa que nos rodeia.

— É Olivia — eu respiro, o alívio passando por mim. — Nós a encontramos!

Eu mal posso distinguir a expressão de Pan enquanto ele continua a ouvir seu nome ecoar ao nosso redor.

— Bem, o que estamos esperando? — Eu pergunto.

Ele não responde de imediato e acho que pode não ter me ouvido. Mas então seus olhos piscam, olhando para mim, e depois de outro momento, ele me dá um aceno conciso. — Você está sozinha? — Ele grita.

— Sim! — O eco da voz de Olivia nos cerca. — Depressa!

— Fique onde está e grite por mim de novo! — Pan grita.

Depois de um momento, o nome de Pan vem novamente de dentro da névoa. E de novo.

O tempo perde todo o significado à medida que avançamos lentamente, tentando seguir o som da voz de Olivia em um jogo mortal. Às vezes, nos voltamos para seu chamado, apenas para perceber que estamos seguindo um eco. Finalmente, porém, vejo o brilho dourado do cabelo de Olivia à nossa frente na névoa espessa.

— Olivia! — Minha voz salta na névoa e volta para mim, toda excitação e alívio.

Com ele vem outro som, um zumbido metálico muito familiar, uma pulsação vibrante que me faz alcançar Pan. — Os Escuros — eu sussurro, mas ele ouviu. Sua adaga já está erguida em advertência.

Ao nosso redor, as bordas da névoa parecem ficar mais escuras, e as vozes ecoantes que nos perseguem sabe-se lá quanto tempo começam a morrer. Até que o único som seja o zumbido farfalhante dos próprios Escuros.

Os olhos de Pan procuram na escuridão a fonte do som. - Rápido. — Ele comanda, me direcionando para a silhueta de Olivia. Ela se vira ao ouvir nossos passos, seus olhos arregalados de medo, mas quando ela vê quem é, ela salta para Pan, que a envolve em seus braços.

— Calma, calma — ele sussurra enquanto acaricia o cabelo dela. — Tudo está bem. Eu tenho você.

Ela deixa escapar um soluço, que é abafado pelo tecido do colete dele. — Os meninos surgiram do nada — diz ela, sem afrouxar o aperto. O volume de sua voz aumenta com cada palavra. — Não estávamos nem tão longe dos túneis, e então.... eles apenas me deixaram aqui. Eu não sabia o que fazer ou onde...

— Você está segura agora — Pan diz a ela, passando a mão em seu cabelo. Mas seus olhos encontram os meus através da névoa nebulosa enquanto o zumbido fica mais alto. Os Escuros estão se aproximando.

— Precisamos ir — eu sussurro, olhando para baixo para ver sombras rastejando ao longo do chão ao nosso redor, nos circundando. — Agora.

Mas é tarde demais para correr. As sombras girando em torno de nossos pés já estão surgindo e crescendo à medida que se formam em um trio de

criaturas escuras. Quando estão totalmente formadas, elas abrem suas asas, transformando a névoa cinza em redemoinhos rodopiantes.

Pan se move para nos proteger com seu corpo enquanto os orbes brilhantes que nos guiavam através da névoa atacam os Escuros, lançando-se sobre as criaturas como abelhas furiosas. Onde eles atingem, a carne dos Escuros sibila e o cheiro de folhas queimadas se infiltra no ar. No entanto, não é o suficiente para parar as criaturas. As luzes mágicas não são mais do que um incômodo, como as bolas de fogo do Capitão que as trouxeram do céu.

Furiosa, a maior das criaturas escuras ataca as luzes das fadas, golpeando os orbes brilhantes com um rosnado desumano enquanto continua a espreitar em nossa direção. Pan nem mesmo estremece. A mão que segura a lâmina negra de sua adaga está firme enquanto ele avança na direção dos Escuros, e quando as criaturas veem o que Pan está segurando, ficam surpreendentemente imóveis.

Eu posso praticamente sentir sua raiva chicoteando o ar ao nosso redor. O zumbido pulsa e cresce a um tom ensurdecedor, mas eles não se aproximam.

— Vá — Pan diz. — Toque nas luzes.

— O que? — Eu não entendo até que uma das esferas zumba em volta da minha cabeça.

— Isso a levará para a segurança. Toque — Pan ordena. — Agora!

Olivia não hesita. Sem qualquer argumento, ela agarra a esfera pairando ao redor de seu rosto, e em um lampejo de luz ela se foi.

— Vá, Gwendolyn.

— Mas...

Existem três criaturas e apenas ele. Os outros meninos desapareceram há muito tempo. Não é que eu realmente ache que haja algo que eu possa fazer para ajudá-lo, mas deixá-lo sozinho com aquelas criaturas parece errado.

Ele me lança um sorriso devastador, como se os Escuros não estivessem batendo no chão a poucos metros de distância, como se suas asas já não estivessem batendo de raiva. — Eu posso cuidar de mim mesmo, amor. Eles não podem me tocar enquanto eu tiver isso — diz ele, acenando com sua adaga.

— É apenas uma adaga — digo a ele. Certamente o suficiente afiada para cortar a garganta de um menino, mas mal é grande o suficiente para picar o lado da criatura.

— É ferro, Gwendolyn. Mesmo um arranhão seria letal para eles. Continue. Vou alcançá-la depois de dar a você uma vantagem inicial.

Eu olho para a adaga que ele está segurando. É tão pequena comparado ao tamanho dos Escuros, que se elevam sobre Pan. Não consigo imaginar que isso pudesse fazer muito para protegê-lo deles.

— Vé! — Ele ruge, e desta vez a impaciência em sua voz me faz pular.

Sem mais hesitação, eu alcanço e agarro a esfera piscando perto do meu rosto. Meus dedos deslizam por sua densidade gelada, e o mundo pisca em branco.

O menino ficou ao lado de seu irmão e esperou por seus pedidos. Cada um deles cantarolava com uma ansiedade nervosa enquanto esperava, acreditando que estavam prontos para o que estava por vir. — Fique atrás de mim —, disse seu irmão. — Você cobre minhas costas, e eu estarei nas suas...

CAPÍTULO VINTE

Eu chego com o sol batendo em meu rosto e o chão rochoso ondulando abaixo de mim. Minha cabeça dói e minha visão está um pouco embaçada, mas posso ver Olivia a alguns metros de distância no chão. Acima de nós, a névoa cinza gira malevolamente, como se uma tempestade estivesse se formando dentro dela.

Ninguém mais está por perto. Nenhum dos meninos parece ter saído da névoa. Não há sinal do Capitão ou de alguém de sua tripulação, e não há sinal de Pan.

Sento-me, minha cabeça girando com a tontura do que acabou de acontecer. As luzes de fada também se foram. Estamos sozinhas no fim do mundo, e esta parte de Terra do Nunca é estéril ao nosso redor. Meus membros estão trêmulos e inseguros, mas eu rastejo alguns metros até onde Olivia está deitada no chão e gentilmente tento acordá-la.

Olivia tosse e geme e, em seguida, com os braços trêmulos, ela se levanta e olha para mim. — Gwen? — Ela diz, seus olhos desfocados, mas incrivelmente claros. Eles perderam a qualidade vítrea que eu notei o dia todo ontem.

— Você lembra de mim? — Eu me endireito e tento me concentrar nela. O vestido rosa que ela está usando está rasgado e sujo. A manga esquerda está solta, meio arrancada de seu ombro por alguém ou algo.

— Claro. — Mas então ela olha em volta, percebendo os arredores com um sobressalto. — O que aconteceu? Onde estamos?

— O Capitão tentou te sequestrar e nós te encontramos no meio do nevoeiro. Estamos em algum lugar chamado Fim — digo a ela. — Pan ainda está lá.

— Pan? — ela diz incerta, seus olhos se estreitam. — O que você está falando...

Antes que ela possa terminar sua pergunta, a névoa gira novamente enquanto algo escuro muda em suas profundezas.

— Cuidado — eu digo, alcançando Olivia para puxá-la de volta. Mas eu paro, não é uma criatura escura que está emergindo da nuvem. — Ele fez isso — eu sussurro, o alívio tomando conta do meu peito ao vê-lo.

Enquanto Pan sai da névoa cinza, seus olhos brilham com triunfo. Não há um arranhão nele. Ele me dá um sorriso irônico que me faz sorrir de volta. Mas então sua expressão fica séria. — Nós devemos ir. Eu não confio no Capitão ou nos Escuros.

— Mas os meninos... — digo, pensando naquele que estava com tanto medo, nos outros, que marcharam para a nuvem como se a morte fosse uma impossibilidade.

— Não há nada que eu possa fazer por eles agora — diz ele, e o tom direto e decidido de sua declaração me faz dar um passo para trás. Ele nem vai tentar.

— Mas...

— O que é importante é que levemos vocês duas de volta à segurança — ele interrompe, e embora eu queira discutir, há algo em sua expressão que me avisa que discutir mais seria um erro. — Estamos suficientemente seguros à luz do dia, mas precisamos voltar antes do anoitecer — explica ele, olhando para a névoa com cautela. — A menos, é claro, que você deseje conhecer mais das Fadas mais sombrias quando elas estiverem mais fortes?

Depois que ele diz isso, o resto das minhas objeções parecem inúteis.

No momento em que Pan puxa Olivia para ficar de pé, seus olhos já estão começando a perder a clareza que tinham momentos antes. Ele a enfia debaixo do braço e ela se aproxima, aproveitando ao máximo a proteção de seu corpo enquanto ele me oferece a outra mão. Seu aperto é seguro enquanto ele me puxa sem esforço para os meus pés.

Minha cabeça ainda está girando, mas eu resisto à vontade de me inclinar para ele como Olivia está fazendo. Muita coisa aconteceu. Preciso de espaço para descobrir o que penso de tudo isso.

— Estou feliz que você conseguiu — digo a ele, uma oferta de paz.

— Eu sabia que conseguiria. Afinal, eu tenho isso. — Ele puxa a adaga da bainha e a oferece para mim. Relutantemente, eu aceito.

É mais pesada do que parece e, embora sua lâmina seja escura, tem um brilho prateado que parece estar vindo de dentro do metal.

— Isso é realmente tudo o que preciso para assustar uma daquelas coisas? — Eu pergunto, olhando para ele em dúvida. O metal está quente em minha mão.

— Isso não é qualquer adaga, Gwendolyn. Pertenceu à minha mãe, a Rainha — explica. — Há muito tempo a Rainha viajou através das fronteiras para o mundo humano para encontrar algo para derrotar os Escuros, que tantas vezes atacaram sua corte em sua tentativa de dominar este mundo. Ela trouxe isso de volta, uma adaga forjada em ferro, sangue humano e prata. Juntos, eles são mortais para os Escuros. Para todas as Fadas — ele diz, acenando para a névoa e pegando a adaga de mim.

— Ela usou esta lâmina para matar o Rei dos Escuros e banir o que restou de sua corte para os confins desta terra para que seu povo pudesse viver aqui em segurança. Eles sabem muito bem do que isso é capaz — ele me diz

enquanto enfia a adaga de volta na bainha ao seu lado. — E eles são inteligentes o suficiente para evitá-la.

— Por que você simplesmente não mata todos eles com isso, então? — Eu pergunto.

— É impossível matar uma sombra, Gwendolyn. Os Escuros só podem ser mortos quando estão totalmente corpóreos e têm o hábito inconveniente de se fundir na escuridão da qual nasceram. Além disso, sem a Rainha para mantê-los sob controle, há muitos deles para que uma única lâmina faça o trabalho.

Eu franzo a testa com sua explicação. E não posso deixar de olhar para a adaga. Ele provavelmente está certo, não há como uma arma tão pequena derrotar *todos* os Escuros... Mas só preciso de uma ou duas para nos levar para casa.

A expressão de Pan pisca então, como se ele sentisse a direção dos meus pensamentos e não aprovasse. — Como eu estava dizendo — ele me diz, sua voz inabalável, — é hora de irmos.

Como ele não pode carregar nós duas ao mesmo tempo, e as luzes das fadas parecem ter se perdido no nevoeiro, passamos a tarde caminhando de volta para sua fortaleza. Assim que cruzamos o trecho de terra plana e rochoso que vi do ar, o terreno começa a subir abruptamente no meio montanhoso da ilha. Eu me preocupo um pouco em fazer todo o caminho até o topo, já faz tanto tempo que não faço nada físico, e já estou sem fôlego apenas um quarto do caminho para cima. Ainda assim, a dor ardente enquanto meus músculos cansados lutam para subir a inclinação é quase agradável. Isso me lembra de algo que eu costumava sentir antes, algo reconfortante e real da vida em meu próprio mundo. Mas antes que eu possa descobrir o que é, Pan para em um

afloramento rochoso e nos leva por uma passagem escondida que corta diretamente na encosta rochosa.

Assim que entramos, mais orbes brilhantes chamam a atenção e nos circundam, mas como se percebessem que não somos uma ameaça, eles simplesmente iluminam nosso caminho através das curvas sinuosas do túnel silencioso. E assim prosseguimos, por uma passagem estreita que parece interminável. O ar está fechado e tem um cheiro acobreado que me lembra moedas velhas, e as paredes costumam se inclinar em ângulos estranhos, então temos que nos abaixar ou manobrar ao redor delas.

Agora, os olhos de Olivia estão completamente vidrados. Enquanto caminhamos, ela ocasionalmente lança olhares para mim, mas posso dizer que quando ela olha para mim, ela não me reconhece. Pela postura rígida de seus ombros e a maneira como ela aproveita todas as oportunidades para chamar a atenção de Pan, acho que ela não me vê como nada além de uma ameaça.

Eventualmente, chegamos a um lugar onde o túnel que estamos seguindo se abre em uma sala cavernosa. A pedra escura do teto em forma de barril é atravessada por veios de cristal escarlate que brilham como granadas. Com as paredes rochosas se movendo continuamente ao nosso redor, parece que estamos no meio de um coração batendo.

Ao redor das paredes inclinadas, uma série de aberturas idênticas conduzem em direções diferentes. Nenhum deles está marcado de forma alguma, mas Pan nem mesmo diminui seus passos.

— Para onde vão todos esses? — Eu pergunto, olhando para trás por cima do ombro enquanto tento lembrar por qual túnel acabamos de passar.

— Vários lugares em Terra do Nunca. Embora eu recomende não explorar por conta própria, minha querida. Nunca posso dizer onde você pode

acabar. Por aqui — Pan diz, gesticulando em direção a uma abertura na extrema direita.

Embora esse novo caminho seja mais seco que o anterior, as paredes são íngremes dos dois lados. Em certos lugares, Pan precisa se agachar para continuar se movendo sem bater com a cabeça. E ao nosso redor, as paredes da caverna estão em constante movimento. Seixos chacoalham, caindo no chão enquanto a rocha ondula em sua dança constante.

Eu olho com cautela para o teto do túnel. — É realmente seguro estar aqui?

— Não temos muita escolha. Não há outra maneira de voltar para a segurança da minha casa, exceto esses túneis. A entrada que usamos ontem seria muito difícil e traiçoeira de uma escalada deste lado da ilha. Há uma boa razão pela qual a Rainha escolheu este local para sua fortaleza.

À medida que caminhamos, penso nas grossas paredes da fortaleza, na fachada de aparência impenetrável. Penso nas luzes de fada que guardam cada entrada e a adaga, que supostamente é tão mortal para as fadas, e não posso deixar de me perguntar como alguém conseguiu penetrar nas defesas que a Rainha construiu ao seu redor. Se ela era toda-poderosa, não posso imaginar como os Escuros se levantaram e a derrubaram depois que ela já havia matado seu rei.

Quando as paredes de pedra da caverna ao nosso redor tremem com uma força repentina e incomum, Pan fica imóvel, seu corpo tenso como se estivesse se preparando para um colapso.

— Isso nunca para, não é? — Eu pergunto. Ontem, observar a mudança da terra em sua dança sem fim enquanto navegávamos sobre ele foi encantador, mágico, até, mas tão abaixo da superfície, o movimento constante parece mais perigoso do que qualquer outra coisa.

— Nem sempre foi assim — diz Pan, seus olhos varrendo o teto do túnel antes de nos conduzir. — Quando a Rainha estava no poder, a ilha se curvava à sua vontade, e todos os que viviam nela foram protegidos, mas quando ela caiu, o mesmo aconteceu com a proteção que seu poder fornecia. Desde então, esta terra tornou-se cada vez mais instável. Recentemente, está piorando muito — ele me diz. — Eu fiz o que pude com os presentes que ela me deu, mas não sou forte o suficiente para segurar este mundo sozinho. Sem seu poder, a Terra do Nunca acabará por se separar.

Eu posso ouvir o barulho do Salão Principal claramente agora, mas eu paro e fico olhando para ele. — Mas você me pediu para ficar.

— Eu pedi — ele me diz. — Eu acho que você pertence à Terra do Nunca, Gwendolyn. Acho que há uma razão pela qual você encontrou seu caminho para este mundo.

Os olhos de Olivia brilham enquanto ela se mexe nos braços de Pan, puxando-se para mais perto dele como se defendesse sua reivindicação.

Só então a terra estremece novamente, enviando chuvas de pedras e destroços sobre nossas cabeças. Olivia se acomoda mais perto de Pan e eu alcanço a parede para me equilibrar enquanto ela treme. Por um segundo, acho que nunca vai parar. A pulsação da ilha é tão irregular sob minhas palmas, tão violenta, que por um momento acho que o teto acima de nós vai desabar.

Mas no momento em que toco, minhas mãos ficam quentes. Meu corpo todo fica quente, como se eu tivesse tocado em um fio elétrico, e a terra trêmula pulsa uma, duas vezes... e então fica completamente imóvel.

Eu fico perto da parede, esperando o violento tremor começar novamente, e depois de alguns longos momentos, a montanha começa a se mover lentamente. Quando tenho certeza de que não vai começar a tremer de novo, me afasto da parede, olhando o túnel ao meu redor, em alerta.

— Você deveria encontrar uma maneira de sair disso — digo a ele enquanto a rocha ao nosso redor se acomoda em seu ritmo ondulante mais suave. — Em vez de convencer outras pessoas a ficar aqui para morrer com você.

Ele se vira para mim então, me dando toda a sua atenção. — Eu não tenho intenção de morrer, Gwendolyn. E não estou procurando uma maneira de escapar deste mundo. — A determinação em seu tom não deixa espaço para discussão. — Eu faria qualquer coisa para salvá-lo.

Seu olhar azul constante encontra o meu, um desafio se eu tiver interpretado corretamente. Mas um desafio para quê?

— Existe uma maneira de parar isso? — Eu pergunto. — Para salvar Terra do Nunca de se destruir? — E de destruir tudo e cada *um* dentro dela, eu percebo.

— Eu acredito que sim — ele diz, sua expressão firme e calma. — E ao salvar Terra do Nunca, eu salvarei todos nós. Você não pagaria qualquer preço para fazer o mesmo?

Quando ele diz assim... Talvez ele esteja certo. Talvez não sejamos tão diferentes. Eu pagaria quase qualquer preço para voltar para casa, não é? Para garantir que Olivia também chegue em casa?

Mas Pan interpreta mal meu silêncio como discordância, e sua expressão muda. Sua seriedade é substituída por um olhar tão intenso, tão inabalável que não consigo encontrar palavras para explicar.

Não que eu tenha tempo para isso. Do comprimento do túnel à nossa frente, um rápido barulho de passos atrai a atenção de Pan para longe de mim.

Em um instante, sua adaga está fora e pronta. Mas desta vez o perigo é apenas um menino pequeno, nem mesmo tão alto quanto eu. Mas Pan não abaixa a adaga. — O que é? — ele se encaixa.

O menino para e olha para a adaga antes de erguer os olhos e encontrar os olhos de Pan. — Estamos sob ataque, milorde — diz ele, sem fôlego. — Depressa.

— O que? — Pan agarra o menino pelo braço antes que ele possa decolar novamente. — Do que você está falando?

— Piratas — diz o menino, seus dentes desiguais brilhando na luz bruxuleante dos orbes. — Atacando a fortaleza.

— Impossível. — A expressão de Pan é uma mistura de negação e fúria. — Eles não ousariam e, mesmo que o fizessem, nunca iriam passar pela trincheira.

— Eles já fizeram isso — diz o menino. — Eles estão no portão, e não sei por quanto tempo mais podemos segurá-los.

O menino queria dizer ao irmão que não precisava ser protegido, pois sabia que era por isso que seu irmão estava ali, naquele lugar com ele. Mas quando ele foi falar, ele ficou surpreso ao ver como o rosto do irmão o lembrava de casa, e ele não conseguiu encontrar as palavras. De repente, ele viu claramente o quão longe ele se aventurou da segurança daquele outro mundo, e ele se perguntou por que ele havia partido...

CAPÍTULO VINTE E UM

Pan envia o menino imediatamente para reunir os outros antes de se virar para Olivia e eu. — Vou leva-las de volta ao seu quarto — ele nos diz. — A violação de minhas defesas significa que há um traidor entre nós, e eu preciso ter certeza de que vocês estarão seguras.

Virando a esquina à frente, o túnel se alarga e, depois de outra curva, abre para o Salão Principal. O caos usual foi substituído por algo mais frenético. Nenhum menino anda correndo por ali agora. Em todos os lugares, eles reúnem suas armas e disparam em todas as direções. Mas, apesar da energia frenética ao nosso redor, Pan está estranhamente calmo enquanto nos puxa através da confusão de corpos, afastando qualquer criança que se atreva a entrar em seu caminho.

Quando chegamos ao outro lado do corredor, Pan pressiona a mão na parede de pedra. Um momento depois, um grande estrondo atravessa a fortaleza, sacudindo o chão com um tremor tão violento que tenho que estender a mão para me equilibrar. A parede inteira está se movendo, fragmentos irregulares de pedra começam a se projetar para formar uma escada íngreme e irregular até nosso quarto.

Pan pega a mão de Olivia e a ajuda a montar a primeira das grandes pedras para que ela possa começar a escalada precária. Quando ela está bem encaminhada, ele me puxa para frente. Mas eu hesito.

— Você vai apenas nos deixar lá sem nada para nos defender?

— Vocês estarão mais seguras lá do que em qualquer lugar — diz ele. — Assim que vocês estiverem lá, recolherei as pedras e ninguém será capaz de

alcançá-las. — Levantando-me facilmente pela cintura, ele me coloca no primeiro degrau. Então ele pega minha mão e pressiona seus lábios na parte inferior do meu pulso. O calor explode no lugar onde seus lábios me tocam. — Eu não vou deixar ele ter você, Gwendolyn — ele diz com uma determinação que faz minhas bochechas ficarem vermelhas. — Eu nunca o deixei pegar o que é meu.

Por um momento, não me afasto. Sinto como se tudo o que pudesse ver fosse o azul claro de seus olhos. Por um momento, sinto o mesmo puxão em direção a ele, aquele desejo irresistível de apenas concordar com tudo o que ele exige de mim, de dar a ele tudo o que ele quiser.

Mas então ele olha para cima, quebrando nosso olhar. Sem a intensidade constante de sua atenção, me sinto quase perdida.

A intensidade desse sentimento é o suficiente para me trazer de volta a mim mesma, para me fazer perceber quão rápido, quão facilmente caí sob sua escravidão novamente. E o suficiente para me assustar.

Quando me viro para ver o que chamou sua atenção, percebo que Olivia já alcançou o topo. Ela está nos observando com os olhos estreitos. Pelo olhar sombrio que ela está me dando, ela viu Pan beijar meu pulso. E ela não está feliz.

Afasto minha mão de Pan e dou um sorriso fraco antes de me virar para os degraus. *Vou explicar,* penso quando começo a subir em direção a Olivia. Vou acalmá-la e tentar trazer *minha* Olivia de volta. Ela estava lá esta tarde, mesmo que apenas por um momento. Tenho que acreditar que ela ainda está lá, em algum lugar por trás do esquecimento que Terra do Nunca inspira. Tenho que acreditar que posso fazê-la relembrar, porque quanto mais tempo fico neste mundo, quanto mais vejo e experimento, menos me lembro claramente do mundo de onde vim. Mais facilmente me sinto atraída pelas

tentações de Pan. E quanto mais eu entendo isso, mais percebo que temos que encontrar um caminho de volta logo, ou nunca voltaremos.

Assim que entro no quarto, as escadas se retraem com outro ruído estrondoso de trituração, deixando-nos presas bem acima da comoção crescente no Salão Principal. O menino estava certo, os portões não resistiriam muito tempo. O último degrau mal recuou para a parede antes que a tripulação do Capitão comece a inundar o Salão Principal.

Todos eles têm suas lâminas desembainhadas para atacar. Sam está lá, liderando o ataque. Devin empunha sua espada com precisão devastadora, cortando qualquer um dos meninos de Pan que se atreverem a ficar em seu caminho. Até mesmo Owen de olhos suaves parece mais feroz do que eu jamais imaginei que ele poderia ser enquanto entra na briga.

— Você nunca vai ganhar, você sabe. — A voz de Olivia vem atrás de mim.

No início, acho que ela está falando sobre a batalha abaixo. A princípio acho que ela sabe que uma parte de mim está torcendo pelo Capitão.

— Eu não sei por que ele trouxe você aqui, mas ele não precisa de você. E você não pode ficar com ele. — Suas sobrancelhas se juntam e seus olhos verdes claros encontram os meus, desafiadores. — Ele é meu — ela diz bruscamente, enquanto agarra meu braço para me forçar a encará-la.

Mas ela erra a direção do meu braço e, em vez disso, agarra minha pulseira. Eu sinto a corda frágil ceder, e o tempo passa lento e parado, como se meus membros estivessem congelados e tudo que eu pudesse fazer é assistir impotente enquanto as pedras cinza-azuladas caem, ricocheteando no chão irregular.

Só quando ouço a primeira delas bater na pedra sob meus pés é que posso me mover. Eu me lanço para as contas, frenética para impedi-las de cambalear

para fora da porta e para o Salão Principal, mas elas rolam para longe de mim, saltando em muitas direções diferentes ao mesmo tempo.

— Ajude-me — Eu imploro.

Mas essa Olivia não se importa. Esta Olivia não se lembra da minha mãe ou do nosso mundo ou mesmo da nossa amizade. Essa Olivia me vê apenas como uma ameaça, não como alguém tentando salvá-la. Ela vem até mim, a sombra de seus ombros quadrados lançando uma mortalha sobre o chão diante de mim. E quando ela fala, sua voz soa como outra pessoa.

— Eu deveria saber o que você pretendia desde o início — diz ela com uma maldade vazia que faz meus olhos se encherem de lágrimas. Ela dá mais um passo à frente e chuta algumas pedras para fora do meu alcance. Algumas delas caem no chão e saem pela porta aberta. — Pan é *meu*. Ele veio por mim. Ele *me* salvou.

— Olivia... — digo, mas minha voz morre quando a vejo, parada acima de mim. Seus olhos estão selvagens e com raiva, os olhos de uma estranha. Não os olhos da minha amiga.

— Eu não vou deixar você tomá-lo de mim — diz ela, e sua voz é tão fria, tão diferente dela que eu não duvido que *esta* Olivia vai manter sua palavra.

Tento coletar mais algumas pedras soltas. — Eu não o quero — eu sussurro, tanto para mim quanto para ela. E desta vez, não é mentira. Pego a última das contas que não caíram no Salão Principal e fecho minha mão em torno delas, sem entender como tudo pode ter saído do curso tão rapidamente.

Abaixo, os meninos de Pan lutam contra os do Capitão. O próprio Pan está entre eles, lutando com uma graça que nenhum dos outros meninos possui. Enquanto os outros meninos atacam com violência sanguinária, os movimentos de Pan são frugais, elegantes até. Também ajuda que ele não esteja preso ao solo. Voar dá a ele a vantagem da surpresa e a habilidade de

passar por cima de um garoto e cortá-lo por trás antes que sua vítima tenha a chance de se virar.

De repente, vejo Owen, sua mão gorducha segurando uma espada curta e golpeando Pan com violência. Eu posso ver a arrogância sorridente no rosto de Pan enquanto ele empurra sua adaga para frente, empurrando Owen de volta para a luta. O peito do garoto respira profundamente e, por um momento, ele se segura. Então eu vejo o brilho nos olhos brilhantes de Pan e percebo que ele está apenas brincando com o menino.

Os joelhos de Pan dobram levemente, e sei que em um momento ele estará no alto e Owen estará condenado.

— Owen! — Eu grito, tentando avisá-lo.

Os olhos do garoto se erguem para descobrir quem chamou seu nome, mas é um erro desviar sua atenção da luta mesmo por um segundo. Pan já está no ar, já acima e atrás dele, e no mesmo momento que os olhos de Owen encontram os meus, Pan enfia sua adaga profundamente nas costas do menino.

— Não! — Eu grito quando a lâmina de Pan encontra sua nova vítima. Os olhos de Owen se arregalam, seu rosto se contorce em uma espécie de agonia em choque. — Não — eu choramingo. Mas meus protestos são inúteis. Owen, o garoto que fica confuso com tanta facilidade por uma palavra amável, já desabou no chão, seu sangue uma flor terrível florescendo em suas costas.

Pan olha para mim, seus olhos brilhando com a raiva e o deleite da batalha, e ele sorri antes de me dar uma saudação alegre e mergulhar na batalha mais uma vez.

— Não — eu gemo, incapaz de tirar meus olhos do corpo imóvel de Owen. Porque eu sei que sua morte foi parcialmente minha culpa. Talvez até inteiramente minha culpa.

Mas sua morte é apenas uma entre muitas. E sou incapaz de fazer qualquer coisa, exceto assistir.

Lágrimas de raiva queimam meus olhos quando ouço um arranhão atrás de mim. Eu me viro a tempo de ver uma mão enluvada agarrar a borda da janela e, um momento depois, uma cabeça de cabelo preto como a noite aparece. Então olhos escuros encontram os meus.

— Rowan? — O nome vem antes que eu possa me conter, percebo que nunca o chamei assim antes.

Ele está tão surpreso com o uso de seu nome quanto eu, e essa surpresa momentânea suaviza suas feições marcantes. Em seguida, seu aperto no parapeito da janela escorrega e sua expressão é mais uma vez séria. — Uma ajudinha, moça?

Há uma expressão de tal pânico em seu rosto que me arrasto sem pensar duas vezes e, agarrando seu braço, ajudo a puxá-lo para dentro do quarto. Olivia faz uma espécie de som agudo e se afasta para a segurança da cama.

— O que você está fazendo aqui? — Eu digo enquanto ele se levanta.

Ele endireita seu casaco dando alguns puxões fortes para colocá-lo no lugar.

— Achei que estava bem claro — diz ele, apontando para a janela. — Estou resgatando você.

— Me resgatando? — Eu digo, incrédula. Ele parece tão sério que quase rio, mas então me contenho. — Você não pode pensar seriamente que vou apenas voar com você depois do que você fez com Olivia?

— Eu não voo bem — ele grunhe, pegando-me pela mão e começando a me puxar em direção à janela. — E eu não fiz nada para ela. — Ele olha para ela. — Ela parece bem o suficiente.

— Você a atacou antes — digo a ele. — Você a deixou para morrer no Fim.

— O Fim? — ele diz, sua expressão torcendo em confusão. — Não fiz nada além de tentar alcançá-la desde que você voou com *ele*, moça. Nunca tive o prazer de conhecer sua adorável amiga — ele diz, estendendo a mão para Olivia como se eles tivessem acabado de ser apresentados. O Capitão dá um sorriso maroto, mas Olivia recua, seus olhos cautelosos.

— Então foi sua tripulação — eu digo. — O que equivale à mesma coisa. Ela poderia ter morrido lá.

O Capitão fica muito quieto e se vira para mim. — Minha tripulação não fez nada, exceto trabalhar noite e dia, navegando para resgatá-la. Não tenho ideia do que você está falando.

— Mas Olivia...

— Eu não estou aqui por Olivia — ele fala. — Estou aqui por *você*.

Eu pisco com a determinação em seu tom, sem palavras por um momento. E então meus pensamentos ficam mais sombrios quando me lembro de tudo que Pan me contou sobre como o Capitão sobrevive neste mundo. — Por que eu?

Mas o Capitão não reage da maneira que eu esperava.

— Eu... — Ele passa a mão enluvada pelo cabelo, bagunçando para que uma mecha escura caia sobre sua testa. Então ele olha para mim e sua expressão está cheia de confusão. — Você foi embora — ele diz simplesmente, como se ainda estivesse tentando entender como ou por que isso aconteceu.

— Claro que fui embora! — Eu me afasto dele novamente. — Não é ruim o suficiente você alimentar monstros marinhos com crianças, mas você deixou o Escuro matar aquele menino — eu digo, minha voz aumentando. — E então você tirou a vida dele.

Eu vejo o momento em que ele entende a que estou me referindo. Suas sobrancelhas se juntam e toda a sua expressão fica séria enquanto ele vem em minha direção. — Foi o Escuro que tirou sua vida — ele diz, agarrando meu pulso e me puxando em direção a ele com um puxão seguro.

Tento me afastar, mas não consigo escapar. — Eu vi tudo naquela noite, Capitão. Eu sei exatamente o que você fez. Eu sei por que você fez isso, e eu sei que uma parte de você *gostou* — eu digo, pensando na expressão de horror e êxtase em seu rosto quando ele pegou aquele fio brilhante.

— Você *não* sabe de *nada* — diz ele, puxando-me para mais perto ainda, até que sou forçada a inclinar minha cabeça para trás para olhar para ele.

— Eu sei o suficiente — digo, recusando-me a recuar.

— Você? — ele rosna. — Você sabia, então, que o menino estava morrendo, certo? Que ele havia sido cortado no estômago. Que quando a infecção atingiu, como teria acontecido, sua morte não teria sido fácil? — Sua boca fica tensa, e a expressão em seu rosto é como uma pedra, seus traços tão afiados e duros, prontos para o golpe que fará uma faísca. — E suponho que você também sabia que, se eu não tivesse aceitado o que o Escuro ofereceu, a morte do menino teria sido em vão?

— Você espera que eu acredite nessa desculpa? — Eu pergunto, procurando em seu rosto por algo que denuncie a mentira em suas palavras.

— Eu não me importo com o que você acredita, moça. — Ele me solta e se afasta, colocando espaço suficiente entre nós para que eu quase possa respirar novamente. — Eu sei a verdade — ele diz sombriamente.

— E qual é a verdade? — Eu desafio, mas ele não responde. — Por que os Escuros ofereceriam algo a você? A menos...

Minha boca se abre. Como fui estúpida por não ver o que estava me encarando bem na cara todo esse tempo. — Não...

Seus olhos se estreitam para mim. — A menos que o quê, moça?

— A menos que você esteja com eles — eu sussurro. — Ou a menos que os Escuros estejam com você.

Embora suas sobrancelhas levantem ligeiramente, como se ele estivesse surpreso com minhas palavras, de outra forma sua expressão não muda.

— A menos que tenha sido você quem os enviou a Londres em primeiro lugar. — Penso na loira em seu navio, aquela que também estava em Londres, e o ar na sala parece fino, perigoso. — É por isso que você voltou para mim agora?

— Você acha que *eu sou* a razão de você pousar neste mundo? — o Capitão pergunta, todo o humor sumiu de sua voz.

— Eu acabei no seu navio. Eu vi você trabalhando com aqueles monstros — eu digo, juntando as peças. — E eu vi Fiona em Londres, antes de vê-la em seu navio.

— Você acha que *eu* trouxe você aqui? — O Capitão não me dá tempo para responder. Ele já está respondendo, sua voz ficando mais alta a cada ponto que ele faz. — Você não é exatamente o que procuro na minha equipe — diz ele, estreitando os olhos para mim. — Você é bonita o suficiente, com certeza, mas não exatamente útil na batalha, sim? Cada vez que me viro, você precisa ser resgatada, e aqui estou eu de novo, arriscando a mim e aos meus para salvar seu traseiro ingrato, apenas para ter você jogando *essa* acusação aos meus pés.

Olivia, que tem observado toda a troca, choraminga atrás de mim, e eu entendo o porquê. Com sua cicatriz incandescente e adaga malvada, o Capitão pode parecer uma figura assustadora quando quer. E agora, ele definitivamente quer.

Mas não vou me intimidar. — Ninguém nunca pediu para você me salvar — eu digo enquanto dou um passo em direção a ele. Eu olho para ele, meu temperamento aumentando.

Sua boca está tão perto que se eu apenas levantasse um pouco na ponta dos pés...

— Não. Ninguém pediu — diz ele, afastando-se repentinamente. Ele passa a mão pelo cabelo novamente, bagunçando ainda mais.

Nunca vi o Capitão tão amarrotado, tão desfeito. Isso o faz parecer muito mais humano, e muito mais perigoso.

Ele se vira para mim, sua expressão sombria, zombeteira. — Suponho que você acredita que seu novo protetor vai assumir a tarefa de salvá-la agora.

— Eu não preciso dele para me salvar — eu estalo.

— Bem, isso é um alívio, já que duvido que ele faça algo desse tipo. — O Capitão me olha com os olhos. — Veja, moça, se você quer saber quem é que comandou os Escuros para trazê-la a este mundo, seria melhor olhar para Pan do que para mim.

— Pan? — Eu pergunto, pensando no que ele me disse sobre sua mãe, a Rainha. — Ele tem mais razão do que ninguém para odiar os Escuros.

— Ele tem? — O Capitão sorri, mas não é uma expressão agradável. Mais uma exibição de seus dentes do que qualquer outra coisa. — Todas mentiras, Gwendolyn, amarradas em um pacote de palavras bonitas. Eu te avisei disso.

— E eu só devo acreditar em *você*? — Eu ataco, sentindo-me subitamente inquieta e menos certa de qualquer coisa do que estava há alguns momentos.

— Eu nunca menti para você sobre quem ou o que eu sou, moça.

Eu bufo uma risada oca. — Você deixou de fora detalhes o suficiente.

— Eu nunca tentei atormentá-la com palavras bonitas. — Sua boca severa se aperta. — Mas não é uma mentira quando eu digo a você que Pan trouxe

você aqui porque ele pretende usar você. E não é mentira quando digo que ele não permitirá que você ou sua amiga retornem ao mundo de onde vieram. Especialmente você, Gwendolyn.

— Por que não? — Eu pergunto, de repente perturbada com o quão silenciosas suas palavras se tornaram. Como seus olhos estão nublados com algo que parece arrependimento.

Sua expressão fica tensa. — Há mais nisso tudo do que eu tenho tempo para explicar para você agora. Venha comigo e eu conto tudo para você. — Ele não exige desta vez. Ele simplesmente estende a mão novamente, uma oferta. — Já passou da hora de irmos.

A batalha ainda está sendo travada abaixo, e os sons que chegam até mim me lembram da expressão no rosto de Owen quando a adaga de Pan encontrou seu alvo, e a diversão no rosto de Pan quando o corpo do garoto caiu no chão.

Mas eu vi o que o Capitão também pode fazer. Eu o vi matar cruelmente. E eu o vi tirar uma vida inocente. Nenhum dos dois está seguro. Nenhum deles é inocente.

— Eu não vou com ele — diz Olivia de onde ela está assistindo nossa conversa desenrolar.

— Então fique — diz o Capitão, sem nunca desviar o olhar de mim. — Venha, moça. Antes que seja tarde. — Ele me oferece sua mão, mas nada mais.

— Mas já é tarde demais, Capitão — Pan diz da porta aberta.

O menino aqueceu as mãos para que ninguém visse como elas tremiam em sua arma. Seu irmão nunca tremeu antes da batalha, apenas fechava os olhos brevemente e então enfrentava o que estava por vir. Como se seu irmão tivesse encontrado uma maneira de aceitar a inutilidade e o desperdício da mentira em que se encontravam presos. E o menino odiava seu irmão por isso, só um pouco, do jeito que só irmãos podem odiar...

CAPÍTULO VINTE E DOIS

E mesmo que ele estivesse falando com o Capitão, os olhos azul-claros de Pan estão fixos em mim. — Gwendolyn, minha querida, talvez você possa fazer a gentileza de se afastar?

A espada do capitão está desembainhada e, em um piscar de olhos, ele está na minha frente, me impedindo de ir até Pan.

— Não vou deixar você ficar com ela de novo — rosna o capitão.

Pan dá a ele um olhar entediado. — Então, novamente, terei que lembrá-lo, a escolha não é sua.

O capitão dá um passo à frente, sua lâmina em punho. — Ouvi dizer que você está inventando suas histórias, Peter — ele diz, pronunciando as sílabas do nome com uma cadência zombeteira.

— Não, garoto — Pan avisa, sua voz perigosa.

— Ainda brincando com seus contos de fada, pelo que vejo — o capitão provoca enquanto dá um passo rápido para frente. Pan se esquiva facilmente, evitando sua adaga sem muito esforço.

— Eu não brinco. Você sabe disso muito bem.

— Sim — o Capitão diz, me empurrando de volta para a cama, longe da luta, enquanto ele circula para a esquerda. — Eu sei muitas coisas sobre você. Eu me pergunto, porém, se você se preocupou em contar seus segredos a Gwendolyn. Ou se você apenas a tentou com suas muitas mentiras.

Pan segue os movimentos do capitão facilmente. — Não preciso mentir. — Pan golpeia selvagemente, e novamente o capitão o encontra, suas lâminas cruzadas, cara a cara. — Gwendolyn *me* escolheu, Rowan. E ela vai me

escolher novamente. — Ele empurra o capitão para trás com violência. — E de novo.

— E se ela não o fizer? — O rosto do capitão ficou mortal, mas sua voz permanece calma enquanto ele se endireita, pronto para o próximo movimento de Pan. — Você vai deixá-la morrer como você faz com o resto que deixa de ser útil para você?

— Por que ela não me escolheria? — Pan fala lentamente, circulando mais para a direita. — Eu a salvei de gente como você, não foi? E posso dar a ela tudo o que ela quiser.

— Aparentemente — o Capitão diz, mostrando os dentes. — Você não a levou de volta ao mundo dela, não é? — ele pergunta, seguindo o movimento de Pan e se preparando para o próximo ataque. — Ela sabe que você poderia se quisesse?

Estou me movendo antes que possa pensar melhor, antes que o capitão possa me impedir. — Do que ele está falando? — Eu pergunto a Pan enquanto passo na frente do Capitão, entre os dois.

Pan encolhe os ombros. — São as palavras desesperadas de um homem desesperado, Gwendolyn. Você viu com seus próprios olhos para quem os Escuros trabalham, não é?

Quando volto para o capitão para obter alguma explicação, vejo que sua expressão ficou dura. Antes que ele possa dizer qualquer coisa, Pan agarra meu braço e me puxa com segurança atrás dele. Em um piscar de olhos, Pan coloca as costas do capitão contra a porta aberta. Pan avança e o capitão defende, mas o salto da bota polida do capitão fica preso na beirada do chão e ele balança, agitando os braços para se segurar.

Pan ataca novamente, sua adaga chicoteando violentamente, jogando o capitão para trás novamente.

Mas não há para onde ir. O pé do capitão encontra ar, e ele tropeça para trás, mal conseguindo se segurar na beira do chão antes de cair no corredor lá embaixo.

Ele ainda está segurando a lâmina na mão e lutando para se levantar de seu aperto precário na saliência quando Pan se aproxima dele. O capitão fica imóvel quando Pan se agacha, pairando sobre ele, mas apenas por um momento. — É assim que você imaginou que encontraria seu destino, garoto? — Não consigo ver o rosto de Pan, mas posso ouvir a ansiedade em sua voz.

O queixo do capitão fica tenso enquanto ele luta novamente para se levantar.

Pan simplesmente balança a cabeça. — Devo admitir, isso não é tão divertido quanto pensei que sua morte seria — Pan diz, fingindo desapontamento. — E não tão satisfatória quanto eu esperava. — Ele levanta uma bota e a abaixa, esmagando a mão do capitão - sua mão verdadeira.

O capitão uiva, seu rosto se contorcendo quando sua mão solta sua lâmina, e todo o seu corpo desliza para mais longe. Pan pega a espada do capitão, examina-a por um momento e depois leva a ponta à garganta do capitão. — Ah, assim é melhor — ele fala lentamente, a diversão tingindo sua voz. — Morto por sua própria lâmina. Bastante poético, não é, Rowan?

Os olhos escuros do capitão encontram os meus e vejo pânico real neles. E medo. A expressão é tão estranha, tão estranha nas linhas nítidas de seu rosto, estou me movendo antes que eu possa pensar melhor. E antes que eu possa pensar nas implicações do que estou prestes a fazer, agarro o braço de Pan e o puxo de volta. — Não!

Pan se vira para mim, seus olhos se estreitam e sua boca se curva em um rosnado. O lindo menino se foi e em seu lugar está algo frio e perigoso. Seus

olhos azuis estão vazios de qualquer sentimento, exceto raiva. Mesmo assim, não solto seu braço.

— Por que não, Gwendolyn? Ele trouxe sua ralé para minha casa, para matar meus meninos, por que eu deveria poupá-lo?

— Se você fizer isso, não será melhor do que ele — digo, com cuidado para não olhar para o capitão. Eu mantenho meus olhos em Pan, implorando sem palavras para ele ceder.

Os olhos de Pan se estreitam enquanto ele me considera. Por um momento que parece uma eternidade, o Capitão se pendura na porta, o suor escorrendo de sua testa com o esforço de tentar se levantar.

O que quer que ele tenha feito, seja o que for, não posso ficar parada e não fazer nada. Eu vi as Sereias do mar e sei o risco que ele correu para me tirar da água. Eu devo muito a ele. — Por favor — eu imploro. — Você não precisa matá-lo para vencer. Você pode ser melhor do que ele.

A princípio, Pan não dá sinais de ter me ouvido. Sua mandíbula permanece tensa, seu corpo inteiro pronto para atacar enquanto ele encara o capitão. Mas então seus ombros relaxam, só um pouco, e ele olha para mim, sua expressão escondendo mais do que revela.

— Muito bem, minha querida — Pan diz depois de outro longo momento. Em seguida, um sorriso sombrio pisca em seu rosto. — Mas, novamente, sempre serei melhor do que ele.

Com um movimento rápido da mão de Pan, as guirlandas de videira que Olivia fez começam a serpentear pelo chão e envolver os pulsos do capitão. Poços de sangue se formam onde seus espinhos cavam em seu braço direito, mas ele quase não recua. E ele não grita ou defende seu caso. Seus olhos escuros estão fixos em mim enquanto as cordas verdes começam a arrastá-lo para fora da borda, baixando-o para o Salão Principal.

Eu corro para a porta para ver os meninos de Pan reunidos abaixo. Quando o capitão, ainda lutando contra as vinhas, finalmente chega ao chão, os meninos se lançam sobre ele.

— Você disse que não iria matá-lo — digo a Pan, que está observando os eventos se desenrolarem com um brilho nos olhos.

Pan olha para mim. — Não se preocupe, minha querida. Meus meninos sabem muito bem que eu ficaria muito descontente se a morte do capitão viesse pela mão de qualquer outra pessoa que não a minha.

Não tenho tanta certeza dos meninos quanto Pan tem. Com as mãos e os braços fortemente envolvidos nas vinhas, o capitão não tem chance de se defender dos golpes que está sendo dado pela matilha de crianças selvagens abaixo. Depois de um momento, alguém levanta o braço de metal do capitão como um troféu.

Mas alguns dos orbes brilhantes começaram a se reunir ao redor do grupo de meninos. Com um lampejo, um deles explode em uma explosão de luz que me faz piscar, e quando eu olho para trás, vejo uma pessoa parada onde a orbe flutuou.

Ou não uma pessoa, exatamente, mas uma criatura que se parece muito com a Fiona, não tenho dúvidas de que é uma Fada. Seu torso nu está coberto pelas mesmas escamas estranhamente iridescentes que cobriam o corpo de Fiona, e sua cabeça tem o mesmo cabelo louro-claro.

Os meninos no corredor abaixo ficam completamente silenciosos, e aquele que estava prestes a dar um chute no rosto do Capitão abaixa o pé enquanto, uma por uma, as esferas brilhantes piscam com um brilho ofuscante e se transformam em mais da fada loira. O sexto e último orbe explode em luz e revela Fiona, com o rosto de pedra sobre o corpo do capitão.

Solto um suspiro de alívio enquanto ela se abaixa para examiná-lo. Com um movimento rápido de sua cabeça, duas das outras Fadas avançam e içam o Capitão pelos braços. Espero os meninos atacarem, mas eles nunca o fazem. Eles apenas assistem com expressões inquietas em seus rostos jovens.

— Levem nosso convidado para o porão! — Pan grita.

Eu viro minha cabeça, confusa. No navio, Fiona falava com o capitão como se se conhecessem, mais do que se conhecessem. Ela falava com ele como se fossem aliados. Por um momento, pensei que ela tinha vindo resgatá-lo, mas está claro, pelo olhar inexpressivo em seu rosto, que ela não veio.

Pan sorri da minha confusão. — Fiona tem sido leal a mim desde o início, Gwendolyn.

— Mas ela estava no navio — protesto.

— Sim, ela estava, por ordem minha. Ela me traz informações e me mantém informado dos planos do capitão. Rowan não tem ideia. — Pan sorri, uma curva escorregadia de sua boca que ilumina seus olhos com diversão. — Embora eu suponho que ele tenha concluído isso agora.

Quando a ordem foi dada, eles se arrastaram lenta e cautelosamente para o trecho árido de terra entre a segurança e a morte. Os olhos de seu irmão estavam alertas, esperando o perigo se revelar. O menino também deveria estar olhando, mas não conseguia tirar os olhos do caroço disforme que outrora fora um soldado a poucos metros de distância...

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

Os corpos dos meninos caídos já estão esperando por nós quando Pan e Olivia me levam para fora da fortaleza e para a borda da trincheira. Os meninos mortos estão descobertos e despreparados para seu descanso final, e sua pele está cinzenta e suja. E o sangue da batalha ainda marca suas roupas e já está coagulando nas bordas de suas feridas. Muitos ainda têm seus olhos abertos, como se acusassem os céus pelo destino cruel de que foram vítimas.

Alguns são meninos de Pan, mas a maioria pertence à tripulação do Capitão. Na morte, eles parecem ainda mais jovens do que em vida. Aquela pátina de perigo que eles carregaram no navio como uma medalha de honra foi apagada, deixando apenas os rostos das crianças para trás.

Eles nunca verão outro dia. Eles nunca vão crescer e se tornar os homens que poderiam ter sido. E neste mundo, ninguém vai se lembrar deles. Ninguém lamentará sua perda. Em dias, ou talvez até horas, ninguém vai se lembrar deles.

Eu me pergunto sobre as pessoas que eles deixaram para trás. Eu me pergunto se alguém do nosso mundo ainda espera que eles voltem para casa. Eu me pergunto se alguém espera por mim.

Dois meninos mais velhos levantam o primeiro corpo - Owen. Agarrando-o pelos ombros e pés, eles jogam sem cerimônia suas sardas familiares e cabelos ruivos para dentro do poço. Em seguida, eles alcançam o próximo menino. Eu temia Sam no navio, mas agora, quando olho para seu corpo quebrado, mal consigo me lembrar por quê.

Quando eles o levantam bruscamente, o braço de Sam balança como o peso morto que é. Parte do braço dele está faltando, mas não há nenhum corte como tantos outros corpos possuem. Em vez disso, como o garoto que me atacou no navio do capitão, a metade inferior de seu braço simplesmente desapareceu, como se tivesse rachado ao longo da linha de sua tatuagem irregular. Nenhum sangue. Sem osso. Apenas escuridão vazia onde seu braço estava preso.

Foi isso que aconteceu com o braço do capitão? Foi isso que o levou a aceitar a vida que o Escuro ofereceu naquela noite?

Pan está parado à minha esquerda, com Olivia aninhada perto do seu outro lado. Ele está observando o processo sem qualquer emoção visível enquanto um corpo após o outro é levantado e jogado sem cerimônia no buraco aberto. Quando Olivia se vira e enterra as lágrimas no ombro de Pan, ele a conforta sem me lançar um olhar. Desde que implorei misericórdia em nome do capitão, Pan olha para mim com uma decepção mal disfarçada.

Não posso realmente lamentar o que fiz, no entanto. Não poderia ter visto o capitão morrer assim. Em seu navio, ele me disse que me salvou e que eu tinha uma dívida com ele. Eu considero essa dívida perdoada agora, porque Pan me deu o que eu pedi - ele salvou a vida do capitão. Por enquanto, pelo menos.

Mas não consigo parar de me perguntar por que o capitão tentou me fazer acreditar que Pan era quem controlava os Escuros? Depois do que o vi fazer naquele navio, pensei que ele teria inventado uma história mais crível.

— Venham, senhoras. — Pan puxa Olivia para mais perto e estende a mão para mim. — Vamos deixar toda essa provação complicada para trás, vamos?

— Eu vou ficar mais um pouco — eu digo, não pegando sua mão. Meu olhar ainda está fixo no último dos corpos.

Preciso de um tempo longe do caos da fortaleza. É hora de chorar pelos meninos que morreram hoje - de testemunhar a perda, mesmo que ninguém mais pareça entender a finalidade disso. Embora eu entenda isso, neste mundo, o tempo é provavelmente a última coisa que tenho.

E preciso de um tempo longe de Pan. Uma coisa ficou dolorosamente clara para mim: o momento em que Pan admitiu que Fiona estava trabalhando para ele. E antes disso ele alegou *não* ter uma maneira de nos levar de volta. Fiona estava em Londres, e se ela está do lado de Pan e não do capitão, ela poderia nos levar de volta lá. Se ele quisesse.

Então, por que ele não quer?

— Entre antes de escurecer — diz ele depois de um momento de silêncio inquieto, não é um pedido, mas uma ordem. Eu dou a ele um vago aceno de cabeça, e ele leva Olivia para dentro, deixando duas das luzes de fada para trás para me proteger.

Eu permaneço naquela vigília inútil muito depois de o último corpo desaparecer na boca aberta da trincheira. Quando minhas pernas ficam cansadas, ainda não estou pronta para enfrentar o que me espera na fortaleza. Eu sei que os meninos de Pan já estarão batendo uns nos outros, saciando seus apetites e dormindo preguiçosamente em estupores meio bêbados. Eu sei que a fortaleza ainda estará cheia de Fadas, seus rostos vigilantes em branco com indiferença descuidada enquanto elas montam guarda.

Afundando no chão, pressiono as palmas das mãos contra a superfície da rocha pulsante para me equilibrar, querendo tanto poder voltar e fazer escolhas diferentes. Queria ter acreditado na minha mãe, para deixar a luz

acesa e a janela fechada, queria impedir Olivia de vir para Londres. Queria impedir que qualquer parte disso acontecesse. Sob minhas palmas, o solo fica subitamente quente e o calor atinge minha pele.

E então, tão rapidamente quanto queimou, o calor se foi.

Eu me afasto e olho para minhas mãos. Não há sinal de queimadura, nenhum sinal de que alguma coisa simplesmente aconteceu. Mesmo assim, *sei* que não imaginei isso, assim como tenho mais certeza agora de que não imaginei na cachoeira com Pan - ou no túnel, quando pensei que a ilha nos enterraria vivos.

Eu fico olhando para minhas palmas por um longo momento antes de lentamente abaixar minhas mãos para o chão novamente, pensando o tempo todo. Eu fecho meus olhos e me concentro no batimento cardíaco da ilha e...

— Você joga um jogo perigoso, Jovem.

Eu me assusto com a voz atrás de mim e puxo minhas mãos do chão, colocando-as nas dobras macias da túnica que estou usando quando me viro. Nenhum lampejo brilhante me avisou da abordagem de Fiona, mas ela está lá atrás de mim, seu cabelo brilhante um farol na noite escura.

— Eu não estou jogando nenhum jogo. — Eu digo enquanto olho por cima do ombro, onde o abismo está esperando. Não notei que estamos sozinhas. As outras luzes mágicas que Pan deixou comigo se foram.

Ela segue em frente, seus passos tão graciosos quanto predatórios. — Você não está? — Sua voz é tão ameaçadora quanto um enxame de vespas. — O que você estava tentando, então, com as mãos pressionadas como estavam neste mundo?

— Nada — eu digo, me sentindo incomensuravelmente estúpida por ter tentado. Fiona inclina a cabeça, na expectativa, claramente não querendo deixar isso passar. — Pan me disse que Terra do Nunca responde àqueles que

pertencem aqui. Eu só estava tentando... — Mas parece muito ridículo dizer as palavras em voz alta.

— E *fez* este mundo atender o seu chamado, jovem? — ela pergunta, seus olhos estreitando perigosamente.

— Não. Quero dizer... Eu não sei — eu admito, inquieta sob a intensidade de seu olhar.

— Talvez fosse melhor para todos nós se não o fizesse. — Ela dá outro passo ameaçador para frente.

Não faço a pergunta que quero fazer. Em vez disso, tento ficar perfeitamente imóvel enquanto ela continua a avançar em minha direção, quase me conduzindo à beira do abismo.

— Aquele que se autodenomina Pan há muito procura por alguém a quem este mundo responda. — Ela inclina a cabeça para o lado. — Um do próprio sangue da Rainha.

— A rainha? — Eu pergunto, minha pele fica fria quando dou um passo para trás.

— Aquele que é mais que humano. E menos do que Fada — Fiona continua. — Um, talvez, como você.

Agulhas afiadas de aviso estão pinicando minha pele, me incitando a correr, mas não tenho para onde ir. Mais alguns passos e cairei de volta no abismo escuro que já reivindicou muitos corpos hoje. E na minha frente, Fiona bloqueia qualquer fuga.

Eu balanço minha cabeça em negação. — Eu não sou uma Fada — eu digo, enrolando meus dedos em minhas palmas.

— Pan acredita que sim — diz ela. — Ele acredita que você pode ser a herdeira do Filho Verdadeiro da Rainha, o príncipe das Fadas que ela deixou em seu mundo há muitos anos em troca da criança humana que se tornou

Pan. Há muito ele ouve sussurros sobre este príncipe das Fadas e as crianças que ele deixou desprotegidas, um descendente com o sangue da Rainha — o *poder* da Rainha - nas veias. É por isso que ele enviou seus Escuros para encontrar você e trazê-la a este mundo.

— Não — eu digo, balançando minha cabeça. Porque ela está errada. — Os Escuros derrubaram sua mãe.

— A Rainha *nunca* foi sua mãe — ela rosna. — Aquele que se chama de Pan não era nada mais do que um brinquedo para ela. Quando ela ficou entediada com a fraqueza dele, ela o expulsou de seu palácio, banindo-o para os confins da ilha. Ela nunca esperou que ele sobrevivesse. Mas ela deu a ele muito de seu próprio poder, revelou muitos de seus segredos. — Os dentes afiados de Fiona brilham na noite enquanto ela zomba de mim. — Em vez de morrer, ele encontrou os Escuros, e eles estavam mais do que dispostos a se rebaixar a um mero humano em troca da oportunidade de se vingar de seu Rei caído.

Eu respiro trêmula, desejando que ela esteja errada. — Mas ele os odeia — eu rebato.

— Claro que ele odeia — ela sibila. — Ele odeia *qualquer* lembrete de que ele não é verdadeiramente uma Fada, que ele é *fraco* e *dependente de* nosso poder. — Sua boca se curva em um sorriso zombeteiro.

— Mas eu vi...

— Apenas o que Pan deseja que você veja — Fiona interrompe, dando um passo ameaçador em minha direção. — Ele lhe mostrou o maior segredo do capitão para ganhar seu afeto, não foi? Mas Rowan não está sozinho em requerer a ajuda das Fadas mais sombrias para sobreviver neste mundo. Pan também precisa da vida que eles trazem para ele.

— *Isso* é por que ele procurou um de sua espécie. Ele acha que pode reivindicar o poder da Rainha com o seu sangue, da mesma forma que reivindicou inúmeras vidas humanas ao longo dos tempos. E ele acredita que com esse poder, ele poderia governar este mundo de uma vez por todas. Sem necessidade da ajuda dos Escuros. E com total poder sobre este mundo e minha espécie.

Eu balanço minha cabeça em negação, mesmo enquanto as palavras de Pan ecoam em minha memória: *Eu não estou tentando encontrar uma maneira de sair deste mundo. Eu faria qualquer coisa para salvá-lo.*

— Eu não estou... — Mas eu não posso nem dizer as palavras. — Eu *não posso* ser.

A maneira como Fiona está olhando para mim torna a coceira na minha pele cem vezes mais dolorosa. — É verdade que você não parece como nós, mas aquele que se chama de Pan acredita em sua promessa. Pois ele agora tem certeza de que a outra garota não tem esse poder. Mas em você, ele tem um grande interesse.

— Não — eu digo. — Eu sou humana. Minha mãe é humana e...

— E? — Fiona fala arrastada. — Quem é o seu papai, Jovem?

Eu dou um passo para trás em estado de choque. *Meu pai... meu pai?* — Eu não sei — eu digo a ela honestamente. — Mas ele não pode ser... — Mas quando começo a dar um passo para trás novamente, meu calcanhar atinge a borda do abismo, enviando alguns pequenos pedaços de rocha para as profundezas.

Fiona apenas sorri. — Talvez não... mas me pergunto, então, como você conseguiu isso? — Fiona estende um único dedo com a ponta de uma garra e levanta o colar que estou usando, feito com as poucas pedras azul-acinzentadas que consegui salvar de minha pulseira. — Os humanos chamam

isso de *deora sí*. Lágrimas de fada — ela diz com um sorriso de escárnio. — Um nome estúpido o suficiente, mas um presente tão poderoso e perigoso só pode ser concedido por uma das Fadas.

Antes que eu possa impedi-la, Fiona dá um puxão abrupto e a linha se quebra. No segundo em que as pedras caem, seu dedo se transforma, a unha afiada em forma de garra encolhendo em uma manicure suavemente arredondada. Estou muito surpresa com sua transformação para me preocupar em me inquietar com as pedras no início. Em vez da Fiona com a qual estou acostumada, uma garota adorável e de aparência muito humana está diante de mim. Sua pele não é iridescente e seus dentes são completamente normais.

Ela sorri, um sorriso perfeitamente normal agora, mas há algo em seus olhos que denuncia sua alteridade. — Sim, Jovem. Elas permitem que você veja através do nosso encanto, mas não são elas que têm escondido você *dele* por tanto tempo — diz ela, lambendo o ar, como um lagarto, como se quisesse prová-lo. — Há algum outro poder fazendo esse trabalho. Você teria sido descoberta há muito tempo se não tivesse sido protegida por aqueles que eram leais ao Verdadeiro Filho da Rainha. Alguém sabe o que você é. Alguém protegeu você com muito cuidado.

Com uma respiração trêmula, agacho-me para recolher as poucas pedras que sobraram. No segundo que meus dedos as tocam, a Fiona que conheço está de volta. E ao tocá-las, lembro-me de outra coisa; um quarto em Londres, a voz nebulosa de minha mãe enquanto colocava a pulseira em meu pulso.

Foi por isso que meu pai deu a pulseira para minha mãe? Por que ela deu para mim? Todos aqueles anos, poderia ter sido a razão pela qual ela podia ver os monstros, e a razão pela qual eu pude ver a verdade sobre o que Fiona era em Londres?

Eu me levanto e a encaro novamente. — Por que você está me dizendo isso? Achei que você trabalhasse para ele.

Com um silvo, Fiona me encara. — Eu trabalho apenas para minha própria espécie. Pan acredita na minha lealdade, e isso me dá força para trabalhar contra ele. Para libertar meu povo e meu mundo. Mas se você revelar seu verdadeiro eu a Pan, se você se entregar a ele, todo o meu trabalho terá sido em vão.

— Não pretendo me entregar a ninguém — digo a ela. — Seus planos estão seguros, no que me diz respeito.

— Não é suficiente. — Fiona passa sua longa língua sobre aqueles dentes horríveis. — Você escolheu trair o único aliado da minha espécie neste mundo. Sem o Capitão, quem permanecerá com minha espécie contra aquele que se autodenomina Pan? O Capitão deve ser libertado. — Ela me dá um sorriso que faz a sensação de formigamento na minha pele se intensificar até ficar quase dolorida.

Entendendo o que ela pretende que eu faça, dou mais um passo para trás. Mas não há outro lugar para ir. Enquanto eu tropeço em direção ao abismo, a mão de Fiona serpenteia para agarrar meu pulso e me segurar por um braço enquanto eu balanço sobre o poço aberto. Ela não me puxa imediatamente para um lugar seguro.

— Você espera que *eu o* liberte? — Eu pergunto, tentando não me permitir olhar para a escuridão abaixo de mim.

— O capitão é sua única chance de escapar do Pan, para *voltar* a ver o seu mundo miserável novamente.

Posso ouvir o eco suave e distante da chuva de pedras que joguei da beira do abismo. Com a boca seca, imploro a Fiona: — Como posso salvá-lo? Eu nem sei onde Pan o está mantendo.

— Eu posso levar você ao lugar onde ele está sendo mantido. Assim que estiver livre, o capitão pode ajudá-la a encontrar o caminho para sair da fortaleza. — Seu aperto parece um laço enquanto ela me puxa de volta para o chão sólido.

Solto um suspiro irregular, o medo ainda apertando minha garganta.

— Então nos entendemos? — A Fada diz, satisfação pingando em seu tom.

Eu olho para cima, ainda tentando recuperar o fôlego. Sua expressão é tão arrogante, tão certa, que o pânico correndo por mim desaparece. — Nem perto, Tinker Bell.

Sua expressão se transforma em algo frio e verdadeiramente assustador, mas me forço a manter a calma. Eu pulei de um erro para outro por medo. Desta vez, preciso entender mais. Ainda não confio totalmente no Capitão e preciso saber o que estou escolhendo.

— Eu preciso de tempo — digo a ela. — Considerar as opções.

Seus olhos se estreitam para mim, mas para meu alívio, ela dá um passo para trás. — Vou te dar mais uma coisa... a *considerar*. Um presente, pode-se dizer, entre parentes distantes. — Ela lambe os lábios, como se pudesse sentir o gosto do meu medo e incerteza. — O poder feérico não pode ser tomado. Só pode ser concedido. Guarde bem seus segredos, Jovem, e tome cuidado com o que você oferece a ele. — Ela me dá um sorriso que posso sentir formigando minha pele. — Tenha cuidado com o que você entrega.

As alfinetadas se transformam em mil fatias afiadas e sinto como se estivesse sendo esfolada viva. E em um lampejo repentino, o mundo explode em luz, e Fiona se foi.

No início, o campo ficou quieto e por um momento o menino sentiu uma excitação indescritível. Finalmente, a aventura que ele tanto desejava era sua. Então, rápido como um pensamento, uma bomba explodiu acima, iluminando o campo. Expondo todos eles. Estava pendurada, imóvel como uma estrela, cintilando acima como se estivesse viva...

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

Uma vez que meus olhos se reajustam à luz da noite, eu volto para a fortaleza. Preciso encontrar Pan. Preciso descobrir se alguma coisa que Fiona acabou de me dizer é verdade. Mas, mal chego à entrada, um garoto que nunca vi antes corre até mim. Ele mal tem a minha altura e não pode ter mais de dez ou onze anos. Ainda assim, com o porrete grosso que ele está segurando e o olhar selvagem em seus olhos, dou um passo para trás.

— Você estava lá, não estava? — Ele exige, dando mais um passo em minha direção. — Hoje, lá no Fim. Você foi com ele mesmo, não foi?

— Sim — digo a ele, recuando enquanto reflito.

— Liam voltou com você? — ele pergunta, dando um passo ainda mais perto. — Eu não o vi. E então com a luta... — Sua voz some, como se ele não tivesse certeza do que mais dizer. Ele mastiga o lábio nervosamente, seus olhos correndo descontroladamente de um lado para o outro, como se ele tivesse medo de olhar para mim. Do ponto de vista, eu diria que ele está mordendo o lábio por um tempo.

— Eu não sei — eu digo, tentando me aproximar dele. Não quero ser a única a dizer a ele que ninguém voltou do Fim, exceto Pan, Olivia e eu, mas o menino é insistente. Ele não me deixa ir.

— Pan mesmo disse que todos ficariam bem. Só um pouco de diversão. Mas Liam ainda não voltou, e estou começando a me preocupar.

— Um pouco de diversão? — Eu pergunto, confusa. Não havia nada de divertido na excursão matinal. Os meninos que encontramos no Fim foram espancados e ensanguentados... Fico arrepiada toda vez que penso no que poderia ter acontecido lá.

— Era apenas mais um jogo do Pan — ele me diz. — Eu deveria ter insistido para que estivéssemos do mesmo lado. Liam é meu melhor amigo, sabe. Estamos sempre do mesmo lado, mas... — Ele olha para mim. — Tem certeza de que não o viu?

— O que você quer dizer com um jogo? — Eu pergunto, ignorando sua pergunta.

Os olhos arregalados do menino me olham como se eu fosse uma espécie de idiota. — Mesmo que sempre. Só um pouco de diversão.

A maneira como esse garoto está agindo, as coisas que ele está dizendo deixam meus instintos em alerta máximo. — E o Capitão? — Eu pergunto.

— Não sei, mas acho que o que sobrou dele está trancado em segurança na masmorra lá embaixo. Eu não o acertei, no entanto — ele diz, suas sobrancelhas se juntando em decepção.

— Esta manhã, quero dizer — digo, tentando fazer o menino se concentrar. — Você estava com Olivia esta manhã. Você não viu o capitão no final quando todos vocês foram atacados?

Seu rosto se contrai em confusão. — Não havia nenhum Capitão — ele me diz. — Só um pouco de diversão entre nós mesmos.

Meu estômago fica apertado e o gelo desce pela minha espinha. — Se não havia nenhum Capitão — pergunto devagar, com cuidado — quem os atacou?

Ele endireita sua espinha, apertando seu punho. — Ninguém nos atacou. Não desta vez — ele diz defensivamente. — Eu deveria ter ido com

Liam, mas tive a chance de estar no esquadrão de caça uma vez. Não poderia perder uma chance dessas, não é?

— Eu não sei — eu digo fracamente, não querendo aceitar o que eu acho que ele está insinuando. — Você está dizendo que o capitão não o atacou? Que foi apenas um jogo para levar Olivia lá fora?

O garoto começa a responder, mas então seu olhar se ergue e se concentra em algo atrás de mim.

— Gwendolyn — Pan diz, se esgueirando ao meu lado e envolvendo um braço em volta dos meus ombros, fácil e calmo. — Você está bem? — ele murmura, seus olhos claros transmitindo a profundidade de sua preocupação.

— Eu... Hum... — Eu olho para o garoto, que agora está falando sozinho, seus olhos estudando o chão enquanto ele se remexe nervosamente no lugar.

— Este não estava incomodando você, estava? — Pan pergunta. Quando ele volta sua atenção para o menino, o rosto de Pan se transforma. Todos os traços de calor desapareceram.

— Não — eu digo rapidamente. — Estou bem. Está tudo bem. Eu só estava me perguntando para onde você e Olivia tinham ido e eu estava conversando com... uh....

— Amir — o garoto fornece humildemente, olhando para seus pés.

— Sim. Amir. Eu estava conversando com Amir — digo a Pan com o que espero ser um sorriso crível. Preciso de tudo para não me afastar dele.

Pan ainda está examinando o menino. — Por que você não está com os outros?

— Eu estava, milorde — ele diz, seus olhos ainda baixos.

— E ainda assim aqui está você antes de mim. Eu me pergunto por que isso? — Ele faz um gesto para que um dos outros meninos se aproxime. — Acho que este precisa de alguma ajuda para encontrar o caminho.

O outro garoto, um garoto de aparência durona, com a cabeça raspada e com crostas de sangue na ponta do nariz, segura Amir pelos ombros e o leva para longe enquanto Pan volta sua atenção para mim. Dou-lhe o meu melhor sorriso, mas quando seus olhos se fecham, acabo desviando o olhar.

Se o que o menino disse for verdade, talvez não tenha havido nenhum ataque esta manhã, afinal. Talvez o Capitão não tenha mentido quando disse que não foi atrás de Olivia. Minha respiração fica presa com o pensamento, no que isso significaria, mas me forço a relaxar, a parecer calma, para que Pan não adivinhe para onde meus pensamentos foram.

— Sinto muitíssimo por isso — diz ele com um sorriso fácil. — Dei ordens estritas para meus meninos deixarem você e Olivia em paz, mas eles estão bastante tensos com nossa vitória.

— Onde *está* Olivia? — Eu pergunto, tentando manter minha voz o mais nivelada e normal possível enquanto ignoro seu pedido de desculpas.

— Ela estava bastante chateada com os eventos de hoje, então eu a coloquei em meus próprios aposentos. Ela parece estar mais confortável lá.

— Eu gostaria de vê-la — Eu digo, tentando manter o pânico longe da minha voz.

Ele me lança um olhar triste. — Não sei se isso é sensato agora — diz ele lentamente. — Ela está descansando em silêncio, e acho que é melhor se permitirmos que ela se recupere. Eu vim para escoltá-la de volta ao seu quarto — diz ele, colocando meu braço em volta do seu. — Tenho certeza que você está bastante cansada de toda a agitação de hoje.

— Vou vê-la amanhã, então?

Pan me conduz em torno de uma pilha de meninos lutando por uma pele. —Claro — ele diz facilmente enquanto pressiona a mão na parede oposta. Com um estrondo áspero, as pedras começam a se mover, formando a escada íngreme de antes.

Quando as paredes da fortaleza finalmente silenciam, Pan me dá um sorriso agradável e estende a mão para me ajudar a dar o primeiro degrau. Mas eu o ignoro e subo sozinha.

Os olhos de Pan são afiados, um contraste gritante com a expressão fácil em seu rosto, mas ele pega minha mão e pressiona seus lábios no meu pulso. — Durma bem, Gwendolyn.

Eu puxo minha mão e me forço a não limpar a parte da minha pele que formiga com o calor. — Você vai me deixar livre? — Eu pergunto. — Eu não quero ficar presa lá sozinha — eu digo o mais humildemente que posso.

A impaciência cintila em seu olhar, mas o sorriso sereno permanece em seu rosto. — Claro. Você não é uma prisioneira aqui, Gwendolyn. Eu ainda espero que você pense em Terra do Nunca como sua casa.

— Eu realmente acho que precisamos voltar ao nosso próprio mundo — eu digo. — Talvez Fiona pudesse nos levar?

Sua expressão vacila. — Eu não penso que seria possível. — Ele não acrescenta mais nada, e sei que não há razão para pressioná-lo mais. A menos, é claro, que eu queira ouvir mais mentiras.

— Você disse que iria nos ajudar — eu o lembro. — Você prometeu.

— E eu vou, minha querida — diz ele, sua boca se transformando em um sorriso. Mas não chega a atingir seus olhos.

Eles estavam presos. Entre a segurança e a morte. Entre o que eles eram e o que poderiam ter sido. A terra estremeceu sob seus pés enquanto fogo e enxofre choveram sobre eles. O menino, empunhando o rifle como um talismã, percebeu então seu erro ao se considerar valente. — Nós vamos ter que nos mover, — seu irmão disse a ele. — Isto é apenas o começo...

CAPÍTULO VINTE E CINCO

Quando a manhã se aproxima, ainda estou exausta. O cheiro enjoativo das flores, as coisas que Fiona me disse, as decisões que tenho diante de mim, tudo isso me manteve acordada a maior parte da noite.

Não é que eu confie em Fiona. A única coisa em que acredito completamente é que ela quer se defender. E parece muito inacreditável pensar que eu poderia ser parte Fada, mas minha mãe estava preocupada com algo. A noite toda estive pensando, tentando recuperar as memórias do mundo de onde vim, e a coisa que mais me lembro é do medo e da convicção de minha mãe de que estávamos sendo perseguidas por monstros.

Monstros que se revelaram reais.

No entanto, sempre havia um lugar para ir. Sempre outra parada que a acalmaria por um tempo, e não posso deixar de me perguntar se Fiona estava certa em acreditar que alguém estava ajudando a nos proteger. Não posso deixar de me perguntar se minha mãe sempre teve razão sobre meu pai ir embora para me proteger.

O que é certo é que Pan mentiu para mim sobre ser capaz de nos devolver ao nosso mundo. Ele poderia, se quisesse, mas está ficando mais claro que não. E não consigo me obrigar a descartar o que o menino me disse na noite anterior. Quanto mais penso sobre isso, a confusão no rosto do Capitão quando o acusei de atacar Olivia, a certeza na voz de Fiona, até mesmo a velocidade com que Pan sabia o que tinha acontecido e onde Olivia estava, mais certeza tenho de que o Capitão não estava envolvido com o que aconteceu com Olivia ontem.

Mas por que o estratagema elaborado? Era apenas para me fazer desconfiar do Capitão? Ou talvez houvesse algo mais acontecendo, algum esquema para me fazer confiar em Pan. Ou talvez seja algum tipo de teste do que eu sou. Penso no desafio em seus olhos nas cavernas depois que o mundo parou de tremer, e não posso deixar de me perguntar se passei ou falhei.

Preciso de respostas e sei que não há nenhuma neste quarto vazio. Tenho que encontrar Olivia. Ela pode não se lembrar de mim ou do mundo de onde viemos, mas *eu* me lembro - de partes dele, pelo menos - e não vou desistir de nos levar de volta.

Usando a parede como suporte, desço os degraus irregulares o mais rápido que posso. Uma vez que estou segura no chão, estou na metade do caminho através do Salão Principal antes de encontrar um menino que ainda não está dormindo.

— Você viu a Olivia? — Eu pergunto.

Ele pisca para mim. A princípio, acho que ele não entendeu, mas depois solta um suspiro irritado e acena para que eu o siga. Ele me conduz pelo túnel que usamos no dia anterior, de volta à sala cavernosa onde os outros túneis se ramificam em todas as direções. — Os jardins — diz ele, apontando para o túnel à extrema direita.

— Você não quer me mostrar o resto do caminho? — Eu pergunto com esperança. Ele apenas me encara e se volta para o Salão Principal.

Eu fico olhando para a abertura escura por um momento, me perguntando se eu não deveria simplesmente voltar e esperar que Pan me leve para Olivia. Talvez eu esteja tirando conclusões precipitadas. Afinal, ele me manteve livre, como prometeu, e disse que eu poderia vê-la hoje...

Não. Eu não *quero* esperar por Pan. O objetivo de eu encontrar Olivia é afastá-la dele. Eu preciso ficar sozinha com ela para que eu possa tentar falar

um pouco com ela sem seus sorrisos fáceis e tentadores a puxando para longe de mim.

Eu me movo em um ritmo constante e, quando as paredes brancas do túnel se abrem, encontro um espaço cavernoso que abriga um labirinto de jardins lindamente floridos. Não está escuro aqui como no resto da fortaleza. As paredes me lembram uma opala, e as manchas de pedras multifacetadas acima de mim banham todo o jardim com uma luz suave.

Para onde quer que eu olhe, as plantas florescem em exuberante desordem. Como na selva, a cada poucos segundos elas começam a mudar: rosas com babados do tamanho da minha mão se transformam em camélias sorridentes, e margaridas de cores brilhantes se transformam em elegantes pétalas caneladas de lírios. Flores que não consigo nomear se transformam em cores que nunca imaginei.

Uma que chama minha atenção é uma planta trepadeira com flores caneladas que se parece muito com algo que já vi antes. Por um momento, lembro-me de ter visto uma flor como aquela, que brilhava com uma estranha luz âmbar laranja. Quase consigo imaginar... Mas então as flores em forma de trombeta puxam para dentro e, quando ressurgem dos caules, se transformam em flores com babados.

O momento se foi, e o fantasma da memória junto com ele.

Ainda um pouco perturbada por minha incapacidade de realmente lembrar, volto minha atenção para o problema dos jardins. A ideia de me perder em seu labirinto de sebes espinhosas e árvores floridas me faz hesitar. Mas sua abundância de flores me diz com certeza que não havia motivo para Olivia se aventurar para fora da fortaleza ontem. Ela poderia ter encontrado qualquer coisa que quisesse na relativa segurança desses jardins. O que me deixa ainda mais certa do que nunca de que Pan mentiu sobre o

ataque. Na verdade, foi ele quem a colocou em perigo ao fazer com que seus meninos a levassem até o Fim.

E então outro pensamento me ocorre: talvez ele tenha feito isso de propósito. Penso em sua expressão quando a voz de Olivia veio até nós através da névoa, e não tenho mais certeza se foi realmente alívio o que vi ali. Talvez ele nunca tivesse pretendido que Olivia voltasse...

Então, nas profundezas da paisagem verdejante, ouço o som distante de risadas femininas familiares, e não hesito mais. Dou um passo em direção à parede espessa de vegetação, procurando uma maneira de entrar.

Quase como se sentissem minha presença, as plantas mudam, um convite para entrar. Hesito por mais um momento, me perguntando se isso é apenas mais uma armadilha. Talvez esta seja apenas outra maneira que Terra do Nunca está tentando me atrair e me impedir de chegar em casa. Mas então ouço a risada de Olivia de novo, coloco de lado meu medo e entro no beco verde de galhos.

O espaço feito pela separação de seus galhos é estreito e, a princípio, parece um beco sem saída alguns metros à frente. Mas enquanto eu caminho, as plantas se movem para me guiar através do verde pesado. Quando chego ao beco sem saída, só tenho que esperar um momento e as sebes se reorganizam para criar um novo caminho. Ando e caminho, seguindo a trilha que aparece diante de mim e cada vez mais convencida de que estou perdida, mas cada vez que penso em voltar, ouço a risada de novo, e é tão claramente de Olivia que continuo me movendo. Depois de um tempo, o som fica mais alto e começo a ficar mais confiante. A cada passo, tenho mais certeza de que vou virar a próxima esquina e encontrar minha amiga.

Mas quando um dos becos sem saída se recusa a mudar, sou forçada a parar. E quando eu volto, o caminho de onde acabei de vir se foi. De repente, estou presa em uma sala de folhas e espinhos.

— Não. — Eu digo, tentando desesperadamente encontrar uma abertura nas sebes. O caminho não pode simplesmente ter desaparecido assim. Mas os galhos e as folhas mudam e crescem, se entrelaçando ainda mais e se tornando ainda mais impermeáveis.

Minha respiração fica apertada, *era* um truque, e eu caí na hora.

Grito por socorro, esperando que Olivia, alguém, me ouça, mas os galhos densos ao meu redor engolem o som. Pior ainda, tudo começa a parecer menor. Os galhos das sebes não param de inchar continuamente e, quanto mais tento me libertar, mais eles se mexem, prendendo-me com a picada de seus espinhos. Não importa o quanto eu lute, não consigo me mover.

Esqueça este mundo, posso nunca sair deste labirinto. Algum dia, algum garoto perdido vai encontrar o que sobrou de mim preso na folhagem, como um enfeite restante em uma folha perene descartada.

Então, assim como acho que nunca verei a luz do dia novamente, os galhos se abrem ligeiramente, criando uma pequena abertura em forma de janela. Atrás de mim, a cerca viva fica mais espessa, empurrando-me em direção a esse espaço. É como se o próprio labirinto quisesse que eu visse o que há do outro lado, o que deveria ser o suficiente para me alertar. Mas não tenho muita escolha. Quanto mais os galhos atrás de mim incham, mais impossível se torna evitar olhar para o que está do outro lado.

E o que está do outro lado são Pan e Olivia descansando no chão macio, meio despidos, e se envolvendo em um abraço tão intenso que minhas bochechas queimam com a visão.

Tento dizer a mim mesma que esta não é a *minha* Olivia, mas nada supera a dor oca que sinto quando os braços de Pan a puxam para mais perto. *Se Pan está com ela, ela já está perdida,* o Capitão me disse. Eu não queria acreditar, não *vou* acreditar.

Não posso ignorar a possibilidade de que o Capitão pudesse estar certo. *Talvez já seja tarde demais,* penso, enquanto as mãos de Pan percorrem as longas pernas esguias de Olivia, sobre as linhas planas de seu estômago nu. E a maneira como Olivia responde a ele, puxando-o para ela, entrelaçando sua perna com a dele com tal urgência e ferocidade desenfreada, não tenho dúvidas de que ela escolheu isso.

Só que não consigo deixar de lembrar como *me* senti atraída por Pan. Não posso deixar de pensar em como foi fácil me deixar cair sob seu feitiço, e tenho mais certeza do que nunca de que foi algum tipo de feitiço. De jeito nenhum a intensidade do que senti por ele poderia ter sido real. E também não tenho certeza de que seja real para Olivia.

Mas não há nada que eu possa fazer, presa como estou.

E eu não consigo desviar o olhar.

Enquanto eles se beijam, a luz suave da caverna projeta longas sombras no chão atrás dos dois, e a princípio essas sombras refletem perfeitamente sua dança íntima. Mas conforme eles aprofundam seu abraço, a sombra de Pan se move. E não se move como uma sombra deveria se mover, no entanto. Em vez de espelhar os próprios movimentos de Pan, sua sombra lentamente se desvencilha da sombra de Olivia. A sombra nunca quebra sua conexão com Pan, mas ela se levanta, erguendo-se do chão até que uma silhueta escura perfeita espreita o casal.

Um zumbido sinistro começa a crescer à medida que outras sombras na clareira fazem seu caminho em direção a Pan, e então aos poucos se adicionam a ele, até que começam a assumir a forma de um dos Escuros.

Pan ergue os olhos do progresso que está fazendo no pescoço de Olivia. Seus olhos brilham com antecipação quando ele vê que o Escuro está totalmente formado e pronto.

A figura escura se aproxima e lentamente pousa suas mãos em forma de garras nos ombros de Olivia. Ela não recua quando as pontas de suas garras afundam em sua pele. Em vez disso, ela solta um gemido suave e satisfeito com seu toque.

Quando o Escuro retira as pontas dos dedos do ombro de Olivia, ele traz consigo a mesma leve trilha de luminescência que vi colhida do menino. Pan mal faz uma pausa em sua degustação completa da pele do pescoço de Olivia para lamber o fio oferecido. Mas quando ele faz uma pausa, seus olhos brilham em uma espécie de êxtase antes que ele comece a consumi-lo.

A consumir Olívia.

Esta não é a tomada violenta que vi no porão do navio do capitão, no entanto. Olivia não se contorce de dor. Seu corpo não se contorce de forma rígida, como o do garoto no navio, e ela não luta contra ele. Pelos ruídos suaves que ela está fazendo, pelo jeito que ela puxa Pan para ainda mais perto, angulando seu pescoço ainda mais para que ele possa acariciá-la ainda mais, parece que ela está gostando do que ele está fazendo com ela.

Paralisada pelo horror do que estou vendo e pelo arrependimento de não poder parar, não consigo fazer nada além de assistir enquanto uma linha escura começa a percorrer o braço de Olivia, do cotovelo ao pulso. Através da mão emaranhada no cabelo selvagem de Pan.

Sei com uma certeza nauseante que, se ele continuar bebendo na vida dela, essa linha crescerá. Ela ficará tão frágil quanto o garoto no navio do capitão. E então ela vai cair no chão, pedaços de uma boneca de porcelana quebrada que nunca pode ser consertada.

Eu não posso deixar isso acontecer.

Lutando contra a cerca viva, começo a gritar para avisá-la, mas os galhos se vingam, puxando-me de volta para seus braços grossos e espinhosos, pressionando suas folhas largas e brilhantes contra minha boca. Me silenciando. A cerca se fecha rapidamente, mas não antes de Pan ouvir minha voz e seus olhos me encontrarem. Assim que as folhas bloqueiam minha visão, vejo aqueles olhos brilharem com uma raiva mais perigosamente feroz do que qualquer um de seus meninos.

— Gwendolyn — ele chama, confirmando o que eu temia, ele me viu. Ele sabe que eu entendo do que ele é capaz. Ele sabe que eu vi a verdade sobre o que ele *é*.

Mas não tenho para onde ir, os galhos estão imóveis.

— Gwendolyn? — A voz de Pan está mais perto agora. Sua voz se suavizou, e posso dizer que ele está tentando soar tão agradável e charmoso como sempre, mas há um vazio em seu tom que não mente, e sei que se ele me pegar, não será bom. Porque Fiona estava certa, não *é* apenas o Capitão que usa os Escuros. E se ela estava certa sobre isso, quanto mais do que ela disse poderia ser verdade?

Eu bato meus punhos contra os galhos espinhosos, ignorando a maneira como eles arranham minha pele. — Deixem. Eu. Sair.! — Eu grito, empurrando o crescimento denso com todas as minhas forças.

As sombras começam a girar aos meus pés e eu empurro com mais força. — Por favor! — Eu choro nos galhos imóveis. — Fiona!

Sem aviso, os galhos atrás de mim se abrem o suficiente para eu cair no chão.

Ainda estou ofegante com o esforço da minha fuga. À minha volta, a cerca viva parou, e uma das luzes mágicas agora paira perto de mim, pulsando e ficando mais brilhante a cada batida enquanto treme, como se fosse pelo aumento da energia.

Eu olho para trás, para a folhagem trêmula, não posso deixar Olivia aqui com Pan. Eu sei agora com certeza o quão perigoso ele é. E eu sei que este mundo tornou Olivia impotente contra a sedução de Pan. Mas não dá tempo. A escuridão já está se formando ao meu redor, os galhos já farfalhando ao se separarem para deixá-lo passar.

Não quero deixar Olivia para trás, mas não poderei ajudá-la se Pan me tiver. Não servirei para Olivia se estiver morta. Com o pânico vibrando em meu peito, minha pele fria de medo, não hesito mais.

No momento em que sinto a luz fria e escaldante do orbe nas pontas dos dedos, o mundo se inclina. Em um lampejo de pressão ofuscante, a caverna ao meu redor estremece e então desaparece completamente.

Seu irmão perguntou se ele estava pronto e o menino acenou com a cabeça, mas era uma mentira. — Sinto muito —, ele começou a dizer ao irmão, sabendo que precisava colocar tudo o que queria dizer naquelas duas sílabas. Mas a expressão de seu irmão ficou dura enquanto ele balançava a cabeça para impedir o menino de falar. — Haverá tempo suficiente para isso depois...

CAPÍTULO VINTE E SEIS

Quando me dou conta, a luz se foi. Levo um segundo para lembrar o que aconteceu, mas não tenho ideia de onde estou.

Está escuro, uma escuridão densa e não natural que reconheço muito bem. O cheiro de folhas podres está ao meu redor. Eu ouço um sussurro soando em algum lugar à distância, e o eco do som metálico me irrita. Tudo isso marca a presença inconfundível dos Escuros.

A escuridão é tão densa ao meu redor, tão profunda e densa que é fácil imaginar que eu não existo. Ela roça minha bochecha e avança como gelo pela minha espinha. Ela me gira em si mesma até que estou completamente perdida, até que não consigo distinguir meu passado de meu presente e, de repente, estou lá de novo, naquela floresta misteriosa...

A floresta ao meu redor, a respiração noturna lenta e estável e meu coração disparado no peito com uma alegria terrível.

Um farfalhar, um arranhar rápido que soa como o vento ganhando vida. E a floresta se vestiu de noite, e algo está lá fora, esperando. Uma voz na minha cabeça, sombria e doce, sussurrando para mim. Mas não consigo entender o que diz.

Um gemido lamurioso sai da escuridão, não a noite daquela imagem, mas a noite escura e profunda de onde estou agora. Pisco, tremendo um pouco quando volto a mim mesma, mas o fantasma da memória ainda está lá, apenas nas bordas da minha consciência. Tenho a sensação de que quase posso agarrá-la e descobrir o que está escondido lá, mas... Em vez disso, recuo e deixo a memória desaparecer na escuridão que a inspirou.

Outro gemido chega aos meus ouvidos. Tremendo, eu o ouço reverberar pelos espaços ao meu redor e, conforme ecoa, percebo que já ouvi aquele gemido antes, é o som que ouvi todas as noites em que era prisioneira no navio do Capitão. Não pode ser coincidência.

Decido seguir o barulho e começo a avançar lentamente. Não sei há quanto tempo estou me movendo no escuro quando me deparo com uma parede, um beco sem saída. Os gritos demoram alguns minutos e tenho a sensação nauseante de estar perdida.

— Quem está aí? — Uma voz sai da escuridão e me paralisa. Um ruído suave soa à minha direita, e então a voz fala novamente com uma urgência que transmite medo tanto quanto a própria demanda. —Eu posso ouvir você respirando. Eu sei que você está ai.

Eu reconheço essa voz. — Will? — Procuro um espaço na parede, algo que explique de onde vem a voz.

Não há resposta no início, e então, cautelosamente, — Quem é?

Eu me movo em direção ao som novamente, seguindo a parede até chegar a uma pequena abertura, grande o suficiente para o meu braço se encaixar. — Sou eu. Gwen.

— Gwen? — Eu o ouço arrastar os pés em minha direção, e então sinto o calor surpreendente de uma mão humana tocando a minha. — O que você está fazendo aqui? — Ele não parece muito feliz, mas considerando que é Will, não estou realmente surpresa.

— Eu não sei — eu digo a ele honestamente.

— Seu amigo Pan não mandou você? — Seu sarcasmo é palpável.

— Não. — Eu agarro sua mão com firmeza. — Ele não fez isso. Ele não sabe que estou aqui. — *Onde quer que esteja.* — Pelo menos espero que não.

— Porque depois do que o vi fazer com Olivia, não tenho pressa em vê-lo novamente.

O gemido vem da escuridão novamente, desta vez mais perto do que nunca, e a desolação completa faz meu sangue gelar.

— O que é isso? Um dos meninos está ferido?

Antes que ele possa responder, a escuridão fica branca e ofuscante.

— Bom. Você os encontrou. — A voz de Fiona vem da fonte da luz. — Você não tem muito tempo.

Eu vejo então o que senti na escuridão. O rosto de Will olha para mim de um espaço estreito entre pedras irregulares que se projetam do chão e pendem do teto da caverna para criar uma gaiola. Parece que eles estão presos nas mandíbulas de alguma enorme besta de pedra.

O gemido familiar vem novamente, um som de dor de gelar a alma que me faz espiar por uma das estreitas aberturas. Na escuridão de sua cela, posso apenas ver o Capitão no chão. Ele está enrolado em si mesmo e se contorcendo como se estivesse com uma dor extraordinária.

— Ele está ferido? — Ele não parece estar sangrando, mas não tenho certeza.

— Não mais do que geralmente. — Diz William.

Mas Will *está* ferido. Seu braço foi amarrado ao corpo com uma tipoia feita de sua própria camisa. Ainda há sangue escorrendo pelo material sujo. Espiando pelas bordas da bandagem em seu outro braço, o que ela tinha no navio, uma linha negra mortal se arrasta em direção a seu cotovelo.

Quando eu olho para ele, seu queixo fica tenso e ele cobre o braço enfaixado com o da tipoia, como se soubesse que eu entendo.

Desvio o olhar enquanto o capitão geme novamente. — Talvez você devesse tentar acordá-lo? — Eu digo, arriscando um olhar para Will.

— Tente a sorte com isso — Will diz sombriamente. — A última vez que tentei tirá-lo disso, ele quase arrancou minha cabeça. Ele tem um maldito gancho de esquerda. Melhor deixar passar por conta própria.

Mas o que quer que seja, não parece estar passando. Mesmo com a nossa conversa, mesmo com a luz de Fiona, o Capitão não se mexeu. Sua pele está amarelada e escorregadia de suor, e a manga de seu braço esquerdo cai indolentemente sobre ele em um abraço vazio. Ele não se parece mais com o Capitão frio e implacável a que estou acostumada. Ele parece mais jovem e muito mais humano do que eu já o vi.

— O que há de errado com ele?

Will estreita os olhos para mim. — E eu deveria dizer a você, quando é sua culpa que estamos nessa bagunça horrível?

— Não é exatamente como se ele tivesse sido honesto comigo — eu digo, mas não consigo descartar minha culpa.

Will cambaleia um pouco enquanto dá um passo à frente, seu rosto machucado novamente iluminado por um feixe de luz. — Ele foi tão honesto quanto você merecia, como se pode ser com gente como você.

— Gente como eu? — Eu pisco, a indignação endurece minha espinha.

— Sim. Você — ele diz, cutucando um dedo coberto de fuligem no meu peito. — Traidora.

— Eu salvei a vida dele — eu interrompo.

— O suficiente! — A voz de Fiona ecoa na escuridão em torno do halo de sua luz. — Não temos tempo para isso. — A impaciência brilha em seus olhos.

Eu me viro para ela. — Por que você me trouxe aqui?

Fiona inclina a cabeça em um ângulo não natural e me encara. É um movimento estranhamente desumano que me faz dar um passo para trás. — Você não me chamou? Você não fez sua escolha?

— Não foi isso que eu quis dizer — insisto. — Eu precisava afastar Olivia de Pan.

— É tarde demais para ela — diz Fiona simplesmente.

— Não. Me leve de volta. Agora.

Os lábios de Fiona se curvam para expor as pontas afiadas de seus dentes. — Se você tem alguma esperança de salvar sua amiga humana, ou sua própria existência miserável, só há um caminho para você agora. Não passa pelo Pan.

— Eu preciso voltar. — Eu exijo.

Mas antes que eu possa terminar, a luz ao redor de Fiona pisca e estamos mais uma vez mergulhados na escuridão. Eu ouço o suspiro de pânico de Will, sua agitação frenética enquanto o ar fica pesado com o cheiro de umidade e decomposição. O zumbido deslizando dos Escuros ainda está um pouco distante, mas o som está crescendo, chegando mais perto a cada segundo que passa. Se ela nos deixar aqui, na escuridão, eles nos encontrarão.

— Bem! — Eu grito, não querendo que eles me alcancem.

— Bem? — A voz de Fiona zumbe na escuridão.

O zumbido da pulsação dos Escuros está mais perto agora. Mais alto ainda.

Eu aperto minhas mãos ao meu lado. — O que você quer que eu faça? — Eu grito quando o zumbido farfalhante dos Escuros começa a nos cercar. Mas Fiona não responde. — O que você quiser, eu farei. Por favor...

Em um lampejo, a luz ao redor de Fiona retorna ao seu brilho original, e o zumbido crescente no ar silencia enquanto os Escuros recuam para os cantos escuros das cavernas. O Capitão ainda está se contorcendo durante o sono, sem saber o que aconteceu. Mas Will está encolhido contra a parede, com as mãos para cima como se estivesse pronto para uma luta.

A boca de Fiona já está curvada em um sorriso cruelmente satisfeito, seus dentes afiados brilhando. — Achei que você veria do meu jeito.

Eu olho para ela, desejando poder discutir. Desejando ter a adaga de Pan.

— Você vai colocar o Capitão em segurança — ela me diz, como se isso já fosse um fato estabelecido. — Rowan conhece o caminho por esses túneis, e com você como refém, aquele que se chama de Pan será mais cauteloso.

— E então o que? Não há para onde ir — digo, lembrando-me do mar cheio de monstros, os perigos que se escondem na ilha em constante mudança.

Os olhos de Fiona ficam escuros, as pupilas brilhantes e insondáveis. — E então, Jovem, você vai libertar minha Rainha.

Eu fico boquiaberta com ela. — Sua rainha se foi. Ela foi derrotada pelos Escuros.

— Derrotada, sim, mas ainda não destruída — Fiona diz, sua voz zumbindo com uma satisfação perigosa. — Minha rainha criou este mundo e é a fonte de tudo que existe nele. Sem ela, este mundo: a ilha, os mares e tudo neles já teria deixado de existir. Aquele que se autodenomina Pan sabia disso.

— Quando ele e seus Escuros se levantaram contra ela, eles não a destruíram. Até agora, aquele que se autodenomina Pan não foi capaz de fazer mais do que manter minha rainha como sua prisioneira, mantendo meu povo refém de suas exigências e da adaga que ele roubou dela. Mas ela fica fraca e, à medida que seu poder diminui, este mundo também diminui. Descubra onde Pan a escondeu e liberte-a, ou você morrerá junto com Terra do Nunca.

— Encontrá-la? — Eu pergunto a Fiona. — Você não vai me dizer onde ela está, pelo menos?

— Ela não sabe — Will diz com um sorriso.

Fiona o encara, mas não questiona o que ele disse. — Você terá tudo o que precisa quando o Capitão estiver livre. Ele sabe mais sobre aquele que se

autodenomina Pan do que qualquer outro. — Fiona sorri com sua careta de dentes afiados. — Eles eram ótimos amigos, sabe?

— *Eram* — Will ressalta rapidamente, olhando para a Fada. — Eles *eram* amigos. Antes.

— E eles não são agora? — Eu pergunto, olhando entre Fiona e Will, tentando determinar quem está me dizendo a verdade.

— Não — os dois respondem quase em uníssono. Pelo menos eles concordam nisso.... Não que isso me faça sentir melhor. Mas pelo menos agora eu entendo por que Fiona estava tão ansiosa para que eu libertasse o Capitão.

Fiona solta um silvo de raiva. — Posso precisar do seu Capitão, mas não se esqueça de que *você* é dispensável, garoto.

— Você só precisa dele porque ele sabe onde está sua fada madrinha — Will diz com um sorriso de escárnio. — O Capitão sabe muito bem que, no minuto em que lhe contar, não haverá um único motivo para você manter qualquer um de nós vivo. É a única coisa que a mantém honesta com ele. — Ele franze a testa. — Bem, tão honesta quanto qualquer um de sua espécie *pode* ser.

Fiona dá a Will um olhar enojado antes de se virar para mim novamente. — Chegou a hora de ação, Jovem. Enquanto *você* estiver neste mundo, existe o risco de Pan tomar todo o poder que você possui e destruir a Rainha. Se isso acontecer, *nada* será capaz de impedi-lo de fazer ou pegar o que ele quer, nem mesmo as fronteiras entre os mundos. — Fiona vem em minha direção, deixando que as implicações de um Pan imparável afundem. — Você vai partir deste lugar e vai libertar minha Rainha.

— E depois? — Eu pergunto, minha pele arrepiando enquanto ela avança.

A boca de Fiona se curva em um sorriso perigoso. — E então eu vou matar aquele que se chama de Pan e libertar meu povo.

— Mas e *nós*?

Seus lábios se curvam. — Tenho certeza de que minha Rainha mostrará simpatia por aqueles que a libertaram. — Ela joga uma bolsa aos meus pés. — Você vai precisar delas.

Eu me curvo para olhar o pacote e descubro que contém um par de lâminas e o braço mecânico do Capitão. Eu estreito meus olhos enquanto olho para ela. — É isso aí? Eu apenas devo acreditar na sua palavra?

Will bufa e, pela primeira vez, estamos de acordo.

— Você não tem mais escolha, Jovem. Pan sabe o que você viu, e se ele te descobrir aqui, o tempo para histórias bonitas acabará.

— Você mesma me disse que ele não pode tomar meu poder, qualquer que seja o poder.

Fiona continua a sorrir perigosamente. — Verdade. Mas você não está completamente imune aos perigos deste mundo, Jovem. Seu sangue humano a torna suscetível aos encantos de Terra do Nunca. Quanto tempo você acha que demoraria antes que suas fracas memórias daquele outro mundo desaparecessem completamente? Até que você não seja diferente da sua amiga de cabeça vazia? Quanto tempo levou para ela se abandonar a este mundo?

Dias. Levou apenas alguns dias para Olivia se perder. E minhas próprias memórias não são muito melhores. Fiona está certa. Tenho que encontrar outro caminho para casa. Porque se Pan me pegar, duvido que ele tente me enganar com seu charme desta vez.

— Vou ajudá-la a libertar sua Rainha porque quero chegar em casa, mas não vou sair daqui sem Olivia — digo a Fiona. — Não depois de ter visto do que Pan é capaz.

— Ela não é necessária — Fiona sibila em uma voz tão afiada quanto seus dentes.

— Necessária ou não, não irei a lugar nenhum sem ela.

Os olhos dela se estreitam. — Se eu garantir a segurança dela?

Estou prestes a argumentar que não é o suficiente, mas Will me impede. — Faça-a jurar pela vida de sua Rainha. Se ela fizer isso, a garota estará segura até que possamos voltar para ela. Talvez até mais segura do que se viesse conosco. O tipo de Fiona, eles não podem quebrar seus juramentos. É a única razão pela qual existem os Escuros ainda cumprindo as ordens de Pan.

— Mas eles ajudam o Capitão — eu aponto.

— Porque aquele que se chama de Pan fez um juramento com apenas uma pequena assembléia dos Escuros — explica Fiona. — O resto se contentou em ajudar a derrotar minha Rainha, mas eles não estão *ligados* a ele. E mesmo aqueles que fizeram o juramento prometeram obediência, não lealdade. — Ela me dá outro sorriso de dentes afiados, como se achasse divertido os Escuros terem conseguido explorar essa brecha. — Mas o menino não está errado. Minha espécie não pode quebrar juramentos sem ser desfeita por eles. Se você fizer o que eu exijo, vou garantir que a garota humana não sofra nenhum dano.

— Isso não é suficiente — Will diz, olhando para mim. — Faça-a jurar pela vida de sua rainha, e então vamos em frente. Porque eu não quero estar aqui quando Pan perceber que você está contra ele agora.

— E é isso? — Eu pergunto, em dúvida.

Will começa a responder, mas Fiona o interrompe.

— Pode ser que Pan já esteja vindo atrás de você — ela provoca. — Se ele encontrar você aqui, não vou protegê-la.

Eu olho para ela. Não gosto da ideia de deixar Olivia para trás de novo, mas não tenho certeza se tenho escolha. — Bem. Jure pela vida de sua Rainha

que Olivia não sofrerá *nenhum* dano enquanto eu estiver libertando sua Rainha - nem de Pan, nem de você, nem de *nada* neste mundo.

Fiona estreita os olhos com cada cláusula e palavra adicional, mas ela faz o juramento. As palavras mal saíram de sua boca quando, em um lampejo, ela se foi, deixando-nos apenas um orbe escurecendo rapidamente para trás para a luz.

— Elas sempre fazem isso? — Eu pergunto a Will, esfregando meus olhos.

— Se você tiver sorte, é tudo o que elas fazem — murmura Will.

Olhamos um para o outro com inquietação. — Ainda não sei como vou tirar você daí. — As barras de sua prisão são feitas de rocha sólida. Eu corro minhas mãos sobre elas, tentando encontrar alguma fraqueza ou abertura oculta, mas não vejo nenhuma. — Talvez você deva acordar seu Capitão primeiro? Ele pode ter alguma ideia do que fazer.

Como previsto, acordar o Capitão não é fácil. O segundo em que Will toca seu ombro, a contorção antes sem objetivo torna-se violenta. Enquanto o Capitão se debate, seu punho acerta o rosto de Will com um estalo nauseante.

Will mal reconhece o golpe. — É hora de ir, Capitão. — Com sangue escorrendo de seu nariz, ele dá ao capitão um tapa forte no rosto.

O Capitão pisca acordado, murmurando uma série de maldições. — William? — Ele empurra Will para fora de seu peito e se levanta, olhando para a luz. — Fiona veio atrás de nós?

— Ela foi embora — eu digo secamente.

Ele leva um momento antes de me notar. — Gwendolyn? — Eu posso ouvir a confusão em sua voz. — Porque ela está aqui? — Ele não parece exatamente satisfeito.

— Aparentemente, ela viu o erro de seus caminhos — Will diz a ele com ironia. — Venha, então. — Will já está puxando o capitão com as pernas instáveis.

— Ela viu, é? — O Capitão franze a testa, não parecendo nem um pouco convencido ao se levantar cambaleando. Não posso culpá-lo exatamente, considerando que é parcialmente minha culpa ele estar preso lá. Ainda assim, poderia ser pior. Ele poderia ter caído para a morte. Ou Pan poderia tê-lo atingido com sua própria lâmina.

— Podemos me culpar por tudo mais tarde? Precisamos descobrir como tirar vocês daí antes que Pan descubra onde estou e venha me buscar. — Ainda estou sentindo as barras rochosas, procurando alguma fraqueza. — Eu nem mesmo vejo um lugar para uma chave.

— Não há nenhuma chave que vai abrir esta gaiola, moça. Você terá que usar o que você é — diz o capitão.

Eu fico imóvel quando o significado de suas palavras é registrado. — Não, você também — eu digo, balançando minha cabeça em negação. Uma coisa é Fiona acreditar que sou parte Fada, mas o capitão acredita?

E então algo me ocorre. — Quando você soube?

Ele hesita e sua boca fica apertada, mas então ele parece perceber que não há como não me contar. — Quando você estava no meu navio. Fiona me contou sobre a garota que Pan capturou, mas quando os meninos de Pan atacaram meu navio, eu sabia que ela era agarota errada — ele diz, nunca desviando o olhar de mim.

— Por que você não me contou? — Eu falo. — Você poderia ter me avisado. Eu nunca teria ido com Pan.

Seus olhos escuros estão firmes, compostos. — Você não teria acreditado em mim, moça. Você mal podia acreditar que se encontrava na Terra do Nunca.

Eu abro minha boca para discutir... Mas ele está certo. Eu não teria acreditado nele. Não, com certeza. Eu *ainda* não tenho certeza se eu acredito nisso.

Do outro lado da abertura, seus olhos estão encobertos pela sombra. — Se Fiona imagina que você pode abrir isso, você deve pelo menos tentar, Gwendolyn.

— Eu não sei como. — Eu sussurro.

Ele franze a testa suavemente, como se estivesse considerando o problema. — Esta ilha é da Rainha, e se você é da Rainha como Fiona acredita, você poderá falar com ela — ele me diz suavemente. — Você só tem que desejar, moça.

Como se fosse fácil. Mas eu afasto minha frustração e pressiono minhas mãos contra a pedra fria que me separa de Will e do Capitão. Fechando os olhos, concentro-me na pulsação da ilha, esperando sentir novamente aquela labareda de calor. Mas não importa o quanto eu tente, nada acontece.

— Não está funcionando. — Digo a eles.

Quando abro os olhos, o Capitão está esfregando o queixo machucado e me considerando. — Eu diria que você não está querendo muito isso, moça.

— Claro que eu quero — Eu estalo.

— Não. Você não quer — ele diz, ignorando meu pico de temperamento. — Você pode dizer que nos quer livres, mas não é isso o que realmente quer dizer. Não completamente.

— Certo — Will murmura atrás dele, se mexendo inquieto.

— Você sabe que *precisa* nos libertar. Parte de você pode até querer. Mas aqui — ele alcança pela abertura estreita e afasta meu cabelo dos meus olhos antes de bater suavemente na minha têmpora — aqui, você se preocupa em fazer outra escolha errada. Você se preocupa se vou ficar com raiva. Ou talvez você se preocupe se eu vou voltar atrás com minha palavra e tirar sua vida. Talvez você se preocupe por não ser o suficiente.

Eu começo a negar, mas o calor de seus dedos chia ao longo da minha pele enquanto ele traça minhas bochechas, meu pescoço, me aquecendo em lugares muito além do alcance de seu toque. Eu me aproximo da rocha que nos separa, inclinando-me para o calor reconfortante de sua mão. — Eu não sei como — eu sussurro, a dor avassaladora daquela derrota quebrando o resto da minha determinação. Porque ele está certo. Eu sinto a preocupação de que eu não sou o suficiente para fazer isso.

— Você não tem que saber. Você só tem que querer.

— Eu *quero* — eu imploro.

— Você deve querer com todo o seu ser, Gwendolyn. Esta ilha é das Fadas, e as Fadas vivem e respiram desejo. O desejo as cria, as sustenta. Mas em sua forma mais pura, o desejo não causa medo ou apreensão.

Ele está tão perto das barras que preciso inclinar minha cabeça para olhar em seus olhos. Mesmo com a rocha irregular entre nós, posso sentir o calor de seu corpo, o toque suave de sua respiração enquanto ele fala. Meu coração bate irregularmente no meu peito.

— Você só tem que *querer* — ele sussurra, sua voz suave e tentadora. Ele está tão perto que eu posso cheirar o tempero familiar de cravo, a crocância do ar do mar que nem mesmo o suor e sujeira da batalha pode ocultar, e eu *sinto* falta. Inexplicavelmente, o que eu quero é *ele*.

— Você pode fazer isso, moça. Você ficou cara a cara comigo uma e outra vez, e nenhuma vez se encolheu. Você entrou na frente de um louco, suas costas retas e seus ombros alinhados contra o próprio diabo enquanto você implorava por minha vida. — Então ele abaixa a voz, e o que ele diz a seguir é apenas para mim. — Você é mais do que suficiente, Gwendolyn.

E, naquele instante, eu acredito nele. Meus medos se dissipam e todas as minhas dúvidas são suspensas, porque eu *quero*. E o que eu quero ainda mais é sentir seu corpo contra o meu. Assim, posso saber como seria acabar, de uma vez por todas, com a tensão latente que sempre parece ferver entre nós.

E no momento em que me permito admitir esse desejo, no momento em que perco meu controle sobre o decoro e a lógica e a autopreservação e o medo, a pedra fica quente sob minhas mãos. Uma dor, viva e aguda, sobe pelo meu braço. Antes que eu possa recuar, a pedra entre nós desaparece e eu caio em seus braços.

Seu irmão não estava olhando para ele, mas para o campo diante deles. — Corra —, ordenou seu irmão, — e continue correndo até que estejamos fora disso, entendeu? — O menino acenou com a cabeça, incapaz de encontrar palavras. — Não pare, não importa o que aconteça.

O menino entendeu então o que seu irmão pretendia. De repente. Ferozmente. — Eu não vou te deixar, — o garoto disse — um juramento inquebrantável...

CAPÍTULO VINTE E SETE

Eu caí em cima do Capitão, no peito, com um baque, e o inesperado de seu corpo contra o meu... o calor e a força dele, me impediam de querer distância. O canto de sua boca se inclina um pouco, mas então ele se afasta de mim, voltado para os fatos novamente.

Eu envolvo meus braços em volta de mim e esfrego uma dor que lateja perto do meu ombro. Sinto-me subitamente fria e inquieta. As barras rochosas que estavam entre nós desapareceram completamente. Não entendo o que aconteceu, mas não posso negar o resultado - *eu* fiz isso. Eu as fiz desaparecer, e esse conhecimento se instala desconfortavelmente no espaço vazio em meu peito.

O Capitão não está prestando atenção à minha crise de identidade pessoal, no entanto. O alívio toma conta de seu rosto quando ele vê a mão de aço e, virando-se de costas para mim, ele tira a camisa e recoloca o braço em questão de segundos. Milagrosamente, o frio metal morto ganha vida, o punho se fecha e se abre enquanto um sorriso de satisfação ilumina seu rosto.

— Venha — diz ele enquanto puxa a camisa de volta sobre o peito machucado. — Não temos tempo para perder.

Liderados pelo orbe escurecido que Fiona nos deixou, seguimos cuidadosamente pelo túnel escuro. O Capitão parece saber o caminho, mas o túnel é infinito. Além do halo de sua luz minguante rapidamente, posso ouvir o farfalhar dos Escuros à distância.

O Capitão me segura pelo pulso e me esforço para acompanhar seus longos passos enquanto ele nos conduz pelos túneis. — Você realmente confia na Fiona?

— Não — Will diz enquanto o capitão diz, — Sim.

— Isso não inspira exatamente confiança. — Tento me desvencilhar do Capitão, mas com um puxão seguro do meu braço, ele me puxa.

— Ela quer se livrar de Pan — o Capitão me diz enquanto caminhamos. — Contanto que sejamos úteis para ela fazer isso, ela não nos levará a mal.

— E quando deixarmos de ser úteis para ela?

O túnel silencioso ecoa com nossos passos em resposta.

Tento me afastar de novo, o que só me faz tropeçar, mas antes de atingir o chão, o Capitão me pega contra ele. — Cuidado, moça — ele diz suavemente.

— O que acontecerá quando deixarmos de ser úteis para Fiona? — Eu pergunto novamente, tentando ignorar a sensação da minha pele contra a dele.

— Eu não contei a ela sobre o local de descanso da Rainha por uma razão — ele diz sombriamente.

Assim que eu paro de lutar contra sua liderança, progredimos melhor. Logo o túnel fica mais largo e o ar frio entra por uma abertura à frente. Do outro lado da abertura, nos encontramos em uma caverna maior, longa e estreita com uma faixa de céu acima de nós. Eu olho para cima enquanto caminhamos, maravilhada com o inesperado daquela faixa azul, e desta vez eu tropeço em algo que me faz cair de joelhos.

Não é algo, percebo tarde demais. *Alguém*.

Ou o que costumava ser alguém. O cadáver está inchado e em decomposição. A pele do rosto manchado do garoto está tão esticada que

começou a se partir, deixando pedaços brancos de osso nu aparecendo na ferida escura e aberta. De repente, o cheiro disso me atinge.

Antes que eu possa gritar, o Capitão me puxa para longe do corpo e cobre minha boca com a mão. — Shhh — ele sussurra em meu cabelo. — Não sabemos se estamos sozinhos.

Eu engulo meu grito e a bile que subiu com ele, e dou a ele um aceno fraco.

— Por aqui — diz o Capitão. — Silenciosamente.

Não há motivo para se preocupar em ser ouvida, no entanto. Ninguém espera lá, exceto os mortos já esquecidos, que jazem espalhados em pilhas quebradas em vários estados de decomposição. Estamos no fundo da trincheira. O lugar onde Pan joga os corpos dos meninos caídos.

Por fim, chegamos a um lugar onde a trincheira termina em uma parede de rocha, que é dividida por uma passagem estreita que mal é grande o suficiente para uma pessoa passar. A essa altura, a luz das fadas que Fiona nos deu há muito desapareceu, e a fenda diante de nós parece profunda e escura.

Eu me afasto. — Eu não vou entrar lá — digo, pensando na forma como os Escuros caçavam nos outros túneis.

O capitão solta um suspiro exasperado. — Estamos quase lá, moça. Mais um pouquinho e já estaremos na enseada, onde aguarda o curso. De lá, o navio fica apenas a uma curta distância e estaremos em segurança no mar.

Eu dou a ele um olhar duvidoso.

— Will, você nos lideraria?

Will dá um aceno tenso. Ele leva mais alguns segundos para vasculhar os limites da trincheira e o céu acima de nós, e quando ele tem certeza - ou certeza o suficiente - de que não estamos em perigo, ele se abaixa e se enfia na abertura estreita.

— Depois de você — o Capitão me diz com uma meia reverência.

— Você tem certeza disso?

— Acabei de mandar o menino que amo como irmão antes de você. Se houvesse perigo esperando, ele certamente o encontraria primeiro. — Quando ainda hesito, ele me insiste. — Vá em frente, então.

A fenda na rocha é estreita e tão escura quanto eu temia que fosse. Os passos constantes de William ecoam à frente, nos levando mais fundo na rocha, e um momento depois o capitão entra atrás de mim. Juntos, seguimos a inclinação cada vez mais íngreme do túnel através da escuridão. Conforme a luz se afasta atrás de nós, minha certeza vacila e meus passos ficam lentos.

— Um pouco mais longe, moça — o capitão incentiva cada vez que faço uma pausa para recuperar o fôlego. — Estamos quase lá.

Mas a fenda é escura e profunda e, por um tempo, não tenho certeza se acredito nele. Sentindo nosso caminho com as mãos pressionadas contra as paredes de rocha úmida que nos cercam, caminhamos tanto tempo na fenda silenciosa e escura que começo a me perguntar se algum dia iremos sair. Mas os Escuros não estão aqui. Nenhuma imagem perturbadora me agita e nenhum farfalhar abala meus nervos.

Então, ao longe, vejo uma faixa tênue de luz.

A cada passo, fica cada vez maior e mais brilhante, então eu aumento meu ritmo. Logo posso distinguir a silhueta inteira de Will seis ou mais metros à minha frente quando ele chega ao fim do túnel e sai para a luz. Atrás de mim, o Capitão ainda está nos meus calcanhares e, alguns metros mais, também alcanço o outro lado.

Saio do túnel e subo em uma saliência estreita que se agarra à beira do penhasco. Abaixo de mim, a enseada que eu podia ver do meu quarto com Olivia brilha ao sol. Eu levanto minha mão para proteger meus olhos, tentando

descobrir para onde Will foi. Só quando o Capitão sai do túnel um segundo depois de mim é que entendo que algo deu terrivelmente errado.

De repente estou nos braços do Capitão, mas não é como antes. Sua mão de aço está em volta da minha garganta e seu outro braço me prende com segurança a ele.

— O que? — Eu começo. Então eu vejo o que o levou a me atacar.

Pendurado no ar diante de nós está Pan, e ele tem Will balançando miseravelmente em seu braço ferido e ainda sangrando. O rosto de Will está branco de dor enquanto suas pernas se agitam no ar.

Eu me forço a ficar o mais imóvel possível. A maneira como o capitão está me segurando deve ser um erro. Tem que fazer parte do ato, exatamente como Fiona propôs. Mas a maneira como sua mão está pressionando minha garganta não parece falsa. Nem a maneira como minha respiração foi cortada por causa da pressão. Eu queria tanto acreditar que fiz a escolha certa desta vez, mas seu aperto é forte, e não tenho dúvidas de que ele é capaz do que ameaça fazer. Com a força de seu punho de aço, seria fácil quebrar meu pescoço como o de um pássaro.

— Solte-o — rosna o capitão, — ou a garota morre.

— Eu não acho que você realmente quer que eu faça isso, não é, Rowan? — Pan diz, e para enfatizar seu ponto, ele deixa seu aperto escorregar um pouco antes de pegar Will novamente. Will solta um grito agudo de dor e medo, tudo misturado em um.

— Espere um pouco, William — diz o Capitão, ajustando seu aperto em mim sem aliviar em nada. Eu me contorço violentamente, mas não consigo escapar. — Se você matá-lo, vou me certificar de que você nunca pegue a garota — ele rosna. — Todos esses anos, todos os seus planos terão sido em

vão, porque vou quebrar o pescoço dela e tirar sua última chance de derrotar as Fadas deste mundo.

— Por favor — tento dizer, mas não sai nada além de um som de asfixia.

Pan fica em silêncio por um longo momento antes de falar. — Bem jogado, Rowan — Pan diz com grande admiração. — Parece que te ensinei bem.

— Você não me ensinou nada — zomba o capitão.

— Agora, isso não é *bem* verdade, é? — Pan retruca, um sorriso sombrio brincando em sua boca enquanto seus olhos encontram os meus. Mas então ele se volta para o capitão. — Apenas deixe a garota comigo, e o rapaz é todo seu.

— Não! — O rosto de Will fica petrificado enquanto ele balança a cabeça. — Não escute ele. Você sabe o que tem que fazer, leve a garota. Guarde o resto.

Pan ri, uma risada baixa e sem humor que faz minha pele ficar fria, mesmo sob o calor do sol. — Oh, é muito tarde para isso. Não sobrou ninguém para você salvar.

Um rosnado ameaçador ressoa no peito do capitão, e percebo então o que não havia feito antes: na enseada o navio do capitão está esperando, as velas ainda no dia sem vento. Seus decks estão vazios.

— O que você fez com a minha tripulação? — O capitão rosna, apertando seu aperto em volta do meu pescoço.

— Essa *é* a questão, não é? — Os olhos de Pan dançam de deleite frio. De repente, uma explosão rasga a calma silenciosa do dia.

— Não! — A voz do capitão está cheia de raiva e dor, mas seu aperto nunca afrouxa. Abaixo de nós, seu outrora brilhante navio nada mais é do que uma bola de chamas violentas. A fumaça negra sobe enquanto dedos de fogo

vermelho-alaranjado sobem nos mastros altos. — Eles eram apenas *crianças* — ele murmura, seu peito arfando contra mim em rajadas irregulares.

— Ah sim. O capitão sempre protetor. Tão gentil e atencioso com os meninos sob sua proteção. — O sorriso de Pan é terrível agora. — Até, é claro, ele os matar. Com ciúmes, eu venci você?

— Você é um *monstro* — o capitão se enfurece. Seu aperto é tão forte e feroz que não posso deixar de choramingar. Meu pescoço está em um ângulo tão forte que meus ombros estão começando a doer.

— Talvez — Pan disse agradavelmente. — Ou talvez *alguém* tenha levado os rapazes para um lugar seguro antes que essa terrível tragédia ocorresse. Talvez *alguém os* tenha sob sua proteção...

O capitão fica muito quieto.

— ... por enquanto — Pan finaliza.

— Eles não fizeram nada com você — diz o capitão. Seus músculos estão rígidos contra meu corpo, e eu não poderia escapar se quisesse. — Eles não significam nada para você.

— Mas eles significam tudo para você, capitão, não é? E acho que você fará quase tudo para protegê-los. — O rosto de Pan fica sério então. Seus olhos cristalinos ficam tempestuosos. — Dê-me a garota e eu os deixarei viver, incluindo este aqui — ele diz, acenando para Will. — Você não terá tanta sorte, é claro, mas então, você não tem para onde correr. Nenhum lugar para ir. Salve seus meninos ou veja-os morrer, mas de qualquer forma, a menina será minha.

— Se eu te der a garota, você vai garantir a segurança deles? — o capitão pergunta.

Eu luto contra seu aperto, tentando me desvencilhar. De jeito nenhum eu quero voltar com Pan, não pelo jeito que ele está olhando para mim, toda raiva e ansiedade iluminando seus olhos.

— É claro — Pan diz. — Não tenho motivo para prejudicá-los, desde que renunciem a sua lealdade a você, é claro.

— E Will, você vai garantir a vida dele também?

— Não! — Will diz, se contorcendo contra o aperto de Pan. — Não vale a pena, capitão. *Eu* não valho a pena.

— Nunca duvide disso, Will — diz o capitão, e o desespero em sua voz me dá calafrios.

Tento novamente me afastar dele. Ele vai fazer isso, eu percebo. Ele vai me entregar a Pan para salvar seus meninos, para salvar Will. Na verdade, provavelmente faria o mesmo, mas esse pensamento não me conforta em nada.

— Faça sua escolha — Pan diz, balançando Will mais precariamente agora, provocando o Capitão com a morte de seu amigo.

Os olhos de Will estão agudos de dor, mas não estão mais cheios de medo. — Você sabe o que precisa ser feito — diz ele ao capitão. — Você demorou o suficiente. — Então, com uma torção violenta, Will se contorce e rasga a bandagem em seu braço. Ele cai, rumo a fenda negra e ameaçadora. E antes que Pan perceba a intenção de Will, Will se debate.

Os olhos de Pan se arregalam quando ele percebe o que Will está prestes a fazer, mas é tarde demais. Em um momento ele está nos encarando com olhos desafiadores, e no próximo, ele se foi. Caído nas profundezas abaixo.

— Não! — O Capitão grita, sua respiração quente contra minha pele. Seus músculos tremem, e posso dizer que está levando tudo o que ele tem para não deixar um soluço se soltar, para não me jogar de lado e ir atrás de seu amigo.

Pan apenas ri, examinando. — Você ainda pode salvar o resto, capitão. Dê-me a garota.

O capitão está tremendo nas minhas costas. Seus músculos tremem em seu aperto inflexível, mas ele não me solta. — Sinto muito — Ouço-o dizer, mas não sei com quem ele está falando e não tenho tempo para descobrir. Sem qualquer aviso, ele nos arremessa do penhasco, para o mar abaixo.

Seu irmão o sacudiu. — Se chegar a esse ponto, você vai me deixar para trás. Se chegar a esse ponto, continue. Prometa-me! — Mas o menino não quis. E então um projétil assobiou tão perto que o tempo para promessas chegou ao fim...



CAPÍTULO VINTE E OITO

0Os braços do Capitão são uma gaiola em torno de mim enquanto nós despencamos para o mar. A força de nossa queda nos suga muito abaixo da superfície. O choque do que acabou de acontecer me deixa com falta de ar, mas no momento em que sinto a água salgada entrar na minha boca, me forço a me concentrar. Então estou subindo em direção à luz, a água acima queimando um tom laranja avermelhado do fogo do navio.

Quando minha cabeça vem à superfície, ofego novamente. A princípio, não consigo ver nada além do mar revolto e da fumaça escura do navio em chamas pairando sobre nós. Mas então braços fortes se seguram ao meu redor e uma mão cobre minha boca antes que eu possa gritar.

— Nade, moça — Rowan ordena. — E nade muito.

O alívio estremece dentro de mim. *Ele não desistiu de mim,* eu percebo. *Ele me escolheu.*

E para quê? Ele deve estar completamente louco, porque de jeito nenhum poderemos escapar de Pan, não quando ele pode atacar tão facilmente de cima.

Eu não discuto, no entanto. A fumaça negra paira pesada no ar, cobrindo o céu e nos dando alguma medida de cobertura. Mesmo que a água queime meus olhos e me sufoque a cada respiração errada, faço o possível para acompanhar os golpes constantes de Rowan. Eu empurro e empurro até minhas pernas doerem com o esforço dos meus chutes.

Quando nos afastamos os destroços do navio e atravessamos o mar aberto, meus músculos estão gritando. Eu estive confinada por muito tempo

em pequenas cabines feias ou lindos canteiros de flores, e minhas pernas parecem fracas e ineficazes enquanto eu chuto contra a força da correnteza.

Mas quando algo frio roça minha perna, pego Rowan.

— O que é? — ele grita, voltando-se para ver o que causou minha angústia.

— Eu não sei — eu gaguejo, meus braços e pernas agitando freneticamente para me manter acima da linha da água. — Eu senti algo. — Não consigo distinguir nada nas profundezas abaixo, exceto sombras turvas ao longo do fundo do oceano.

Ele me puxa para mais perto, seus olhos sérios e determinados. — Temos que ir *agora*, o mais rápido que puder. E não olhe para trás.

— Mas...

— As Irmãs — ele diz simplesmente, seus olhos tensos de medo. Eu aceno para ele, para que ele saiba que eu entendo, e ele pega minha mão e começa a me puxar.

As irmãs. Esses monstros horríveis que tornaram o mar rosa com a refeição que fizeram daquele menino. As irmãs, com sua pele cadavérica e massas emaranhadas de pelos de algas marinhas.

Uma forma escura se move ao longo do fundo do oceano.

— Nade! — Ele exige, e desta vez sou capaz de fazer meu corpo obedecer. Mas há risos pairando no ar acima de nós. Não preciso erguer os olhos para saber que é Pan, flutuando com segurança acima das ondas mortais, esperando que saiamos da cobertura de fumaça. Zombando da inutilidade de nossa situação com sua alegria sombria.

Rowan vê que estou ficando para trás e estende a mão, me puxando pela água enquanto algo frio e grande se move sob as ondas.

— Não é muito mais longe — Rowan chama, ajudando a me puxar através das correntes. A boca da enseada ainda está a cerca de cinquenta metros - uma distância que parece interminável para meus braços doloridos e pernas exaustos.

Nunca vamos conseguir se Pan ou as Irmãs nos pegarem primeiro. E mesmo se fizermos isso, o que acontecerá? Tudo o que espera além é o mar aberto.

Mas Rowan não cedeu, e nem eu. A água agita-se, e as bolhas frias subindo de baixo tornam o mar ao nosso redor gelado. Mas continuamos nadando, ele me puxando de vez em quando, recusando-se a parar.

— Rowan! — Eu grito. Através das ondas agitadas, vejo a enorme criatura.

Eu me debato com um súbito espasmo de terror e meus golpes irregulares não conseguem manter minha cabeça acima das ondas. Eu subo novamente, tentando respirar, tentando fazer meus braços e pernas trabalharem juntos para me manter à tona.

Eu achava que as Irmãs eram assustadoras antes, mas não entendia. Na verdade não.

A criatura que surge das profundezas abaixo está coberta por uma camada musgosa de algas e salpicada com manchas brilhantes de branco. Pedras, acho a princípio. Mas estou errada. São ossos. Cordas de crânios cobrem o enorme corpo da besta, um colar horrível de seus troféus.

Tanto Rowan quanto eu lutamos contra a atração da água, que nos suga em direção à criatura conforme ela surge das profundezas. A abertura da enseada está mais perto agora - talvez trinta metros de distância. Mas as Irmãs também estão mais próximas.

Não consigo entender o que estou vendo, porém - não podem ser as irmãs. Conforme a criatura sobe, seu grande corpo vindo à superfície, eu percebo que o que eu pensei que fossem três sereias na verdade é uma criatura enorme com três torsos e três cabeças. Suas massas de cabelo emaranhadas pendem frouxas de suas três grandes faces deformadas ao romper a superfície da água. Seu corpo é do tamanho de uma baleia e tem tentáculos que se agitam, batendo na água enquanto ela continua subindo, acima das ondas.

Um dos tentáculos gigantescos sobe, bem acima de nós.

Este é o fim, eu penso. *Depois de tudo que passei, é assim que vou morrer.*

A criatura traz seu tentáculo enorme para baixo novamente, usando-o como uma alavanca para virar na água. Longe de nós.

Em direção a Pan.

— Pelo amor de tudo que é sagrado, eu preciso que você nade, Gwendolyn. — A voz de Rowan vem a mim como um sonho enquanto eu engulo água e ar e tento dar sentido ao que estou vendo. Elas não estão nos atacando. Talvez elas não tenham nos visto, ou talvez simplesmente não se importem, mas as Irmãs surgiram da água, uma montanha escura de membros emaranhados e rostos horríveis, e estão atacando *Pan*.

Rowan me puxa pela água e, desta vez, não hesito. Eu forço minhas pernas a chutar mais algumas vezes. Eu forço meus braços a rastejar atrás dele pela água, e nós saímos da enseada - para o mar - antes que Pan possa nos parar.

Na contagem de três, eles correram, cada um agachado no chão. Enquanto eles avançavam, a terra estremecia, como se os demônios estivessem se levantando para se juntar à batalha. O céu estava vivo e as balas zumbiam como vespas passando pela cabeça do menino. Era uma loucura. E na loucura, o menino perdeu o irmão de vista...

CAPÍTULO VINTE E NOVE

No momento em que alcançamos uma rocha, nós estamos ambos tão completamente exaustos que ninguém parece ter qualquer pensamento de Pan nos seguindo. Ou qualquer outra coisa, realmente.

Algum tempo depois, acordo com Rowan sentado perto. Suas pernas estão puxadas até o peito, seus braços em volta delas, como se ele estivesse tentando se segurar. Seus olhos estão absorvendo o sol enquanto ele se põe sobre o mar sem fim, e seu rosto está contraído e pálido contra o corte branco de sua cicatriz. Tenho a sensação de que ele está pensando em Will. Em todos os meninos que ele perdeu hoje.

Ele me escolheu, eu acho.

De volta à enseada, eu tinha certeza de que ele me entregaria para Pan para salvar sua tripulação. Mas ele não fez. Ele *me* escolheu. A culpa e a terrível esperança que o conhecimento inspira fazem meus olhos arderem e minha garganta ficar apertada. Eu não entendo. Ele ama aqueles meninos tão ferozmente. Por que ele me escolheria em vez de salvar o que restava de sua tripulação?

Ele me vê mexendo, mas não fala nem faz qualquer movimento para me ajudar a levantar. Estamos em uma rocha larga e plana que ainda irradia o calor do dia. Ao nosso redor, o mundo está quieto e silencioso. Com o oceano calmo batendo na costa abaixo, seria fácil acreditar que nada está errado. Que ele não acabou de perder um irmão. Que não abandonei uma amiga.

— E agora? — Eu pergunto assim que o sol se põe no mar.

— Não temos muita escolha. Faremos o que Fiona instruiu. Encontraremos a Rainha e a libertaremos. — Ele passa a mão pelo cabelo úmido, afastando-o dos olhos. — Então, esperaremos o melhor e tentaremos levar você e sua amiga de volta ao seu mundo.

— Você vai me ajudar a salvar Olivia de Pan? — Eu pergunto, surpresa que ele ofereceria sem eu pedir. Especialmente depois do que ele disse antes, em seu navio.

— Sim, embora tenhamos que esperar até de manhã, já que não é seguro se aventurar na ilha tão tarde. Deve ser seguro o suficiente ficar aqui durante a noite, se Pan ainda não tiver vindo atrás de nós, duvido que ele vá se aventurar na escuridão.

— Ele já fez isso antes — eu digo, pensando na noite em que ele veio até mim no navio.

— Isso ele faz, mas ele sabe agora que meus rapazes e eu tivemos ajuda para entrar em sua fortaleza. Ele estará mais em guarda, menos disposto a confiar sua segurança a Fiona e as luzes de sua espécie para proteção.

Quero dizer a ele que sinto muito por ir com Pan. Sobre a escolha que Will fez. Sei que palavras podem ser coisas poderosas, mas não tenho certeza se há uma única combinação de sons ou sílabas dignas da perda que ele acabou de sofrer.

— Vou fazer uma fogueira para nós — diz ele depois de um tempo. — Isso deve nos manter seguros o suficiente para a noite.

Ele começa sua tarefa silenciosamente, deixando-me no calor da rocha para vê-lo juntar meticulosamente os detritos, que ele empilha em um pequeno monte. Em seguida, usando o aço da ponta do dedo para lançar faíscas contra a pedra escura, ele alimenta cuidadosamente as brasas com pedaços de algas marinhas secas até que se convertam em chamas.

Quando o fogo está queimando, ele deita o casaco e a camisa sobre a rocha para que possam secar no calor do fogo, deixando seu torso magro nu no crepúsculo que se aprofunda. Os músculos se contraem e se movem sob sua pele danificada, mas desta vez, a visão de suas cicatrizes não é tão chocante. Nem o braço de aço, visto que brilha à luz do fogo.

Ignorando o calor que se formou em minhas bochechas, tiro minhas próprias botas e meias úmidas e aqueço os dedos dos pés no calor das chamas. Ficamos sentados assim até muito depois de o céu rosado ter escurecido. Nenhum de nós quer quebrar a quietude desconfortável com palavras.

Com o tempo, o fogo cresce o suficiente para lançar um brilho constante, protegendo-nos da escuridão além. Meus dedos estão mais quentes agora, mas ainda estou tremendo de minhas roupas molhadas.

Ele franze a testa ao ver meus dentes batendo e tira o casaco da pedra, sentindo a umidade. Satisfeito, ele me oferece. — Tire essas roupas e use isso.

Eu dou a ele um olhar duvidoso enquanto considero o casaco estendido.

— Eu vou virar minhas costas. Vá em frente — ele diz, empurrando o casaco para frente.

Eu pego dele e espero até que ele se afaste de mim. — Fiona disse que você e Pan foram amigos uma vez — eu digo enquanto tiro minha camisa e calça molhadas o mais rápido que posso. A pergunta é mais fácil de fazer quando não tenho que enfrentar aquele olhar sombrio dele.

Ele não responde imediatamente, então eu visto o peso quente de seu casaco. Ele vai até o meio da coxa, longo o suficiente para que eu esteja coberta, mas ainda curto o suficiente para me sentir desconfortavelmente nua. Quando eu envolvo em torno de mim, estou cercada por seu cheiro - picante e inebriante - o cheiro do mar e do vento. E de Rowan.

Rowan. Tenho pensado nele com esse nome desde então... quando? Eu nem tenho certeza. Mas em algum momento entre quando vi sua cabeça escura aparecer na janela da fortaleza de Pan e agora, o Capitão começou a desaparecer para mim. Agora tudo que vejo é o menino sob o título. O menino com olhos escuros como o céu noturno.

— Estou pronta — digo, me acomodando em frente a ele, cobrindo minhas pernas nuas o melhor que posso com seu casaco. Quando ele se vira, seu olhar passa por mim e, embora eu esteja completamente coberta, sinto-me inexplicavelmente nua.

— Eu sei que vocês não são amigos *agora* — digo a ele, tentando distraí-lo e a mim mesma. — Mas algo deve ter mudado... — Eu deixo minha voz sumir, não querendo expressar a pergunta diretamente. Mas ele entende o que quero dizer.

— Não me pinte de herói, moça — ele diz rigidamente. — A única coisa que realmente mudou é que aprendi uma nova maneira de matar.

Eu franzo a testa, mas não me permito reagir e não o pressiono. A postura rígida de seus ombros e a auto-aversão que ouço em sua voz são suficientes para me dizer que ele se julga com mais severidade do que talvez eu pudesse.

Eu espero, dando a ele o tempo que ele precisa e, eventualmente, ele fala novamente.

— Embora não seja desculpa, Pan me enganou para tirar aquela primeira vida. Ele pensou que isso me ligaria à sua causa. Em vez disso, teve o efeito oposto. — A luz do fogo cintila nas feições nítidas de seu rosto, sombreando seus olhos, então não consigo distinguir a emoção lá. — Veja, os Escuros são seres bastante curiosos, Gwendolyn. Como você bem viu, eles têm a capacidade de colher vida, mas o que é uma vida humana além das memórias

que carrega? Sem memória, não há empatia, não há humanidade. Sem memória, não somos nós mesmos.

Eu penso sobre minhas memórias nebulosas daquele outro mundo e como me sinto inquieta porque não consigo me lembrar delas. Penso em Olivia, em como ela é diferente, sem nenhuma lembrança de quem ela foi. E acho que não posso discordar.

— Quando tirei a vida daquele primeiro garoto, isso me deu mais tempo neste mundo. Mas também me deu as memórias da criança há muito enterradas. Elas me ajudaram a lembrar o mundo de onde vim, a pessoa que fui. Caso contrário, eu poderia nunca ter deixado o domínio de Pan.

— Mas você *foi* embora — eu digo, focando no que parece mais importante.

— Sim, eu fui. — Seus olhos encontram os meus. — Comecei a ver os jogos do Pan como eram. Ele acreditava ser um herói, e passei a acreditar que ele precisava de um vilão adequado. Alguém que poderia se levantar contra ele neste mundo.

— Eu não posso imaginar que ele deixou você ir de boa vontade, no entanto — eu digo, a pergunta na minha voz clara.

— Não, isso foi obra de Fiona. Porque ela sabia que eu era próximo de Pan, Fiona acreditava que eu era útil. Foi ela quem me ajudou a escapar da fortaleza. E ela que providenciou meu navio e meu braço — Ele aperta o punho com força, como se para acentuar seu ponto — ela me encantou, para que eu pudesse enfrentá-lo como um verdadeiro igual.

— Mas você nunca a ajudou a libertar a Rainha — eu ressalto. — Você nem mesmo disse à Fiona onde Pan a estava escondendo.

— Eu não poderia. — Ele olha através do fogo para onde estou sentada. — Você acha que Pan acabou de colocar a Rainha em uma gaiola em

algum lugar? Talvez em um baú ou atrás de uma porta trancada no Grande Salão de sua fortaleza? — Ele balança a cabeça. — Ele a enterrou no coração da ilha, e nenhuma das Fadas que sobrou é forte o suficiente para desenterrá-la - Pan se certificou disso. Foi necessário o poder da Rainha para colocá-la lá, e seria necessário o próprio poder da Rainha para chamá-la novamente.

— Por causa das runas em seu peito — eu percebo.

— Sim. Pan usou bem seu poder. Fiona e sua espécie não são do próprio sangue da Rainha, então não há nada que eles possam fazer para libertá-la. — Rowan se inclina para a frente para atiçar o fogo. — Não que eu deixe Fiona saber imediatamente, veja. Mas esse segredo não teria sido útil para meus rapazes se Terra do Nunca tivesse continuado a se despedaçar. Então eu disse a ela o que Pan tinha feito para manter sua Rainha escondida por tanto tempo. Porque até que ele seja derrotado e a Rainha seja libertada, nenhum dos meus rapazes terá a chance de retornar ao seu mundo.

— É por isso que Fiona estava em Londres — eu digo, entendendo. — Ela estava procurando por mim também.

A expressão de Rowan está nublada com pesar. — E por isso, sinto muito. Se eu soubesse então o que sei agora, se eu conhecesse você, teria permitido que todo este mundo desmoronasse antes de dizer uma palavra.

— Isso não teria impedido Pan — eu disse a ele. — Não foi Fiona quem finalmente me atingiu. De uma forma ou de outra, acho que sempre acabaria aqui. Mas não tenho certeza se posso fazer o que Fiona pensa que posso — digo a ele honestamente. — Aquilo que aconteceu na masmorra - foi a primeira vez que consegui fazer algo remotamente parecido.

— Você fará o que puder e nós vamos nos arriscar, porque não temos outra escolha. Eu não tenho um navio. Eu não tenho uma tripulação... — ele diz, sua voz vacilando, seus olhos fechando contra a dor de sua perda.

— Você os amou — eu digo, vendo isso tão claramente na dor escrita em suas feições.

— Sim, mas eu os matei também. Assim como ele. — Ele encontra meus olhos. Com sua mandíbula sombreada por mais de um dia de barba e seu cabelo despenteado e pendurado preguiçosamente sobre sua testa e seu peito nu à luz bruxuleante do fogo, ele se parece muito com o pirata que afirma ser.

Mas ele também parece cansado e desgastado pelas provações que nem consigo imaginar.

— Se eu fosse mais corajoso, teria escolhido a morte há muito tempo — ele me diz, uma confissão e explicação ao mesmo tempo. — Dessa forma, Will era muito mais forte do que eu. — Seus olhos perfuraram em mim, desafiando-me a condená-lo. Ou talvez me pedindo para perdoá-lo.

Eu não tenho certeza se posso fazer algo.

— Por mais fraco que eu possa ter sido, tentei usar minha vida da melhor maneira possível. Contanto que minha vida possa servir para proteger até mesmo um único menino, não posso me arrepender do caminho que escolhi — diz ele, suas palavras caindo diante de mim, como se ele estivesse tentando tirar tudo antes que perca a coragem.

Ele se mantém rígido e seu rosto propositalmente livre de emoção enquanto espera pelo meu julgamento. Eu posso sentir no ar entre nós - sua expectativa de que eu me afaste dele agora.

Mas acho que não posso. Só estou neste mundo há pouco tempo, e de quantas escolhas eu já me arrependo?

Eu me levanto lentamente, com cuidado para manter seu casaco enrolado em mim, e faço meu caminho para o seu lado do fogo. Ele nem mesmo se move ou pisca. Ele simplesmente fica parado e espera. A dor, o arrependimento e o medo em seus olhos são tão claros que me trazem lágrimas.

Gentilmente, enrosco meus dedos nos dele, sentindo tanto o calor de sua mão verdadeira quanto o couro macio da luva que cobre a de metal roçando minha pele. A surpresa ilumina seus olhos, mas ele ainda não se move. Ele não aperta os dedos nos meus nem respira.

Inclino minha cabeça para ele e rapidamente, antes que eu possa pensar melhor ou perder a coragem, fico na ponta dos pés e pressiono meus lábios contra os dele. Sua boca é quente e firme sob a minha, mas também é imóvel.

Isso não importa.

Isso não é uma sedução. Não sou eu me jogando sobre ele ou tentando alimentar alguma paixão dentro de sua reserva estoica. Este beijo é simplesmente uma escolha.

Durante dias, fui atirada de um perigo para o outro. Enganada, tentada, manipulada. Usada. Há dias não sei para que lado me virar, qual era a verdade ou em quem confiar. Mas a emoção áspera na voz de Rowan, a resolução calma e as palavras sem adornos que ele usou para me contar sua história, pareciam mais honestas e mais reais do que qualquer coisa que já se senti neste mundo. Então eu dei a ele um único beijo, lábios pressionados simplesmente contra os seus lábios, sem expectativa e nenhum propósito além de mostrar a ele minha escolha.

Eu solto suas mãos e olho para ele. Seus braços ainda estão ao lado do corpo, mas vejo que seus punhos estão cerrados, como se em um esforço para não me tocar, e não posso deixar de sorrir.

O menino estava preso naquela vasta paisagem de arame e osso. Ele não poderia continuar sem seu irmão. Mas ele também não poderia voltar. Então seu irmão estava lá - logo à esquerda, correndo com os braços estendidos. E por um momento, o alívio tomou conta do menino, porque ele podia ver o campo à frente, escuro e claro, e a segurança da terra um pouco além...

CAPÍTULO TRINTA

Mais tarde, eu durmo enrolada em Rowan buscando o calor, a cabeça apoiada contra ele enquanto ele vigia. Em algum momento, porém, a exaustão do dia deve tê-lo dominado. Em algum momento ele deve ter adormecido e deixado o fogo morrer, pois o som de um farfalhar e o cheiro de folhas úmidas me acordam.

Quando eu abro meus olhos, os braços de Rowan ainda estão em volta de mim, e a maior parte de seu corpo está caído sobre o meu enquanto ele dorme. Mas o fogo se apagou e a escuridão já nos cerca.

O odor úmido e envelhecido dos Escuros se intensifica conforme eles se reúnem. Sinto o toque úmido de seus corpos ainda fantasmagóricos se aproximando, e começo a sacudir Rowan, para tentar acordá-lo, mas antes que possa, sou engolida pela escuridão e não consigo evitar as imagens que me assalta, inclinando meu mundo perigosamente em seu eixo até que eu caio novamente na memória.

Estou de volta à mesma floresta, o ar fresco da noite chicoteando meu cabelo, ardendo em minhas bochechas, e uma voz sussurra palavras que não consigo entender. *A floresta me alcançando, me encorajando.* Esse ruído áspero está em toda parte, ecoando ao meu redor, me lembrando. *O caminho estava tão claro antes. Os dedos escarpados das árvores escuras estendendo-se para mim. Puxando para mim. Me encorajando. Acenando para mim.*

Mas agora que estive na selva indomada de Terra do Nunca, percebo que as árvores nessas memórias sempre foram simplesmente árvores. Elas não são o que eu realmente temo, nem do que eu estava correndo naquela noite.

Frio e escuro e a floresta tentando me pegar enquanto corro, mas estou afastando seus galhos finos enquanto as vozes sussurram.

E então a imagem muda, e minha mãe está lá, seus olhos azul-acinzentados selvagens como o céu antes de uma tempestade. Seu rosto está perto do meu, seu hálito azedo e quente. — Você tem que esquecer isso. Você não pode falar sobre isso nunca mais. Para ninguém, Gwendolyn. Você entende?

E de repente a floresta escura me cerca e estou lá novamente, lembrando outras coisas que eu havia empurrado fundo, empurrado de volta para os cantos não examinados da minha mente. Coisas que fazem meu coração disparar, minha respiração ficar rápida e animada com o desejo de algo que não posso explicar. Coisas que me fazem querer correr noite adentro, meus braços bem abertos.

Fora da segurança dos braços de Rowan, os Escuros ainda estão se reunindo, seus corpos como o vento farfalhando nas folhas secas, mas eu não consigo evitar de mergulhar nas águas perigosas de minhas próprias memórias. Não consigo parar de me afogar nas imagens da floresta naquela noite.

A noite quente de outono está esfriando e eu estou perdida.

A imagem muda novamente e não estou mais na floresta. *O brilho giratório das luzes da polícia lançando fragmentos irregulares de cores nas árvores escuras. Homens com papadas pesadas e rostos sérios pairando sobre mim. Suas bocas se movem, mas não consigo entender suas palavras, porque, em vez de vozes humanas, um zumbido sussurrante ecoa de seus lábios.*

E então minha mãe está lá, me levando embora. Seus braços finos são fortes ao meu redor. Como você pôde? *Sua voz sussurra, seus olhos azul-acinzentados tempestuosos e cheios de preocupação.* Não diga mais nada. Esqueça, *ela comanda.*

Mas como eu poderia ter esquecido?

Estou me lembrando agora, e as memórias parecem a ponta afiada de uma lâmina cortando a pele macia de tudo o que pensei que era. É impossível. Não pode ser nada mais do que um sonho ruim. Mas há mais esperando por mim nessas memórias, alguma verdade devastadora com a qual a escuridão me provoca.

Não é sua culpa, *minha mãe me diz, e mesmo assim eu pude ouvir a mentira em sua voz*. Vou mantê-la segura, *diz ela.* Isso nunca vai acontecer de novo.

E novamente sinto a ponta de uma adaga, afiada e perversa. A queima de memória.

E eu estou gritando, chorando. As lágrimas estão quentes no meu rosto enquanto minha mãe diz — cale-se, minha garota. Silêncio. *E enquanto ela me sacode, seu aperto é tão doloroso quanto a ferida da adaga recentemente em meu braço.*

Mas essas não são as mãos da minha mãe me segurando. Minhas bochechas ainda estão geladas com a mancha úmida de lágrimas que as cobrem. Meu braço dói com o corte fantasma, mas é a voz de Rowan que vem a mim com urgência através da escuridão.

— Venha agora, moça, acorde — ele sussurra, suas mãos apertadas em meus braços.

Meus olhos se abrem, mas leva um momento para se ajustar ao brilho de uma pequena fogueira. — O que? — Minha voz está rouca quando ela sai da minha garganta e suas mãos se tornam mais gentis em meus braços.

— Os Escuros — ele sussurra. — Eles teriam nos levado com certeza se seus gritos não tivessem me acordado. Você deve ter sonhado.

Mas isso não parecia um sonho. Parecia uma verdade - como se eu estivesse lá de novo, vivendo de novo. Eu fui para a floresta, perseguindo uma voz, e quando saí, tudo havia mudado. Aquela foi a primeira noite em que

minha mãe fez nossas malas sem avisar para que pudéssemos desaparecer antes do amanhecer.

— Vou soltar você agora — diz ele, e agarro seu braço em resposta. — Para aumentar o fogo — ele me diz gentilmente, com a mão no meu cabelo. — Fácil agora. Isso levará apenas um momento.

Ele me solta então, e por um momento me sinto à deriva. Perdida mais uma vez. Os Escuros se movem, farfalhando suas grandes asas, mas eles são incapazes de se aproximar por causa da luz do fogo. Ainda assim, quase me sinto começando a cair nas memórias mais uma vez.

Memórias que agora anseio.

O rosto de Rowan está tenso de concentração enquanto ele alimenta as chamas, nunca tirando os olhos de seu trabalho enquanto o fogo cresce. E à medida que cresce, ganhando vida, empurra de volta a escuridão, até que o halo brilhante de luz seja ainda maior.

Então Rowan me leva em seus braços novamente, me colocando entre suas pernas, minhas costas contra seu peito. — Está tudo bem, moça — ele sussurra. Mas seu corpo está tenso e sei que suas palavras são mais consoladoras do que verdadeiras.

Além do brilho do fogo, ainda posso ouvir os Escuros circulando. Posso sentir sua frustração, seu desapontamento por não poderem nos alcançar. Além do brilho das chamas, a Terra do Nunca não é nada além de escuridão. Até as estrelas parecem ter se afastado.

Meus músculos ainda tremem, meus nervos estremecem com a sobrecarga de medo e adrenalina, e minha mente está confusa sobre o que acabou de acontecer.

Rowan ajusta seu corpo, trazendo-me para mais perto dele. No círculo de seus braços, sinto-me a salvo dos perigos da noite. Mas mesmo a força em

seus braços e a proteção de seu corpo não são suficientes para afastar as memórias.

Os Escuros me forçaram a enfrentar minha própria verdade. Eles me mergulharam profundamente em um passado que eu tinha me permitido - me forçado - a esquecer, e eles revelaram uma verdade que eu não queria lembrar sobre o que minha mãe fez para me proteger.

Todos aqueles anos de preocupação com minha mãe, todas aquelas mudanças de uma pequena cidade em lugar nenhum para a próxima ainda mais no meio do nada. Eu entendo agora. Eu *lembro*. Naquela noite na floresta. Os monstros me perseguindo na escuridão - até que eu consegui sair, bem a tempo, onde havia luz. Eu sabia que os monstros estavam lá, mas ninguém acreditou em mim. Exceto minha mãe.

Você deve ter imaginado, disse o policial, com o queixo pesado balançando enquanto ele balançava a cabeça.

Ela é apenas uma criança, eles sussurraram, olhando para mim com olhos de adulto que fizeram meu estômago doer. *Uma criança assustada e confusa.*

Mas minha mãe acreditou em mim. *Você tem que esquecer,* ela me disse, suas palavras tão afiadas quanto uma lâmina. *Você não pode falar sobre isso nunca mais.*

Não posso deixar de esfregar a cicatriz em meu braço.

Não é uma marca de vacina. Ou talvez seja, mas não da maneira que sempre acreditei. Não da maneira que me permiti lembrar. Eu era tão jovem que mal entendi o que estava acontecendo quando minha mãe gelou meu braço e pegou sua adaga de prata.

Eu estava com tanto medo do que tinha acontecido na floresta - a maneira como a escuridão me tentou para longe do caminho e para o desconhecido. Então eu fiz o que minha mãe mandou. Eu tranquei a memória

daquela noite bem no fundo, e nunca me permiti pensar sobre o que aconteceu depois disso.

Mas não posso dizer nada disso em voz alta. Ainda não. E ele não me pede isso. Em vez disso, ele fica sentado em silêncio comigo e, depois de um longo tempo, fala baixinho, perto do meu ouvido. — Não há vergonha em ter medo, moça. Eu mesmo sei um pouco sobre sonhos.

Não sei como dizer a ele que o que experimentei não foi simplesmente um sonho, então não digo nada a princípio. Eu apenas observo o fogo tremeluzir, ouvindo a agitação de monstros na escuridão além da segurança de seu brilho. Penso em como Rowan estava quando o encontrei nos túneis. Lembro-me dos gritos lamentosos que ouvi quase todas as noites que passei em seu navio, e entendo então que não estou sozinha em temer os segredos que a escuridão pode revelar.

— Você vai me contar? — Eu sussurro, esperando que suas palavras possam afastar a memória dos meus próprios horrores.

Ele fica em silêncio por um longo momento, como se reunisse suas forças, e quando fala, sua voz sai não como a cadência constante de uma história bem contada, mas como o sussurro inquieto de um homem confessando. — Nem sempre é a mesma coisa — diz ele. — Às vezes sonho com antes, às vezes depois, mas na maioria das vezes, sonho com a noite em que aconteceu. — Ele para então, silencioso e imóvel, e penso por um momento que ele não vai - talvez não possa - continuar.

Mas as memórias que descobri me tornaram egoísta. Eu preciso me sentir menos sozinha. Preciso saber que não sou a única carregando o peso impossível da memória esta noite. — A noite *que* aconteceu? — Eu pergunto, empurrando-o mais do que eu tenho direito.

— A noite em que matei meu irmão.

Mas então o céu ficou vermelho com o fogo do inferno.

E seu irmão estava lá, gritando algo que o menino não conseguia ouvir.

E então ele não estava.



CAPÍTULO TRINTA E UM

A maneira como sua voz quebra com a palavra *irmão* faz meu coração doer por ele. Eu espero, observando o fogo cintilar diante de mim, tendo algum conforto no calor de seu corpo contra mim, tentando oferecer a ele algum conforto em troca. Não tenho certeza, porém, se quero que ele fale mais ou fique em silêncio.

— Durante toda a minha vida, tudo que eu queria no mundo era ser como meu irmão mais velho, Michael. Quando a guerra começou, éramos ambos muito jovens para ir, mas seguimos as batalhas e as notícias como se fosse a maior das aventuras.

Suas palavras não são o que eu esperava e estou confusa. — Qual guerra? — Eu pergunto, tentando pegar o fio da sua história antes que saia de mim durante a noite.

— A Grande Guerra, é claro. Que outra haveria? — Ele diz, sua testa franzida em confusão.

Quando faço as contas na minha cabeça, minha entendo. A Primeira Guerra Mundial foi há cem anos, mas Rowan não parece ter mais de vinte anos. Eu nem tinha considerado que o tempo na Terra do Nunca poderia ser diferente do que o tempo em meu próprio mundo. Há quanto tempo já estamos fora? Semanas? Anos? A ideia envia um arrepio de gelo através de mim, nem mesmo o fogo rugindo antes de mim pode derreter.

— Ocorreram muitas guerras — eu digo fracamente.

— Eles prometeram que nosso sacrifício seria o último. — Rowan faz uma pausa, como se reunisse coragem com suas palavras. — Eu deveria ter

esperado que isso fosse uma mentira também — Ele diz sombriamente. Em seguida, ele me solta e começa a trabalhar, colocando mais detritos no fogo. Ele tem o cuidado de não olhar para mim enquanto fala.

— No dia em que Michael fez dezoito anos, ele se alistou, é claro. Eu estava com tanto ciúme dele no dia em que ele foi embora. Minha mãe estava chorando muito, mas o sorriso de Michael iluminou todo o seu rosto. Não o vi novamente por quase um ano, quando ele estava de licença. Ele parecia tão completamente diferente - meu Michael, mas não era o mesmo totalmente. Lá estava ele em seu uniforme engomado, todo brilhando com as medalhas que ganhou por fazer o que os soldados fazem. Quando meu tempo com ele acabou, ele me colocou no trem para casa, mas eu não fui. Encontrei-me em um escritório de recrutamento, dizendo ao homem atrás da mesa que eu tinha dezenove anos. Eu poderia dizer que ele não acreditava em mim, mas não importava. Ele pegou meu nome e eu assinei o papel, e pronto.

— Quantos anos você tinha realmente?

Ele olha para mim. — Era primavera. Eu tinha acabado de fazer dezesseis anos no mês anterior.

Dezesseis - ele parecia mais velho do que isso agora, mas não tão velho quanto deveria. — E eles recrutaram você? Sem qualquer prova?

— E por que não? Eles precisavam de homens, e eu estava perto o suficiente. — Seus olhos se voltam para o fogo, e eu sei que ele está lá, revivendo a morte de seu irmão novamente. — Nunca imaginei que pudesse ser assim. Eles nos contaram histórias de sangue e glória, de aventura e honra. E fomos de boa vontade, correndo em direção aos nossos destinos. — Enquanto ele estuda o fogo, sua boca se levanta, um sorriso irônico que não alcança seus olhos. — Você pensaria que eu teria visto a história de Pan pela mentira que foi antes.

Não sei o que dizer a ele, então não falo. Simplesmente me sento como testemunha da história que ele conta.

— Michael achou que precisava cuidar de mim. — Ele bufa uma risada áspera. — Ele provavelmente fez isso. Mas foi minha culpa que ele foi naquela patrulha na noite em que aconteceu. Eu estava com raiva dele por tentar ser como uma mãe para mim, então me ofereci. Eu estava tão convencido de que estava pronto para ser um homem. Tão convencido de minha própria bravura. Claro que ele também se ofereceu.

Ele olha para mim novamente, seus olhos cheios de dor por tudo o que aconteceu. — Eu fui o único que saiu do campo com vida naquela noite. E eu quase não consegui — diz ele, apontando para o braço.

— Foi isso que aconteceu com o seu braço? — Eu pergunto, pensando na pele com cicatrizes em seus ombros e costas.

Ele me dá um aceno conciso, mas não diz mais nada.

Ele então levanta a mão de aço e a aperta, observando-a se mover com o tipo de espanto terrível que ele deve ter sentido na primeira vez que soube que seu próprio braço estava faltando. Finalmente sua voz volta, pequena e quebrada na escuridão. — Não sei o que aconteceu depois. Acordei em um hospital francês sem meu braço e com mais dores do que jamais sonhei imaginar. Eu estava em uma forma tão desesperada que não sei por que eles se preocuparam em tentar me salvar. Assim como nunca terei certeza de por que Fiona me trouxe aqui.

— No começo eu pensei que tinha morrido e ido para o céu, exceto que meu irmão não estava mais ali, mas não demorou muito para que eu esquecesse de Michael, de tudo antes deste mundo... Até eu tirar a vida do primeiro menino.... foi aí que os sonhos começaram.

— Agora, toda vez que fecho meus olhos, Michael está lá. Rindo. Morrendo. Repetidamente, e não importa o que eu faça, não posso mudar isso. Eu não consigo parar. — Sua respiração está irregular. Sua voz não passa de um sussurro. — Os sonhos me torturam com o que fiz, mas também me salvaram, pois sem eles eu estaria perdido há muito tempo. Sem eles, eu não seria capaz de enfrentar Pan ou proteger os meninos de perigos que eles não conseguem entender.

Quero dizer a ele que não foi culpa dele, mas sei que as palavras não têm sentido. Em vez disso, pego suas mãos e enrosco meus dedos nos dele, oferecendo todo o conforto silencioso que posso, mas ele não fala. Ficamos sentados em silêncio por um momento antes de eu virar sua mão enluvada na minha. — Posso? — Quando ele não se afasta, eu cuidadosamente retiro sua cobertura de couro macio.

A mão abaixo é realmente um milagre da engenharia. Cada uma das peças é decorada com arabescos filigranados e se move com uma graça sem esforço que desmente sua mecânica.

— Pode não ser tão ruim se eu não tiver que lembrar o que é ser inteiro — Ele diz suavemente.

Quero dizer a ele que ele ainda está inteiro, mas não estou com vontade de confundir o que quer que esteja crescendo entre nós com mentiras. — É parte de você agora, no entanto. — Eu me viro um pouco para poder encará-lo adequadamente, então abro minha mão e coloco palma com palma sobre a dele.

— Não é exatamente igual ao original, mas me serve bem o suficiente para a maioria das coisas. — Ele se afasta e levanta os dedos de metal para tocar minha bochecha. — Para outras coisas, no entanto, acho que está faltando muito.

Ele levanta a outra mão, então, e emoldura meu rosto com suas mãos - metal e carne, uma dura e insensível, a outra calejada por provações desconhecidas. Ambas igualmente Rowan.

Eu me forço a ficar completamente imóvel, meu coração batendo descontroladamente no meu peito enquanto ele passa seus dedos verdadeiros lentamente pelo meu cabelo, esfregando os fios curtos. Eu me pergunto o que ele vê quando olha para mim. Pan viu poder. Os meninos em meu próprio mundo olhavam para mim ao lado de Olivia e talvez tenham visto uma garota bonita apenas, mas não bonita o suficiente.

Sei que ele quer me beijar de novo, assim como sei que essa hesitação é sua maneira de perguntar.

Sim, eu acho. Porque se eu tiver que morrer aqui - e estou começando a achar que é inevitável que morrerei - quero conhecê-lo novamente em meus lábios. Eu quero que ele me queira assim, esse menino pirata mal-humorado que sacrificaria qualquer coisa por aqueles sob sua proteção. Qualquer coisa, ao que parece, menos eu.

Mas ele interpreta mal a minha respiração e se afasta abruptamente, se apartando de mim. Sua expressão vazia me diz que talvez eu o tenha feito cavar muito mais fundo na dor de seu passado do que qualquer um tem o direito, mas não posso dizer que sinto exatamente por isso. Finalmente conheci a pessoa por trás da máscara do Capitão. O menino que escolheu interpretar o vilão para lutar contra um monstro que se autodenomina herói.

Rowan se afasta do chão, deixando-me fria e sozinha à luz do fogo. — Durma um pouco, se puder, moça. Temos um longo e difícil dia pela frente, se quisermos fazer o que deve ser feito — ele me diz. E então ele se afasta do brilho do fogo e entra na escuridão além.

Quando ele acordou, finalmente, terrivelmente, com algo áspero contra sua bochecha e cheirando a morte, ele pensou que tinha sido entregue ao inferno. Foi um erro. Tudo isso. Um erro horrível. Mas o anjo estava lá, gentil. Ou se não era gentil, pelo menos com certeza...

CAPÍTULO TRINTA E DOIS

Durante a manhã, o ar entre nós é carregado com uma energia instável, e eu não tenho certeza do que dizer a Rowan. Nós nos encaramos por alguns momentos na luz suave - momentos em que eu acho que talvez ele feche a distância entre nós e me beije - mas ele vira as costas para que eu possa vestir minhas próprias roupas. Quando estou vestida novamente, ofereço o casaco de volta, e ele o pega com uma formalidade rígida que faz com que tudo o que aconteceu na noite anterior pareça um sonho de muito tempo atrás.

— O caminho mais direto para onde a Rainha está deitada é seguir a água, mas para isso teríamos que nos aventurar no mar mais uma vez, e não estou muito disposto a testar a misericórdia das Irmãs uma segunda vez. — Rowan aponta para a densa selva verde que fervilha de vida além das costas rochosas. — Teremos que cortar a selva. Direto para o norte, até o coração da ilha. — Ele puxa a adaga que Fiona nos deixou e a entrega para mim, o cabo primeiro.

Eu não procuro por isso. — O que eu devo fazer com isso?

— Ore para nunca mais precisar usá-la — diz ele, oferecendo-a novamente.

Eu finalmente pego, pesando seu corpo sólido em minhas mãos. É mais leve que a adaga de Pan e, ao sol da manhã, sua lâmina cintila prateada em vez do estranho brilho escuro de Pan. Eu coloco no cós da minha calça e espero não me espetar antes de precisar usá-la.

— Pronta? — Ele pergunta, sua expressão tão afiada e cautelosa como eu já vi.

— Nem um pouco.

Quando entramos no verde exuberante da selva, o som do mar desaparece, mas as árvores não estão em silêncio. Assim que entramos no dossel fervilhante, posso sentir as árvores pulsando ao meu redor em um aviso.

Isso não é nada como a floresta escura da minha infância. É como nada que eu já vi - mesmo voar através da copa das árvores com Pan não me preparou para a experiência de estar *dentro* disso. A vegetação ao nosso redor é selvagem e sobrenatural, colorida com todos os tons de verde imagináveis. Algumas das plantas têm folhas tão grandes quanto meus braços estendidos. Outras são finas, com protuberâncias semelhantes a agulhas que parecem tão afiadas quanto navalhas.

Estranhamente, embora o ar esteja fechado aqui - quase claustrofóbico - não sinto medo. Ou suponho que devo dizer que me sinto desconfortável, mas não amedrontada. Como o jardim dentro da fortaleza de Pan, as plantas da selva de Terra do Nunca se retorcem enquanto caminhamos para revelar um caminho sinuoso através da vegetação rasteira densa. A própria ilha parece estar nos dirigindo, e eu não posso dizer se Terra do Nunca está nos guiando até a Rainha porque quer ser libertada ou se esta é apenas mais uma de suas armadilhas. Eu deveria estar com medo de como tudo parece tão *vivo*, mas depois de tudo que passei - e depois de tudo que fiz - o medo parece um luxo que não posso pagar.

A cada passo que dou seguindo Rowan subindo a ladeira íngreme em direção ao centro da ilha, minha confiança vacila, no entanto. Nós escalamos e andamos pela selva, mas nunca parecemos chegar a lugar nenhum. Tudo o que posso fazer é segui-lo, passo após passo, quilômetro após quilômetro, fazendo uma curva sinuosa após a outra.

Uma ou duas vezes, luzes de fadas aparecem, desviando de nós e ao nosso redor enquanto avançamos. Rowan as ignora, mas elas me deixam nervosa. Não confio na lealdade de Fiona tanto quanto ela também não gosta de mim, e não posso deixar de pensar que as luzes provavelmente estão nos observando, talvez até mesmo se reportando a Pan. Quase espero que ele esteja esperando por nós a cada esquina, mas ele nunca está.

Por fim, chegamos a uma clareira onde o caminho em que estamos se divide em três trilhas diferentes. A que está à nossa direita leva ao matagal. À nossa esquerda, outra serpenteia por um bosque de árvores enormes. À frente, um terceiro caminho idêntico leva a uma direção igualmente pouco clara.

Enquanto Rowan considera qual pegar, eu relaxo contra o tronco liso de uma árvore e me deixo escorregar para o chão. Meus pés doem com a escalada rochosa e irregular, e preciso de uma pausa, embora não possamos nos dar ao luxo de fazer uma.

Nas minhas costas, a árvore contra a qual estou apoiada se move, ganhando uma nova forma. Ao meu redor, as outras árvores mudam e se acomodam, se reformando em novas árvores e outras configurações. Os caminhos desaparecem à medida que enormes plantas brotam e os cobrem, e outros caminhos surgem.

Rowan amaldiçoa. — Merda, isso... — Mas ele nunca termina.

A selva ficou súbita e mortalmente silenciosa. Seus olhos encontram os meus, a pergunta neles ecoando a minha.

— O que é isso? — Eu pergunto. Ao nosso redor, parece que a própria Terra do Nunca está prendendo a respiração, esperando. Mas não é um silêncio fácil.

— Vamos, moça. — Rowan estende a mão para me puxar para cima, mas antes mesmo que eu fique de pé, um leve farfalhar enche o ar ao nosso redor.

A parte inferior escura das folhas começa a mudar conforme a sombra abaixo delas começa a se mover, rastejando ao longo dos caules verdes e grossos como um enxame de formigas, se reunindo e se reunindo no solo argiloso da selva. A umidade da terra que tem sido nossa companheira durante toda a manhã parece ser drenada do ar à medida que o frio da noite penetra na clareira. E conforme o frio roça minha pele, o cheiro verde-dourado da selva é dominado por um odor familiar que fala da doçura da podridão e da poeira da memória.

As sombras rastejam ao longo do solo, envolvendo-nos como uma serpente gigante comendo sua própria cauda. Então, elas começam a crescer e crescer, até que sejamos cercados por elas. Até que a escuridão comece a bloquear nossa visão da selva além.

Quando as sombras começam a lamber nossos pés e tornozelos, sou atacada novamente pelas imagens do meu passado. *A floresta me alcançando. Chamando por mim.*

Tento afastar as imagens, mas as sombras continuam a se reunir e crescer, lentamente se transformando nas criaturas aladas construídas a partir de pesadelos. Já consigo distinguir seus ombros enormes, as unhas em forma de garras de seus dedos esqueléticos.

Mas quando um galho estala na selva, em algum lugar à nossa direita, os Escuros param, como se escutassem o som. Rowan ergue sua lâmina, seus olhos se estreitam em alerta enquanto ele se move inquieto, observando as sombras giratórias e a selva além.

Depois de um momento, os Escuros começaram a ondular e crescer mais uma vez. Costas com costas, nós nos encolhemos enquanto eles nos circundam. Eu agarro a adaga com força em meu punho úmido de suor e

respiro superficialmente, ansiosa, enquanto vejo as sombras finalmente começarem a se aglutinar em criaturas escuras e largas.

Outro estalo soa na selva - desta vez à esquerda.

Rowan olha para mim, e o olhar em seu rosto me diz o que eu já percebi - seria impossível para uma única criatura se mover tão longe tão rapidamente. Os Escuros parecem sentir isso também. Metade formados, eles param, e seu farfalhar metálico muda - fica mais nítido. Então, sem aviso, os Escuros encolhem, derretendo no chão e fluindo como água escura de volta para a parte inferior das folhas.

A expressão de Rowan espelha meus pensamentos exatamente - nenhum de nós quer encontrar o que quer que seja que conseguiu afugentar até os Escuros.

Sem dizer uma palavra, Rowan me pega pela mão e escolhe um novo caminho aleatoriamente. Atrás de nós, ao nosso redor, a selva estala com vida, mas o som não é o pulso constante de antes. As árvores farfalham de forma mais errática e urgente conforme começamos a correr. Atrás de nós, o barulho da queda de uma árvore nos empurra a nos movermos mais rápido.

No início, acho que estamos colocando distância entre nós e o que está lá fora. Mas quando o caminho deságua em uma pequena clareira, vejo que chegamos a um beco sem saída. À nossa frente, um precipício rochoso surge reto e íngreme, bloqueando nosso caminho. À nossa volta, a selva estremece à medida que o caminho que acabamos de descer se fecha.

Os olhos de Rowan encontram os meus. Sua expressão está tensa com o conhecimento que já compreendi - o que quer que esteja lá fora não estava nos perseguindo. Ele estava nos pastoreando.

— O que nós fazemos? — Eu sussurro.

— Você ainda tem a adaga que lhe dei, sim?

Eu olho para ele. — Sim.

— Mantenha fora.

A selva estremece novamente. Outra rajada de árvores caindo fora de nossa vista. E então a folhagem na borda da clareira estremece.

— Calma, moça — Ele me diz enquanto duas criaturas enormes emergem da selva ainda silenciosa.

De todas as coisas que vi desde que vim a este mundo, de todos os horrores que testemunhei, essas criaturas são as mais horríveis, as mais aterrorizantes ainda. Essas feras têm mais do que o dobro da altura de qualquer homem e não se parecem com nada que eu pudesse ter imaginado.

Seus longos braços e pernas com pontas em garras são marcados por músculos fortes que ondulam e se contorcem conforme eles se movem. Olhos vermelho-sangue fixados em seus ombros maciços nos observam enquanto as bestas avançam pesadamente na clareira com pernas longas e musculosas. Sua pele dura está esticada sobre seus corpos disformes, e todo o seu torso parece não ser nada além de uma boca enorme e escancarada com fileiras de dentes. Essas mandíbulas horríveis já estão abertas em antecipação, vazios cavernosos construídos para consumir. Devorar.

E o cheiro deles. Eles fazem toda a clareira cheirar com o fedor de revirar o estômago de cadáveres podres e inchados e a amargura do desespero.

As feras se aproximam lentamente, sem pressa, como se soubessem que não temos chance de recuar e nem para onde correr. Ao meu lado, Rowan muda, equilibrando sua atenção em ambos os monstros. Eu também ergo a adaga que estou segurando. Não que eu tenha alguma esperança de realmente ferir uma dessas criaturas, muito menos matar uma, mas se vou morrer aqui, não vou morrer sem lutar.

— Gwendolyn. — A voz de Rowan é tensa, urgente. — Se houver algum tipo de magia que você possa considerar trabalhar, agora é a hora de fazê-lo. — Ele olha para mim, tirando sua atenção das feras apenas por um segundo. — Um caminho, talvez?

Um caminho? Eu olho para o penhasco íngreme atrás de mim - duvido que possa fazer algo tão grande desaparecer. Não há como escalar e não há como contornar essas criaturas. Não há como escapar.

Rowan me lança outro olhar impaciente, sua espada em punho enquanto uma das bestas range seus dentes horríveis e solta um rosnado que soa como o ranger de ossos. Seus longos braços têm nas pontas enormes mãos em forma de garras que atacam.

Ele balança sua espada violentamente para se defender do golpe, mas a ponta da garra do monstro agarra seu braço e rasga a manga de seu casaco. As hastes de seu braço brilham sob a manga aberta. — A qualquer hora agora, moça — ele diz, virando-se para afastar a segunda besta antes que ela possa atacar.

— O que você quer que eu faça? — Eu pergunto, minha voz aumentando em pânico. A segunda besta está me observando com aqueles olhos vermelho-sangue, mas Rowan se lança na minha frente antes que possa atacar.

— Nós dois sabemos o que você fez no túnel, Gwendolyn. Tente algo. *Qualquer coisa* — ele exige, sua voz firme com mais do que impaciência enquanto ele gira para dar conta da localização da outra besta. — Você é meio fada, não é?

— Eu... — A segunda besta se lança para cima de mim, mas eu a esfaqueio com a adaga. Surpresa, ela se afasta, mexendo-se inquieta em suas pernas fortes enquanto me considera com seus olhos ardentes. — Não sei como. — Eu aperto minhas mãos em punhos apertados. Ainda não tenho

certeza do que fez a rocha desaparecer nos túneis. Não tenho ideia do que finalmente fiz para tirá-lo daquela prisão.

— Descubra — ele responde, rechaçando outro ataque. — Eu apostei *tudo* em você: minha vida, meu amigo. Minha tripulação.

— Eu *sei*. — Minha voz sai com mais raiva do que eu pretendia. — Mas não é como se eu tivesse pedido isso. Não veio com um conjunto de instruções.

— Você não precisa de um conjunto de instruções, Gwendolyn. É o que você *é*. E se você não parar de fugir disso, não vamos conseguir sair desta bagunça vivos.

Eu respiro estremecendo quando a verdade do que ele está dizendo me atinge com força total. *Ele tem razão*. Depois de todos os horrores e erros, se morrermos aqui, nas mãos desses monstros, a culpa será minha. Porque mesmo com tudo que vi, tudo que fiz, há uma parte de mim que ainda tem medo de aceitar o que passei a saber sobre mim. Porque aceitar isso significa abrir mão da crença frágil de que eu poderia ser uma garota simples, uma garota *normal*.

Porque não sou uma garota normal - nunca fui uma. Minha mãe sabia disso quando fugimos repetidas vezes. Ela sabia disso quando pegou uma adaga e cortou meu braço para tentar me proteger.

Com as bocas escancaradas e horríveis de bestas de pesadelo abertas diante de mim e a altura mortal do penhasco atrás de mim, eu tenho uma escolha. Posso continuar me apegando a essa história frágil do que pensei que era e posso morrer, devorada por aquelas bocas terríveis. Ou posso admitir que talvez sempre tenha sido outra coisa - algo mais.

— Gwen — Rowan diz, dando outro golpe no primeiro animal quando ele chega muito perto.

Minha cabeça gira e meus olhos encontram os dele por um momento. É a primeira vez que ele me chama assim. O tempo todo ele usou a formalidade rígida de todo o meu nome para me manter à distância. Mas por um segundo, sua expressão é aberta e confiante... e esperançosa.

— Você pode fazer isso, moça. Tire-nos daqui.

Então o momento acaba, e ele se vira novamente para atacar os monstruosos seres que nos encurralaram.

A hora de ter medo, a hora de negar acabou, a menos, é claro, que eu queira morrer. A menos que eu queira que *ele* morra comigo.

Eu me viro e pressiono minhas mãos contra a superfície áspera do penhasco que se ergue atrás de nós, traçando a rocha hesitantemente com um dedo, testando-a. Nada acontece. Determinada, coloco minha palma contra ela e me concentro, assim como fiz quando Pan me pediu. Exatamente como quando senti o calor queimar as palmas das mãos perto da borda da trincheira. E como fiz no túnel escuro, quando quis destruir as barras que me afastavam de Rowan.

Fechando os olhos, concentro-me no pulso irregular da rocha sob minhas mãos. No início nada acontece, mas não vou desistir. Eu chamo toda a minha atenção - tudo que sou - para o lugar onde minha pele pressiona contra Terra do Nunca. As feras rosnam, aproximando-se lentamente, mas não me permito pensar: *Não está funcionando*. A ideia existe de qualquer maneira, logo abaixo da superfície. Me provocando. Me tentando. Mas eu ignoro isso, e quando estou prestes a desistir, a pedra sob minha mão fica quente.

Eu me forço a me manter firme enquanto o calor se espalha pelas pontas dos meus dedos, pelas palmas das mãos, e começa a subir pelos meus braços, aquecendo e queimando enquanto sobe em direção ao meu peito. Mas quando chega aos meus cotovelos, o calor começa a queimar-me por dentro. Eu cerro

os dentes e me forço a ignorar a dor, mas quando o calor atinge meu ombro, a queimadura fica ainda mais quente e eu afasto minhas mãos.

Imediatamente, meus braços ficam frios, mas a cicatriz em meu braço formiga e dói enquanto tento recuperar o fôlego. Eu estava *tão* perto, mas.. — Não consigo. — Lágrimas queimam meus olhos.

Eles estavam errados sobre mim - *todos* eles estavam errados. Eu não tenho isso em mim. Ou se eu tiver isso, não é o suficiente.

Rowan grita de raiva e eu me viro a tempo de vê-lo derrotando um dos monstros. Ele está ofegante, seus ombros subindo e descendo com o esforço da luta, e posso ver que ele está cansado. O suor começou a gotejar em sua testa e seus músculos já estavam tensos com o esforço. As feras estão brincando com ele, cansando-o e, a este ritmo, ele não vai durar muito.

Ele vai morrer por sua causa - porque ele escolheu você e você falhou com ele, uma voz dentro de mim me provoca. *E então você ficará sozinha e morrerá também.*

Tenho que tentar de novo, mas ao pressionar minhas mãos na pedra, sei no fundo, onde você sabe das coisas sem ter que pensar sobre elas, será inútil.

Porque você sabe o que deve ser feito, a voz sussurra. *Porque você sabe o que sua mãe fez com você.*

— Não — eu digo, agarrando a cicatriz no meu braço, mesmo quando a terrível verdade cai sobre mim como uma mortalha.

O que foi que minha mãe me disse depois que me encontraram na floresta - depois que ela me mandou esquecer o que tinha acontecido lá?

A clareira, os monstros, até mesmo o som do esforço de Rowan enquanto ele tenta lutar contra os monstros desaparece, e posso ouvir as palavras da minha mãe claramente, ecoando nos recônditos distantes da minha mente. *Isso nunca vai acontecer de novo.*

E com elas vem a lembrança da surpresa aguda de seu medo e uma dor ainda mais aguda. Uma dor *inacreditável*, porque como minha mãe poderia ter me machucado daquele jeito? Eu era apenas uma criança, e mesmo enquanto estava acontecendo - mesmo quando a lâmina de prata cravou na minha pele, eu não podia acreditar que minha mãe era capaz de me machucar daquele jeito. Mesmo enquanto o sangue escorria pelo meu braço dormente, a minha eu tão jovem não conseguia aceitar o que a minha mãe fazia.

Eu nem preciso dos Escuros agora - as memórias que estiveram enterradas e suprimidas por tanto tempo se levantam como uma onda e me alcançam. A expressão no rosto da minha mãe quando ela me buscou na delegacia naquela noite não foi de alívio - foi de terror. Não *por* mim ou pelo que aconteceu comigo lá fora, na escuridão. *Não.* Até meu eu de cinco anos entendeu que ela tinha medo *de* mim.

Minha respiração sai correndo de mim com a memória de seus olhos azul-acinzentados nervosos, com medo enquanto a polícia explica onde eles me encontraram e o que eu disse a eles. Há quanto tempo tento esquecer a lembrança daquela noite? Há quanto tempo tento reconquistar seu amor - ganhar um lugar em sua vida - sendo a filha perfeita?

Fazendo o que ela mandou e esquecendo. Sempre fazendo *tudo o que* ela me pedia.

A menos de um metro e meio de distância, Rowan está sendo empurrado para trás contra a rocha por uma das feras, e quando ela conseguir sua vitória final sobre ele, ele terá partido. E então isso se voltará contra mim, e qualquer chance de salvar Olivia, de voltar para o meu mundo, será perdida - todas as crianças humanas neste mundo serão perdidas junto comigo. Tudo porque tenho muito medo de fazer o que precisa ser feito.

Lembro-me agora do que minha mãe fez naquela noite quando eu tinha apenas cinco anos e sei como consertar.

Neste mundo, o poder exige sacrifício, Pan me disse uma vez. A dor de sua rainha esculpindo sua pele deu a ele um poder tremendo. Mas minha mãe fez o oposto.

Dor. Sacrifício. Poder. As palavras se juntam para formar uma verdade terrível.

Quando voltamos para casa naquela noite, minha mãe começou a fazer as malas, mas não antes de me levar para a cozinha e segurar gelo no meu braço. Não antes de ela afiar a ponta de uma faca e abrir meu braço para que pudesse colocar uma lasca de metal sob minha pele. Uma runa, um feitiço protetor contra a voz na escuridão que me chamou. Uma defesa contra o que eu era. O que eu sou.

Porque ela tinha medo *de* mim.

Eu olho para a adaga em minha mão e não me permito pensar em como será a sensação. Olho para a cicatriz com que convivi por tanto tempo e, sem mais hesitação, pressiono a ponta afiada da lâmina em minha pele.

O anjo sorriu para o menino, seus olhos duros e implacáveis. Ele sabia que isso devia significar alguma coisa, embora não pudesse imaginar o que poderia ser. Havia uma dor surda atrás de seus olhos. Havia algo em que ele deveria estar pensando, lembrando. Mas ele não conseguia imaginar — E se eu quiser voltar? — ele perguntou. — Agora só há isso para você — disse o anjo. Ela estendeu a mão novamente...

CAPÍTULO TRINTA E TRÊS

Eu não sinto a dor no início. Até o sangue jorrar de onde a ponta da adaga cortou minha pele, não sinto absolutamente nada. É como um corte de papel que você não percebe até começar a sangrar - e arder.

Rowan diz algo para mim, e ouço o choque em sua voz, mas não consigo entender suas palavras por causa do rugido em meus ouvidos. É tarde demais para voltar atrás agora. Tarde demais para me arrepender do sangue escorrendo quente e pegajoso pelo meu braço.

Eu cerro os dentes contra a dor e espero estar certa sobre o que estou fazendo. Rezo para que os Escuros não tenham me dado falsas memórias e as visões não sejam apenas mais uma armadilha enquanto pressiono a ponta da adaga mais fundo em meu braço, cutucando e cutucando a ferida gritante até que acho que vou desmaiar de dor. Até a ponta da minha adaga atingir algo sólido que não é osso.

Minha pele está viva com uma dor incandescente. Mesmo assim, não me permito parar. Essa dor não é nada comparada ao que sofrerei nas mãos daqueles monstros. Nada comparado ao que seria perdê-lo agora.

Com um empurrão violento, uso a ponta da adaga para arrancar o pequeno objeto escuro da minha pele. Um pedaço fino e curvo de metal se solta, deixando uma ferida irregular onde antes havia a cicatriz, e algo dentro de mim se abre - um estilhaçamento doloroso seguido por uma sensação de alívio que quase me deixa de joelhos.

Não tenho tempo para examinar a estranha sensação de leveza que sinto, mas olho para o objeto pendurado na ponta da minha adaga e sei que os

Escuros não mentiram. O metal ensanguentado cintila à luz da tarde. É uma minúscula runa que minha mãe usou para silenciar meu poder no mundo humano. Porque ela queria me proteger... e para se proteger de mim.

Perturbada e insegura, coloco a runa sangrenta em um bolso e me concentro no que preciso fazer. Sem hesitar agora, pressiono minhas mãos na terra novamente. O sangue já deixou rastros pelo meu braço, mas não me preocupo em enxugá-lo, assim como não presto nenhuma atenção à dor ardente da ferida que ainda sangra. Meu sangue corre quente e livre em minhas veias, e concentro tudo o que tenho - tudo que *sou* - na ilha. Na pedra à minha frente. Em salvar Rowan. E pela primeira vez, realmente me permito acreditar no que poderia fazer.

No que eu posso ser.

O calor inunda meu corpo, mas desta vez, é tão acolhedor e suave como uma brisa de verão. Acima de nós, o ruído agudo de rompimento de rochas ecoa. Os monstros congelam, se mexendo inquietos enquanto procuram a fonte do ruído.

— Cristo, moça, o que você está fazendo? — Rowan diz com a voz rouca, e posso ouvir a maravilha em sua voz. E o medo.

Eu também sinto esse medo. Eu simplesmente não me permito reagir a isso. — Estou nos salvando.

Mantendo minhas mãos pressionadas contra a pedra, eu me movo um pouco para trás, permitindo que o penhasco se mova em minha direção. A parede inteira estremece com grandes estalos e estrondos estrondosos enquanto a rocha outrora cortada se reorganiza um pouco de cada vez, criando um caminho íngreme na face da montanha.

O alívio que percorre meu corpo quase me derruba. — Vamos — digo a Rowan enquanto pego a primeira das rochas salientes.

Ele hesita apenas um momento antes de começar a voltar para onde estou. — Você acha que vai aguentar? — Ele olha os degraus recém-formados com inquietação.

— Não acho que haja muita escolha. — Eu subo para o próximo pedaço de rocha. Parece sólido o suficiente, então pego outro. E depois outro.

Atrás de nós, as feras começam a se mover novamente quando percebem que sua presa está fugindo.

Os degraus são íngremes, quase verticais. Às vezes, tenho que agarrar a rocha para conseguir apoio para me puxar para cima, mas nos movemos rapidamente, Rowan seguindo meus calcanhares, e subimos em um ritmo constante.

— Mais rápido, moça. — Rowan insiste.

Eu olho para baixo e vejo que nossa fuga não vai ser fácil - os monstros também podem escalar. Então eu me movo mais rápido, ignorando a dor em minha ferida aberta, ignorando tudo, exceto a promessa de segurança acima.

Estamos talvez na metade do caminho até a parede quando ouço o farfalhar que sempre envia gelo em minhas veias. Antes que eu possa avisar Rowan, os espaços escuros sob as fendas nas rochas começam a se mover, vazando de seus esconderijos e rastejando para baixo, ao longo do penhasco. Meu coração dispara enquanto eu acelero o ritmo novamente, mas as sombras já estão se formando, deslizando pela face da rocha como uma cachoeira escura, se esgueirando continuamente em nossa direção.

Quando as sombras ainda não formadas nos alcançam, não há para onde ir. Elas nos cobrem com uma camada de escuridão úmida que cheira a podre enquanto desliza ao longo da minha pele e roça suavemente no meu rosto. Eu congelo, incapaz de continuar escalando enquanto eles estão me tocando,

incapaz de fazer qualquer coisa além de me agarrar à rocha e esperar o que acontecerá a seguir.

Mas desta vez nenhuma memória me assalta. Não tenho visão de uma floresta escura. Desta vez, a escuridão parece elétrica - crua e pura e quase emocionante.

Uma voz sussurrando que soa muito parecida com a que ouço dentro de mim. Desta vez, ela me estimula.

As sombras continuam a fluir sobre nós, mas nunca se formam nos Escuros. Eles nunca atacam. Eles deslizam continuamente pela face do penhasco, deixando-nos intocados.

Quando eles alcançam as bestas monstruosas, eles não são tão gentis. Em questão de momentos, as duas criaturas são dominadas por um manto de sombras. Com rosnados altos, as feras golpeiam a escuridão rastejante com suas terríveis garras, suas bocas abertas para tentar consumir as sombras. Mas as sombras nunca se formam totalmente. Elas rodam e rastejam, envolvendo-se em torno das feras, zombando delas. Enquanto os monstros tentam puxar os fios de escuridão para longe, eles perdem o equilíbrio e caem no chão rochoso da clareira abaixo.

— Vá — Rowan pede novamente, e desta vez eu não hesito.

Subo mais rápido agora, agarrando-me desesperadamente à rocha dura sempre que perco o equilíbrio e, quando chego ao topo, me iço com minha última gota de força. Rowan é o próximo, desabando ao meu lado, seu peito arfando com o esforço de sua própria escalada. Ele se vira e olha para o céu, e então ele olha para mim, seus olhos escuros estáveis e muito perceptivos.

E então, de repente, ele está rindo, por muito tempo e com força.

Eu me junto a ele, o alívio avassalador de chegar à segurança passando por mim e derramando para fora de mim em uma gargalhada hesitante. Mas

então, de repente, estou chorando enquanto rio - lágrimas quentes de alívio e espanto. E medo.

O lugar em que ele se encontrava não era o paraíso e, ainda assim, também não era o inferno. Era uma terra cruel cheia de nada além de desejo. Um lugar onde meninos corriam, governavam e saciavam todos os desejos na ponta da espada. O menino não pôde deixar de pensar que talvez já tivesse estado em um lugar muito parecido com aquele...

CAPÍTULO TRINTA E QUATRO

Nós não nos deixamos descansar por muito tempo. Nenhum de nós acredita que não seremos atacados por algum novo horror. Rowan se senta e examina o corte em meu braço. Sem dizer uma palavra, ele arranca um pedaço de tecido de sua camisa e amarra a ferida aberta para mim, seus olhos escuros evitando os meus.

Ele não me pergunta por que fiz isso ou o que cortei do braço, e essa gentileza é mais do que eu poderia esperar. Porque, embora eu tenha admitido para mim mesma o que minha mãe fez, não estou pronta para dizer as palavras em voz alta.

Quando ele termina de envolver meu braço, ele me oferece sua mão e me levanta, e então continuamos a fazer o nosso caminho para o coração da ilha, o centro da Terra do Nunca.

A terra no topo do penhasco não é tão densa com o crescimento da selva. A partir daqui, o terreno desce em colinas menores e, enquanto caminhamos, ouço o barulho suave da água corrente à distância. Em concordância silenciosa, seguimos o som e, quando rompemos o topo de uma subida suave, olhamos para baixo e vemos um vale espalhado abaixo de nós.

Sem palavras, eu sigo Rowan descendo a colina inclinada e na bacia do vale, mas meu coração afunda. Chegamos às cataratas para as quais Pan me trouxe pela primeira vez depois de me tirar do navio de Rowan. É outro beco sem saída.

Quando finalmente alcançamos a borda do lago transparente, eu me viro para Rowan e digo a ele o que está me preocupando desde que vi as cachoeiras: — Não sei se tenho energia suficiente agora para nos fazer superar isso. — Meu corpo dói e me sinto absolutamente esgotada pelo esforço que custou para mover a última montanha.

— Nós não vamos ultrapassar. — Os olhos de Rowan são aguçados, avaliando o espaço para perigo. — Nós estamos aqui, moça. A partir daqui — diz ele, apontando para onde as quedas em cascata sobre a rocha escalonada — a água flui desse ponto, para baixo e para o mar, enchendo-o constantemente. Este é o centro. O coração.

— Isso não pode ser — eu digo a ele, certa de que ele está errado.

Ele levanta uma sobrancelha em minha direção.

— Ele me trouxe aqui — eu digo, confusa. — Pan, quero dizer. Quando ele me tirou do seu navio, este foi o primeiro lugar que viemos. Ele me disse para me conectar com a ilha. Por que ele faria isso se foi aqui que escondeu a Rainha?

— Bastardo arrogante — Rowan murmura, mas há uma pitada de admiração em seu tom. — Ele sempre gostou de se exibir, moça, mas provavelmente a trouxe aqui para testá-la. Se você tivesse mostrado qualquer indicação de que sentiu a presença da Rainha, estou pensando que sua estadia na fortaleza dele teria sido um pouco diferente do que foi.

— Me testar? — Uma sensação de mal-estar rasteja em minha pele quando me lembro de Pan pressionando suas mãos sobre as minhas, me tentando a chamar a Terra do Nunca de minha casa. Eu *tinha* percebido alguma coisa naquele dia, mas eu me senti estúpida sobre a tentativa de explicar. Então eu não disse nada.

Ele olha para mim. — Ele precisava que você confiasse nele, moça. É o que ele faz, seduz aqueles que o seguem com promessas de prazer e poder, e então, quando eles se entregam à sua guarda, ele tira deles tudo o que pode. Eles se sacrificam por ele e para ele. É o que ele teria feito com você também.

Eu esfrego meus braços, de repente gelada com o quão verdadeiras e certas as palavras de Rowan parecem. O próprio Pan não me disse que o poder requer sacrifício? Não foi isso que Fiona disse também - Pan me permitiu ver o que ele queria que eu visse? Ele contou as histórias que queria que eu acreditasse, para que eu pudesse confiar nele. Me entregando de boa vontade a ele.

E quase funcionou. Quando ele me resgatou do navio, quando resgatou Olivia do Fim, eu queria confiar que havia encontrado um herói que poderia me resgatar. Eu caí direto em sua armadilha.

Afastando-me, olho para o lago, ao redor do vale, tentando me concentrar no que está à nossa frente e no que ainda precisamos fazer. — Você tem certeza que a Rainha está aqui em algum lugar?

— Quando eu ainda era um dos rapazes dele, Pan me mostrou este lugar. Embora seja possível que tenha sido uma ostentação ou uma mentira, não acho que tenha sido. Ele queria que eu soubesse o que ele tinha feito - ele queria que eu entendesse seu poder sobre este mundo, porque ele queria que eu o seguisse sem questionar. Mas suponho que só haja uma maneira de descobrir. — Rowan inclina a cabeça em minha direção, um desafio se eu já vi um.

O vale ao meu redor parece diferente agora. A primeira vez que vi este lugar, as quedas me deixaram sem fôlego. Este foi o lugar onde eu acreditei que estava realmente na Terra do Nunca, mas agora, sombras pesadas do sol

poente se inclinam sobre a terra. A água não levanta mais arco-íris em sua névoa. Ela sussurra, suave e mortal, dos segredos que esconde.

Eu também me sinto diferente, e não acho que seja apenas o pedaço de metal que tirei do meu próprio braço. É mais do que isso. É sobre a maneira como Rowan está olhando para mim agora, como se ele acreditasse que sou capaz de fazer o que devemos. E talvez também como se ele estivesse com medo de mim. Ele mantém o rosto tão cuidadoso, tão parado, mas posso ver seu medo.

Mas seu medo não me incomoda. Eu me sinto diferente sobre mim agora - mais forte, mais segura. Não tenho medo de examinar até as partes mais sombrias do meu passado, do que sou. E não tenho medo de olhar para um novo tipo de futuro.

— Se isso funcionar — digo baixinho, — você vai voltar comigo?

Ele se assusta, como se não esperasse a pergunta. Pela sua expressão, parece que o machuca só de pensar nisso. — Não há mais nada para mim naquele mundo, moça — ele diz depois de um segundo.

— Você não quer voltar? — Mas a tensão em seu rosto me diz a resposta.

— Sonhei com isso, com certeza. Embora eu não tenha mais certeza, exatamente, para onde eu voltaria. — Ele se afasta de mim, seu olhar fixo na água escura. — Aqui, pelo menos, eu tenho um propósito.

— Mas se você ficar, você morrerá — eu sussurro, abalada pela determinação em sua voz.

Ele dá um pequeno aceno de cabeça, mas não há medo ou pena ou arrependimento em sua expressão.

Eu olho para esse menino diante de mim - esse menino que viveu tanto. Ele foi destruído e esteve desprotegido, mas de alguma forma,

milagrosamente, conseguiu sobreviver neste lugar. E eu entendo agora que, aconteça o que acontecer, ele não espera passar por isso - talvez nunca tenha.

— Você não acha que isso vai funcionar, não é?

Seu olhar se desvia, desconfortável. — Viemos até aqui, não viemos?

— Mas ainda assim, você não está convencido.

Ele não responde, apenas franze a testa para mim, aqueles olhos insondáveis dele se recusando a desviar o olhar.

Parte de mim está feliz por ele não mentir. De alguma forma, a rigidez da verdade é mais fácil de lidar. Isso me força a considerar minhas próprias ações, meu próprio futuro. E isso me obriga a admitir a decisão que já tomei.

Desde que fui trazida a este mundo, passei a compreender que tudo o que aprendi sobre o bem e o mal, sobre as escolhas que fazemos e as escolhas com as quais devemos viver, não foram nada mais do que ficções convenientes inventadas por aqueles que nunca foram confrontados pela escuridão e realmente forçados a escolher. As escolhas que Rowan fez de bom grado, os males que cometeu devem me dar todos os motivos para temê-lo. Ele é, como ele mesmo admite, um assassino. Um pirata. Um homem sem nada a perder.

Mas eu não tenho medo dele. Não mais, e talvez, nunca tive realmente. Eu confio nele mais do que em qualquer outra pessoa neste mundo infernal, porque ele nunca inventou contos de fadas sobre o bem ou o mal. Ele simplesmente ficou no espaço intermediário e não fingiu que a escolha poderia ser diferente.

Pego o rosto de Rowan em minhas mãos e o faço olhar para mim. É um tempo tão curto desde que nos conhecemos, menos tempo desde que vim a entender quem e o que ele é. Toco sua bochecha, traçando sua cicatriz com a ponta do meu polegar, memorizando cada centímetro de seu rosto. O conjunto afiado de sua mandíbula. As manchas douradas em seus olhos.

Como pude pensar que ele tinha olhos cruéis?

Seus olhos não são cruéis agora. Eles contêm tudo o que ambos temos medo de dizer. Cada esperança, cada desejo que ambos entendemos que nunca poderemos ter.

— Nada de bom pode resultar disso, moça. — Sua voz não é mais do que uma rouquidão e treme com a mesma incerteza que sinto.

Eu sei disso, mas ele está parado ali, tão perto, e olhando tão longe, e eu não quero deixá-lo neste lugar. — Eu não me importo — eu sussurro, as palavras nada mais do que uma respiração presa na minha garganta.

Ele me estuda, seu rosto muito sombreado pelo crepúsculo crescente para eu ler a emoção ali. — Você é muito mais corajosa do que qualquer garota pequena tem o direito de ser, você sabe.

— Não me sinto corajosa. — Eu me sinto nervosa, assustada e esperançosa, tudo junto em um momento avassalador. — Você está tremendo — eu digo enquanto ele afasta meu cabelo dos olhos.

— Talvez — ele sussurra, sua boca contra a minha testa. — Mas faz muito tempo que não me sinto tão humano quanto você me faz sentir. Tentei não querer você, mas não consigo ficar longe.

— Então não fique — eu sussurro.

Suas mãos seguram minhas bochechas, o aço duro de um lado, o calor humano do outro. Ambas tremem quando ele se inclina para frente até que nossos rostos estão apenas um suspiro de distância, e então ele coloca seus lábios contra os meus. Eles são quentes e macios e têm o gosto do tempero do cravo e do sal do seu suor e de Rowan inteiro, e em um momento estou perdida.

Ele aprofunda o beijo, seus lábios pressionando contra os meus em um deslizamento suave de calor, me provocando com a promessa de algo que sinto

que nunca alcançarei. Ele se mexe, envolvendo os braços em volta de mim, me puxando para mais perto do calor de seu corpo, e não posso deixar de responder.

A maciez enervante de sua pele, os músculos magros de seus braços sob meu toque. Eu deixo meus dedos despentearem o cabelo curto e escuro em sua nuca enquanto o beijo de volta, pressionando-me contra ele, como se este momento fosse o único momento. Porque eu sei que é. Eu o beijo como se pudesse beijar nossos destinos. Como se eu pudesse beijar todo o medo que se agita dentro de mim.

Antes mesmo de estar perto de ficar satisfeita, ele se afasta, me deixando sem fôlego e querendo. — Não podemos demorar — ele diz, sua voz tão tensa e instável quanto eu sinto.

Nós não nos afastamos um do outro, no entanto. Seu corpo ainda está pressionado contra o meu. Ele ainda segura meu rosto suavemente com as mãos, e meus braços ainda estão em volta de sua cintura. Nenhum de nós fala enquanto ele me puxa para mais perto dele novamente, e eu o deixo, absorvendo tudo que posso sobre este momento.

O futuro é impossível - eu sei disso. Então, me conformei com o que tenho - memorizo a batida constante de seu coração e me concentro na ascensão e queda rítmica de seu peito até que chegue o momento em que não podemos atrasar mais.

Nesse mundo, o menino descobriu que o tédio pode ser mortal. Ninguém o avisou, mas ele descobriu do mesmo jeito. Durante horas os garotos ficavam sentados ou de pé, de braços nas mãos, as lâminas prontas à espreita. E enquanto eles esperavam, cada som farfalhante, cada movimento da terra era o inimigo. Enquanto esperavam, seu medo cresceu em dentes...

CAPÍTULO TRINTA E CINCO

— Você está pronta, então? — Rowan se afasta de mim relutantemente.

O sol já se escondeu atrás das colinas, deixando o ar mais fresco, e sem o corpo dele contra o meu, sinto-me mais gelada do que nunca. — Como sempre estarei.

Ele me olha, expectante, mas não me apressa.

Eu me sento no chão perto da água clara. Na água, peixes da cor de joias nadam sob a superfície, e então meu foco muda e eu pego um vislumbre do meu reflexo. Eu pareço uma estranha. Meu rosto está manchado e meu cabelo curto está um emaranhado, mas meus olhos estão firmes e fortes. A garota que está olhando para mim não é a Gwen de antes. Mesmo que ela não entenda tudo que ela passou, a garota que está me encarando é alguém nova. Alguém que quero uma chance de conhecer.

Quando estou pronta, pressiono minhas mãos no chão abaixo de mim, sentindo as pontas afiadas do solo rochoso. Eu pressiono com todo o meu peso e todo o meu foco, até que minhas palmas doem com o esforço. Até que o corte em meu braço grite em protesto. Eu me concentro na forma como a terra abaixo de mim se move, pulsando em sua batida constante e sempre presente.

Mostre-me. Eu direciono cada grama de energia que me resta para o solo, para a ilha abaixo de mim. *Mostre-me sua rainha para que eu possa libertá-la. Mostre-me para que você possa ser livre,* digo a Terra do Nunca, mas a terra sob

minhas palmas palpita continuamente, inconsciente - ou talvez apenas indiferente.

Implacável, eu cravo meus dedos no chão até que o solo sedoso da Terra do Nunca raspe sob minhas unhas ásperas. Meu temperamento fica quente e ácido em minhas veias, queimando por mim com toda a raiva de todos os anos que passei me sentindo impotente e inútil. Todos aqueles anos sendo arrastada de um lugar para outro com minha mãe, que escondeu isso de mim, que nunca me deu uma palavra a dizer. Todas aquelas cidades e todas aquelas escolas onde nunca me encaixei. Eu *deveria* estar aqui.

— Mostre-me — exijo, o calor começando a pulsar em meus braços. — Dê-me minha Rainha — eu sussurro.

O calor em minhas mãos aumenta, se espalha, enquanto sinto a ilha estremecer embaixo de mim e quando algo dentro de mim responde. O chão treme em resposta. Sob minhas palmas, a suave cobertura verde do solo começa a se transformar, cada minúscula folha de grama ficando rígida e imóvel, ondulando enquanto endurece em cacos de vidro. A transformação se espalha como uma onda, subindo pelo solo, até a beira da água.

O chão treme violentamente, e Rowan me puxa para cima e para a proteção de seus braços. — O que você fez, moça?

Eu olho para ele e vejo novamente o medo em seus olhos. Mas não estou com medo. Eu queria isso. Eu ordenei. E agora vou ver isso até o fim.

Eu lambo meus lábios ressecados. — Vamos descobrir em breve, eu acho. — Ao nosso redor, a paisagem se torna dura e quebradiça enquanto o solo continua a tremer e tremer, e Terra do Nunca se transforma em resposta ao meu chamado.

A lagoa abaixo da cachoeira começa a se agitar e borbulhar, como se estivesse fervendo. Um por um, os corpos adornados com joias dos peixes

sobem à superfície, imóveis, as cores antes brilhantes de suas escamas se desbotando em um preto brilhante, como se a luz dentro deles tivesse ficado para sempre escura. Eles parecem seixos flutuantes estranhos agora, e são tão grossos e abundantes que quase parece que poderíamos andar sobre a superfície deles.

Então, de repente, tudo fica em completo silêncio. A terra fica absolutamente imóvel sob nossos pés. As plantas não se movem e mudam, e a superfície da água fica imóvel como vidro.

Rowan me libera o suficiente para tirar sua espada da bainha. Esperamos pelo que virá a seguir, prendendo a respiração com esperança, mas nada acontece.

— Bem, isso foi...

Um estalo ensurdecedor quebra o silêncio assustador e abafa o resto do que Rowan diz. Seu braço aperta em volta de mim enquanto a terra montanhosa ecoa com as reverberações do barulho, mas fora isso, o mundo ainda está completamente imóvel e silencioso.

Com medo de nos mover, nós dois procuramos alguma indicação do que causou o som, mas a princípio nada parece diferente. Então eu vejo o que está acontecendo.

— As cachoeiras. — Eu sussurro.

Elas não estão correndo como antes. Em vez disso, o nível da água está caindo constantemente, expondo degraus irregulares na rocha conforme a água é drenada. Conforme a última gota de água escorre, ela revela uma rachadura escura que divide a montanha em duas. Enquanto observamos, a fissura cresce continuamente, descendo até o centro da rocha, como as linhas escuras que percorriam a pele do garoto no navio.

A ilha estremece novamente quando a rocha atrás da cachoeira começa a se separar, dividindo-se em duas metades e expondo uma fenda escura. A água restante da cachoeira drena para o buraco aberto na montanha, e a água que fica na lagoa clara abaixo das cachoeiras também está drenando, voltando para o local onde a ilha se dividiu.

Os braços de Rowan ainda estão firmes e protetores ao meu redor enquanto observamos, até que tudo o que resta é o leito escuro e lamacento do lago e uma ferida larga e profunda na terra.

Eu fico olhando para a fissura aberta, horrorizada e maravilhada com o que consegui fazer. — Você acha que é isso?

— Só há uma maneira de ter certeza. — Ele me solta e oferece sua mão. — Se você estiver pronta?

Eu não estou. Eu pensei que estava, mas apenas olhar para o corte escuro na rocha fez minha pele formigar em advertência. Ainda assim, é para isso que viemos aqui. Isso é o que eu exigi, e se a Terra do Nunca atendeu meu chamado, precisamos ver o que está tentando nos mostrar.

Eu pego sua mão estendida, e Rowan lidera o caminho para a bacia lamacenta da cachoeira. Evitamos a grande fenda que desce em seu meio à medida que avançamos através dela, em direção ao local onde a água havia caído em cascata montanha abaixo. Em direção ao lugar onde a ilha se abriu para nós.

O solo do leito do lago é macio, mas os corpos frágeis dos peixes estalam sob nossos pés calçados com botas quando pisamos neles, estalando e quebrando à medida que avançamos. Cada minúsculo corpo que destruo parece outra ameaça e outro lembrete do que temos a perder.

Quando chegamos ao outro lado, os penhascos nus e úmidos se erguem acima de nós enquanto a fenda escura na rocha nos desafia a entrar. A água ainda pinga das bordas da pedra escura em um ritmo irregular

— Pode ser uma armadilha — eu digo enquanto espio dentro da caverna escura.

— Todo esse mundo é uma armadilha. — Rowan nunca tira os olhos da abertura recém-formada diante de nós. — Vamos precisar de um pouco de luz, eu acho.

Leva apenas um momento para encontrar um galho grosso e forte o suficiente para servir como uma tocha. Ele tira a camisa de baixo do casaco e a enrola no galho. Com a ponta de seu dedo de metal, ele consegue acender uma faísca suficiente em uma das superfícies mais secas para acender a tocha improvisada. Então ele olha para mim, a antecipação nervosa brilhando em seus olhos. Ele não gosta disso mais do que eu, mas ele quer que seja verdade tanto quanto.

— Vamos continuar com isso, vamos?

Eu dou a ele um aceno de cabeça rígido e sigo sua liderança para as mandíbulas abertas da caverna.

Assim que entramos, o ar é imediatamente mais frio. Hesitamos, ambos esperando e ouvindo o som inconfundível dos Escuros. Mas a caverna está silenciosa. Não há cheiro de folhas podres, nem farfalhar de vento distante. O ar está denso e úmido ao nosso redor, mas não é perigoso - não ainda, pelo menos.

Este não é um túnel normal, entretanto - as paredes não são as pedras suavemente talhadas da fortaleza de Pan. As paredes aqui são todas arestas afiadas e cantos salientes que falam da violência que as criou. Não falamos

enquanto caminhamos, mas minha mão desliza na de Rowan enquanto fazemos nosso caminho mais fundo no coração da ilha.

Mais fundo na montanha, o túnel fica ainda mais estreito. São todos ziguezagues inesperados e curvas fechadas que me fazem sentir como se estivéssemos andando em círculos, espiralando cada vez mais para o coração da Terra do Nunca. Minha pele se arrepia com a certeza de que a qualquer momento a rocha voltará a vibrar e roncar, esmagando-nos sob seu peso. Mas a ilha permanece desconcertantemente quieta. A rocha ao nosso redor permanece fria e morta.

Finalmente o túnel se abre, alargando-se para revelar uma grande caverna semelhante a um lugar que é um beco sem saída. O teto é mais alto aqui e brilha como um céu noturno em miniatura. Rowan nota as estranhas luzes semelhantes a estrelas ao mesmo tempo que eu e levanta a tocha mais alto para que possamos ver o que está causando o efeito. Cristais escuros embutidos na rocha brilham como pequenas estrelas falsas, mas não estão espalhados aleatoriamente. Existe um padrão para eles, como pequenas constelações.

Constelações *familiares*. Os cristais no teto formam linhas e ângulos que me lembram as runas nas pedras de minha mãe. As runas gravadas na pele de Pan.

— É isso. — Eu sussurro, com medo de interromper o silêncio ao nosso redor falando muito alto.

O rosto de Rowan está totalmente concentrado enquanto ele levanta a tocha de um lado para o outro, em busca de algum sinal de que estou certa. — É um beco sem saída, Gwendolyn. Não há nada aqui, exceto alguns pedaços de rocha e mais umidade.

Meu coração afunda, porque ele está certo - este *é* um beco sem saída. Não sei o que esperava encontrar, mas não há nada nesta câmara a não ser as constelações brilhantes acima de nós e a rocha silenciosa que nos cerca. Ainda assim, posso ouvir o som da água correndo em algum lugar não muito longe, e o ar está se movendo pela passagem. Não pode ser um beco sem saída *completo*.

— Olhe para o teto. É isso. — Não consigo afastar a sensação de que a Rainha está aqui... algum lugar.

Solto a mão de Rowan e me afasto dele, além da luz de sua tocha e para as paredes lisas da caverna. Essas paredes não estão úmidas e, quando pressiono minhas mãos sobre elas, elas parecem quase quentes. Se eu me concentrar, posso sentir as batidas do coração da ilha acelerando a uma velocidade vertiginosa, mais rápido do que jamais senti antes. Mas também é mais macia do que eu jamais senti, como se estivesse enterrado em algum lugar lá embaixo.

Mostre-me. Eu canalizo a demanda - não o pedido - através de mim mesma, na rocha. Rowan está perto de mim novamente, o calor de sua tocha aquecendo meu rosto enquanto me concentro em falar, ouvindo o mundo sob minhas mãos.

Enquanto ouço, meu coração batendo no ritmo da pulsação distante da Terra do Nunca, ouço um barulho na escuridão da caverna atrás de mim. Um som afiado, como uma moeda batendo em uma mesa, e o eco do som ressoa no silêncio.

— O que é que foi isso? — Rowan sussurra, segurando sua chama no alto.

Eu não me permito olhar. Não me permito fazer nada além de focar na sensação da pedra sob minha mão, no meu desejo de ver a Rainha. Eu me permito deixar de lado todo o meu medo, todas as minhas dúvidas e *desejos*.

Para libertá-la.

Para libertar todos nós, porque se pudermos fazer isso, posso ir para casa - posso levar Olivia para casa. Se eu puder fazer isso, posso consertar tudo.

Mas uma voz dentro de mim sussurra: *Nem tudo*.

O calor aumentando sob minhas mãos vacila, e por um momento tudo que sinto é a frieza da rocha e a certeza de que não posso salvá-lo - não importa o que eu faça, não serei capaz de salvar o menino ao meu lado.

Eu empurro esse pensamento para fora da minha cabeça. Não vou me deixar distrair. Nem mesmo por Rowan.

Plink. O som vem novamente, e novamente ecoa. *Plink, plink.*

— É o teto — Rowan me diz. Ele levanta a tocha novamente e, à luz bruxuleante, vejo o que ele quer dizer. Os cristais cintilantes do teto estão caindo um a um, uma chuva sólida e constante de pedra. — Para trás — ele diz, me empurrando contra a parede enquanto mais caem.

Rowan me cobre com seu corpo enquanto os ruídos aumentam continuamente, aumentando em velocidade e volume, mas ainda me concentro em minha tarefa, chamando o mundo. Pedindo a Terra do Nunca para atender ao meu desejo. Conforme os cristais caem como estrelas moribundas, eles jogam detritos no ar ao nosso redor. Posso sentir o cheiro metálico, quase mineral, da poeira que eles levantam do chão quando pousam. Eu posso sentir o gosto - o coração de Terra do Nunca cobre minha língua com seu gosto amargo.

Então, a queda dos cristais diminui até que, finalmente, a caverna fica em silêncio. Nada mais cai do teto e, após um longo momento, nos endireitamos e sacudimos a poeira do cabelo.

— O que é que foi isso? — Eu olho para o teto, grata por ele não ter desmoronado completamente, mas está cheio de marcas agora e não cintila mais com cacos de diamante.

Começo a dar um passo em direção ao centro da caverna, tentando descobrir se algo mais aconteceu, mas meu pé vacila quando o chão sob ele desmorona. Onde antes havia rocha sólida e plana, o solo agora está escavado em uma cratera profunda. O chão se foi e, em seu lugar, um caminho estreito desce em espiral até o centro, e no centro dessa cratera alguém ou algo está amontoado, uma massa aglomerada de trapos sujos que parece estar se movendo.

Dou um passo para trás quando algo dentro da pilha de trapos se move novamente. Não pode ser a rainha. Não há como esse pedaço de tecido enegrecido amassado ser o que precisamos para salvar a nós mesmos e a este mundo.

— Traga a tocha. — Eu me viro para Rowan, mas antes que ele possa me alcançar, o mundo explode em luz.

Às vezes, embora não com frequência, ele tinha sonhos, ao contrário dos outros rapazes que dormiam profundamente, como os mortos. Nessas noites, ele não conseguia se levantar sem pensar nos horrores mantidos em suas horas de sono, embora chorasse piedosamente. Mas quando ele acordava, ele não conseguia se lembrar das coisas que havia esquecido...

CAPÍTULO TRINTA E SEIS

Eu me agarro contra o brilho que satura a caverna, até que meus olhos se ajustam ao brilho não natural que ilumina o espaço. Quando finalmente posso ver novamente, noto que uma figura está no centro da cratera - uma mulher.

Sei imediatamente que estou na presença da Rainha. Como Fiona, ela é alta e esguia, com membros longos e graciosos e pele que brilha como alabastro. Como Fiona, seu rosto é lindo e terrível de se ver. Seus olhos estão alertas e, embora sejam do mesmo preto profundo e brilhante de Fiona, as íris brilham como se estivessem envoltas em fogo.

Sua voz, quando ela finalmente fala, também é semelhante à de Fiona, mas onde a voz de Fiona tinha o zumbido ameaçador de uma colmeia de abelhas, a voz da Rainha é puramente selvagem e quase ininteligível.

O mundo ao nosso redor lateja - uma, duas vezes - então o batimento cardíaco constante da ilha começa novamente.

Achei que Terra do Nunca tivesse fervilhado de vida antes, mas estava errada. Agora até o ar parece vivo, roçando minha pele fria como uma corrente elétrica. Como se o próprio mundo estivesse recebendo a Rainha de volta.

Espontaneamente, um pulso de excitação e antecipação percorre meu corpo.

A Rainha inclina a cabeça para trás e inala profundamente, rolando o pescoço sobre os ombros estreitos, esticando-se e se deleitando com sua nova liberdade. Atrás dela, um lampejo aparece, como uma chama saltando do chão, e quando a luz diminui, Fiona está lá. Em seguida, outra coluna de luz flamejante e outra irmã de Fiona também aparece.

Rowan dá um passo à frente para me proteger, e o movimento chama a atenção da Rainha. Ela vira seu rosto terrível e lindo para ele, seus olhos negros brilhantes estreitados de ódio. Seus lábios se retraem, expondo seus dentes perversamente afiados, e ela deixa escapar um silvo frio de advertência. Mas antes que ela possa atacar, ela me nota.

Cada músculo do corpo da Rainha fica completamente, anormalmente imóvel. Por um momento, parece que ela é uma estátua esculpida em alabastro, mas então o momento passa e sua expressão pisca com tanto ódio que dou um passo para trás instintivamente.

— Abominação — a Rainha rosna para mim. Então ela vira a cabeça tão rápido quanto uma cobra atacando e dá um passo em direção a Fiona. — Como *isso* veio parar na minha presença? — ela sibila.

Abominação? Eu acho, meu peito aperta. Não sei o que esperava quando desenterramos a Rainha, mas não era isso.

Fiona se curva. — Ela era necessária, minha Rainha — explica Fiona, mais humilde do que jamais a vi. Se não estiver enganada, ela pode até estar tremendo.

O poder na caverna aumenta, pulsa, até que parece que mil agulhas estão me apunhalando. — E ela ainda é necessária? — a Rainha sibila, sua voz um zumbido perigosamente desencadeado que sinto tanto quanto ouço.

Fiona ergue os olhos então, um sorriso satisfeito curvando-se em sua boca. — Não, minha Rainha. Ela não é.

Rowan pega minha mão e começa a se afastar enquanto a Rainha se vira para mim.

Não era assim que eu esperava que ela reagisse. Afinal, se Fiona estiver certa, sou filha de seu filho - seu próprio sangue. — Eu não entendo... — Eu sussurro. — Nós libertamos você.

A Rainha se volta para mim em um único movimento fluido que a expõe como a predadora que ela é. — Vocês libertaram? — Ela pergunta, inclinando a cabeça em um ângulo não natural enquanto seus olhos brilhantes queimam em mim.

— Sim, ela libertou. Na verdade, ela arriscou tudo para salvá-la — acrescenta Rowan, aproximando-se de mim, como se pretendesse me proteger se a Rainha decidir atacar.

Os olhos da Rainha piscam para ele antes de voltar a me encarar com desgosto evidente. — Ela fez? — a Rainha pergunta, e então seus olhos estreitam. — Ou ela tem outra coisa em mente. Ela veio para cumprir as ordens de seu senhor?

— Eu nem conheço meu pai — digo a ela com sinceridade. — E, além disso, se Fiona estiver certa, ele é seu filho. Seu sangue. — O que me torna o sangue dela também.

Os lábios da Rainha se contraem em um rosnado. — Mas ele não era apenas do nosso sangue — ela rebate violentamente. — Por que você acha que o expulsamos deste mundo? Por que você acha que o abandonamos ao seu destino? O Rei das Trevas era seu senhor.

Eu pisco, confusa. — Mas você matou o Rei das Trevas — digo, lembrando-me da história que Pan me contou.

— Sim — a Rainha sibila, parecendo muito satisfeita consigo mesma. — Nós matamos. Porque sua devoção por nós nada mais era do que uma atuação. Ele prometeu que governaríamos este mundo como um, mas logo descobrimos que o Rei das Trevas nunca pretendeu governar ao nosso lado. Assim que soube que tinha um filho, ele nos traiu. E assim, derrubamos seu reinado e transformamos sua corte em nossos escravos — diz a Rainha, sorrindo aquele sorriso horrível.

— Por que não matar a criança também? — Rowan pergunta, me empurrando de volta. Ele está tentando distraí-la, para desviar a atenção da Rainha de mim.

Mas a Rainha não cai nessa. Seus frios olhos escuros ainda estão em mim. — Porque a Verdadeira Criança também detém nosso próprio poder. — O brilho de fogo em seus olhos escuros acende quando ela me considera. — Mas não podíamos arriscar a corte do Rei das Trevas usando nosso próprio Filho Verdadeiro contra nós. E assim nós o deixamos no mundo dos homens, onde ele não era perigo para nosso governo.

— Os Escuros se levantaram contra você, no entanto — Rowan acusa, mais desesperado agora enquanto ele me empurra de volta, longe da Rainha e seu sorriso perverso.

Seu rosto pisca com fúria, horrível e belo ao mesmo tempo. — Eles pagarão por isso, assim como aquele que os liderou — ela rosna. — Mas você não estará aqui para testemunhar nossa vitória final.

Então a Rainha se volta para Fiona. — Vá preparar os outros. Vamos acabar com eles, como você deveria ter feito há muito tempo. Então, há muito trabalho a ser feito.

Fiona hesita apenas por um momento antes que ela e as outras fadas desapareçam em um lampejo de luz ofuscante. Somos apenas nós e a Rainha agora. Rowan se endireita instantaneamente, sua mão já em sua lâmina.

— Por anos temos sido prisioneiros em nosso próprio mundo. Por muito tempo sonhamos com este momento e agora ele está aqui. Assim que terminarmos com você, meu povo eliminará sua espécie de nosso mundo como os vermes que são. E quando tivermos tornado nosso mundo inteiro novamente, nós voltaremos contra o seu.

A sensação de formigamento queima em minha pele como um aviso quando a caverna começa a tremer.

— Precisamos sair daqui — digo a Rowan quando pedaços do teto começam a cair, mas Rowan não se move. Ele ainda está olhando para a Rainha com fúria. — Nós *realmente* precisamos ir — eu repito, apontando para o canto da caverna.

Lá, nas bordas da luz da Rainha, as sombras estão se formando. Estamos muito fundo no solo, e a escuridão além de seu brilho é muito profunda, muito absoluta aqui. Não sei o que a revelação da Rainha sobre meu pai significa para mim, mas se os Escuros sentem algo como ela, se ainda querem nos matar, será muito fácil aqui, encurralados como estamos.

— Ir? — a Rainha diz, inclinando a cabeça em um ângulo estranho. — Oh, nós achamos que não, Jovem.

Já posso detectar o cheiro forte de mofo e podridão. Rowan parece finalmente ter percebido o que está acontecendo. Sua mão agarra a minha e me puxa de volta, mais para dentro da caverna, para longe da Rainha e de suas ameaças. Longe dos Escuros.

Atrás da Rainha, as sombras começaram a subir pelas paredes, se esgueirando e se arrastando até ficarem altas e largas como um homem. Mas a Rainha não percebe até que o som do vento forte começa a sussurrar e ecoar pela caverna.

Quando ela percebe o que está acontecendo, sua boca se torce em um rosnado. — Não! — Ela ruge, e a caverna estremece e vibra com o volume e o teor de sua voz.

Atrás dela, porém, um Escuro está totalmente formado. Suas asas negras se abrem e batem em um ritmo constante que faz com que uma rajada de vento percorra a caverna, chicoteando meu cabelo e minhas roupas.

E não está sozinho. Ao longo das paredes da caverna, mais sombras se arrastam e se infiltram umas nas outras, juntando-se e inchando. A caverna inteira está saturada com o cheiro deles - a umidade da podridão, o farfalhar rodopiante do vento. Logo a escuridão está aumentando, subindo até nossos joelhos, e mais longe então, nossas cinturas.

Os olhos da Rainha encontram os meus, e há uma expressão de ódio e raiva tão puros neles que eu engasgo. — *Você* — ela rosna, apontando para mim. — Você fez isso. — Seus olhos estão selvagens. — Você ousa tentar se levantar contra nós? — Ela solta um silvo longo e ameaçador. De repente, os braços de Rowan se afastam de mim.

Assustada, me viro e vejo que a mão de aço que Fiona deu a Rowan há tanto tempo está em sua garganta - parece que ele está tentando se sufocar. Os dedos de aço apertam, apertando até que a pele embaixo deles fique vermelha e seu rosto fique pálido. Sua outra mão está apertada no pulso de aço, tentando se afastar, mas a mão não solta o aperto.

A alegria viciosa que curvou a terrível boca da Rainha me diz que é ela quem está fazendo isso. Ela pegou o punho de aço que agora é parte dele e o virou contra ele. Tento ajudá-lo a puxar a mão, mas até eu posso sentir o quão impossível é uma tarefa. O punho de metal é muito forte e a mão está muito apertada em torno de sua garganta.

Ele balança a cabeça, fazendo uma careta contra o esforço de tentar se salvar, mas seu rosto está mortalmente pálido, e as bordas de seus lábios estão começando a ficar de um tom nada saudável de azul. Seus olhos estão começando a ter uma aparência desfocada que me faz mover antes de perceber o que decidi fazer.

Eu pressiono minhas mãos na parede da caverna com tanta firmeza que juro que minhas unhas estão esculpindo pedaços do coração de Terra do

Nunca. Sinto a pulsação do mundo sob meus dedos. É errático agora, um ritmo estridente que parece tão instável e sem amarras quanto eu. Eu fecho meus olhos e *exijo*.

Quando as paredes da caverna começam a vibrar sob minhas palmas, os olhos da Rainha se arregalam de surpresa. Eu não consigo parar meu próprio sorriso maldoso enquanto ela me encara. À medida que as cavernas começam a tremer e pedras caem do teto. O mundo estremece com a *minha* demanda e sinto sua pulsação cantando sob minhas mãos. Seu pulso corresponde ao meu - selvagem e errático. Respondendo a *mim*. Concentro toda a minha dor, toda a minha raiva na rocha sob a ponta dos meus dedos, e exijo que Terra do Nunca dê ouvidos ao meu chamado.

Acontece rapidamente. O teto da caverna se quebra com um som ensurdecedor, e pedras caem sobre nossas cabeças. Rowan está lá em um instante, me protegendo com seu próprio corpo, e não posso ter certeza se vejo um lampejo de luz ou se apenas o imagino antes que a caverna desmorone ao nosso redor.

• • •

No silêncio após a poeira baixar, posso sentir o peso de Rowan pesando em cima de mim, seu peito subindo e descendo com respirações instáveis. — Você está vivo? — Eu sussurro, sabendo a resposta, mas preciso ouvir de seus lábios.

— Sim, moça — diz ele com um gemido. — Mas não tenho certeza por quanto tempo. — Então eu ouço sua risada sombria e ofegante fazendo cócegas na minha orelha. — Você trouxe todo o maldito lugar para baixo sobre nós.

Eu mudo um pouco para que seu peso não me esmague tanto. — Ela estava matando você — eu sussurro na escuridão, afirmando o óbvio. É a única explicação que consigo dar. — Temos que sair daqui — digo.

Ele fica em silêncio por um longo e tenso momento, como se ainda estivesse esperando por alguma outra explicação. Mas não ofereço mais nada.

Demora um pouco para nos libertarmos do mais pesado entulho. A caverna mal tem o tamanho de uma pequena sala agora, mas ainda há um pouco de ar passando por ela, então, embora não possamos ver além de nossos próprios narizes, sabemos que deve haver uma saída - se apenas pudermos encontrá-la.

Rowan faz outra tocha e encontramos a fonte do ar não muito depois disso. Com um pouco de esforço, afastamos as pedras o suficiente para nos livrarmos e rastejarmos pela pequena abertura para nos encontrarmos em outra caverna.

Também está escuro aqui, mas embora ouçamos e esperemos, não há farfalhar. Sem cheiro de folhas velhas. — Você acha que ela conseguiu sair de lá?

A luz da tocha pisca nas linhas nítidas de seu rosto. Ele parece ainda mais desenhado, ainda mais desgastado do que antes. — Sim. As Fadas têm um jeito de escapar de situações difíceis quando precisam. — A frustração achatou sua boca.

— Então nós temos que voltar para a fortaleza — eu digo, a terrível certeza disso como uma pedra em meu estômago. — Temos que avisar os outros.

Seus olhos são piscinas de fúria e dor quando encontram os meus. — Se ainda não for tarde demais.

Nesse novo mundo, o menino sempre foi mais feliz que antes. Quando seu sangue gelava, quando seus sentidos ficavam embotados para qualquer coisa, exceto para o momento à sua frente. O momento em que o acaso, por alguma aritmética horrível, selecionaria aquele que não poderia fugir da morte. Só então ele se sentia algo mais do que um saco de pele e osso e respiração interminável...



CAPÍTULO TRINTA E SETE

O túnel eventualmente termina em um lugar onde um pequeno rio corre no subsolo. Uma saliência estreita se apega à lateral da parede da caverna.

— Eu conheço este lugar — diz Rowan, seu rosto exausto brilhando de alívio.

— Você conhece?

— Estamos logo abaixo da fortaleza. — Ele vasculha o telhado do túnel. — Se seguirmos, isso nos levará a uma das partes mais antigas da fortaleza de Pan.

A esperança acende em meu peito. — Você pode nos levar de volta?

— Sim. — Ele passa a mão pelo cabelo desgrenhado. — Embora eu não tenha certeza de que bem isso fará.

— Se pudermos tirá-los antes... — Mas não consigo terminar. Antes do que? Antes que a Rainha recupere suas terras? Antes que ela nos mate a todos?

— Podemos tentar — diz ele, pegando-me pela mão e entrelaçando seus dedos com os meus para impedir a futilidade dos meus pensamentos.

Nós avançamos lentamente ao longo da saliência estreita com o rio correndo abaixo de nós, até chegarmos a um ponto onde outro túnel se quebra e leva de volta e para longe da água. Nós nos movemos mais rápido então, e logo chegamos ao lugar na fortaleza onde os diferentes túneis se juntam. Pelo som dos ruídos ecoando à distância, chegamos tarde demais. O ataque já começou.

Quando chegamos ao Salão Principal, todo o espaço está banhado por um silêncio assustador. O chão está cheio de meninos caídos. Não sei se são de Pan ou de Rowan, mas não importa mais. Nenhum deles se move. Cada um de seus pequenos corpos está manchado com linhas escuras, como porcelana rachada, e onde quer que tenham pousado, partes deles se quebraram, se estilhaçaram.

Eu respiro estremecendo enquanto compreendo a destruição e a perda. Acima, a porta perto do teto está aberta, mas nenhuma luz brilha de dentro dela. Não acho que Olivia estaria lá, sozinha no escuro, de qualquer maneira. Ela estaria com Pan. Só espero que Fiona e a Rainha ainda não os tenham encontrado.

— Devíamos nos separar. Eu preciso encontrar Olivia, e você precisa encontrar qualquer um de sua tripulação que possa ter sobrado. — Ele começa a interromper, mas eu continuo. — Não podemos fazer tudo isso juntos, não se tivermos alguma esperança de sair daqui. Depois disso... — Bem, eu não posso pensar tão longe.

Rowan franze a testa. — Não acho que seja uma boa ideia, moça.

Eu puxo minha mão da dele. — Não estou indefesa, Rowan. Posso derrubar todo o maldito lugar, se for preciso. Vou verificar os jardins — digo a ele antes que ele possa discutir. Foi onde encontrei Olivia da última vez e é o único outro lugar que sei que ela pode estar.

— E depois? — Ele pergunta, sua mandíbula apertando em frustração.

— Eu não sei. — Sua expressão é tensa, e sei que ele sente o mesmo medo, a mesma atração pela desesperança que eu. — Mas eu não vou apenas ficar aqui e esperar que a Rainha nos encontre. Você está com medo?

Ele passa a mão de metal pelo cabelo em clara frustração, mas então seus ombros caem em rendição. — Não. — Para meu alívio, diversão puxa os cantos

de sua boca. — Faça o que você deve, mas não demore. Eu te encontro de volta onde os túneis se separam. — Seus dedos roçam minha bochecha. — Se eu não chegar, não fique esperando por mim. Siga a segunda da direita, até chegar ao rio. A partir daí, você deve ser capaz de encontrar o seu caminho bem o suficiente para sair deste lugar.

Dou a ele um aceno claro e me viro para ir embora, mas ele agarra minha mão e me puxa de volta.

— Tente não morrer, sim? — E então sua boca está na minha, feroz e exigente e tão cheia de desejo que meus joelhos ficam fracos.

Ele se afasta antes que eu tenha quase o suficiente, e com um sorriso maroto, ele sai.

Hesito apenas um segundo para recuperar o juízo antes de correr também, saindo pela passagem para a extrema direita - aquela que leva aos jardins e, espero, à Olivia. Eu faço meu caminho rapidamente, minha respiração ficando difícil enquanto corro para a enorme caverna onde a deixei pela última vez, esperando a cada passo que ela estará lá. Esperando que eu a encontre antes que Fiona ou a Rainha o façam.

Quando o túnel se abre para os jardins, paro de repente. À minha volta, o labirinto de flores e árvores que antes florescia está insuportavelmente vivo. Se eu achava que eles eram bonitos antes, não era nada comparado ao que estou vendo agora. Suas folhas são mais viçosas, suas cores mais exuberantes. E eles parecem muito mais ameaçadores do que antes.

Mas eu ouço cantos. As notas suaves de uma voz familiar chegam até mim sobre o silêncio do espaço, e não é interrompida.

— Olivia. — Eu sussurro, o alívio inundando por mim.

Eu sigo meu caminho lentamente através das amoreiras cobertas de vegetação. As vinhas abrem caminho quando podem, arrastando-se para o

lado com um progresso instável, mas principalmente tenho que escalar ou passar por elas. Quando finalmente chego ao centro dos jardins, estou arranhada e sangrando em mais de um lugar.

Olivia está sentada em uma pilha de pelos perto de um pequeno riacho de água, sozinha no centro de uma pequena clareira. Ela parece inconsciente do perigo que corre. As pontas dos dedos dela estão manchadas de sangue escuro tirado pelos espinhos das flores de aparência perigosa que ela ainda está tecendo em guirlandas.

— Olivia?

Ela olha para cima ao som da minha voz, mas quando me encontra de pé na beira da clareira, sua expressão não muda.

— Vamos, Olivia. Temos de ir. — Eu me aproximo dela lentamente, porque não quero assustá-la, minha mão estendida, acenando.

Suas sobrancelhas se juntam, mas ela não se move.

Pelo menos ela não corre.

— Olivia? Sou eu, lembra? — Eu tento persuadir suavemente. — Gwen. Sua amiga? — Dou mais um passo para a clareira e depois outro.

Ela parece tão diferente. Seus antes suaves olhos verdes parecem duros e incertos. Eles quase parecem brilhar por dentro, e seu cabelo cai em uma desordem irregular, um halo rebelde. Ela parece tão selvagem e indomável quanto a própria ilha, e se eu não soubesse que ela *era* humana, nunca teria acreditado *que sou* a única com o sangue de fada.

Eu dou mais alguns passos na clareira. — Você precisa vir comigo agora. Precisamos sair daqui. — Eu estendo minha mão como faria para um animal nervoso.

Mas ela não mostra nenhum sinal de movimento. Ela apenas puxa uma de suas longas mechas irregulares enquanto me estuda com olhos cautelosos -

e mesmo com a selvageria, eu sei que minha Olivia - a *verdadeira* Olivia - ainda está lá, em algum lugar abaixo da superfície.

— Gwen — ela diz devagar, com cautela.

— Sim — Dou outro passo lento e cauteloso. — Eu sou Gwen. E você é Olivia, e precisamos sair daqui.

Mas seus olhos estão estreitos. — Não. — Ela se levanta, circulando para longe de mim, e há uma cautela na maneira como ela se move.

— Não é seguro, Liv — eu digo, tentando outro apelo. — Você não entende o quão perigoso é aqui.

— Pan vai me proteger. — Sua voz é firme, suplicante, como se ela quisesse ou precisasse que eu acredite.

Eu sigo seu caminhar, circulando mais perto, para bloquear sua fuga. — Se não sairmos daqui, nós morreremos.

Ela balança a cabeça. — Eu não vou embora.

Mas ela não é a única que pode ser teimosa. Eu me aproximo, determinada a alcançá-la. Espero que talvez meu toque possa trazê-la de volta a si mesma, mas um farfalhar à minha esquerda me faz parar.

— Você a ouviu, Gwendolyn. Olivia não quer ir embora. — A voz de Pan é uma canção baixa e perigosa, tão tentadora como sempre foi. Tão mortal quanto. Quando ele entra na clareira, seus olhos cristalinos são tão turbulentos quanto o mar. — Olivia deseja ficar aqui comigo. — Um sorriso mortal curva seus lábios.

— Você não pode tê-la. — Tento me colocar entre Pan e Olivia, mas Olivia é mais rápida. Ela facilmente se esquiva de mim e corre para o lado de Pan.

— Eu vou ficar com *ele*. Você não tem ideia do perigo que corremos, o perigo em que você nos colocou. Pan é o único que pode pará-lo.

Eu paro com suas palavras. — O perigo em *que* coloquei você?

— Sim, Gwendolyn — Pan diz sombriamente. — Você libertou a Rainha, não foi?

Meu estômago afunda. Ele sabe o que eu fiz e entende como as coisas se tornaram perigosas para todos nós. — Eu queria nos levar para casa — eu digo. — Você não ia me levar.

— No entanto, aqui você permanece — diz ele sombriamente. — Você realmente acreditou que a Rainha iria aceitar você? Fiona usou você, e você foi muito estúpida para ver — ele praticamente cospe.

Por um segundo, sinto a verdade em suas palavras. Ele tem razão. Liberei a Rainha e coloquei todos nós em um perigo terrível... Mas então o absurdo desse pensamento me assusta, e eu afasto meu próprio sentimento enjoativo de culpa e foco.

Eu olho para Olivia, que está agarrada a Pan. — Você não deve ouvi-lo, Liv. Ele é a razão pela qual fomos trazidos aqui. Você acha que ele quer você? — Eu pergunto quando sua boca desce em desafio. — Você não é nada para ele. Ele me quis o tempo todo. Você era apenas uma espectadora inocente.

— Você está errada. — Sua voz é teimosa e inflexível como sempre. É a voz que convenceu minha mãe a deixá-la vir para Londres, a voz que me convenceu de que realmente éramos amigas. Mesmo que as palavras estejam todas erradas, essa teimosia me dá esperança. Olivia ainda está lá em algum lugar, abaixo da loucura de Terra do Nunca.

— Receio que ela não esteja, bichinho. — Com um movimento rápido, Pan passa o braço em volta de Olivia e segura a adaga em sua garganta. — Você vê, Olivia, eu tenho procurado por alguém como Gwendolyn há algum tempo. Sinto muito, minha querida, mas por mais adorável que você seja, você não é nada comparado ao que ela pode me oferecer.

A confusão e a mágoa passam pela expressão de Olivia. — Deixe-a ir — eu rosno com os dentes cerrados.

Seus olhos azuis me avaliam com uma combinação nauseante de excitação e expectativa. — Não, eu não acho que vou. Sua querida amiga forneceu o incentivo para você deixar o navio de Rowan, e eu acho que ela fornecerá o incentivo que eu preciso para você ver as coisas do meu jeito. — Ele sorri então, um sorriso infantil despreocupado que faz meu sangue gelar. — Eu não vou permitir que a Rainha vença, Gwendolyn. Não depois de tudo que fiz para tornar este mundo meu.

— Você tem alguma ideia do que é descobrir que a única mãe que você já conheceu te odeia pelo que você é? — Ele sorri então. — A Rainha pensava que eu era fraco e insignificante. Ela acreditava que o homem era menos do que as Fadas, mas fui *eu* quem a derrotou. Eu, um mero humano, que refiz este mundo para meu próprio prazer... Você realmente acredita que cheguei tão perto de finalmente ser capaz de destruí-la apenas para deixar *você* ficar no meu caminho?

— Eu não vou permitir que tudo que eu fiz seja desfeito, e não vou permitir que você se afaste de mim novamente, Gwendolyn. — Ele pressiona a adaga na pele macia na base da garganta de Olivia. — Seria um desperdício se eu tivesse que matar essa garota só para fazer você entender a razão.

— Por favor. — Eu fecho meus olhos, tentando pensar. Tentando encontrar uma saída para isso. — Por favor, deixe-a ir.

— Não até que você se renda a mim completamente — ele provoca. — Não até que você prometa sacrificar seu poder e sua vida por mim. Depois de fizer isso, finalmente poderei terminar o que comecei há muito tempo. Assim que a Rainha cair, controlarei as fronteiras entre nossos mundos e só então sua querida Olivia terá alguma chance de retornar.

Eu considero isso - *realmente* considero isso. Eu sei o que está em jogo, assim como sei que, enquanto falamos, as Fadas já estão tomando de volta seu mundo. Quando isso acontecer, todos os humanos em Terra do Nunca estarão condenados. — E quanto ao resto? Seus meninos e a equipe de Rowan?

Pan ri, um som escuro e perigoso que é mais escárnio do que alegria. — Os poucos que permanecem podem ter sua escolha.

Dou um passo para trás, para longe dele, minha mente correndo com possibilidades - nenhuma delas é boa.

Mas enquanto ainda estou lutando com minha decisão, um farfalhar vem, e dois meninos de aparência esfarrapada emergem. Eles estão arrastando Rowan entre eles - seu rosto está machucado e sangrando, e uma mancha escura está se espalhando pela frente de seu casaco.

— Não — Eu dou um passo em direção a ele, mas Pan se coloca entre nós, Olivia ainda em suas mãos.

— Ah, Rowan. Que bom que você se juntou a nós — diz Pan. — Gwendolyn estava decidindo o quanto valoriza a vida de sua amiga.

Rowan tosse, sangue escorrendo de sua boca. — Tarde demais, Pan — ele diz em palavras lentas e hesitantes. — Você perdeu.

Pan sorri. — Não, meu querido menino, acho que não.

— A qualquer minuto a Rainha virá atrás de você. — Rowan tenta lutar, mas os meninos o seguram com força.

— É verdade — Pan diz, — mas então Gwendolyn terá feito sua escolha. Porque ela sabe que sou sua única esperança de deter a Rainha. De salvar sua *querida amiga*.

Rowan praticamente rosna, sua respiração vindo em explosões difíceis. – Vilão — Ele murmura.

— Você está muito enganado. Você não ouviu a história? Sou o herói desta peça - o vencedor — diz Pan. — Fui eu quem conquistou a Rainha deste mundo. Eu que governei sobre as Fadas, da Luz e das Trevas.

— Você que assassinou os indefesos — Rowan engasga, seu rosto contorcido de ódio.

— Bem, sim, isso era inevitável — Pan diz a ele agradavelmente. — Embora aquela história ridícula tenha ajudado. — Pan olha para mim, seus olhos brilhando com diversão. — Imagine minha surpresa quando aquele primeiro garoto se entregou de boa vontade a mim, tudo porque ele confundiu este mundo com algo saído de um livro de histórias. Por mais divertido que sempre tenha sido ouvir seus gritos, era muito *mais fácil* apenas fingir junto.

No começo eu não entendo o significado de suas palavras. E então todas as coisas que Rowan me contou sobre ele, sobre este mundo, voltam para mim. — Você não é realmente Peter Pan? — Eu digo, finalmente compreendendo.

— Claro que sou — ele diz agradavelmente, seus olhos brilhando com diversão. — Pergunte a qualquer um dos meus meninos.

— Nada além de mentiras — Rowan diz, mal conseguindo pronunciar as palavras entre suas respirações dolorosamente ofegantes. — Os meninos nunca veem através deles.

— Mas *você* viu através deles, não é? — Pan pergunta, sua voz afiada. — Quando você chegou pela primeira vez, você era como todos os outros, quebrado, perdido, querendo acreditar em um lugar onde você pudesse esquecer cada parte miserável de si mesmo. Como o resto, você *queria* acreditar que eu era quem disse. Você era muito velho para contos de fadas, Rowan. Você deveria saber melhor. — Sua expressão fica assassina. — E eu

deveria ter matado você quando tive a chance. Felizmente, o destino me deu a oportunidade de corrigir esse erro específico.

As paredes da fortaleza tremem, enviando pedaços de entulho e pedaços do teto de cristal caindo no chão. Pan se vira para mim. — Receio que nosso tempo se esgota, minha querida. — Ele pressiona a adaga contra a garganta de Olivia, e ela fecha os olhos, o rosto contorcido de medo, de dor. — *Você* se importa com sua amiga o suficiente para salvá-la?

Olivia choraminga, seus olhos se abrindo. Por um momento, acho que é a *minha* Olivia espiando por entre aquelas profundezas verdes.

— Você se importa o suficiente para salvar todos eles? — Pan tenta. — Entregue-se a mim e eu derrotarei o monstro que você libertou.

— Eu... — Não consigo dizer as palavras. Mesmo sabendo que é a única escolha, a única maneira de levar Olivia para casa, para salvar Rowan e os outros do perigo que desencadeei, que eu sozinha desencadeei.

— Ou talvez você precise de mais incentivo? — As belas feições de Pan se iluminam em antecipação enquanto ele dá um aceno de cabeça apertado para os meninos segurando Rowan. Ao seu sinal, um deles puxa a cabeça de Rowan para trás em um ângulo de aparência dolorosa e o outro levanta uma adaga em sua garganta.

— Não! — Grito alto o suficiente para que os meninos olhem para Pan.

— É sua escolha, Gwendolyn. Você vai morrer neste mundo de uma forma ou de outra, mas pode decidir quem deve morrer com você. Entregue-se a mim, e talvez aqueles que você professa amar terão uma chance. Talvez eu seja misericordioso.

— Não — Rowan diz, ofegante, sua voz fraca. Seus olhos brilham de medo, de fúria. Com dor.

Olivia ainda se debate nos braços de Pan e ela também implora por mim.

— Você sabe o que eu quero de você. — A voz de Pan é baixa, um ronronar sedutor. — Você viu com seus próprios olhos o quão gentil eu posso ser, o quão bom eu posso tomar por você. Você poderia salvá-los, Gwendolyn. Você só tem que me dar o que eu quero.

Ele tem razão. Com Fiona e a Rainha vindo atrás de nós, ninguém sobreviverá. — Você tem que jurar que eles estarão seguros. Você tem que prometer levá-los de volta ao nosso mundo.

— Eu? — Pan ri, seus olhos brilhando de diversão. — Eu não acho que você está em posição de negociar, minha querida.

Da minha cintura, tiro a adaga que Rowan me deu. Antes que Pan entenda o que estou fazendo, já estou com ela na minha própria garganta. — Eu acho que estou — eu digo, pressionando a ponta da lâmina contra minha pele. Um forte empurrão para cima e tudo estará acabado. — Prometa-me a segurança deles, jure isso, ou eu derramarei meu próprio sangue aqui e agora, e você *nunca* terá meu poder. Sem mim, você será deixado à mercê da Rainha — Seja qual for a misericórdia que ela tem dela.

O canto da boca de Pan se curva em diversão. — Ela *é* notável, capitão — Pan murmura. — Fada ou não, ela teria sido um deleite, mas com seu fogo, sua própria centelha — que poder seu espírito vai me dar.

— Não, Gwendolyn. — A voz de Rowan chega até mim, a dor cortando meu medo. — Você não pode simplesmente dar a ele seu poder. Não sem dar a ele sua vida também.

A expressão de expectativa no rosto de Pan me diz que Rowan não está mentindo. Mas não posso ouvir os apelos de Rowan. Eu vi os corpos no Salão Principal e sei do que as Fadas são capazes - o que Fiona e sua Rainha farão com todos eles. O que ela ainda pode fazer ao mundo do qual fui tirada se ela

tiver sucesso. Não sou forte o suficiente para derrotá-la, mas meu poder se combinado com o de Pan... Pode ser o suficiente.

— Prometa que os terá em segurança — digo, sabendo que, mesmo quando exijo, é uma barganha tola. Não importa o que Pan prometa. Ele é o príncipe da mentira, o rei de mil enganos. E ele é a única chance que meus amigos têm. — Deixe-os ir, uma demonstração de boa fé, e irei até você de boa vontade.

— Você vai, então? — Ele ri enquanto solta Olivia, e quase desmaio de alívio por vê-la protegida de sua adaga.

— Olivia? — Ela não está fugindo de Pan como eu esperava. Ela fica ao lado dele, a mão em seu braço.

Pan ri da minha confusão, uma risada divertida que corre ao longo da minha pele enquanto ecoa pela caverna. — Pequena atriz brilhante, não é? — Ele a puxa para seus braços e lhe dá um beijo desconfortavelmente intenso.

— Olivia? — Não entendo a princípio, mas então uma terrível verdade se apodera de mim. Ela nunca esteve em perigo com Pan.

— Eu disse que não o deixaria. — Ela me olha com um olhar vazio e sem emoção, seus olhos vidrados e distantes.

Os lindos olhos frios de Pan estão rindo de mim. Toda essa cena não foi nada além de um jogo para ele, e ele gostou de cada momento brincando comigo. Em um piscar de olhos, ele cruza o espaço que nos separa e me mantém presa em seus braços.

Eu luto contra seu aperto, tentando manter meu nível de voz. — Nós tínhamos um acordo, Pan. Deixe-o ir também.

— Então nós tínhamos — ele sussurra em meu ouvido. Sua respiração está quente no meu pescoço enquanto ele enterra o nariz no meu cabelo. — Corra, Rowan — ele diz, seu rosto ainda perto do meu pescoço. Com um

estalar de dedos, os meninos soltam Rowan, que cai no chão com um gemido áspero. — Vá embora enquanto pode, garoto. Você não tem muito tempo antes de eu terminar aqui.

Mas Rowan mal consegue se mover. Ele perdeu muito sangue e está muito fraco. — Eu não vou embora sem ela — ele ofega enquanto luta para ficar de joelhos.

Eu quero gritar para ele correr, mas uma sensação estranha tomou conta de mim. Não consigo me mexer. Eu mal consigo pensar.

A sombra de Pan se projeta do chão e fica diante de mim, sua mão negra se estendendo em minha direção. Quando ele roça meu rosto com a ponta do dedo, cada molécula do meu corpo quer correr em sua direção.

— É tarde demais, Rowan — eu ouço Pan dizer, mas mesmo que ele ainda esteja perto do meu ouvido, sua voz soa muito distante. Eu sinto tudo o que um dia foi Gwendolyn Allister se afastando do meu corpo, fluindo em direção ao chamado da sombra escura, correndo em direção às mãos estendidas de Pan.

Não! Eu grito por dentro. É muito rápido, muito cedo. Sem despedida, sem qualquer tipo de aviso. Eu não posso lutar contra isso, no entanto. Eu não posso lutar contra a atração. *Que seja,* penso, enquanto a escuridão começa a nublar minha visão.

Depois, o menino nunca mais pensou naqueles que matou. Ele não se lembrava de seus rostos sem nome e nunca pensava no capricho do acaso. Pois quando ele caísse - um dia ele cairia - ele não esperava que aquele mundo se lembrasse dele. Até que um dia ele parou diante de um pequeno corpo que gotejava a morte como um ovo quebrado e viu outro rosto em seu lugar. Um que ele nunca deveria ter esquecido...

CAPÍTULO TRINTA E OITO

Ainda posso sentir o puxão da magia de Pan na minha carne. Mas não estou completamente no meu corpo, não realmente. Não acho que estou morta, mas também não me sinto bem viva. Eu simplesmente me sinto distante, como se ainda estivesse flutuando acima da minha carne. Acima de tudo, vendo tudo com um estranho distanciamento através da visão turva.

Do outro lado da clareira, posso apenas ver Rowan. Seu corpo está quebrado e surrado, mas ele ainda está lutando para chegar até mim.

Acima de Pan e eu, uma sombra aparece de repente. Minha visão já está começando a nublar e escurecer, e é por isso que acho a princípio que estou vendo coisas. Porque não pode ser Fiona quem está ali. Não pode ser aquela Fada traiçoeira que está pegando Pan pela nuca.

Pan se sacode com o toque de Fiona e me solta de seu aperto. Eu bato no chão com força, mas não me estilhaço. Eu também não volto completamente a mim mesma.

— Rowan? — A voz de Fiona vibra, perigosamente perto. Ela não solta Pan de suas mãos.

Mas Rowan não pode responder. Uma tosse o percorre, e seu corpo cai novamente no chão, fraco demais para continuar.

— Você causou isso? — Fiona rosna para Pan. Antes que ele possa responder, Fiona o sacode.

Mas os olhos de Pan estão desfocados, quase bêbados com qualquer poder que ele tirou de mim. Fiona o sacode novamente antes de colocar a mão no peito de Pan. Seu rosto permanece calmo enquanto ela sibila para ele

responder, e quando ele não responde, seus dedos perfuram sua pele e ele grita de dor.

Enojada, ela joga o corpo mole de Pan de lado.

Minha visão ainda está escura nas bordas quando Fiona pega Rowan e o traz para onde eu estou deitada.

— Está na hora — ela sussurra com aquela estranha voz zumbindo. — Você hesitou por tempo suficiente. — Ela o ajuda a ficar de joelhos, apoiando-o enquanto eles se aproximam de mim. E vejo por que não me sinto completa — Fiona tem o fio da minha vida enrolado em seu punho. Quando Fiona puxa o fluxo de luz que se arrasta, quero me mover em direção a ela - mas ela o oferece a ele, em direção a Rowan.

— Agora, Rowan. Deve ser *agora* — Fiona zumbe de algum lugar muito perto. Mas eu não consigo vê-la. Minha visão está mais escura agora, perto do fim.

Tudo o que posso ver é Rowan acima de mim, seus olhos escuros sem expressão de dor, parecendo mais perdido do que eu jamais o vi.

Faça isso, eu acho. Porque nem parece uma traição. *Faça.*

Ele encosta a testa na minha. É reconfortante, úmido. *Faça. Depressa.* Ele precisa pegar tudo o que eu puder dar a ele. Ele precisa continuar.

— Depressa, Rowan — a Fada vibra. — Minha Rainha está livre. Pan foi derrotado. Você não precisa morrer também. Se ao menos você a tomasse.

— Eu não posso... — Eu sinto sua respiração na minha pele, ouço a fraqueza em sua voz. — Não vou...

Fiona sibila, sua voz perigosamente baixa. — Você acha que eu dei a você seu lugar em meu mundo para que você o desperdiçasse com esta desculpa patética? Leve agora a vida dela, ou vou matá-la do mesmo jeito.

— Mate-nos... mate ambos... — Eu o ouço dizer de longe. Vagamente, sinto o peso de seu corpo caindo em cima de mim.

Estou escorregando, no entanto. Se uma alma tem dedos, os meus estão tentando agarrar meu corpo frágil, tentando desajeitadamente ficar comigo mesmo, mas não está funcionando. Não tenho espírito suficiente em meu corpo vazio para manter meus olhos abertos por mais tempo, e sei que, depois de tudo que passei, finalmente cheguei ao fim.

Tenho palavras. Tantas palavras que nunca disse. Palavras para as quais pensei que teria tempo. Mas é muito tarde. Minha alma desliza para longe do meu corpo, os últimos fragmentos frágeis dele deixando para trás a dor e o desespero até que eu sou quase nada mais do que luz.

E então eu não sinto mais o peso de Rowan me segurando neste mundo.

Fiona tem minha vida envolta em seu punho, e cada pedaço de quem eu fui quer fugir do meu corpo, em direção a essa luz.

Mas antes que eu possa, antes que minha alma se afaste completamente, uma sombra aparece sobre o ombro de Fiona. Uma forma escura cujos olhos ardem de ódio.

E Fiona grita.

Naquela noite, o menino sonhou com o inferno - com fogo e enxofre e um rosto que ele nunca deveria ter esquecido. E pela manhã foi como se acordasse de um sonho sem fim...

CAPÍTULO TRINTA E NOVE

Justo quando o mundo começa a deslizar para um campo de estrelas, um grande rugido me traz de volta, batendo-me em meu corpo dolorido com uma violência que me deixa abalada e agitada de dor. Ao meu lado, Fiona está sem cabeça, seu sangue manchando o chão. Perto dela, Rowan está inconsciente, sua mão ainda segurando uma lâmina revestida com o estranho sangue escuro da fada.

— Não — eu resmungo, minha voz mal trabalhando. É preciso um esforço incrível para me içar o suficiente para me mover em direção à forma imóvel de Rowan. Ele poderia ter tirado tudo de mim. Ele poderia ter se salvado, mas não o fez. Ele usou o que restava de sua força para me salvar.

— Não me deixe — eu sussurro, escovando seu cabelo para trás. Seu rosto está tão pálido. Seus lábios tingidos de azul. Minha mão segura seu rosto e pressiono um beijo em seus lábios. — Não — eu sussurro novamente, minha garganta apertada e doendo.

Seus olhos piscam, mas ele está muito, muito longe. Seu rosto está quase sem cor e sua pele fica cada vez mais fria ao toque.

Aos poucos, minhas forças estão começando a retornar. Aos poucos, fico mais consciente de tudo ao meu redor. O corpo imóvel de Pan está caído no chão próximo, sua pele coberta por um labirinto de linhas escuras, como um prato quebrado.

Olivia tropeça em Pan, uma sonâmbula que está começando a emergir de um sonho, mas quando ela pega sua mão, seu corpo é tão frágil, tão

quebradiço, que se estilhaça, desmoronando sob seu toque. Um grito estrangulado escapa de seus lábios enquanto ela recua em horror.

Eu deveria sentir o mesmo horror, a mesma repulsa, mas ainda estou muito em choque para sentir qualquer coisa ao ver a fada sem cabeça no chão próximo. Por um momento, quase posso começar a sentir alívio, mas o momento não dura muito.

Ao meu redor, o mundo fica branco e brilhante, e eu reconheço o poder dedilhando pelo ar que sinaliza a presença da Rainha.

Ela vem e flutua sobre nós, seu rosto estranhamente belo em sua fúria. — Ele matou um dos nossos — ela se enfurece, sua voz um terrível guincho de fúria. — Ele deve pagar com a vida. — Ela levanta as mãos como se fosse derrubá-lo.

— Não — eu digo, cobrindo-o com meu próprio corpo, como ele uma vez me protegeu. Eu me preparo para o que está por vir. Pela terrível dor dilacerante que com certeza será o meu fim.

Mas um grito estridente ecoa no ar, e aquele golpe nunca vem.

Eu olho para cima, apertando os olhos contra o brilho da Rainha, e vejo o que causou aquele barulho terrível. Olivia está atrás da Rainha. Seu cabelo é uma massa emaranhada em torno da fúria em branco em seu rosto.

— Olivia? — Eu sussurro.

Ela se vira para mim, mas não me vê. Seu olhar está vidrado e sem saber. Com uma risada quase histérica, ela puxa a adaga da Rainha - a adaga de Pan. Ela brilha como prata escura na luz da Rainha, manchada com o próprio sangue enegrecido da Rainha.

A Rainha tropeça, sua luz oscila, sua pele se arrepia com as linhas escuras de sua destruição. — Não! — Ela grita, agarrando-se a si mesma. A dor

contorce seu belo rosto quando ela se vira para Olivia. Uma corrente perigosa estala pelo ar na esteira de sua fúria e dor.

Com um movimento tão rápido e mortal quanto uma cobra em choque, a Rainha pega Olivia pelo pescoço, levantando-a até que seus pés balancem no ar. Linhas negras rastejam pela pele de Olivia sob a mão da Rainha enquanto Olivia se contorce e luta, seus olhos arregalados de medo. As linhas pretas continuam a rastejar por sua pele - pelo rosto, pelo peito, rastejando pela pele macia de seus braços, até que Olivia para de lutar e fica imóvel.

— Não! — Eu grito, dividida entre proteger Rowan e ajudar minha amiga. Olivia olha para mim, seus olhos claros novamente, e eles estão cheios de dor e confusão.

Antes que eu possa escolher, ouço o chamado sussurrante dos Escuros. Eles começam a rastejar para fora das plantas mortas e quebradiças e começam a se reunir, girando, marchando ao nosso redor até cercarem a Rainha. Novamente eles a puxam, mas desta vez, ela tropeça sob a ponta de seus dedos, liberando Olivia, que cai no chão.

A Rainha cai de joelhos, o sangue escuro ainda se espalhando do ferimento que a adaga de Pan fez em suas costas - o ferimento que Olivia deu a ela. Os Escuros continuam a girar, puxando a Rainha, até cobri-la completamente. E quando ela desaparece embaixo deles, ela grita novamente, um lamento ensurdecedor que faz as cavernas ao nosso redor tremerem.

Pedaços enormes do teto cristalino caem, desabando com violentas explosões no chão abaixo. O mundo está tremendo, estrondoso e vivo no momento em que os fios escuros se transformam em monstros e um exército de sombras vivas está diante de mim.

O vento sopra rápido agora, girando violentamente naquele farfalhar familiar, mas nesse farfalhar, ouço alguém falando comigo.

— Por favor! — Eu grito, tentando bloquear o som. Não tenho certeza do que estou pedindo, mas soluço repetidamente enquanto os Escuros rodopiam. Contando-me seus segredos, sussurrando minhas próprias verdades de volta para mim.

— Por favor — eu continuo repetindo. Mas minha voz agora é um sussurro fraco, implorando por coisas que eu não entendo, e então a escuridão me oprime e eu sou jogada para trás - e a voz sussurra para mim novamente.

Mas não é uma única voz. Não, desta vez a voz é de mil vozes sombrias, cantando para mim e me incentivando. E de repente, estou de volta àquela floresta escura da minha infância, o frescor da noite me chamando. As vozes me chamando. As árvores esticando seus dedos largamente em direção ao céu, prendendo as estrelas em suas mãos. Ranger e gemer no ar, como se as árvores estivessem traduzindo o vento.

Estou imersa em imagens muito familiares. E eu me lembro de *tudo* então - a estranha atração que senti quando a voz me chamou. A sensação mais estranha de que precisava ir até eles, estar com eles. *Novamente.* Pois parecia tão familiar, aquele desejo, aquele chamado. Então eu segui a voz, longe das luzes da nossa casa. Longe da segurança de minha mãe. Na escuridão, onde a floresta cheirava a folhas úmidas, e a noite falava em uma língua que eu quase conseguia entender.

A floresta me queria, eu percebo, mas não para me matar. Não havia nada de assustador ou perturbador nas vozes que ouvi na floresta da minha infância. Nada de terrível na escuridão densa e viva que roçou em mim. Ela me queria porque eu fazia *parte* disso. Não foi a escuridão que me machucou naquela noite. Foi tudo o que veio depois.

Tudo que eu esqueci.

Os Escuros poderiam estar me caçando então. Eles estavam definitivamente me caçando em meu próprio mundo e aqui na Terra do Nunca, mas agora eu entendo que eles não queriam me machucar. Eles queriam me mostrar o que eu era - a herdeira de meu pai. A herdeira das Trevas e da Luz, um novo mundo perfeitamente equilibrado. Exatamente como este mundo sempre quis ser.

De repente, os Escuros giram em torno de mim, animados por eu tê-los entendido. Alegre, sua mensagem é clara. Acolhedora. Como todas as noites suaves de verão que passei dormindo sob as estrelas sem minha mãe saber.

Quando fui correndo para a floresta naquela noite, foi porque este mundo me chamou, me puxou. Foi por isso que minha mãe colocou a runa em meu braço. Para me manter escondida e também para me impedir de perceber o que eu era. Esta é a verdade que os Escuros me deram.

Você pertence a nós, eles sussurram. *Você pode nos salvar e recuperar o mundo. Para nossa espécie.*

A Terra do Nunca está quieta abaixo de nós. Já não respira. Seu coração não bate mais. O maior dos Escuros se move em minha direção, e mesmo que eu não o sinta mais como uma ameaça, eu me jogo sobre Rowan com mais segurança. Sua cabeça sem rosto se vira e, com um aceno de seu braço, me mostra o que está acontecendo com o mundo. A fortaleza ao nosso redor está desmoronando. Pan estava certo: sem a Rainha para controlar, a Terra do Nunca está se desintegrando.

Então ele fala naquela língua desconhecida, sílabas ásperas e secas que antes soavam como nada além do vento. Mas não posso esquecer o que eles me mostraram, o que sussurraram para mim sobre quem eu sou. Sobre a escolha que tenho diante de mim. Desta vez eu entendo o que eles dizem.

Pan não mentiu. A Terra do Nunca poderia realmente ser minha casa se eu assim escolher. Eu poderia abraçar todos os Escuros, eu poderia reivindicar o que eles acreditam ser meu por direito. Pois eu sou da Luz e das Trevas, herdeira da Rainha e do Rei das Trevas. Eu poderia equilibrar o poder aqui, reivindicar o mundo e viver dentro dele.

Mas quando fecho meus olhos, tentando pensar, tudo que vejo é o olhar azul-acinzentado de minha mãe. Quando abro os olhos, vejo a respiração instável de Rowan e sei qual é a minha escolha. O que sempre será. — Eu preciso recuperá-los — Eu imploro.

Eu posso sentir a decepção rolando da criatura escura, mas sua cabeça sem rosto dá um puxão, um aceno de assentimento. Dois outros se apresentam e, desta vez, não tenho medo deles. Eu recuo quando alguém levanta Rowan sem esforço em seus braços. Ele está pálido e inconsciente agora, e muito perto da morte.

— Cuide dele. — Eu imploro.

Vou até Olivia, ajoelhando-me ao lado dela enquanto outro Escuro se aproxima. Ela olha para mim com um olhar preguiçoso semicerrado, surpreendentemente calmo e inconsciente do que acabou de acontecer ou do estado em que ela está atualmente. Seu rosto está coberto por um labirinto de linhas escuras. Seus braços parecem porcelana rachada.

— Vou te levar para casa, Liv. — Digo a ela, afastando o cabelo do rosto.

Fracamente, ela abre os olhos e olha para mim, e eu os vejo passar do esquecimento suave e vítreo da Terra do Nunca para a aguda consciência da minha amiga.

— Liv? — Eu digo, pegando sua mão suavemente. Sua pele parece frágil como vidro, mas seus olhos ainda são os de Olivia.

— Gwen? — ela diz, sua voz cheia de dor e confusão. — O que aconteceu? —Seus olhos disparam descontroladamente ao redor, de mim para o monstruoso Escuro que espreita acima dela e vice-versa. Em pânico. Assustada. Como se ela estivesse acordando, começando a se lembrar.

Ela tenta puxar sua mão de mim, e eu sinto pedaços dela se soltarem. Então, eu a deixo ir, e no momento em que solto sua mão, vejo seus olhos começarem a ficar vidrados novamente. De repente eu entendo. *Sou eu*. Quando a abracei naquele primeiro dia, quando a toquei no final... *Eu sou o* que estava causando aqueles momentos de clareza em sua expressão. Por causa do que eu sou.

— Liv — eu digo, segurando sua mão novamente, recusando-me a deixá-la ir.

Sua pele se desintegra sob meu controle, e ela geme em agonia. Mas seus olhos são tão claros, e posso ver as memórias voltando enquanto sua expressão escurece de horror. — O que ele fez comigo? — Ela pergunta, seu rosto se contorcendo em agonia.

— Não importa — digo a ela, minha garganta apertada. — Estamos voltando agora. Vamos consertar tudo. Você vai ficar bem.

Em pânico, eu olho para o Escuro, que está esperando meu sinal. Ele vem para a frente, mas quando o Escuro tenta levantá-la, Olivia grita enquanto parte de seu antebraço se estilhaça e desmorona. O Escuro hesita, e os olhos de Olivia encontram os meus e há uma expressão de tanto horror, tanto medo, que minha visão fica embaçada de lágrimas.

— Por favor, Liv. Deixe-o pelo menos tentar.

— Eu não posso — ela raspa.

— Eu sei que pode doer no começo, mas podemos consertar isso. Estamos voltando e...

Ela me impede colocando a mão no meu braço. As pontas dos dedos dela são tão frágeis, alguns deles desmoronam sob a pressão de seu aperto. Mas seus olhos - esses são terrivelmente claros e totalmente a Olivia que eu sempre conheci. — Por favor — ela sussurra. — Eu não posso. Apenas vá. Deixe-me. Você tem que sair daqui.

Um suspiro soluçante irrompe do meu peito. — Eu não posso fazer isso, Liv. Você me salvou. Agora pare de ser tão teimosa, para que eu possa te salvar de volta — eu digo a ela, minha voz embargada pelas lágrimas enquanto agarro tão delicadamente quanto posso em sua mão.

Sua boca tenta sorrir, mas ela está muito frágil. Muito frágil. Quando os cantos dos lábios começam a rachar, ela balança a cabeça, um movimento quase imperceptível. Seus olhos começam a ficar turvos, e quando ela fala, sua voz sai dura e hesitante, como se ela mal pudesse formar as palavras. — Vá — ela diz, determinada. — Alguém precisa... dizer aos meus pais... Verifique se eles estão bem... — Seus olhos encontram os meus, cheios de dor e tão terrivelmente claros. — Vá! — ela exige em uma versão seca e frágil do que uma vez foi sua voz.

Eu choro então. Neste momento, ela é completamente *minha* Olivia - inteira e real e tão teimosa como sempre foi.

Mas não posso aceitar isso. Não posso deixá-la com este mundo depois de tudo o que aconteceu.

— Me deixe ir, Gwen — ela sussurra, sua voz rouca. Sua cor quase sumiu e, quando ela fala, pedaços dos cantos de sua boca desmoronam, deixando apenas escuridão para trás.

Eu balanço minha cabeça, embora eu saiba que ela está certa. Não há como recuperá-la. A Rainha causou muito dano. Mas não posso deixá-la assim...

— Vá — ela sussurra, seus olhos fechando enquanto ela tenta puxar sua mão para longe de mim, sua pele esfarelando sob meu toque.

Não tenho escolha - se eu tentar mantê-la sob controle, vou machucá-la ainda mais - então solto sua mão. — Olivia. — Eu imploro.

Mas um segundo depois que eu solto sua mão, seus olhos se abrem novamente, e a nitidez que uma vez existiu desaparece. Seus olhos assumem aquela aparência vítrea e esquecida, e quando isso acontece, seu corpo relaxa - todo pânico, todo medo, desapareceu.

Meu corpo treme com os soluços que não consigo conter. — Eu te amo, Liv — eu digo através das minhas lágrimas. — Aconteça o que acontecer, sempre vou te amar. — Ela pisca para mim, seus olhos suaves, e eu sei que ela não me reconhece. Minha Olivia se foi. Mas pelo menos a garota que olha para mim não tem medo.

Os Escuros se movem atrás de mim, suas asas farfalhando. O maior deles estende sua grande mão em forma de garra. Eu olho mais uma vez para Olivia, procurando por outro jeito, mas o mundo ao meu redor já está se desintegrando. Mesmo agora eu sinto a impaciência do Escuro, então, sem outra escolha a não ser ficar e morrer, eu pego sua mão. E deixo minha amiga e tudo que pensei que era para trás.

Ele se lembrava de tudo. Naquele momento terrível, seu coração feroz se partiu...

CAPÍTULO QUARENTA

Eu acordo com o beijo gelado da neve na minha bochecha. Meu cabelo está úmido e meu corpo dói por causa da posição estranha no chão frio. À distância, os sons da cidade passam por mim. Acima, as estrelas mantêm uma vigília firme e inabalável. De repente, a memória do que aconteceu e meu próprio arrependimento profundo me inundam. E é apenas o som de um gemido fraco e estridente próximo que me incita a fazer algo diferente do que ceder ao frio glacial.

Horas depois, quando o som das sirenes parou e os médicos decidiram que eu ficaria bem, minha mãe me encontrou. Ela se empoleira com cuidado na beira da estreita cama de hospital, seu cabelo vermelho geralmente selvagem amarrado em uma trança e seu rosto tão contraído e cansado como eu jamais vi. Quando estou acordando, ela pega minha mão na dela com cuidado, como se fosse quebrar se empurrada demais.

— Eu pensei que tinha perdido você. — Suas mãos são frias e acolhedoras quando sentem minha testa e afastam o cabelo do meu rosto. — Achei que eles finalmente tivessem vencido.

Eu quero dizer um milhão de coisas. Quero me desculpar por todas as vezes que pensei que ela tinha perdido a cabeça. Eu quero reclamar e gritar com ela pelo que ela fez comigo. No final, o que perdi é muito grande, e tudo que posso fazer é chorar grandes soluços de destruir meu corpo que me sacudem até o fundo e me deixam com a sensação de vazio enquanto ela me abraça com força. Mesmo depois do último dos meus soluços ofegantes ter diminuído, ainda leva alguns minutos antes que eu sinta que posso falar sem

perder o controle novamente. — Todos aqueles anos, todas aquelas fugas. Você poderia ter me contado. Você *deveria* ter me contado.

Ela puxa meu cabelo para trás. — Seu pai pensou que poderíamos protegê-la. E eu pensei que você merecia uma chance de ser normal - uma chance de não deixar o que você era determinar tudo.

— Então meu pai realmente partiu para nos proteger? Ele realmente sabia sobre mim - o que eu era?

— Ele arrumou tudo antes de nos deixar. Ele pensou que poderia afastar o perigo de alguma forma se não estivesse por perto, mas... — os lábios de minha mãe se comprimem — Nenhum daqueles que são leais a ele tem notícias dele há anos.

De repente, a imensidão da perda da minha mãe - de ambas as nossas perdas - me oprime e começo a chorar de novo.

É muito mais tarde quando finalmente encontro as palavras para contar a ela tudo o que aconteceu - como fomos levadas, como encontrei um caminho de volta, o que deixei para trás. E quando minha história se desenrola, quando não há mais nada a dizer, respiro fundo e faço a pergunta que mais quero - e que mais tenho medo de fazer - desde que acordei. — Rowan sobreviveu?

Sua expressão é cautelosa. — Ele já passou algumas transfusões, eles acham que ele vai ficar bem... eventualmente.

Eu me sento. — Eu preciso vê-lo.

— Você precisa descansar — Minha mãe diz, soando mais como uma mãe do que nunca.

— Eu tenho uma vida inteira para descansar. — De alguma forma, o pensamento não é reconfortante. — Eu preciso vê-lo. — Preciso ter certeza de que ele é real, inteiro. Que eu não o perdi também. — Por favor.

Ela me lança o olhar que normalmente reserva para telas em branco, mas no final cede e faz com que a enfermeira me leve até a enfermaria onde Rowan está sendo monitorado.

— Eles sabem quem ele é? — Eu pergunto quando a enfermeira nos deixa em paz.

— Alguns papéis foram arranjados. — Minha mãe morde o lábio, um sinal claro de que ela está desconfortável. — Poucos sabiam o que seu pai era — disse ela. — Mas havia quem quisesse ver seu mundo unido mais uma vez. Aqueles que ajudaram a nos proteger ao longo dos anos.

— O senhorio da casa? — Eu pergunto.

Ela dá um pequeno aceno de cabeça. — Nem todos apareceram. As coisas ficaram mais perigosas.

Solto um suspiro trêmulo, entendendo o porquê. Deve ter sido depois que Fiona soube como a Rainha estava sendo mantida. Eu teria sido caçada tanto pela Luz quanto pelas Trevas, então.

O quarto de Rowan está silencioso, exceto pelo bipe rítmico dos monitores e o zumbido suave de seu oxigênio. Ele parece encolhido na cama estreita. Sem seu navio em torno dele, ele parece incrivelmente comum e incrivelmente jovem. — Quando ele vai acordar?

— Ele já passou por muita coisa — diz minha mãe. — Você não pode esperar muito tão rápido.

Pela primeira vez, sou grata por ter a mãe que tenho. Estou feliz por não ter que me preocupar em pensar em uma mentira para explicar sobre ele ou o que ele é para mim agora. Isso virá mais tarde, com todo o resto. — Você poderia me dar um minuto com ele?

Posso dizer que ela quer discutir, mas ela não o faz. Em vez disso, ela me dá um beijo na testa e me diz que tenho cinco minutos.

Sua respiração é superficial, mas estável, e noto que ele parece melhor do que quando estava inconsciente na neve. Ele não está exatamente bem, mas ele não tem mais o tom azulado em sua pele que me tirou do meu próprio desespero e gritou por ajuda.

Estendo a mão e pego sua mão na minha, acariciando as costas dela enquanto o vejo dormir em meio aos monitores piscando e o labirinto de tubos. Depois de alguns minutos eu começo a me afastar, mas seu aperto aumenta e seus olhos se abrem.

— Gwendolyn?

Eu me inclino mais perto para que ele possa me ver. — Como você está se sentindo?

— Onde estou?

Não tenho certeza do que dizer, mas um segundo depois, ele percebe as luzes fluorescentes e as máquinas estranhas, e eu não tenho que explicar. Seu olhar dispara descontroladamente pelo quarto, tentando assimilar tudo enquanto ele luta para se sentar.

— *Shhh*, você tem que se acalmar antes que a enfermeira chegue. — Coloco minhas mãos em seus ombros e tento firmá-lo na cama.

Seus olhos ainda estão selvagens de pânico. — Por quê? — Ele pergunta com a voz trêmula, e eu sei que ele não está perguntando sobre a enfermeira.

— Você estava morrendo e foi a última pessoa que pude salvar.

Ele para de se debater e afunda no travesseiro, desviando o olhar de mim. — Melhor ter me deixado morrer.

— Não — eu seguro seu rosto com minhas mãos e o forço a me encarar — não se *atreva a* dizer isso. Não depois de tudo o que passamos.

— Eu disse a você, moça.

— Eu não poderia deixar você — eu interrompo. — Eu não poderia deixar você morrer lá. Não teria ajudado ninguém. — Então eu explico o que aconteceu: como a Rainha foi morta, como Pan morreu, como Terra do Nunca começou a desmoronar.

Ele hesita. — Olivia?

— Ela me salvou. Ou talvez ela apenas tenha feito isso para vingar Pan, mas não estaríamos aqui sem ela. Eu não pude salvá-la, no entanto. — Eu balanço minha cabeça, sem sucesso na minha tentativa de afastar a imagem da minha amiga rachada como uma boneca de porcelana, seus olhos vidrados e distantes.

Ele puxa minha mão de seu rosto e dá um beijo no centro da minha palma antes de entrelaçar meus dedos. — Eu não faço mais parte deste mundo, Gwendolyn.

— Você faz parte de novo agora.

— Eu não pertenço à este... — Ele protesta, seus olhos ainda cautelosamente observando as luzes piscando e os tubos de plástico que o cercam.

— Você sobreviveu na Terra do Nunca — Eu digo com uma fungada chorosa. — O século XXI vai ser moleza para você.

Sua boca se achata em uma linha infeliz, mas ele não discute. Ou concorda.

— Nós vamos descobrir isso. Juntos — Eu prometo.

Sua sobrancelha se franze, mas ele não discute. — Meu braço? — ele não olha para o lugar vazio sob as cobertas, onde seu braço deveria estar.

— Eu não sei.

Minha mãe entra no quarto naquele momento. — Está na hora.

— Você sabe o que eles fizeram com o braço dele? — Eu pergunto a ela.

Seus olhos olham entre nós, avaliando nossa proximidade. — Não tenho certeza.

— Nós vamos encontrar — eu asseguro a ele. — E então vamos descobrir todo o resto.

— Você precisa deixá-lo descansar — diz minha mãe. Acho que ela pode sentir o quanto eu quero beijá-lo. Se ela acha que sua presença será um impedimento, ela está errada. Depois de tudo que passamos e tudo que perdi, me recuso a esperar mais um momento.

Eu me inclino para frente e pressiono meus lábios suavemente nos dele. Não é mais que um selinho, e ele não retribui.

— Durma bem — digo a ele, recuando. — Vejo você amanhã.

Não preciso olhar para minha mãe para sentir suas perguntas, assim como não preciso olhar para Rowan para sentir a intensidade de seu olhar me seguindo.

• • •

Demora algumas semanas, mas finalmente conseguimos tirar Rowan do hospital. Graças aos documentos que nosso senhorio conseguiu, ele se torna uma nova pessoa, pelo menos no papel. Por trás daqueles olhos escuros, porém, ele é o mesmo de sempre. Ainda assim, há momentos em que não posso deixar de me preocupar ao notar que ele deixou parte de si mesmo para trás. Que ele nunca vai realmente me perdoar por trazê-lo de volta.

Por semanas, ele fica em silêncio, observando seu novo mundo com olhos cautelosos. Eu não o culpo nem um pouco. Quando finalmente me recuperei, esperava ter perdido apenas alguns dias, talvez semanas. Mais tarde, porém, descobri que havia perdido mais de um ano na Terra do Nunca. Houve

momentos naqueles primeiros dias em que eu estava quase tão perturbada pelas mudanças sutis em meu mundo quanto Rowan deve ter se sentido. Eu tinha um novo presidente apenas, mas quanto a Rowan, países inteiros mudaram e se reorganizaram desde época em que ele saiu, incluindo o seu.

Enquanto esperávamos que Rowan tivesse alta do hospital, li os papéis que minha mãe e o senhorio mantinham que documentavam nossa provação. Demorou menos de quatro dias para que nosso sequestro fosse da primeira página para o interior do jornal. Depois de algumas semanas, raramente éramos mencionados. Para todos, exceto para os poucos que estavam perto dela, Olivia já havia sido esquecida.

Mas eu não a tinha esquecido, e nem os pais de Olivia.

Uma vez pensei que as Fadas fossem cruéis com suas vidas construídas com nada mais do que desejo, mas depois que voltei para meu próprio mundo, vim a entender que eles não estão sozinhos. Por nossa própria natureza, os humanos são coisas sem coração. As fadas, pelo menos podem ser desculpadas - seu mundo, afinal, não foi feito de memória. Nós, humanos, no entanto, selecionamos as memórias que nos servem para lembrar e esquecer o resto - as guerras, as tragédias, os perdidos. Terra do Nunca pode ter ajudado com o esquecimento, mas não o criou.

Mas nos momentos que se seguiram, o menino se sentiu vivo. Ele não se sentia mais como se estivesse sonhando acordado. Ele começou a recolher os pedaços de seu coração frágil e, embora alguns sempre estivessem faltando, havia o suficiente de quem ele já foi para lutar... para continuar.

EPÍLOGO

Fazia um dia de inverno extraordinário quando enfrentamos a neve caindo em um cemitério francês. Encontramos o túmulo do irmão de Rowan nas profundezas de um campo de cruzes tão branco quanto a neve que flutuava ao redor deles, e ao ver o nome de Michael, Rowan caiu de joelhos.

Eu o sigo mais devagar, não sentindo mais o vento escaldante que morde minhas bochechas, ou o frio úmido que sobe pelas minhas pernas. Não tenho certeza se ele nota que estou aqui.

Ele está praticamente em silêncio há semanas, e ele está em silêncio agora enquanto encara a pedra estéril, seu rosto vincado com pesar e dor, seus ombros subindo e descendo com o esforço de não gritar. Seu braço - aquele que uma vez esteve tão vivo com o encantamento da Terra do Nunca - está rígido e pesado ao seu lado.

Tentamos convencê-lo a usar uma prótese diferente, mais leve e útil, mas ele não quis ouvir. Ele recusou tudo, exceto o pesado pedaço de metal morto que tinha sido seu companheiro constante por tanto tempo. Parece tão injusto - com tudo que ele já perdeu - ele perder a magia disso também. Eu o pego olhando para o punho sem vida de vez em quando, mas nunca sei o que fazer por ele. Assim como não sei o que fazer quando nos ajoelhamos diante do túmulo de Michael.

Mas eu quero um desfecho ou alívio para ele - alguma coisa pequena que o ajudará a se recompor e se sentir inteiro novamente. Eu quero tanto que meu peito dói com isso.

Enquanto nos ajoelhamos ali - ele está à beira das lágrimas e eu quero tanto ajudar - nenhum de nós percebe o que está acontecendo. Só quando uma de suas lágrimas finalmente se solta e ele estende a mão para enxugá-la com o que deveria ser metal sem vida é que sabemos que algo mudou.

Ele olha para mim, a admiração em seus olhos afastando um pouco da tristeza.

— Você fez...? — Ele pergunta, sua voz quase um sussurro.

Eu lambo meus lábios rachados e o vejo abrir e fechar o punho de metal. — Acho que sim.

Ele pisca, levantando o braço e testando-o, abrindo e fechando os dedos delicadamente trabalhados, um de cada vez. — Bem então. — Ele olha para mim, o fantasma de um sorriso se contraindo nos cantos de sua boca, a desolação em seus olhos levantando um pouco.

Ele entrelaça os dedos de sua mão mecânica com os meus, e então - seus olhos nunca deixando os meus - ele levanta ambas para dar um beijo suave na parte interna do meu pulso. Eu o deixo me colocar de pé então, e com a neve girando ao nosso redor e nossos dedos ainda entrelaçados, começamos a voltar para o calor do carro que espera.

É quando penso que, algum dia, pode ficar tudo bem. Aqui no campo coberto de neve que contém os corpos de tantas vidas esquecidas - um campo que poderia ter abrigado o dele com a mesma facilidade - eu sei que ele vai se curar. Acredito que encontrarei uma maneira. E juntos vamos lembrar os perdidos.

FIM